

MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE

LITERATURA POPULAR DE CORDEL: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica

**João Pessoa, PB
2011**

MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE

LITERATURA POPULAR DE CORDEL: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de doutor.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista

**João Pessoa
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A345l Albuquerque, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de.
Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à
classificação bibliográfica / Maria Elizabeth Baltar Carneiro de
Albuquerque. – João Pessoa, 2011.
322 f.

Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em
Letras da Universidade Federal da Paraíba.
Referências.
Orientadora: Prof^a Dr^a Maria de Fátima Barbosa de Mesquita
Batista.

1. Literatura Popular de Cordel. 2. Classificação Bibliográfica. 3.
Semântica Discursiva. I. Título. II. Batista, Maria de Fátima
Barbosa de Mesquita.

CDU 82-91:025.45(043)

MARIA ELIZABETH BALTAR CARNEIRO DE ALBUQUERQUE

LITERATURA POPULAR DE CORDEL: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de doutor.

Aprovada em 01/03/2011

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista
(Orientadora)

Professora Dr^a Maria Aparecida Barbosa
(Universidade de São Paulo)

Professor Dr. Marcos Galindo Lima
(Universidade Federal de Pernambuco)

Professora Dr^a Isa Maria Freire
(Universidade Federal da Paraíba)

Professora Dr^a Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
(Universidade Federal da Paraíba)

**Aos Poetas Populares
DEDICO**

AGRADECIMENTOS

Pro final desta defesa
reservei flama vital
em meu agradecimento
a quem foi especial
distinguindo com louvor
cada um por seu valor
estendido em meu varal.

Em meu Deus primeiramente
que me põe aqui de pé
ofereço em devoção
tudo quanto Ele quiser
por me ter em Sua graça
neste mundo tudo passa
só não passa a minha fé.

A família que eu tenho
no primor de uma excelência
agradeço o entendimento
minha falta, minha ausência
por sua compreensão
me deixando dar vazão
à pesquisa e à ciência.

Aos meus pais, queridos pais
por tudo o que hoje sei
Dona Célia, uma rainha
Seu Octavio, este meu rei
pelos seus ensinamentos
ofereço estes momentos
que jamais esquecerei.

Tavinho, Paula e Nena
irmãos queridos e amados
já Henrique, Chico, Claudia,
e Luis são meus cunhados
e a saudosa irmã Cristina
hoje os céus a ilumina
nos deixando afastados.

Bebetinho, Duda, Fafá
e Rico são meus sobrinhos
Titi, Fefé, Tuquinha e Debinha
são as queridas sobrinhas
Dani viveu poucos dias
é meu anjo nas poesias

em sonhos das horas minhas.

A querida Tia Aline
que me enche de emoções
irmã de minha mãezinha
que divido os corações
obrigado pelo amor
pela fé e o louvor
que me tem nas orações.

Louvarei Fátima Batista
nesta linha versejada
professora de escol
que forjou a minha estrada
hoje é minha promotora
minha orientadora
os degraus de minha escada.

Nazareth e Renato Arrais
Socorro e Josivaldo
Nelson, Márcia e Marisa
minha bandeira desfraldo
amizade e emoção
amigos na formação
minha riqueza e meu saldo.

Ana Maria Ferracin
minha incentivadora
ela tem vários tijolos
pra que eu fosse doutora
professora aposentada
me empurrou nesta jornada
onde saio vencedora.

Tenho aqui uma família
bem aqui em João Pessoa
Maria Eduarda Hardman
gente fina e muito boa
Maria José, Mateus,
Maeza e Eduardo os meus
amigos desta leoa.

Amigos de perto e longe
Zuleide Medeiros Souza
Antonia de Freitas Neta
são tantos que enchem lousas

Francinete, Ângela Moura
são almas imorredouras
em contas que não se ousa.

Amiga Socorro Lopes
tem a Fabiana França
amizade duradoura
dividindo confiança
chuva que não se estia
biblioteconomia
é o nome dessa trança.

Biblioteconomia
Conselheiros de função
gente do Departamento
Ciência da Informação
que me deram o prazer
de poder mais aprender
mais ciência e mais razão.

Na temática do Cordel
completo meu doutorado
agradecida aos poetas
ao folheto seu legado
completos de fantasia
com arremate de poesia
assim como foi criado.

A todos que me escutam
nesta hora e neste dia
poderão ter a certeza
dessa minha serventia
que a vida que hoje tenho
e que as fibras de meu lenho
são repletas de poesia.

Ao amigo Marco di Aurélio
Poeta iluminado
De um dia para o outro
Fez dos meus agradecimentos
Um poema rimado
Digo a você nesta hora
Com grande emoção
Vou levá-lo comigo
Sempre no meu coração.

*Das faces do ser humano,
Seu agir e seu pensar
O cordel é sempre escrito
De forma peculiar
Com rima, métrica, oração,
Com canto ou declamação
Que faz rir ou emocionar.*

Poeta Francisco Diniz

RESUMO

A importância da Literatura Popular de Cordel, enquanto patrimônio histórico e cultural do povo, principalmente do nordestino brasileiro, levou-nos ao estudo deste tipo de literatura e seu tratamento para recuperação nos acervos de bibliotecas. O estudo residiu na análise dos temas tratados na literatura popular de cordel, visando à expansão da classe de literatura nas classificações bibliográficas, partindo da hipótese de que as classificações propostas por vários estudiosos da área, denominadas de *ciclos temáticos*, possibilitariam esta expansão. O *corpus* constituído de mil duzentos e cinquenta folhetos foi selecionado aleatoriamente do acervo composto por cinco mil cordéis do Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular da Universidade Federal da Paraíba. Deste *corpus*, foram analisadas obras de trezentos e quarenta e cinco poetas, entre os mil e setenta e três autores que figuram neste acervo. No embasamento teórico, discorremos sobre a cultura popular e, dentro desta, a literatura popular, considerando o conceito, a origem e as classificações propostas por diferentes estudiosos deste tipo de literatura. A semiótica greimasiana constituiu a teoria básica, priorizando, sobretudo nos processos de discursivização os investimentos semânticos de tematização e figurativização para análise dos discursos dos folhetos de cordel, complementando com as classificações bibliográficas, linguagens utilizadas na organização de acervos com o objetivo de agrupar documentos de um mesmo tema. A análise dos folhetos de cordel possibilitou a identificação e extração das figuras que conduziram aos temas, gerando vinte e sete classes temáticas que irão compor a classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas: Agricultura, Biografias e Personalidades, Bravura e Valentia, Cidade e Vida Urbana, Ciência, Contos, Crime, Cultura, Educação, Esporte, Erotismo, Feitiçaria, Fenômeno Sobrenatural, História, Homossexualismo, Humor, Intempéries, Justiça, Meio Ambiente, Moralidade, Morte, Peleja, Poder, Político e Social, Religião, Romance, Saúde e Doença. Ao final, apresentamos a descrição das classes temáticas elaboradas, que permitirá ao bibliotecário, indexar os folhetos de cordel de forma precisa, além de garantir que um mesmo sistema ou sistemas afins usem os mesmos conceitos para representar documentos semelhantes, bem como facilitará a comunicação entre o indexador, o usuário e o sistema com a utilização de um mesmo vocabulário.

Palavras-chave: Literatura Popular de Cordel. Discursivização. Classificação Bibliográfica

ABSTRACT

The importance of the Cordel Popular Literature as a historical and cultural patrimony, mainly to the Brazilian northeast region, made us to develop a study of such literature and its treatment towards a recovery of the libraries' stores. The study was based on an analysis of the themes approached in the Cordel Popular Literature aiming at an enlargement of the literature class in the bibliographic classification, considering the classification hypothesis called *themes cycles* proposed by different authors which would make this enlargement possible. The *corpus* is constituted of one thousand two hundred and fifty Cordel quarters selected, at random, from the five thousand quarters of the Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular of the Universidade Federal da Paraíba. From this *corpus*, the production of three hundred and forty-five poets, out of one thousand and seventy-three writers included in the collection, was analysed. As the theoretical ground, issues concerning popular culture including popular literature, the concept, the origin and the proposed classification are approached. Greimas' semiotics is the theoretical basis, mainly the discursivity processes, semantics investment and the figurativization to the analysis of the Cordel quarters discourse, as well as the bibliographical classification and the register used to organize the collection documents within the same theme. The analysis of the Cordel quarters made possible the identification and the extraction of the images that lead to the themes, generating twenty-seven theme classes which may be incorporated to the Popular Literature class in bibliographic classifications as such: Agriculture, Biographies and Celebrities, Bravery, City and Urban Life, Science, Stories, Crime, Culture, Education, Sports, Erotism, witchcraft, Supernatural phenomena, History, Homosexuality, Humour, Harsh Climate, Justice, Environment, Moral, Death, Fight, Power, Politics and Social issues, Religion, Love Story and Health and Illness. Finally, a description of the elaborated thematic classes is presented, allowing the librarians to index the Cordel quarters more accurately and guarantee that the same system or system akin may use the same concepts to represent similar documents, and facilitate, by sharing the same vocabulary, the communication among the indexer, the user and the system.

Key-words: Cordel popular Literature. Discursivity. Bibliographic Classification.

RESUMEN

La importancia de la Literatura Popular de Cordel como Patrimonio histórico y cultural de la gente, principalmente en el noreste brasileño, nos llevó al estudio de este tipo de literatura y su abordaje para la recuperación de los acervos de bibliotecas. El estudio se basó en un análisis de los temas tratados en la Literatura Popular de Cordel objetivando a una expansión de la categoría de literatura en las clasificaciones bibliográficas, desde la hipótesis de que las categorías, nombradas *Ciclos temáticos*, propuestas por diversos estudiosos, tornarían posible tal expansión. El *corpus* constituido de mil doscientos cincuenta libretos fue seleccionado, al azar, desde el acervo de cinco mil libretos del Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular da Universidade Federal da Paraíba. De este *corpus*, trescientos cuarenta e cinco poetas fueron analizados entre los mil setenta y tres autores que aparecen en el acervo. En las bases teóricas, discurrimos sobre la cultura popular y dentro de esta, la literatura popular, donde se considera el concepto, el origen y las clasificaciones que han propuesto los más diversos estudiosos de esta literatura. La semiótica de Greimas constituye la teoría base para el análisis de los discursos de los libretos, prioritariamente, las cuestiones de proceso de discursivización, inversión semántica de tema y figurativización además de la clasificación bibliográfica y el lenguaje empleada en la organización de los acervos con el objetivo de juntar los documentos bajo el mismo tema. El análisis de los libretos de Cordel hizo posible la identificación y la extracción de figuras que llevaron a los temas, generando veinte siete categorías temáticas que compondrán la clase de Literatura Popular en las clasificaciones bibliográficas a saber: Agricultura, Biografías y Celebridades, Bravura y Valentía, Ciudad y Vida Urbana, Ciencias, Cuentos, Crimen, Cultura, Educación, Deporte, Erotismo, Hechicería, Fenómenos Supernaturales, Historia, Homosexualidad, Humor, Intemperies, Justicia, Medio ambiente, Moralidad, Muerte, Pelea, Poder, Político y Social, Religión, Romance, Salud y Enfermedad. Finalmente, presentamos la descripción de los temas elaborados que permitirán al bibliotecario indexar a los libretos de Cordel de manera más precisa, además de garantizar que el mismo sistema u otro similar use los mismos conceptos para representar documentos semejantes bien como facilitará, por el empleo de un vocabulario común, la comunicación entre el indexador, el usuario y el sistema .

Palabras-clave: Literatura Popular de Cordel. Discursivización. Clasificación Bibliografica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 APRESENTAÇÃO	12
1.2 TRILHA METODOLÓGICA	15
2 DIÁLOGOS TEÓRICOS	17
2.1 CULTURA POPULAR	17
2.2 LITERATURA POPULAR.....	23
2.2.1 Literatura Popular Escrita: o Cordel	23
2.3 SEMIÓTICA E LINGUAGEM.....	29
2.4 AS CLASSIFICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS.....	41
3 CLASSIFICAÇÕES DA LITERATURA DE CORDEL	55
4 CLASSES TEMÁTICAS DA LITERATURA DE CORDEL	84
4.1 PRELIMINARES	84
4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS TEMAS E FIGURAS EXTRAÍDOS DOS FOLHETOS DE CORDEL ..	85
4.2.1 Folhetos analisados por classe	188
4.2.2 Semântica discursiva: temas e figuras	190
4.2.3 Descrição das classes temáticas	253
5 CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DA LITERATURA DE CORDEL: proposta	257
6 CONCLUSÃO	259
REFERÊNCIAS	261
ANEXO – Classificação Bibliográfica	311
APÊNDICE – Folhetos de Cordel	320

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Na atualidade, a sociedade exige que as Universidades possibilitem a seus formandos uma visão globalizada, analítica e crítica, integradas ao conhecimento específico de outras áreas do saber. Para tanto, exige de seus mestres um maior relacionamento com profissionais de outras áreas do conhecimento, o que a própria Universidade pode proporcionar.

Os Programas de Pós-Graduação na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, por exemplo, são reconhecidos pela qualidade das pesquisas desenvolvidas em várias áreas do conhecimento por grupos atuantes. As atividades de pesquisa vão desde o envolvimento de alunos em vários níveis, da iniciação científica até o doutorado, em que a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a cooperação nacional e internacional são estimuladas. Os projetos e seus resultados são relevantes à sociedade local, nacional e internacional, apesar de existir uma política nacional de educação desenvolvida nos últimos anos, refletida pela redução do investimento público nas universidades e desvalorização do trabalho docente.

No período de 1980 a 1983, concluímos o Curso de Letras na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e, concomitantemente, fizemos o Curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, entre os anos de 1982 e 1985. Em 1988, inscrevemo-nos no Curso de Mestrado em Biblioteconomia da UFPB e enquanto desenvolvíamos pesquisas e estudos para elaboração da dissertação, em 1989, prestamos concurso público para o provimento do cargo de professora no Departamento de Biblioteconomia e Documentação – DBD da UFPB para ministrar disciplinas na área de Indexação no Curso de Biblioteconomia. Esta área envolve inúmeros processos para recuperação de informação. A indexação passou a exercer um grande fascínio, passamos então a ministrar e a pesquisar nesta área. Assim, as inquietações começaram a surgir.

A Pós-Graduação em Biblioteconomia (1977-1996) e, posteriormente, em Ciência da Informação (1997-2001) na UFPB tem uma tradição histórica que deve ser considerada e foi reestruturada, tendo como área de concentração – Informação, Conhecimento e Sociedade, com duas linhas de pesquisa, na qual destacamos Memória, organização, acesso e uso da informação que tem a seguinte ementa: Preservação da memória. Representação de informação e de conhecimento. *Web* semântica. Acessibilidade, usos e impactos da informação.

Nesse sentido, buscamos um Curso de Doutorado, cujo objeto de estudo contribuisse tanto para a área de Letras quanto para a de Biblioteconomia e a de Ciência da Informação. Assim, motivada por este interesse, encontramos no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB a área de concentração “Literatura e Cultura”, apontando alternativas conceituais, teóricas e metodológicas, para a linha de pesquisa “Memória e Produção Cultural”.

Verificamos, ainda, que o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB, através do Programa de Pesquisa em Literatura Popular – PPLP, criou um Centro de Documentação na Biblioteca Central, com o objetivo de difundir a literatura popular em suas mais variadas formas: literatura de Cordel, Poesia Oral Tradicional e Conto Popular. No entanto, falta-lhe o devido tratamento técnico para sua recuperação.

Todo processo de recuperação da informação começa no tratamento técnico dos itens para depois serem disponibilizados para a circulação (empréstimo e/ou consulta). Para recuperar um determinado material informacional, no caso o folheto de cordel, o usuário precisa que o folheto esteja descrito conforme certos padrões de organização de forma a permitir sua localização. Em um Sistema de Recuperação da Informação (SRI), destacamos três etapas principais: a indexação, o armazenamento e a recuperação propriamente dita. No entanto, é a indexação, etapa primordial, em que o tema principal do documento é identificado, para a efetividade e eficácia do sistema, pois permite reunir todos os documentos de um mesmo assunto sob um único tema, tornando maximizada a chance de o usuário recuperar todos os itens de um mesmo assunto.

Ao conhecermos o Centro de Documentação do PPLP e durante a pesquisa, outras unidades de informação, denominadas por muitas de *Cordeltec*, por terem em seus acervos coleções de folhetos de cordel, observamos que não atendiam aos

padrões de organização, armazenagem e recuperação. Os folhetos de cordel eram armazenados e organizados em ordem alfabética de título, em sua maioria e em outras, por autor (poeta), o que dificulta a sua recuperação precisa, uma vez que o conteúdo do folheto não é analisado em profundidade. Para organizar tecnicamente a informação em acervos especializados, como é o caso da literatura popular, é necessário se criarem formas de representação e recuperação mais eficazes.

Reconhecendo a importância da Literatura de Cordel, enquanto patrimônio histórico e cultural do povo, principalmente do nordestino brasileiro, optamos pelo estudo deste tipo de literatura e pelo seu tratamento para recuperação nos acervos das bibliotecas.

Assim, o estudo reside, essencialmente, em analisar os temas tratados na literatura popular, especificamente nos “folhetos de cordel”, visando à expansão da classe de Literatura nas Classificações Bibliográficas, considerando que a classe de Literatura não atende aos parâmetros teórico-conceituais da Literatura Popular.

Investigar os diversos temas da Literatura Popular de Cordel a partir do conhecimento produzido é um desafio, pois tudo nos leva a crer que linguagens em estilos diferentes podem transmitir o mesmo conteúdo e uma classificação precisa é um dos primeiros passos da descrição científica.

É importante assinalar que os folhetos de cordel tratavam e tratam de uma diversidade muito grande de temas. Alguns estudiosos os classificam por “tipologias”, por “ciclos temáticos” e por “gêneros”. É este universo de múltiplos temas, como o romance, a valentia, o gracejo, o desafio, o encantamento, o heroísmo, a religião, a moral, a sátira, o acontecimento, a história etc., que é estudado, neste trabalho e debatido em ciclos literários como manifestação da cultura popular e não como gênero literário.

A leitura sobre a literatura de cordel tornou ainda mais acentuada esta questão. Os temas deste tipo de Literatura são estudados por folcloristas, sociólogos, antropólogos, que apresentam classificações das mais diversas e algumas vezes contraditórias.

A literatura de cordel revela a luta de classes, o fosso que as separa e o imaginário popular que fortifica o dia a dia das pessoas. Assim, refletir acerca da

natureza e da função da literatura popular através dos folhetos de cordel, é estudar o processo de evolução cultural do homem, é estudar a arte por ele mesmo produzida.

O objetivo geral da tese foi analisar, do ponto de vista da semiótica da discursivização, o nível mais superficial do percurso gerativo da significação, proposto por Greimas da Escola Semiótica de Paris, os temas utilizados na Literatura Popular de Cordel, visando à expansão da classe de Literatura nas Classificações Bibliográficas. Para atingi-lo, caracterizamos os folhetos de cordel do acervo do Programa de Pesquisa em Literatura Popular - PPLP; mapeamos os temas mais usados nos folhetos de cordel, levando em conta a tipologia e os ciclos temáticos; identificamos os conceitos atribuídos aos temas e relacionamos os descritores, de acordo com as classes hierárquicas por categorias temático-figurativas.

Partimos da hipótese de que os temas tratados na Literatura Popular de Cordel possibilitam a expansão da classe de Literatura Popular nas Classificações Bibliográficas, considerando que os ciclos temáticos da Literatura Popular de Cordel contam com descritores que levam a uma classificação bibliográfica, através da análise dos temas presentes nos folhetos de cordel.

1.2 TRILHA METODOLÓGICA

O embasamento teórico norteia inicialmente a cultura popular e, dentro desta, a literatura popular como forma de representação da identidade de um povo, considerando o conceito, a origem e as classificações propostas por diferentes estudiosos para esse tipo de literatura. Vimos também como necessária uma proposta teórica que permitisse a análise dos folhetos. A escolha recaiu então sobre a semiótica de linha greimasiana, que desde suas origens vem sendo aplicada na análise dos textos populares. Como exemplo, citamos os trabalhos desenvolvidos sobre o conto popular, por um dos seus fundadores, Courtés e, ainda aqueles realizados no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, sobretudo, no Programa de Pesquisa em Literatura Popular, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, bem como, sua tese defendida na Universidade de São Paulo, aplicando esta teoria à análise do romance popular oral; e por fim discorreremos sobre classificações

bibliográficas, linguagens utilizadas na organização de acervos com o objetivo de agrupar documentos sob o mesmo tema.

O *corpus* deste trabalho foi constituído de mil duzentos e cinquenta folhetos, selecionados aleatoriamente, equivalentes a 25%, dos cinco mil folhetos de cordel que constituem o acervo do Centro de Documentação em Literatura Popular, criado pelo Programa de Pesquisa em Literatura Popular, cuja fundação ocorreu em 1977, por professores do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba. Deste *corpus* foram analisadas obras de autoria de trezentos e quarenta e cinco poetas, equivalentes a 32,1% dos mil e setenta e três poetas, autores que figuram neste acervo. Estes folhetos, conforme dissemos, eram armazenados e organizados, no acervo, por ordem alfabética de título, o que dificultava bastante o trabalho do pesquisador que muitas vezes chegavam em busca de temas para realizarem estudos acadêmicos o que nos motivou a realização deste trabalho. Entretanto, como resultados deste estudo passarão a ser organizados por classes temáticas a partir da identificação de temas e figuras presentes na discursivização dos folhetos.

Na análise do *corpus*, foi considerada como ponto inicial a análise das classificações já existentes feitas por estudiosos sobre a Literatura de Cordel, que consideraram ora “Tipologias”, ora “Ciclos Temáticos” e ainda “Gêneros”. A análise culminou com a criação de vinte e sete classes temáticas consideradas para a classificação bibliográfica da Literatura Popular e representadas graficamente através de mapas conceituais, como ferramenta para organizar e demonstrar as relações semânticas existentes entre os temas e figuras na composição das classes temáticas.

2 DIÁLOGOS TEÓRICOS

2.1 CULTURA POPULAR

Iniciamos nosso diálogo com Foucault, em busca de inspiração para identificar a origem do erudito e do popular na cultura, tema recorrente nas teorias que estudam a evolução do pensamento moderno, antes de apresentarmos uma visão panorâmica da literatura popular de cordel. Para Michel Foucault (1979, p. 18), identificar a origem é

[...] tentar reencontrar ‘o que era imediatamente’, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada a si; é tornar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira [...]. O que se encontra no começo histórico das coisas não é uma identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate.

O termo *cultura* vem sendo discutido nas mais diversas áreas do conhecimento e em diversos setores da sociedade, ao longo de sua história. Para Brumes (2006, p. 64), a cultura

Nasce com o próprio aparecimento do homem [...] quando expressa suas mais diversas manifestações [...] quando se utilizou das cavernas para abrigar-se das intempéries climáticas e ali realizou desenhos e pinturas nas paredes desses abrigos; quando fabricou ferramentas primitivas; quando descobriu que poderia se utilizar de um pedaço de madeira como arma, quando cultivou o solo para se alimentar [...] manifestou assim diversas formas e elementos da cultura.

Originalmente, o termo cultura nasce do latim *colere* utilizado para o cultivo ou cuidado com a planta. Na Antiguidade, foi usada pela primeira vez, no sentido de descrever, numa visão filosófica, a formação do homem enquanto agente no mundo à procura do autoconhecimento e de sua relação com os ofícios, artes e expressões

sociais. Até o século XVIII, o historiador Peter Burkler (1989, p. 25), numa tendência culturalista, em oposição à cultura da natureza, assevera que

o termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...] hoje, contudo segundo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo 'cultura' muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante.

A abrangência do conceito apresentado por Burke, que norteia o comportamento humano, para Canclini (2003, p. 28) parece inadequada,

Apesar de ter produzido uma equivalência entre as culturas, ela não conseguiu dar conta das desigualdades entre elas. [...] e, na medida em que pensam todos os fazeres humanos como cultura, ela não dá conta da hierarquização desses fazeres e o peso definitivo que possuem dentro de uma determinada formação social.

Então o autor, que se opõe a conceituações de tendência idealista, propõe limitar o uso do termo *cultura* à

Produção de fenômenos que contribuem a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido (CANCLINI, 2003, p. 29).

Na tradição iluminista, o termo cultura é empregado como sinônimo de civilização, em que o homem procura características múltiplas no pensar e no agir, na sua formação cultural. A ligação da cultura e civilização se estabelecerá positiva ou negativamente conforme a linha de pensamento. Para os românticos, a civilização expressa sujeição da sensibilidade, bondade natural, interioridade espiritual, ao contrário dos iluministas, que viam positivamente a articulação entre cultura e civilização, uma vez que a cultura era a medida de uma civilização, afluía para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ser humano e não era concebida como natureza, na visão romântica.

A noção de cultura deixa de estar relacionada com a natureza para ser pensada como sinônimo de sociedade e civilização, com o movimento de secularização e racionalização da experiência, o estabelecimento das diferentes esferas de valor, o desencantamento das concepções tradicionais de mundo. Ao longo desse processo, têm-se as atividades denominadas *nobres*, consideradas como culturais e as atividades cotidianas e práticas, desprovidas da intelectualidade, consideradas como práticas populares. A partir desses referenciais, então, a cultura se apresenta em diferentes dimensões, como: cultura popular, cultura erudita e cultura de massa.

O diálogo constante entre os quadros socioculturais nos quais muitas culturas convivem tem sido estudado por alguns pensadores e historiadores. Chartier (1995, p. 179), assumindo o risco de simplificação das diversas definições de cultura popular a dois modelos de abordagens e interpretação, reduz as definições de cultura a dois modelos, que define da forma seguinte:

O primeiro no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupada em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes.

Temos, assim, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.

A cultura popular possui uma lógica diferenciada, um espaço de atuação próprio, um código de simbologias, singulares concepções e um tempo particular que são identificados a cada manifestação cultural, tendo como uma das suas principais características, a formação de um grande nicho de diversidade, tornando-a mais complexa, o que não se pode dizer o mesmo da cultura de elite. Esta Revel (1989, p. 64) apresenta da forma seguinte:

A incerteza reconhecida acerca das fronteiras da área do popular, acerca da sua homogeneidade em face e sempre reforçada da cultura das elites, poderia perfeitamente significar que a área do popular ainda não existe porque somos incapazes de falar dele sem fazer com que deixe de existir.

Várias são as definições de cultura popular, pois todos os estudiosos da área atribuem a mesma definição ao termo. Alguns confundem o folclore com a cultura popular e para outros com a cultura de massa. No entanto, a cultura popular e o folclore recuperam a idéia de “tradição”, seja na forma de tradição-sobrevivência, seja na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente, pois é, no dia-a-dia, que as práticas culturais são transformadas e legitimadas. Segundo Câmara Cascudo (2001, p. 240), o folclore é justamente a normatização da cultura popular pela tradição. Para Florestan Fernandes (1978, p. 38), “esta ênfase no caráter tradicional do patrimônio popular implica, na maioria das vezes, uma posição conservadora diante da ordem estabelecida”. O autor considera a cultura popular como o saber tradicional das classes subalternas das nações civilizadas, isto seria legitimar a existência de uma dicotomia estrutural da sociedade. De um lado, uma elite que promulga o “progresso”; de outro as classes subalternas, representando a continuidade de manifestações culturais que se acumulariam como herança de um passado distante. Canclini (2003, p. 220) defende a idéia de que

[...] Os fenômenos culturais *folk* ou tradicionais são hoje o produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. Por extensão, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações.

Marilena Chauí (1982) critica os autores quando afirmam que a cultura popular reproduz os valores tradicionais e conservadores e tende a absorver o discurso de instituições que a consideram incapaz de gerar seus próprios significados simbólicos. Observamos, portanto que, para a autora, a cultura popular é edificada por práticas efetuadas em uma cultura dominante, podendo apropriar-se ou resistir a ela, conforme mostramos a seguir.

Fala-se de cultura popular enquanto cultura dominada, invadida, aniquilada pela cultura de massa e pela indústria cultural, envolvida pelos valores dominantes, pauperizada intelectualmente pelas restrições impostas pela elite, manipulada pela folclorização nacionalista, demagógica e explorada, em suma, impotente face à dominação e arrastada pela potência destrutiva da alienação.

A cultura popular é ainda pensada em relação à erudita, a cultura dos segmentos dominantes, a qual, como afirma Santos (1986, p. 44),

desenvolveu um universo de legitimidade própria, e expresso pela filosofia, pela ciência e pelo saber produzido e controlado em instituições da sociedade nacional, tais como a universalidade, as academias [...].

A oposição entre os interesses das duas classes sociais (elite e massa) na sociedade foi transferida para a dimensão cultural e fazendo com que a elite, para formar seu universo de legitimidade acabe, também, por tentar definir o que é cultura popular, destacando um conteúdo transformador. Se considerarmos que no passado, o acesso à leitura e à escrita era um privilégio da elite, atualmente, não se pode interpretar desta maneira, já que a tendência é a de que um número, cada vez, maior de pessoas, tenha acesso à leitura e à escrita.

Observamos, portanto, que a base conceitual e o conteúdo de cultura sempre estiveram associados às relações entre as classes sociais e que a oposição entre elas é um produto dessas relações. Compreender cultura popular significa para Chartier (1995, p. 184),

Situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes, desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto.

Inferimos das reflexões aqui apresentadas que entender a discussão sobre cultura popular e erudita é centrar-se na ampliação do acesso da população a todas as

formas de manifestação cultural, no sentido de construir e resgatar a memória de um povo, através de suas tradições, garantindo, dessa forma, a sua identidade.

Paul Zumthor (1993, p. 8) na década de 50, afirma que “nossa velha poesia oral havia sido durante longo período renegada, ocultada, recalcada em nosso inconsciente cultural”, pelo fato de os intelectuais associarem a idéia de poesia com modalidade escrita, excluindo, portanto, a expressão oral.

A desigualdade, entre as classes sociais, crescente no mundo moderno, associou à escrita moderna com a elite burguesa, enquanto que as tradições populares com as classes de menos prestígio sócio-cultural, por ligar em a oralidade à improvisação. Este fato desconhece a tradição na recriação de um texto, atualizado pelas situações locais, presentes na memória coletiva, fazendo com que o enunciador, por meio de seu discurso, tenha o direito de nele intervir. Alcoforado (1999, p. 113) esclarece melhor o trabalho da recriação do texto oral, do ponto de vista da sua estrutura, quando afirma:

O texto oral tradicional organiza-se a partir da voz de um enunciador, o locutor, responsável pelo discurso dirigido a certo alocatário – um auditório que simultaneamente percebe e distingue na mesma pessoa o ‘autor’, o narrador e o transmissor do discurso narrativo. Discurso que engloba não apenas a fala do seu enunciador, o eu da enunciação, mas também um coro de vozes que se organiza por meio dessa instância narrativa, dando a impressão de uma coisa só – a voz imemorial, a voz de um ‘eu’ que representa o senso comum e a voz de um ‘eu’ coletivo, representação da voz de uma comunidade especificada.

Ao falarmos de literatura oral, vem à tona a literatura popular, forma poética, que se situa entre a oralidade e a escrita, que se insere no que Paul Zumthor denomina oralidade marcada pela coexistência com uma cultura escrita.

As ideias aqui discutidas foram necessárias para dar início à discussão sobre o nosso objeto de estudo que é a literatura de cordel.

2.2 LITERATURA POPULAR

2.2.1 Literatura Popular Escrita: o Cordel

O texto popular disponibiliza o oral e o escrito como modalidades de apresentação, sendo o romance, o conto, a cantiga, entre outros, como tipicamente orais e o cordel, escrito. O que não significa dizer que não se possa passar de uma modalidade para outra, como afirma Batista (2005, p. 3) “Mesmo os de origem oral partiram um dia de uma escritura e o escrito (o cordel) tem por finalidade ser lido, cantado, representado”. O folheto de cordel não se constitui apenas de histórias passadas e tradicionais, é, sobretudo, uma produção dinâmica e esta produção é escrita, porém não é transmitida somente por meio de leitura silenciosa e individual. Ocorre através da oralidade, que se materializa nas leituras comunitárias, fato comum nas regiões rurais do Nordeste do Brasil, graças aos aspectos da musicalidade dos versos presentes nos folhetos.

A oralidade, desde os tempos mais remotos até hoje, sempre esteve presente e o cordel é fruto dessa oralidade, pois foi através das narrativas orais, cantorias e contos que surgiram os primeiros folhetos no Brasil, tendo a métrica, o ritmo e a rima como elementos formais marcantes nesse tipo de literatura. É o elo que na memória individual e na memória coletiva, à medida em que, por meio do oral, as relações socioculturais de uma comunidade vão sendo refletidas e repassadas.

Os inúmeros ritos da cultura tradicional que resistem no Brasil, as histórias, causos, mitos e tantas narrativas do povo, constituem a amplitude desse universo. É nele que toda a produção oral é guardado, por anos e anos no imaginário popular.

A literatura de cordel é uma forma da poesia popular impressa. Sofreu influência dos povos espanhóis, franceses e principalmente, portugueses, cujo termo está relacionado à forma de apresentação dos folhetos, presos em barbantes (cordéis) nas feiras, praças e mercados populares. Sua origem está ligada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas orais presentes na memória popular, chamados romances. Para Menezes (2006, p. 10) a história da literatura de cordel pode ser identificada por pelo menos três períodos bem característicos: no primeiro período

boa parte dos textos concentrava-se em torno dos romances de cavalaria; no segundo a inserção do herói popular nordestino, tipicamente rural e no período mais recente o predomínio de folhetos considerados de acontecimentos.

A literatura popular impressa existiu em diversos países e o cordel correspondia, na França à chamada *Littérature del Colportage* (literatura volante) ou os *Canard*. Na Inglaterra eram denominados *Cocks* ou *Catchpennies* (estórias imaginárias, *Broadsides* (folhetos de época ou acontecidos); na Holanda, *Pamflet* (estórias sobre políticas, economia e militares); nas Américas, os *Corridos* ou *Compuestos*. A literatura popular é marcada muito mais pela poesia do que pela prosa, como afirma Luyten (2005, p. 34), “Desde os primórdios da Idade Média, temos notícias de trovadores e menestréis vagando de um lugar para outro, cantando as notícias e fatos importantes”.

Observamos que as formas de literatura de cordel eram semelhantes em vários países. As folhas soltas ou volantes como eram denominadas em Portugal e na Espanha por *pliegos sueltos* eram vendidas nas praças, ruas e feiras. Circulava entre ouvintes/leitores com hábitos de leitura em grupo, criando assim adeptos a essa forma poética, em que os fatos ocorridos eram cantados, com linhas temáticas que formavam ciclos, termo utilizado até o presente por estudiosos como forma de classificar os folhetos.

Há registros dessa arte de origem peninsular, de 1659 a 1912 no Catálogo de Forjaz de Sampaio; de 1962 a 1886 no Catálogo da Fundação Gulbenkian, sendo o folheto mais antigo, datado de 1602, citado no Catálogo de Arnaldo Saraiva.

Neste catálogo, Saraiva (2006, p. 7) enumera várias modalidades e títulos de folhetos populares portugueses, a saber:

Poesia narrativa, teatro, crítica; autos, dramas, tragédias, farsas, entremezes, monólogos, desafios, comédias, sátiras, invectivas, paródias, anedotas, cartas, crônicas, biografias, histórias, contos, modalidades, dissertações, elogios, exemplos, testamentos, orações, oráculos, hinos, canções, elegias, fados, décimas, odes, coplas, aventuras, paixões, sonhos, viagens, suspiros, sucessos, confissões, velhos e novos, príncipes, bandidos, soldados namorados, clérigos, criados, deputados, fanfarrões, fantasmas, Adão e Eva, S. João e S. Pedro, Paulo e Virgínia, Manuel e Maria, Imperatriz Porcina, Carlos Magno, Bertolo, a Padeira de Aljubarrota, a

Donzela Teodora, João de Calais, Bocage, José do Telhado,
Deus e o Diabo [...]

Cascudo (1939), em seu livro “Vaqueiros e Cantadores” considerou que os folhetos foram introduzidos no Brasil por cantadores que “improvisavam versos, viajantes pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão”. O texto e a forma eram caracterizados pela oralidade, “em todo o mundo, desde tempos imemoriais, a grande tradição da literatura escrita culta correspondeu sempre, em todas as culturas, a pequena tradição oral de contar” (MEYER, 1980, p. 3). O costume de contar histórias nas fazendas ou engenhos sempre foi muito presente. O Nordeste foi a região brasileira em que os valores trazidos pelos colonizadores portugueses, nos séculos XVI e XVII, foram mais aceitos, absorvendo, conseqüentemente, este tipo de literatura, de manifestações culturais, como assevera Diegues Júnior (1986, p. 40):

No Nordeste [...], por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Não existe consenso entre os estudiosos de Literatura Popular quanto à origem do cordel no Brasil, entretanto, é inegável a influência do cordel português na constituição do folheto brasileiro, tanto na forma quanto na divulgação. Saraiva (2004, p. 127) em estudos realizados sobre a origem da literatura de cordel brasileira que reiteram o que muitos estudiosos afirmaram, isto é, o fato de que a literatura de cordel no Brasil surgiu de modelos da literatura de cordel portuguesa e este, por sua vez, dos modelos espanhóis, franceses ou italianos, e os folhetos que circulavam no Brasil repetiam textos e formas ou formatos portugueses. Citemos alguns: *Astúcias de Bertolo*, *Bertolo*, *Bertolino* e *Cacasseno*, *História nova do Imperador Carlos Magno*, *História jocosa dos três Corcovados de Setúbal*, *História de João de Calais*, *História*

verdadeira da Princesa Megalona, História da princesa Porcina, História do grande Roberto do Diabo e História da Donzela Teodora.

As origens da literatura de cordel estão relacionadas ao hábito milenar de se contarem histórias que, aos poucos, começaram a ser escritas e, posteriormente, difundidas, através da imprensa, a exemplo do que ocorreu em diversos países. A circulação das histórias tradicionais, de origem portuguesa e, de modo mais amplo, européia, e que serviram de base à elaboração de vários folhetos como *Carlos Magno* e os *Doze Pares de França*, livro português muito difundido no sertão brasileiro, constitui o texto matriz para muitos dos folhetos que tratam de histórias de luta, como *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, de Leandro Gomes de Barros. É inegável a influência do cordel português na constituição da literatura de folhetos brasileiros, mas não podemos desconsiderar que, mesmo herdados da tradição ocidental, os folhetos de cordel brasileiros têm formas e características próprias, principalmente àqueles que versam sobre a terra, os costumes nordestinos, fatos políticos, sociais, econômicos, assuntos religiosos, as catástrofes climáticas, além da recriação em cordel de famosas obras e escritores brasileiros eruditos como, por exemplo, *A Escrava Isaura* e *Iracema*.

Apesar da nebulosa origem do cordel brasileiro, Câmara Cascudo considera o paraibano Silviano Piruá de Lima o primeiro poeta (1848) a rimar as histórias tradicionais e a escrever os romances em verso. O romance de sua autoria *Zezinho e Mariquinha*, ou *A Vingança do Sultão*, foi o primeiro folheto de cordel brasileiro publicado no Brasil.

O paraibano de Pombal, Leandro Gomes de Barros, em 1893, deu início à impressão sistemática dos folhetos, entretanto, não há registros do primeiro folheto impresso por ele. Em 1921, João Martins de Athayde comprou os direitos autorais do velho poeta, falecido em 1918 e, tornou-se, durante mais de 20 anos, detentor exclusivo dos maiores clássicos da literatura de cordel.

O auge da literatura de cordel, no Brasil, deu-se entre as décadas de trinta e cinquenta do século XX, quando João Martins de Athayde introduziu inovações na impressão dos folhetos, o que atraiu a atenção dos poetas. Tornou-se editor de folhetos de outros poetas, além dos seus, e criador de uma rede de distribuição desses impressos em todo o país, consolidando, desta forma, o formato no qual até hoje é

impresso, de 8 a 16 páginas, em sua maioria, no tamanho 15 a 17cm. x 11cm. e impressos com capas ilustradas com xilogravuras, em serviços tipográficos artesanais, criados pelos próprios poetas e contra-capas com pequenos textos de classificados, anúncios eleitorais, orações, fotos e chamadas para os próximos folhetos do próprio autor. Com a atividade editorial destes poetas e editores criou-se uma vasta rede de distribuidores de folhetos por todo o país. Franklin Maxado Nordestino, em *O cordel do cordel* (1982), apresenta versos sobre os primeiros editores:

[...]

Seus poetas são também
Editores e vendedores.
Saem lendo e cantando,
Procurando os leitores
Que gostam das novidades
E versos de mil amores.

As formas poéticas aliadas à rima, ao ritmo, a métrica e ao tema conferem ao cordel o *status* de obra singular e atraente, ultrapassando as barreiras do tempo, com a utilização de modernos recursos gráficos, chegando à rede mundial de computadores – a *Internet* – que dela se serviram os poetas para veicularem seus folhetos sem, no entanto perderem sua identidade e tradição, como observamos nos versos de João Batista Melo, em *A internet no reino da rapadura* (2003):

“Certo dia eu tava em casa
na minha vida informal
lutando no dia-a-dia
neste momento global
quando ouvi alguém gritar:
Ô poeta venha cá...
chegue aqui no meu quintal...”

Era a vizinha do lado

de nome dona Gildete
mãe de oito “capetinhas”
desses de pintar o sete
que queria porque queria
que eu fizesse em poesia
algo sobre a INTERNET

Me propus então versar
essa jovem genial
que está mudando o mundo
de forma fenomenal
criando Elo e cadeia
tornando tudo uma aldeia
neste contexto global
(...)

Para muitos ela é visagem
espírito da Caipora
a Sereia dos novos tempos
pelos espaços afora
que em fração de segundo
consegue dá volta ao mundo
com a notícia na hora

Dispondo do seu trabalho
se tem o mundo à mão
se “navega” à vontade
sem medos de colisão
só com um teclado de dedos
o mundo perde segredos
e se ganha informação.”

2.3 SEMIÓTICA E LINGUAGEM

A semiótica de origem francesa, também conhecida como semiótica greimasiana, procura dar sentido ao discurso, através do *percurso gerativo da significação*, modelo teórico-metodológico, cujo escopo é estudar a produção e a interpretação de textos. Tal percurso apresenta três níveis – fundamental, narrativo e discursivo – que vão dos mais simples e abstratos aos mais complexos e concretos.

Para Pais (1984, p. 49), o conjunto de discursos manifestados pertencentes a um universo de discurso, apresenta certas características comuns e constantes coerções configuradas de uma norma discursiva e processos de produção de ideologia, entendida como sistema de valores, de relações intertextuais e interdiscursivas. Os critérios de classificação e dos universos dos discursos, como os discursos literários e não-literários permitem delimitar muitos aspectos da tipologia do discurso. Entretanto, quando se trata de discursos etnoliterários, particularmente da literatura popular, estes não se submetem a critérios que tipificam os discursos acima mencionados, pela complexidade e diversidade com que caracterizam uma identidade cultural.

Neles se encontram narrativas que por certo não ocorreram ou, pelo menos, não teriam acontecido nos termos em que são explicitados. Falta-lhes, numa primeira leitura, a verossimilhança. Seus atores não são conhecidos, ou, se há nomes, não podem ser atestados. O sujeito-enunciador é comumente apagado ou substituído por um ente imaginário ou virtual [...]. (PAIS, 2004, p. 177).

Esta concepção de discurso apresentada por Pais encontra-se em consonância com o modelo teórico-metodológico de análise discursiva proposto por Greimas, uma vez que a semiótica de Greimas parte da ideia de signo concebida por Louis Hjelmslev (2003), que enriquece a definição atribuída por Saussure (2004, p. 80). Para este, o signo linguístico é “uma entidade psíquica” em que se distinguem dois elementos: significante (conceito) e significado (imagem acústica), enquanto para aquele, o signo é

a reunião de dois fúntivos - expressão e conteúdo – que mantêm uma relação solidária. Sobre esta afirmação atesta Hjelmslev (1975, p. 54):

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo.

Significa compreender-se, portanto, que a semiótica realiza uma “operação que, ao instaurar uma relação de pressuposição recíproca entre a forma da expressão e a do conteúdo”, bem como “entre o significante e o significado”, “produz signos”, implicando uma semiose (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 447). Batista (2001, p. 146) comunga com este argumento, explicando que a semiose é o

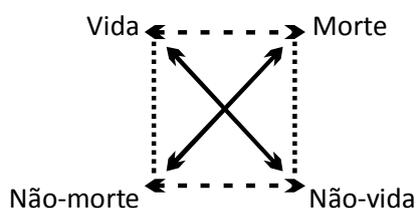
[...] processo de produção, acumulação e transformação da função semiótica. Além disso, ela é constituída e manifestada ao longo do discurso, só estando completa no percurso sintagmático do discurso por inteiro.

Greimas entende que o exercício da linguagem produz a manifestação semiótica sob a forma de encadeamento de signos. Porém, propor metodologia de análise para explicar fenômenos linguísticos, leva a crer que a análise dos signos produzidos pela articulação da forma da expressão e do conteúdo só é possível quando os dois planos da linguagem são antes dissociados para serem estudados e descritos, cada um separadamente. Em outras palavras, Greimas não parte do signo para montar sua metodologia, mas daquilo que posteriormente denominará “figuras” (de acordo com a proposta de signo para Hjelmslev (1975, p. 51)), ou seja, unidades narrativas que produzem um bloco de significação. Sua semiótica estará mais preocupada em descrever os processos de construção de sentido do que em entender os mecanismos de representação da realidade.

Discorrendo sobre o percurso gerativo da significação, em que emergem as estruturas fundamental, narrativa e discursiva, cada uma com uma sintaxe e uma

semântica, o presente estudo priorizará, nas análises dos discursos dos folhetos de cordel, a semântica discursiva, privilegiando os processos de tematização e figurativização com o fim específico de chegar à elaboração mais adequada de classes temáticas representativas da literatura popular.

A sintaxe da estrutura fundamental analisa a oposição, ao menos, entre dois termos, o que constitui uma estrutura binária, construindo um quadrado semiótico, por uma combinação das relações de *contradição* e *asserção*. A representação das relações lógicas encadeadas pelo texto toma a seguinte forma:

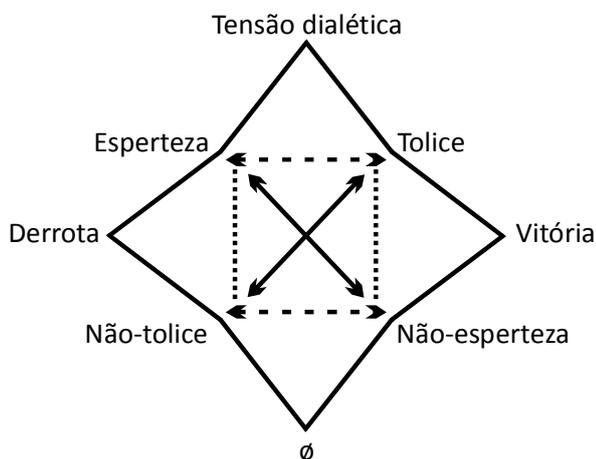


As relações de contrariedade pressupõem uma ligação de oposição ou diferença entre dois termos como *morte* e *vida*. A contradição é a relação de negação da contrariedade; são os subcontrários que não coexistem. Assim, os termos *não-vida* e *não-morte*, tomando o exemplo acima, pressupõem dois termos em contradição, ou seja, *morte* implica *não-vida* e *vida* implica *não-morte*, ambos se apresentado como uma complementação.

Desta forma, contrariedade, contradição e implicação compõem a semântica do nível fundamental e é a base para construção de um texto. As operações de negação e asserção fazem parte da sintaxe do nível fundamental e permitem a transformação no decorrer do texto.

As relações estabelecidas na estrutura fundamental fazem surgir mais quatro termos numa posição superior, que são os metatermos. Estas relações resultam em um octógono, originando a terminologia octógono semiótico, existente desde Greimas e Courtés, porém, ampliada e utilizada em larga escala por Cidmar Pais, cujos estudos baseados na semiótica greimasiana dão, na atualidade, uma visão ampla do que seja a ciência semiótica. Tomemos como representação o discurso do folheto de cordel *As*

aventuras de João desmontado de Gonçalo Ferreira da Silva, para construir o seguinte octógono semiótico:



Do discurso, podemos obter a tensão dialética entre os opostos *esperteza* versus *tolice*. Da relação de implicação entre os termos *esperteza* e *não-tolice*, encontramos o metatermo *derrota*. Da relação de implicação entre os termos *tolice* e *não-esperteza*, encontramos o metatermo *vitória*. E da relação entre os contraditórios *não-tolice* e *não-esperteza*, tem-se a inexistência semiótica.

O octógono semiótico possibilita identificar os microssistemas de valor e visão do mundo que qualquer discurso reflete num determinado contexto social. A análise da estrutura profunda define e reflete o sistema de valores, ou axiologia, que corresponde à maneira de ser e de perceber de um indivíduo ou de uma sociedade.

A semântica fundamental indica a eufórico e disfórico das qualificações semânticas exploradas na sintaxe fundamental. A euforia é determina o termo da categoria como positivo, enquanto a disforia caracteriza o termo como negativo. A euforia, portanto, caracteriza a neutralidade do termo.

A estrutura narrativa ou intermediária é onde se reconhece a existência de unidades narrativas, constituídas pelas relações que os enunciados mantêm entre si. As unidades da análise, nesta estrutura, são proposições narrativas sobre as ações (o

“fazer”) de actantes (sujeito e objeto), cuja trama da narrativa se desenvolve na sequência de tais proposições.

É na sintaxe da estrutura discursiva em que se destaca um Sujeito em busca de um Objeto de Valor, sendo ajudado por um Adjuvante e prejudicado por um Oponente. Assim, a relação entre sujeito e objeto, comumente, situa-se no eixo do desejo. A busca do sujeito pode, também, situar-se no plano puramente *cognitivo*, na busca de um saber.

A semântica narrativa do nível superficial é o domínio da atualização de valores semânticos selecionados da estrutura profunda e conferidos aos actantes da narrativa superficial. O enunciado narrativo, que liga o sujeito ao objeto subdivide-se em dois grupos: *enunciado de estado* que designa o estado em que se encontra um sujeito; e *enunciado do fazer* que seria o movimento, na tentativa que faz o sujeito para passar de um estado para outro. Os enunciadores de estado podem ser de dois tipos: *conjunto*, quando o sujeito atinge, obtém o objeto, ou *disjunto*, quando o sujeito está separado do objeto. A passagem de um *enunciado de estado* a outro (da disjunção à conjunção, por exemplo) implica uma *transformação* que toma a forma de um *enunciado de fazer* e que teve a intervenção de um *sujeito de fazer*. O sujeito age de maneira a transformar um estado: ele *faz-fazer*.

Nessa perspectiva, uma narrativa mínima é definida como uma transformação de estados: seja de um estado inicial de conjunção, entre um sujeito e um dado objeto de valor, numa relação final de disjunção seja, ao contrário, de um estado inicial de disjunção para um estado final de conjunção entre os dois actantes. Disjunção, transformação e conjunção de actantes são as fontes básicas de qualquer desenvolvimento narrativo.

A estrutura discursiva é o nível mais superficial do percurso gerativo da significação, também, chamada de discursivização, em que a forma de substância de expressão é mais próxima da manifestação textual, lugar de desvelamento da enunciação, onde se faz a cobertura dos conteúdos narrativos e se estabelece a relação entre enunciador e enunciatário. Assim, é nesta estrutura em que se analisam as relações intersubjetivas de tempo e de espaço, de enunciação e de enunciado.

Na sintaxe discursiva, ocorre, segundo Greimas, o processo de localização dos atores narrativos no tempo e no espaço. Compreende os procedimentos que o

enunciador utiliza para persuadir o enunciatário a aceitar o seu discurso. A este cabe, através do seu fazer interpretativo, produzir um novo saber, descobrir os significados, enfim perceber o que faz sentido através das marcas deixadas e das relações entre texto e contexto sócio-histórico.

A localização espaço-temporal e a actorização são projetadas para fora da enunciação mediante as operações denominadas *debreagem* (distanciamento) e *embreagem* (aproximação). Para Greimas e Courtés (2008, p. 111) a *debreagem* é

A operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base. [...] A *debreagem* actancial constituirá, então, num primeiro momento, em disjuntir do sujeito da enunciação e em projetar no enunciado um não-eu; a *debreagem* temporal, em postular um não-agora distinto do tempo da enunciação; a *debreagem* espacial, em opor ao lugar da enunciação um não-aqui.

Considerando a forma como o sujeito da enunciação, implícito, mas produto do enunciado instala a *debreagem* no discurso, pode-se dizer que ela é enunciativa ou enunciva. Na primeira, o sujeito assume o *eu-aqui-agora* da enunciação; na segunda são instaurados no enunciado um *ele-algures-então*. Desta forma, as *debreagens* enunciativas e enuncivas são de três tipos: actanciais (eu/ele), espaciais (aqui/algures) e temporais (agora/então).

As *debreagens* apresentam-se, através de dois tipos básicos de discurso: os de primeira e os de terceira pessoa que produzem efeitos de sentido diferenciados sendo, respectivamente, os de subjetividade e os de objetividade. Ao instalar-se no discurso, a fala de uma das pessoas do enunciado ou da enunciação, através do discurso direto, tem-se a *debreagem* interna ou de segundo grau. Este tipo de *debreagem* apresenta um simulacro de diálogo no texto que cria como um efeito de verdade, uma vez que se vê expressando a voz do outro, o que ele de fato pensa, com suas palavras.

A *embreagem*, segundo Greimas e Courtés (2008, p. 179), é uma tentativa de “retorno à enunciação”, como tentativa de suspender a oposição entre determinados “termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado”. Os mecanismos de *debreagem*, *embreagem*,

enunciação enunciada, enunciação reportada, enunciado produzem efeitos de sentido cuja função principal é persuadir o outro a aceitar como verdade o que está sendo comunicado. Causa, portanto, um efeito de aproximação ou distanciamento entre o sujeito, o espaço e o tempo enunciado, visando retomar a instância da enunciação.

É nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído. Analisar o discurso é, portanto, determinar, ao menos em parte, as condições de produção do texto. [...] O discurso define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pelo sujeito da enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário (BARROS, 2007, p. 54).

Conforme pressupostos epistemológicos, implícitos ou explicitados Greimas e Courtés (2008, p. 166) definem enunciação como estrutura não-linguística, que falam de uma “situação de comunicação”, de contexto “psicossociológico” da produção dos enunciados, que tal situação ou contexto pode atualizar, tendendo a aproximar-se do ato de linguagem e com instância linguística na qual o enunciado é considerado como resultado da enunciação. Esta, como *instância de mediação* é um componente da linguagem que torna possível a passagem entre a competência e a *performance*; entre as estruturas semióticas virtuais e as estruturas realizadas sob a forma de discurso. Os autores consideram ainda que,

As diferentes instâncias que, dispostas em camadas de profundidade, constituem o percurso gerativo global, [...] que o espaço das virtualidades semióticas, cuja atualização cabe à enunciação, é o lugar de residência das estruturas sêmio-narrativas, formas que, ao se atualizarem como operações constituem a competência semiótica do sujeito da enunciação (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 167).

A *semântica discursiva* tem como componente a *tematização* – elementos abstratos presentes no texto – e a *figurativização* – elementos concretos presentes no texto – que dão concretude ao tema. As figuras do texto formam uma rede, uma trama, que para entendê-las, é necessário conhecer o primeiro nível temático que, como o nível figurativo, são palavras e expressões, que apresentam traços comuns de significação e que podem ser agrupados. Esses traços comuns podem ser reduzidos a

uma oposição semântica. É a partir desta oposição que se constrói a estrutura fundamental.

Neste nível, o texto é assumido pelo sujeito da enunciação, que faz uma série de escolhas, visando ao efeito de sentido que quer produzir. Embora seja a etapa mais complexa, os elementos do nível narrativo são distribuídos no discurso de maneira mais abstrata, sob a forma de percursos temáticos, que podem ou não ser revestidos por elementos concretos de um percurso figurativo. Segundo Batista (2001, p. 152) a narrativa neste nível

[...] chega até a voz, sendo organizada e assumida por um sujeito enunciatário que, tendo em vista o universo de discurso abordado e o sujeito enunciatário em questão, escolhe o(s) tema(s), as figuras, os atores, o tempo e o espaço nela envolvidos, ou com ela relacionados e os apresenta a um sujeito enunciatário que a escuta e interpreta.

No que se refere aos procedimentos de tematização e figurativização, Fiorin (2006, p. 91) considera a existência de dois tipos de textos: figurativos e temáticos. Enquanto estes tendem a explicar, classificar e ordenar a realidade, significativamente, estabelecendo relações de dependências, aqueles criam um efeito de realidade, construindo um simulacro desta realidade. Assim, como Fiorin, Rocha (2004, p. 19) acredita na existência de dois tipos de texto. No entanto, vai designá-los de textos de figurativização esparsas, alegando que textos temáticos, também, apresentam figuras, e textos figurativos.

A tematização e a figurativização são, portanto, os procedimentos semânticos da discursivização, estando ambas interligadas. Enquanto na tematização os traços semânticos são disseminados no discurso de forma abstrata, na figurativização são revestidos por traços semânticos sensoriais. Os elementos concretos que representam coisas, ações e qualidades encontradas no mundo natural, chamam de *figuras* e os elementos abstratos de *temas*. Segundo Barbalho (2006, p. 88),

A tematização expressa elementos abstratos buscando explicar a realidade e representar o mundo através de um investimento conceptual. Os temas organizam, categorizam e ordenam a realidade significante de modo a permitir sua interpretação. Figuras e temas são para manter a coerência

interna do texto, necessitam seguir um percurso ou encadeamento lógico de modo a gerar sentido. As figuras devem ser vistas através do conjunto por elas composto e não isoladamente.

A relação existente entre as figuras apresentadas que darão sentido para que se descubra o tema subjacente a elas, é o que chamamos de “encadeamento de figuras”. É por intermédio dessas retomadas, encadeamento de referentes do mundo concreto que vão construir os encadeamentos figurativos, com o objetivo de tornar o texto coerente, seja com ideias do mundo real ou com a estrutura textual. Cada texto tem, pois, uma função diferente: os temáticos, explicam o mundo e os figurativos, criam simulacros do mundo. As sequências das figuras, ao serem organizadas em grupos, traduzem os temas subentendidos aos textos. Para Fiorin e Savioli (2001, p. 99),

Uma figura isolada não tem significado em si mesma. Cada uma delas implica idéias muito variadas, pode estar virtualmente relacionada a temas diferentes. [...] As figuras ganham unidade exatamente por serem a manifestação de um tema.

Isto significa dizer que os temas e figuras estão interligados e criam seus respectivos percursos, por meio dos quais, podemos reconhecer “de que trata um texto”, auxiliando-nos, conseqüentemente, no desvelamento da sua significação. Fiorin (1990, p. 72) confirma essa relação entre o temático e o figurativo quando afirma que

[...] os temas são palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos. As figuras, como elementos concretos são elementos ou expressões do mundo natural: substantivos concretos, verbos que indicam atividades físicas, adjetivos que expressam qualidades físicas.

Evidencia-se, portanto, que os temas são apreendidos pelo que subjaz às figuras subordinadas, ou sob controle de um contexto, tornando viáveis as

possibilidades significativas. Dessa forma, emergem segundo um cotejo minucioso das figuras que unem e se ordenam no interior do texto.

As figuras, que concretizam os temas, são uma parte do signo hjelmsleviano. Para Hjelmslev (1975, p. 51), a figura existe no conteúdo e na expressão, constituindo a substância dos signos. Não são signos, mas entram em sua composição. Os semioticistas consideravam a figurativização como o processo, segundo o qual o conteúdo chega à expressão.

No sistema semiótico, percebe-se que, num quadro de determinada sequência, as figuras se organizam entre si, formando uma rede relacional denominada percurso figurativo. Sob o ponto de vista paradigmático, as figuras se associam para constituírem configurações discursivas susceptíveis de especificarem os conjuntos discursivos, como Souza (2006, p. 20) ressalta:

Uma dimensão paradigmática implica um processo mental de escolha, de alternativa para cada elemento e que um paradigma é assim um grupo de palavras *in absentia* que pode substituir cada elemento de uma cadeia sintagmática.

Para Courtés (1979, p. 17), sob o ponto de vista sintagmático, as figuras são distribuídas de acordo com um “encadeamento relativamente constrangedor, no quadro da configuração discursiva”. Para o autor, há um percurso figurativo, quando uma figura logo que colocada chama outra, e assim por diante.

Esse percurso figurativo, assim denomina-se porque é constituído de figuras, que engendram um encadeamento, acolhe palavras cujos lexemas caracterizam o léxico de uma língua. Por lexema, entendemos a unidade de significação básica de uma palavra-vocábulo. Este possui um núcleo suscetível de ser analisado e várias significações podem ser apreendidas a partir deste núcleo, as possibilidades significativas são múltiplas, porém estão relacionadas ao núcleo estável de significação. Portanto, o lexema realiza-se de maneira distinta em diferentes contextos nos quais se encontram, mesmo sendo em um único núcleo. Por esta razão, as figuras não são apreendidas isoladamente, mas observando as relações entre elas, considerando a trama que constituem. A este conjunto de figuras lexemáticas relacionadas forma-se um percurso figurativo “que para ter sentido é necessário que seja a concretização de um tema, que, por sua vez, é o revestimento de enunciador

narrativo. Por isso, ler um percurso figurativo é descobrir o tema que subjaz a ele” (FIORIN, 1999, p. 70).

A todo discurso enunciado pressupõe-se uma enunciação que considera um fazer de persuasão (ou codificação) e outro de interpretação (ou decodificação). Esse processo de construção do enunciado, pelo enunciador, e compreensão do enunciado, pelo enunciatário, Pais nomeia de percurso de enunciação de codificação, considerando os patamares da *percepção*, *conceptualização*, *semiologização*, *semiotização*, *leximização*, e *semiose*, no fazer persuasivo e, no fazer interpretativo, da produção do texto percebido pelo enunciatário que re-atualiza, ressemiotiza, ressemiologiza, reconceptualiza, realimenta e autorregula conceitos. Para Pais (2003, p. 72) todo discurso ocorre, em princípio, como

[...] uma análise de uma vivência, ou de uma experiência, que se dê na relação entre um sujeito e o mundo exterior, ou que se realize no seu imaginário. De fato, uma vivência ou experiência se torna inteligível para o próprio sujeito, na medida em que seja *discursivizada*.

A enunciação de codificação parte da percepção biológica dos objetos e desencadeia-se no patamar da *conceptualização* que é pré-linguístico e indica os conceitos que o homem constrói sobre os fatos de sua vida. Barbosa (2000, p. 121) afirma que “O campo conceitual, conjunto de *conceitos* é resultado do processo de *conceptualização* do ‘saber sobre o mundo’ – pré-linguístico, pré-semiótico”, isto é, ainda não foi lexemizado, inclui os conceitos e as suas relações. É nesta etapa que são produzidos o *conceptus* ou modelos mentais, constituindo um conjunto sêmico conceptual resultante de uma escolha do sujeito individual e/ou coletivo, onde estão presentes os atributos semânticos (POTTIER, 1992, p. 52-78): as latências, traços semânticos que se encontram latentes; as saliências, traços semânticos que se destacam na estrutura, funcionamento e hierarquia dos fatos naturais e as pregnâncias, resultado das escolhas feitas nas diversas maneiras de apreensão dos fatos.

Na etapa seguinte, a da *semiologização*, patamar intermediário entre os processos de *conceptualização* e o tratamento específico dos dados da experiência. Tais processos partem de uma semântica cognitiva para uma semântica linguística.

Essa etapa é ideológica, uma vez que emergem os valores do enunciador, em consonância com a sociedade em que se encontra. A forma do universo cultural, neste patamar, torna-se substância do universo semiológico, quando os recortes culturais são estruturados em classes de equivalência semântica que, segundo Pais (1977, p. 40), constituem “os modelos antropoculturais constituem a substância de um novo universo, a que chamamos de semiológico e que constitui a codificação, a estruturação, em suma, a visão linguística do universo antropocultural”. É nessa etapa que ocorre a *semiotização*, desenvolvida por meio do processo de *lexemização*, em que se escolhem as lexias que atualiza o discurso. E, por último, a *semiose* designa a operação produtora e geradora de signos, a partir do pressuposto de uma relação recíproca entre significante e significado.

O percurso da decodificação realiza-se em sentido inverso, do signo para o *conceptus*. Tem início na *percepção* do texto, enquanto objeto semiótico concreto; a *ressemiotização*, a reconstituição do texto; a *ressemiologização*, reordenamento dos campos semânticos; a *reconceptualização*, a reconstituição da análise da experiência no nível conceptual, constituindo na autorregulagem.

Barbosa (2001) quando analisa o nível conceptual e lexemático, mais detalhadamente inclui o nível terminológico, no percurso gerativo da enunciação de codificação e decodificação, tendo como ponto de partida a própria realidade fenomênica, em que se tem uma informação virtual, amorfa, que no nível do recorte observacional, se transforma no *conceptus*, que por sua vez será terminologizado.

Assim, a *terminologização* completa o percurso gerativo da enunciação de codificação em que os conceitos são convertidos em termos, *la mise en terme*, expressão esta comparável à expressão *la mise em lexème*, segundo Barbosa (2001, p. 34), que subjaz ao processo de *lexemização* de Pottier (1992) e passam a ser utilizadas em um discurso concreto realizado em determinada área do conhecimento.

2.4 AS CLASSIFICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

A Ciência da Informação é uma disciplina voltada para o estudo da produção, circulação e uso da informação. Em uma cultura existem vários tipos de conhecimentos e podemos distingui-los por seus usos e pelos diferentes grupos sociais que os produzem.

No âmbito da Ciência da Informação, a organização do conhecimento diz respeito ao desenvolvimento de teorias em determinadas áreas de assunto com o objetivo de elaborar instrumentos para representarem essas informações.

As principais características da representação da informação residem na substituição do texto do documento por sua descrição abreviada, utilizada como um artifício para recuperar o que é essencial no documento, isto é, o tema.

A representação da informação envolve dois processos: a análise do assunto do documento, cujo resultado deve ser colocado numa expressão linguística, semanticamente relacionada e a atribuição de conceitos na utilização de um instrumento de padronização, aqui denominada de linguagem documentária, que garanta aos indexadores o uso dos mesmos conceitos para representar documentos semelhantes, possibilitando assim a comunicação entre usuários e os sistemas de informação.

As linguagens documentárias são constituídas de sistemas de classificação bibliográficos, artificialmente construídos, a partir de uma linguagem natural presente nos documentos, com o objetivo de controlar o vocabulário de um determinado campo do saber. Estes vocabulários, por sua vez, são códigos artificiais, de signos normalizados que permitem uma representação mais efetiva e eficaz do conteúdo documental com a função de recuperar a informação nele contido, no momento em que o usuário necessitar.

Os sistemas de classificação decimais, como a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal, dentre outros, são tipos de linguagens documentárias, quando permitem agrupar documentos segundo o seu conteúdo, visando ao armazenamento e à recuperação da informação.

No presente trabalho, buscou-se compor um conjunto de saberes da Literatura Popular, relacionando-os entre si com aspectos hierárquicos, através do estabelecimento de relações entre temas e figuras extraídos dos folhetos de cordel, de acordo com o conceito ou conceitos que cada léxico representa.

O reconhecimento da importância da Literatura de Cordel, enquanto patrimônio histórico e cultural do povo, principalmente, da população brasileira nordestina, levou-nos ao estudo deste tipo de literatura e o seu tratamento para recuperação nos acervos das bibliotecas.

O estudo reside, essencialmente, em analisar os temas tratados na literatura popular, especificamente, nos “folhetos de cordel”, visando à expansão da classe de Literatura nas Classificações Bibliográficas, considerando que a esta classe não atendem os parâmetros teórico-conceituais da Literatura Popular.

Investigar os diversos temas da Literatura Popular de Cordel, a partir do conhecimento produzido foi um desafio, pois tudo nos leva a crer que linguagens em estilos diferentes podem transmitir o mesmo conteúdo e uma classificação precisa para a descrição científica, como assevera Menezes (2006, p. 2):

Da exatidão da classificação depende a exatidão do estudo ulterior. Todavia, posto que a classificação tenha o seu lugar na base de todo o estudo, ela própria deve ser o resultado de um exame preliminar aprofundado. Ora, é justamente o universo que podemos observar: a maioria dos pesquisadores começa pela classificação, introduzindo-a de fora no corpus quando, de fato, deveriam deduzi-la a partir deste.

A sociedade contemporânea tem enfrentado constantes mudanças culturais que possibilitam uma nova forma de pensar, e a análise sócio-histórica de uma sociedade pode ser elaborada de acordo com a percepção da linguagem adotada por ela. Linguagem não enquanto código, mas como produto de sua própria cultura.

[...] uma maneira de identificar o cordel [...] é através da análise da ideologia que ele reflete. O poeta popular nordestino é conservador, por excelência. Há que examinar detidamente cada conteúdo dos folhetos, através da linguagem e das idéias que ali transparecem com espontaneidade (O QUE..., 2006, p. 1).

As transformações sociais, culturais, políticas e técnicas e o surgimento de redes mundiais de informação impõem a necessidade de se tratar o conteúdo dos documentos, de maneira racional e analítica, com o fim de obter uma melhor representação da informação produzida. A classificação por assuntos ou bibliográfica é utilizada com o objetivo de se agruparem os documentos sob o mesmo tema. Como forma de tornar mais ágil sua recuperação. O documento é considerado como “qualquer unidade, impressa ou não”, passível de catalogação e indexação, que compreende a possibilidade de representar o seu conteúdo informacional. E isto ocorre quando são criados códigos de classificação bibliográficos.

As classificações bibliográficas são consideradas como instrumentos na organização de acervos. A sua organização lógico-hierárquica faz com que os documentos sejam armazenados, obedecendo a áreas de assuntos existentes e classificáveis do conhecimento.

A Classificação Bibliográfica Universal, como a *Dewey Decimal Classification* – CDD e a Classificação Decimal Universal – CDU são consideradas como parâmetros para organizar o universo bibliográfico. Entretanto, a representação do conhecimento passa pela compreensão de princípios, fundamentos teóricos e elementos constitutivos de um determinado campo do saber.

As classificações bibliográficas, até o presente momento, inserem a literatura de cordel no âmbito do folclore. Tal tratamento é inconsistente quando se trata de um instrumento de controle de vocabulário, que representa a expressão da cultura popular. Nesse sentido, pretendemos contribuir para a expansão da classe de literatura nas classificações bibliográficas, através da análise do folheto de cordel, objeto deste estudo, que passará a ser tratado nos acervos das bibliotecas por princípios terminológicos com uma estrutura sistematizada de conceitos, o que permitirá a sua organização, recuperação e disseminação da informação dentro da classe de Literatura e não na classe de Folclore. E a “explicitação desses conceitos e princípios passa pela discussão sobre os modelos de organização do conhecimento” segundo Pereira e Bufrem (2005, p. 29).

A organização do conhecimento, enquanto área de estudo, se diferencia em duas concepções de conhecimento: uma, enquanto processo cognitivo individual constitui-se em uma certeza subjetiva ou objetivamente conclusiva da existência de

um fato ou do estado de um caso adquirido por meio de reflexão; e a outra, enquanto algo sobre o qual existe certo consenso social.

Os sistemas de organização do conhecimento existem desde os tempos remotos e estão presentes em todas as áreas do conhecimento humano, de modo mais simples aos mais complexos.

Desde a Antiguidade, existe a preocupação em classificar e organizar todo e qualquer material e deu ao homem a importância em registrar a história, preservando assim a memória e a cultura de qualquer povo.

Enquanto fenômeno social, a classificação, devido a seu formato e ao seu tratamento, torna-se a representação temática do conhecimento, visto que as diversas sociedades existentes são agrupadas para atenderem às necessidades de organização e de comunicação, como afirma Costa (1998, p. 66):

Encontramos inúmeros exemplos de classificação inscrita e actuantes no mais variados domínios das relações sociais, tal como se nos apresentam no quotidiano. Basta pensar na maneira como as pessoas tratam umas as outras, ou se referem a terceiros, atribuindo estatutos de superioridade ou inferioridade social, considerando uma distintas e outras vulgares, uma sérias e outras desonestas, uma competentes e outras incapazes, umas merecedoras de mais respeito e outras de menos, e por aí afora.

Nesse sentido, entende-se que a classificação bibliográfica responde, simultaneamente, a uma necessidade de organização interna das unidades de informação quanto à recuperação, visando à comunicação dos conteúdos armazenados e aos seus usuários.

Reconhecendo os diferentes objetos que permeiam o mundo em que vivemos, o homem também colecionou “os modos de conhecimento e as cosmologias que elaborava na forma de mitos” (MENEGAT, 2005, p. 5), fatos e narrativas que passadas adiante o homem construiu um determinado modo de pensar o mundo, assim como as coisas que o constituem. Deste modo, o homem tentou dar uma ordem às suas coleções, para representar seu pensamento ou desejo, contribuindo dessa maneira, para a determinação e desenvolvimento de classificações do conhecimento. Instituições como museus, arquivos e bibliotecas, respeitando cada uma, sua

organização, origem e a função que é dada aos documentos, têm características comuns até hoje, por preservarem a memória coletiva.

Coletar, organizar, identificar, catalogar e classificar qualquer tipo de suporte informacional constituem atividades que norteiam o tratamento de seus acervos e que fazem dessas instituições, depositárias de coleções, que constituem parte da história de diferentes culturas.

Nesse sentido, os sistemas de classificação não são permanentes, com formas e sentidos definidos, porque a História, como assevera Vickery (1980, p. 187),

[...] apresenta uma série de épocas culturais. Cada uma corresponde a um certo período de anos nos quais o conhecimento apresenta uma estrutura mais ou menos unificada que pode ser expressa numa classificação, mas cada nova época exige uma nova classificação.

Cabe, contudo, inicialmente conceituar o termo em questão. Classificação é um processo definido, segundo Piedade (1983, p. 9) com a finalidade de

dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhança. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos.

Definido o termo classificação, este se caracteriza pelo processo de agrupar as informações de forma que suas relações de analogia se sobressaiam, para que as ciências, o saber ou os documentos possam ser compreendidos de forma precisa. Assim sendo, o processo de conhecimento se realiza, fundamentalmente, através da analogia.

Ao classificar, segmentamos o conteúdo a partir de referências que já possuímos, formando agrupamentos em função de suas propriedades comuns. Processo similar ocorre na área da Ciência da Informação, ao se construírem representações de conteúdo operadas por analogia e generalizações, procurando a partir de traços comuns, reunir conceitos, numa tentativa de organizar a informação e de garantir sua recuperação.

Ao longo da história da humanidade, Burke (2003, p. 79) reconhece a existência de várias maneiras de classificar o conhecimento: conhecimento teórico x prático; conhecimento público x privado; conhecimento legítimo x proibido; conhecimento alto x baixo; conhecimento liberal x útil; conhecimento especializado x geral; conhecimento dos livros x “das coisas”; conhecimento quantitativo x qualitativo.

Outros autores apresentam a mesma distinção, entretanto, os sistemas de classificação bibliográfica têm origens nas teorias filosóficas de classificação do conhecimento, uma vez que “as classificações filosóficas e as classificações bibliográficas estão intimamente ligadas” (FONSECA, 2010, p. 1).

Voltando na História, alguns estudiosos consideram Platão o primeiro filósofo a se preocupar com a classificação das ciências. Na sua obra *República*, ele divide as ciências em Física, Ética e Lógica. Outros atribuem a Aristóteles o início da história das classificações filosóficas, uma vez que por quase dois mil anos o que se conhecia e se utilizava na classificação do conhecimento tinha origem no modelo que estabeleceu, cuja estrutura básica permaneceu até quase o fim do século XVII. Burke (2003, p. 90) assevera que

Aristóteles expusera um sistema de 10 categorias gerais (substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, condição, ação e paixão). Essas categorias eram largamente conhecidas e utilizadas [...]

Um dos seus mais significativos legados foi a distinção entre os aspectos formal e material do ser: *a natureza morta, os seres vivos, os seres intelectuais e os seres divinos*. As dez categorias acima citadas se referem à determinação formal do ser e foram usadas em vários sistemas de organização do conhecimento, como na *Ars Magna* (1272) de Raimundus Lullus, na *linguagem filosófica* (1668) de John Wilkins, no *Thesaurus of English words and phrases* (1852) de Peter Mark Roget e na *Colon Classification* (1933) de Shiyali Ramamrita Ranganathan, chamada em português de Classificação de Dois Pontos.

A segunda contribuição de Aristóteles para a teoria da classificação foi a elaboração dos cinco predicados, isto é, os cinco tipos de relações existentes num arranjo lógico, que relacionamos a seguir:

- a) Gênero: classe ou grupo de seres ou objetos que possuem um número determinado de características em comum;
- b) Espécie: ser ou coisa que possui uma diferença específica que a distingue de seu gênero próximo; a espécie é obtida do gênero pelo acréscimo de uma diferença;
- c) Diferença: é a característica que serve para gerar uma espécie; cada acréscimo de diferença gera uma nova espécie;
- d) Propriedade: algo próprio de cada elemento de uma classe, mas que não é imprescindível à definição da classe;
- e) Acidente: qualidade não obrigatória a todos os elementos de uma classe, isto é, que pode ou não estar presente em um conceito.

Os predicados estão envolvidos na construção de uma estrutura de classificação. Alguns princípios lógicos são necessários para uma estrutura conceitual adequada. Conforme Dodebei (2002, p. 82), são três princípios lógicos:

1. O princípio da completude que determina que a divisão do conceito deve ser completa, adequada e ordenada por complexidade crescente, isto é, enumerar de que gênero se compõe, do simples ou complexo ou do abstrato ao concreto;
2. O princípio da irredutibilidade, segundo o qual a divisão deve garantir que a cada dedução conceitual os conteúdos sejam irredutíveis entre si, isto é, não se deve enumerar mais do que os elementos verdadeiramente distintos entre si, de maneira que nenhum esteja compreendido no outro;
3. O princípio da mútua exclusividade, que postula que para cada derivação conceitual deve-se visar apenas uma característica do conceito.

Porfírio, filósofo neoplatônico, em sua obra *Introductio in Praedicamento*, descreve como as qualidades atribuídas às coisas podem ser classificadas, quebrando o conceito filosófico da substância como gênero/espécie do relacionamento. Com isso incorpora a lógica de Aristóteles ao neoplatonismo, especialmente, a doutrina das categorias do ser, interpretada nos termos das entidades. A lógica da substância é ilustrada nesse livro, através da conhecida *Arbol Porphyriana* (Árvore de Porfírio), onde os conceitos se subordinam, partindo dos mais gerais aos menos extensos.

A *árvore de Porfírio*, apresentada na Figura 1, foi a primeira representação gráfica da idéia de classificação, caracterizada pela dicotomia com base na presença e ausência de uma determinada propriedade. Esta classificação, partindo da teoria de predicado de Aristóteles, constitui-se em um conjunto hierárquico finito de gêneros e espécies.

A *árvore* deu início ao nominalismo e foi a antecessora das modernas classificações taxinômicas. A partir do século XVII, a *árvore* deu lugar a vários outros esquemas gráficos denominados *sistemas*, os quais podiam ser aplicados tanto às disciplinas específicas, quanto ao conhecimento como um todo.

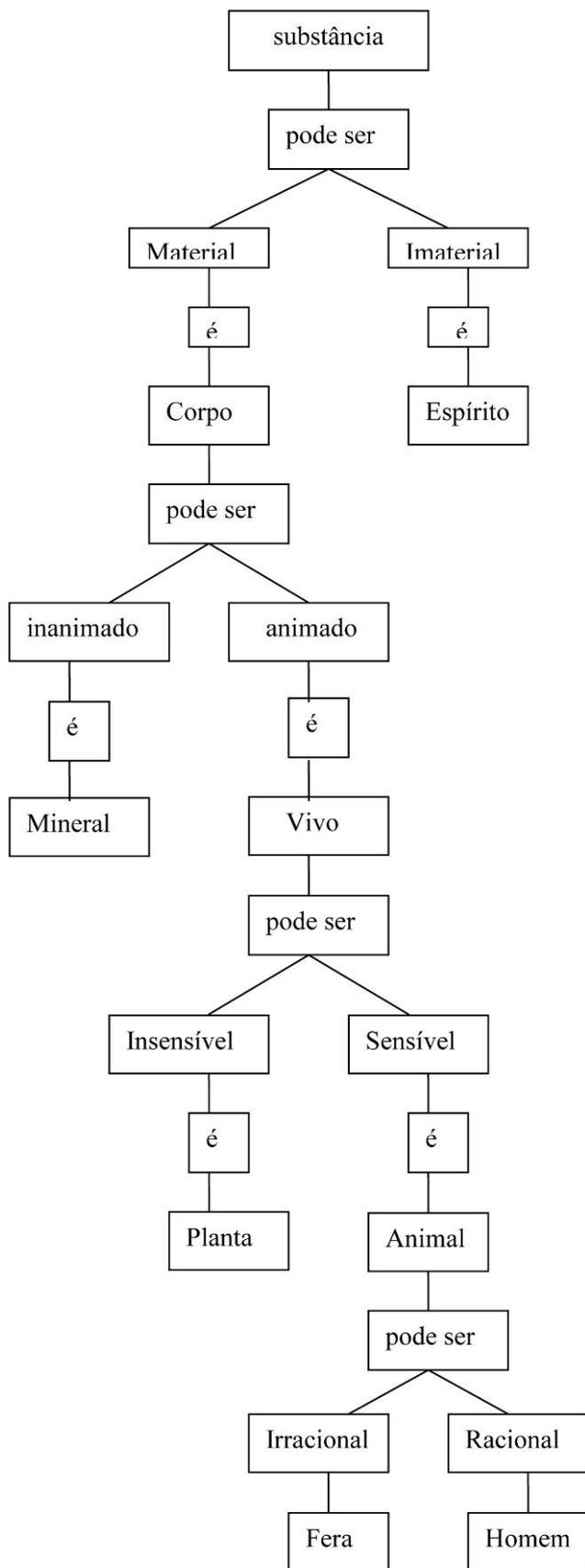


Figura 1 – Árvore de Porfírio

A última contribuição aristotélica foi o esquema tripartitivo. Partindo do pressuposto das operações humanas, pensar, agir e produzir, ele dividiu as ciências em: Ciências teóricas, Ciências práticas e Ciências produtivas

Outros filósofos usaram o mesmo esquema de Aristóteles, como resumido no quadro a seguir:

Filósofos	Esquemas
A.Poliziano	Teologia (Presentação) Filosofia (Invenção) Previsões e profecias
M.Nizolio	Filosofia física ou natural Filosofia política ou civil Eloquência ou lógica
J. Huarte	Artes e Ciências Adquiridas pela <i>memória</i> Que dependem do <i>raciocínio</i> Produzidas pela <i>imaginação</i>
F.Bacon	História (<i>Memória</i>) Poesia (<i>Imaginação</i>) Filosofia (<i>Razão</i>)
G.W.Hegel	Lógica Filosofia natural Filosofia do espírito

Quadro 1 – Divisão das Ciências

Observamos pelo exposto que os sistemas de classificação bibliográfica elaborados no final do século XIX e início do século XX reproduziram, de certa forma, as classificações do conhecimento da Antiguidade e Idade Média.

De todos os precursores da ciência moderna, o filósofo inglês Francis Bacon, foi o que mais contribuiu para a organização bibliográfica. Em suas obras *The Advancement of Science* (1605) e de *De augmenti scientiarum* (1623), Bacon classifica e define todas as áreas do saber baseado nas faculdades humanas da *Memória*, *Imaginação* e *Razão*, inserindo, no seu esquema de classificação, a *História* na categoria da *Memória*, a *Filosofia* na da *Razão* e a *Poesia* na de *Imaginação*.

O sistema de classificação mais conhecido no mundo de hoje, foi elaborado em 1876, pelo bibliotecário norte-americano Mevil Dewey, calcado na classificação das ciências de Francis Bacon.

Ao contrário dos sistemas de classificação filosóficos, que se preocupavam com a hierarquização do conhecimento e com a ordem da ciência e das coisas, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) foi o primeiro sistema de classificação bibliográfica, utilizado de maneira sistemática, em busca de um meio para organizar os documentos, tendo como critério o assunto dos mesmos e, com isto, permitindo uma localização mais rápida de todos os materiais bibliográficos.

Para proceder ao tratamento dos assuntos, a base da CDD consiste na divisão do conhecimento humano em dez classes principais. São elas:

- 000 Generalidades
- 100 Filosofia e disciplinas relacionadas
- 200 Religião
- 300 Ciências Sociais
- 400 Línguas
- 500 Ciências Puras
- 600 Ciências Aplicadas (Tecnologia)
- 700 Artes, Recreação e Artes Cênicas
- 800 Literatura
- 900 Geografia, Biografia e História

As classes são divididas do mais geral ao mais específico, continuamente. A escolha de números decimais para suas categorias permite que o sistema seja, ao mesmo tempo, puramente numérico e infinitamente hierárquico.

Cada classe principal tem dez divisões e cada divisão tem dez seções. Esta divisão é crescente, de acordo com o desenvolvimento e a especialização das ciências e do conhecimento. Cada assunto é representado por um símbolo, chamado de *notação*, composta de algarismos arábicos. Estas unidades existem enquanto unidades, entretanto, possuem relação com outras classes do sistema. Desta forma, a notação decimal e o estabelecimento de relações entre elas, permitem uma estrutura dinâmica para a organização dos acervos bibliográficos.

A elaboração de um índice na CDD, desde sua criação, é outra característica importante, como ressalta Piedade (1983, p. 88):

O índice relativo, anexado por Dewey em seu sistema de classificação, também foi uma inovação, pois não constava dos sistemas existentes na época. Parece mesmo que Dewey inicialmente deu uma importância muito grande ao índice, considerando que, através dele, qualquer pessoa seria capaz de classificar.

A CDD foi muito rapidamente adotada em todos os países, devido à sua numeração decimal e à sua linguagem universal compreensível por todos e que ultrapassa todas as barreiras culturais.

A continuidade da utilização da CDD, até os nossos dias, deve-se a vários fatores, nomeadamente, à sua atualização, em sucessivas edições, levando em conta as evoluções técnicas e desenvolvimento das ciências. Entretanto, documentos classificados com notações de qualquer edição, não são reclassificados, pois essa medida seria inviável em bibliotecas ou centros de informação com milhares de volumes de documentos já classificados.

Os mesmos princípios de organização e estrutura da CDD foram utilizados pela Classificação Decimal Universal (CDU), exceto por reunir numa mesma classe, a Literatura à Lingüística e Filologia, como segue:

0 Generalidades

1 Filosofia

2 Religião. Teologia

3 Ciências Sociais

4 (vaga)

5 Matemática e Ciências Naturais

6 Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia

7 Arte. Belas Artes. Recreação. Diversões. Esportes

8 Linguagem. Lingüística. Literatura

9 Geografia. Biografia. História

A CDU teve sua origem, no final do século XIX, resultado do trabalho desenvolvido pelos bibliógrafos belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine que, em 1892, compilaram a Bibliografia Internacional sobre Ciências Sociais.

Em 1895, os bibliógrafos organizaram a 1ª Conferência Internacional de Bibliografia, em Bruxelas, de que resultou a criação do Instituto Internacional de Bibliografia, entidade responsável pela bibliografia, que estava sendo compilada e por outra, que abrangesse todas as publicações em todos os campos do conhecimento, em todas as línguas, em todos os países, em todas as épocas. Uma obra de tamanha dimensão requeria, então, um esquema de classificação, que fosse abrangente e universal e de uso internacional. Nesse mesmo ano, Otlet e La Fontaine ouviram, pela primeira vez, falar na CDD e a partir de então, começaram a adaptá-la e usá-la no seu repertório, apesar de não possuir a flexibilidade necessária para a classificação de assuntos compostos. Esse tipo de classificação trouxe a possibilidade de se representarem os assuntos complexos e de diferentes classes, por meio da combinação e incorporação do princípio de análise de facetas.¹

Silva e Ganim (1994, p. 11) consideram que a estrutura da CDU estabelece,

[...] uma concepção do universo do conhecimento e da informação como uma unidade, um todo constituído de partes intimamente relacionadas e interdependentes, cada qual representando uma parcela desse conhecimento. Estas parcelas, por sua vez, são suscetíveis de novas divisões e subdivisões, num processo teoricamente infinito, que constitui o caráter hierárquico (enumerativo) do sistema.

A CDU é composta de tabelas principais e auxiliares para dar mais flexibilidade a análise do assunto. As tabelas auxiliares auxiliam na construção de números compostos, formados através de sinais. São eles:

1. Coordenação: representado pelo sinal de adição (+)
2. Extensão: representado pela barra oblíqua (/)
3. Relação: representado pelo sinal de dois pontos (:)
4. Subagrupamento: representado pelos colchetes ([])

¹ Chamamos faceta a coleção de termos ou vocábulos que apresentam o mesmo relacionamento com o assunto global, refletindo a aplicação de um princípio básico de divisão.

5. Ordenação: representado pelos dois pontos duplos (::)

A organização da CDU faz com que os documentos sejam organizados obedecendo às áreas de assuntos existentes e qualificáveis por suas tabelas, que são elaboradas a partir da organização do conhecimento.

Todavia, o princípio da exclusividade mútua deve ser respeitado, como vimos anteriormente, pois quando isso não ocorre, tem-se uma *Classificação Cruzada*, em que um assunto tanto pode estar numa classe como em outra ou outras, como Langridge (1977, p. 24) ressalta:

Apenas um princípio de divisão deve ser usado de cada vez para produzir classes mutuamente exclusivas. Se elas se sobrepõem então é impossível se ter certeza a que classe um determinado objeto pertence. Esse erro é conhecido como classificação cruzada.

A grande contribuição desses sistemas reside no fato de apresentar a organização hierárquica dos registros do conhecimento humano, tornando-os acessíveis aos usuários.

Entretanto, é problemático afirmar que a representação de todo o conhecimento a partir de uma divisão lógica e as crescentes necessidades e demandas de recuperação de conteúdos, colocam a estes sistemas demandas que não podem ser atendidas, como percebemos na sobreposição de classes “folclore” e “literatura popular”, o que certifica o presente estudo.

É necessário, portanto, conhecer-se a estrutura organizacional dos sistemas de classificação bibliográfica, como parâmetro de busca de documentos, uma vez que são usados pela maior parte das bibliotecas.

3 CLASSIFICAÇÕES DA LITERATURA DE CORDEL

Na tentativa de propor a expansão da classe de Literatura Popular nas Classificações Bibliográficas, deparamos inicialmente com a questão das propostas de alguns estudiosos, que ora as classificam por temas, ora por “tipologias” e ora por “ciclos temáticos” e, ainda, por “gêneros”. É neste universo de múltiplos temas, como o romance, a valentia, o gracejo, o desafio, o encantamento, o heroísmo, a religião, a moral, a sátira, a história e muitos outros que o cordel é estudado, pesquisado e debatido em ciclos literários como manifestação da cultura popular.

A literatura de cordel revela a luta de classes, o fosso que as separa e o imaginário popular, que fortifica o dia-a-dia de algumas pessoas. Assim, refletir acerca da natureza e da função da literatura popular através dos folhetos de cordel é estudar o processo de evolução cultural do homem, é estudar a arte por ele mesmo produzida. Cândido (1989, p. 53) fala da presença da linguagem, fator determinante para a classificação de uma obra ser ou não literária, quando assevera:

A arte, e, portanto a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal de linguagem que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.

Daí, iniciaram-se as inquietações, aguçando a curiosidade de conhecer estas classificações realizadas por folcloristas, sociólogos, antropólogos, que apresentam propostas as mais diversas e, supostamente, contraditórias. Necessário se fez, inicialmente, definirem-se alguns aspectos preliminares de tais denominações, para verificar se poderíamos considerá-las como ponto de partida para a proposta deste estudo.

Iniciamos pelas *tipologias*, isto é, pela forma como o texto se apresenta, devido à natureza linguística de sua composição. A palavra *tipologia* é de origem grega. Deriva-se do substantivo *typos*, termo usado no mundo antigo para indicar: a) a marca de um golpe; b) uma impressão, a marca feita por um cunho - daí o sentido de figura,

imagem e c) modelo ou padrão; e de *lógos*, que significa discurso, linguagem, estudo e que abarca em sua origem outras classificações. No entanto, as análises discursivas atuais vêm considerando *tipo* uma espécie de texto. Os tipos textuais, segundo Marcuschi (2003, p. 17) constituem “modos discursivos organizados no formato de sequências estruturais sistemáticas, que entram em composição de um gênero textual”. Sobre os gêneros discorreremos mais adiante. As tipologias existentes abrangem as categorias conhecidas como: *narração*, modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens; *argumentação*, em que o texto se apresenta de forma lógica e coerente a fim de defender um ponto de vista; *exposição*, ocorre em textos que se limitam a apresentar uma determinada situação; *descrição*, em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal ou um objeto; e a *injunção*, aqueles que indicam procedimentos a serem realizados.

O estudo do texto literário, durante muito tempo, deu-se muito mais pelo ponto de vista dos gêneros literários, vinculado ao modelo clássico de literatura. A *Poética* de Aristóteles, em que o filósofo analisou o modo de ser e proceder da epopéia e da tragédia, no primeiro livro, e da comédia, no segundo livro, é, sem dúvidas, a obra teórica que teve grande influência na teoria literária. O livro se propõe a estabelecer uma introdução geral sobre a essência da poesia, seus diferentes gêneros, suas origens psicológicas, a história de seus inícios; procura estabelecer uma teoria da tragédia; fragmentos de uma teoria da epopéia e uma comparação entre epopéia e tragédia. Sua teoria ancora-se na noção de *mimesis*, pois a arte imita os “caracteres, as emoções e as ações” (ARISTÓTELES, 2004, p. 23).

Na teoria da literatura erudita é costume classificar o texto literário quanto à forma em que pode se manifestar, ou seja, em prosa e versos e quanto ao conteúdo, o *lírico*, em que há a manifestação de um *eu-lírico* que expressa suas emoções, idéias, o mundo interior ante o mundo exterior; o *narrativo* ou *épico*, em que há a presença de um narrador que conta uma história de um povo ou nação; e o *dramático*, que expõe o conflito dos homens e seu mundo.

Além dos gêneros mencionados por Aristóteles, a noção de que um texto deve se enquadrar em um determinado gênero passou a ser aplicada a outros textos. Conforme Bakhtin (2003, p. 280),

[...] tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais, contudo tem em comum a natureza verbal (lingüística).

Sendo assim, o texto literário sempre foi tratado como uma peça elitizada e que, portanto, distanciou sua leitura dos propósitos dialógicos preconizados por um processo, em que o leitor tivesse papel ativo na reconstrução de sentidos.

Pelo fato de a literatura de cordel ser carregada de toda uma expressividade e historicidade relacionada à cultura popular, sentimos a necessidade de contemplá-la não só em sua expressão literária, mas também como prática sócio-discursiva. A necessidade de entender as formas comunicativas de um mundo prosaico levou Mikhail Bakhtin à formulação dos gêneros discursivos cuja primeira reflexão a ser feita foi sobre a própria língua, vista como matriz de todas as atividades humanas, sob a forma de enunciados, orais ou escritos, que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. Os enunciados para Bakhtin (2003, p. 262) refletem “o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional”.

Os gêneros do discurso, segundo o autor, são divididos em primários e secundários, separação esta promovida pela grande variação da capacidade da atividade humana, manifestando a heterogeneidade dos discursos.

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sócio-política. Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal (BAKHTIN, 2003, p. 281).

De acordo com essa classificação, podemos considerar a literatura de cordel como um gênero secundário, uma vez que trata de uma manifestação artística da cultura popular, apresentando uma estrutura complexa e elaborada.

Se a literatura recorre às camadas correspondentes da literatura popular para atender às suas necessidades, ela faz uso, obrigatoriamente, dos gêneros do discurso através dos quais essas camadas se atualizaram (ROJO, 2006), aumentando assim as possibilidades de exploração do estilo e da estética desse tipo de produção artística.

Concluimos acerca do estudo de gêneros e tipos textuais que estes são formas de composição, que atendem às necessidades primárias de comunicação e aqueles são formas mistas de composição, que organizam e concretizam o discurso. Atendem a uma finalidade social específica, por isso se agrupam pelo tema, pela função e pelo estilo.

Por fim, chegamos às classificações da Literatura de Cordel por *ciclos temáticos*. Para se entender esta classificação, buscamos em Houaiss (2001) a definição de *ciclo e temática*: a primeira compreende uma “série de fatos que ocorrem periodicamente” e a segunda corresponde a um “conjunto dos temas que caracterizam uma obra literária ou artística”. Ao aglutinarmos os dois termos, ainda, no nível de tentativas, teríamos: *conjunto dos temas que caracterizam uma obra literária ou artística, com ocorrências periódicas*, ou *conjunto de obras, de uma época, sobre um determinado tema*, conceitos estes, também, equivocados, devido à fluidez, a versatilidade dos poetas e diversidade de temas conservados e transmitidos por narrativas inspiradas, criadas ou recriadas do imaginário tradicional que nos chegaram através da Península Ibérica.

Assim, procuramos na Literatura de Cordel, desenvolver um trabalho no sentido de apresentar, nesse espaço discursivo, a questão das classificações temáticas, que, segundo Menezes (2006, p. 2):

A quase unanimidade dos que se desbruçaram sobre a literatura de cordel – ou “Literatura Oral”, como querem Câmara Cascudo e outros folcloristas nas pegadas do estudioso francês Paul Sébillot – propôs uma classificação por temas do material que compõe esse gênero de produção da cultura popular nordestina.

Iniciamos nossa discussão com o depoimento de dois pesquisadores em literatura popular, sobre os ciclos temáticos.

Para o Prof. Gilmar de Carvalho, da Universidade Federal do Ceará, “a divisão em ciclos não é a forma mais adequada para se encaixar esta fértil produção cultural –

além de reducionista, a classificação empobrece a compreensão real do cordel. [...] é possível apontarem-se alguns temas presentes com maior intensidade nos livretos [...]: a religiosidade, o cangaço e a seca, por exemplo, além de personalidades recorrentes como Padre Cícero e Antonio Conselheiro, são temas que refletem a nossa realidade, contaminados pela nossa visão de mundo” (apud DOURADO, 2007, p. 1).

O Prof. Eduardo Diatahy B. de Menezes é da mesma opinião quando considera que “o procedimento classificatório da produção simbólica das narrativas populares em verso não deveria ser por ‘ciclos temáticos’. É um procedimento equivocado, antes de tudo, na sua própria lógica interna e, também, na exigência não atendida de conhecimento extensivo do universo do ‘corpus’ dessa literatura” (apud DOURADO, 2007, p. 2).

Dos estudiosos pesquisados, encontramos estrangeiros como Julio Caro Baroja, Robert Mandrou, Genevière Bollèrie e Paul Zumthor que propõem uma classificação por tipos e categorias, mas que não atendem às variações e diversidades temáticas do cordel brasileiro.

A seguir apresentamos algumas classificações propostas no exterior e no Brasil e as análises que, ainda, poder-se-ão fazer sobre tais classificações.

1 Julio Caro Baroja, com base nos folhetos publicados na Espanha, propõe a seguinte classificação:

- a. Antigos
- b. Cavalheirescos
- c. Novelescos: de amores e aventuras
- d. Novelescos: biográficos e de aventura propícia
- e. De cativos e renegados
- f. De mulheres valentes
- g. De homens bravos e aventureiros
- h. De contrabandistas e guapos
- i. De bandoleiros
- j. Históricos
- k. Religiosos: hagiográficos

- l. Religiosos: castigos de Deus
- m. Religiosos: milagres e intervenções da Virgem Maria
- n. Religiosos: expositivos, didáticos
- o. Religiosos: ascéticos
- p. Casos raros e prodígios
- q. Crimes
- r. Controvérsias
- s. Satíricos: sobre as mulheres
- t. Satírico: sobre pessoas de distinta condição
- u. Narrações fantásticas: contos conhecidos no folclore europeu
- v. Contos localizados
- w. Para representar diálogos e monólogos
- y. Desilusões

2 Robert Mandrou, apresenta a classificação referindo-se à coleção *Bleue* (séculos XVII e XVIII), da *Littérature de colportage* francesa:

- a. A mitologia feérica, o maravilhoso pagão: contos de fadas, grandes mitos, *Gargantua, Scaramouche* etc.
- b. Conhecimentos do mundo: calendários, almanaques, ciências ocultas, feitiçarias etc.
- c. Fé e piedade: cânticos espirituais, devoções, vida de santos
- d. Arte e sensibilidade populares: romances, o burlesco, a canção profana, o teatro, o crime, o amor e a morte.
- e. As representações da sociedade: ofícios, jogos, educação, o legendário histórico, a sociedade nobiliária, etc.

3 Genevière Bollérie, historiadora francesa, propõe uma tipologia por ordem de importância das categorias:

- a. Assuntos religiosos
- b. Histórias romanceadas

- c. Atualidades
- d. Facécias

4 Paul Zumtor, especialista em poética oral, reduz as classificações a dois conjuntos temáticos:

- a. Dominante ética (graças, desgraças, méritos ou deméritos)
- b. Dominante heróica (aventuras de indivíduos históricos ou legendários)

No Brasil, muitos estudiosos se aventuraram no caminho da classificação temática da literatura de cordel. Dessa forma, discorremos as classificações propostas por estudiosos e pesquisadores da Literatura de Cordel, que para alguns consideravam *Tipologia* e para outros *Ciclos Temáticos*.

1 Orígenes Lessa registra uma série de temas permanentes e tipos:

1.1 Temas:

- a. Desafio
- b. Real ou Imaginário
- c. Histórias tradicionais
- d. Cangaço
- e. Antônio Silvino, Lampião, Maria Bonita
- f. Seca e Retirantes
- g. Vaqueiros e Vaquejada
- h. Mística
- i. Histórias Bíblicas
- j. Profecias
- k. Milagres
- l. Festas Religiosas
- m. Beatas e Santos do Sertão
- n. Padre Cícero
- o. Sobrenatural
- p. O diabo

q. Romances de Amor, de Aventuras, Trágicos

1.2 Tipos:

- a. Crimes
- b. Desastres
- c. Acontecimentos Policiais
- d. Revoluções
- e. Campanhas Eleitorais
- f. Fatos Políticos
- g. Luta Ideológica: Guerra da Coréia, Hitler, etc.
- h. Miséria do povo
- i. Eleições
- j. Getúlio e sua morte
- k. Crítica de costumes
- l. Sátira Política e Social: crises, preços, falta de luz, etc.

2 Cavalcanti Proença registra a classificação adotada pela Fundação Casa de Rui Barbosa:

- a. Herói Humano
- b. Herói Singular
- c. Herói Sobrenatural
- d. Herói Metamorfoseado
- e. Natureza: Regiões, Fenômenos
- f. Religião
- g. Ética: Sátira Social (Humorismo, Sátira Econômica, Exaltação, Moralizante)
- h. Pelejas
- i. Ciclos: Carlos Magno, Antonio Silvino, Padre Cícero, Getúlio, Lampião, Valentes, Anti-heróis, Boi e Cavalo
- j. Miscelânea: Lírica, Guerra, Crônica (descrições)

3 Roberto Câmara Benjamin sugere uma classificação sobre os temas de religião:

- a. Folhetos informativos: os que registram fatos de época ou de acontecido
- b. Romances: narrativas tradicionais para entreterimento e distrações
- c. Opinião, inclui a crítica social.

4 Manuel Diegues Júnior adotou a seguinte classificação:

4.1 Temas Tradicionais:

- a. Romances e novelas: do romanceiro português, a literatura de cordel do Nordeste, recebeu a transmissão de narrativas tradicionais, uma de fundo histórico, sobretudo das velhas gestas medievais, outras de criação erudita. As novelas representavam criações poéticas que permitiam fixar fatos e acontecimentos.
- b. Contos maravilhosos: de onde vêm os contos populares, como de “fadas”, Histórias de Trancoso (Portugal), Contos de Perrault (França), Histórias da Carochinha.
- c. Estórias de animais: o homem prestigiando certos animais, que se tornaram colaboradores do homem na tarefa de ocupar a terra e desenvolver a criação.
- d. Anti-heróis: peripécias e diabruras: do mundo infantil, lendas, estórias, narrativas de heróis e de aventuras.
- e. Tradição religiosa: em época, cujos meios de comunicação não eram aperfeiçoados, encontrou no folheto um intermediário para a difusão das ideias religiosas, histórias de Jesus ou vida de santos.

4.2 Fatos Circunstanciais ou Acontecidos:

- a. de natureza física: enchentes, cheias, secas, terremotos, etc.:
- b. de repercussão social: festas, desportos, novelas, astronautas, etc.: são desastres e acidentes, crimes e tragédias, assuntos políticos e sociais, a chegada do homem à lua, o tricampeonato do futebol, o interesse pelas novelas de televisão.
- c. cidade e vida urbana: fixação de aspectos da vida urbana, descrição das cidades e dos Estados.

- d. crítica e sátira: os padrões tradicionais são sempre motivos de apego na mentalidade do homem rural, ou do cidadão, influenciado pelos valores oriundos de sua origem mais remota.
- e. elemento humano: figuras atuais ou atualizadas (Getúlio, ciclo do fanatismo e misticismo, ciclo do cangacerismo, etc.), tipos étnicos e tipos regionais, etc.: pessoas que se destacaram, no bem ou no mal, e que, popularizando-se na memória coletiva, tipos humanos, tipos étnicos ou tipos regionais, que aparecem na paisagem social.

4.3 Cantorias e Pelejas

4.3.1 Cantorias: apresentam duas formas:

- a. Tradicional: é a chamada “obra feita”, e se traduz na persistência de versos que o poeta conserva acerca de fatos históricos, de assuntos matemáticos, geográficos, gramaticais, astronômicos, definições e conceitos. São versos que o cantador pode lançar ou apresentar perante seu público, em qualquer oportunidade, quase como um desafio ao seu adversário ou a outros cantadores.
- b. Improvisado (de momento): verso improvisado que surge diante de uma situação, de uma pessoa, de um fato, em que o cantador revela sua capacidade de criação, de fixar um fato ou de dar perfil de uma pessoa presente.
- c. Pelejas: é um aspecto da cantoria apresentado quando dois cantadores se encontram e revelam seus conhecimentos em sextilhas, martelos, décimas, agalopados, gemedeadas, etc.

5 Ariano Suassuna propõe a classificação por ciclos temáticos e tipologia de poetas populares e de romances versados:

Ciclos Temáticos:

- a. Ciclo Heróico, Trágico e Épico
- b. Ciclo do Fantástico e do maravilhoso

- c. Ciclo Religioso e de Moralidades
- d. Ciclo Cômico, Satírico e Picaresco
- e. Ciclo Histórico e Circunstancial
- f. Ciclo do Amor e de Fidelidade
- g. Ciclo Erótico e Obsceno
- h. Ciclo Político e Social
- i. Ciclo de Pelejas e Desafios

Tipologias dos Poetas Populares:

- a. Poetas de loas e folhetos
- b. Cantador de repente
- c. Poeta de estro, cavalgação e reinação
- d. Poeta de sangue
- e. Poeta de ciência
- f. Poeta de pacto e estrada
- g. Poeta de memória
- h. Poeta de planeta

Tipologia dos Romances:

- a. de amor
- b. de safadeza e de putaria
- c. cangaceiros e cavalarianos
- d. de exemplo
- e. de espertezas, estradeirices e quengadas
- f. jornaleiros
- g. profecia e assombração

6 Liêdo Maranhão de Souza, estudioso pernambucano da literatura de cordel, propõe a classificação por folhetos e romances:

6.1 Folhetos:

- a. **de conselhos:** são folhetos de pais aconselhando os filhos, do poeta dando conselhos à “mocidade sem freios”, aos casados e às mulheres que “são falsas aos maridos”
- b. **de corrupção:** são os que falam da humanidade envolvida na corrupção. Dos homens do “iê-iê-iê”, das “viúvas de poucos meses que se pintam demais”, de “mancebos impuros”, “que só querem viver de farra, dança, damas, ditados e namoro no escuro”.
- c. **de cachorrada ou descaração:** são os que falam de “cabeludos com calças apertadinhas passeando de chinela pelas ruas” e de “mulher que quer passar por moça, mas deitou-se no capim”. Falam de mocinhas “xumbregueiras” e de casamentos de “mulher macho e fêmea com mulher fêmea e macho”.
- d. **de profecias:** são folhetos nos quais muitas vezes, o poeta, de chapéu na mão e olhando para o alto, numa roda de cantoria, pedi aos que escutam para ouvir com atenção “o que diz esta santa profecia”. Daí fala do “aviso que teve a Santa Beata ou dos três dias de escuro”, “com a lua ficando avermelhada e o sol nascendo no poente”, são folhetos que se podem confundir aos de Padre Cícero, Frei Damião, Corrupção e Eras.
- e. **de gracejo:** escritos “para fazer o matuto rir no meio da feira”. Irreverentes, plenos de duplo sentido, alguns são levados às escondidas nas maletas dos folheteiros, que não ousam “cantá-los” nas feiras por temerem os fiscais que vivem atrás dessa pobre gente, à procura de motivos para apreender-lhes os livretos e, a custa de tais ameaças, conseguirem “uns trocados para a brama”.
- f. **de acontecidos ou de época:** são histórias de circunstâncias. Eventos registrados pelo jornal do matuto. Podem-se confundir a muitos outros desta classificação, mas o que os caracteriza bem é o seu aspecto jornalístico.
- g. **de carestia:** os poetas “metem o pau” nos “tubarões” que exploram a pobreza que “vive se acabando nas unhas desses miseráveis”. Denunciam os pesos falsificados e a ladroeira no meio das feiras. Falam dos preços do

bagre, da tripa, da carne salpresa, do caranguejo e do “figo de alemão”, que andam “àquelas alturas”; “pobre só passa bem quando é chifrudo...”.

- h. **de exemplos:** registram os “exemplos”, interpretados como punição infligida aos homens pela divindade: “a nação castigada e o povo desobedecendo aos poderes do Messias...”.
- i. **de fenômenos:** folhetos que falam “do povo no lodaçal do pecado, sem dá crença às palavras do Onipotente ou de “Deus de lá de cima, mostrando os fenômenos”, para “exemplar a humanidade e os ateus incrédulos”. Confundem-se, assim, com a categoria dos “folhetos de exemplo”.
- j. **de discussão:** descrevem os intermináveis “bate-bocas” do “crente” com o cachaceiro”, de solteiros com “chifrados”, do “crente” com o “catimbozeiro”, dos fiscais, eternos algozes, no meio das feiras.
- k. **de pelejas:** são folhetos de “criação”, escritos, às vezes, em homenagem a um amigo poeta. Contam-nos os seus autores que imaginam, de início, um encontro em casa de um fazendeiro (o desafio entre dois “bambas”), encomendando de pronto o clássico “clichê” de madeira representando as figuras de dois cantadores sentados, dedilhando a viola em desafio, gravura comumente encontrada nas capas das publicações do gênero.
- l. **de bravuras ou valentia:** falam de fazendeiros que dão abrigo aos que fazem o cangaço, de figuras de “negros perversos” e valentões que “roubam moça pra casar no outro dia”.
- m. **de ABC:** são folhetos de oito páginas em quadras, sextilhas, décimas, ou em estrofes de sete versos. Dos abc’s, grande número é de natureza biográfica, discorrendo sobre a vida de “homens ilustres”.
- n. **de Padre Cícero:** folhetos que falam dos conselhos, sermões, milagres, morte, etc. do padre do Juazeiro, e incluem descrições da cerimônia de inauguração da sua estátua no Horto e de sua canonização pela Igreja Brasileira. Quase todos os poetas populares escreveram sobre aquele a quem chamam carinhosamente de “Meu Padrinho”, isto em forma de folheto ou mesmo de oração ou “bendito”, vendidos durante as romarias.
- o. **de frei Damião:** folhetos que falam sobre o missionário italiano em suas andanças pelo sertão nordestino. Contam como chegou a Juazeiro, enviado

do Pai Eterno, para receber do Padre Cícero, na hora da sua morte, os seus romeiros. Falam igualmente, dos seus sermões, milagres e profecias.

- p. **de Lampião:** narrativas, em verso sobre a vida do famoso bandoleiro e seu bando, em escaramuças com a polícia caatinga a dentro, seus amores com Maria Bonita, e sua morte violenta.
- q. **de política:** tratam “do que se vê em políticas” e refletem o desencanto do povo com falsas promessas de alguns dos seus representantes.
- r. **de safadeza ou putaria:** Não há intenção de ofender a moralidade pública. O poeta situa-se na objetividade ingênua própria da literatura de cordel.
- s. **de propaganda:** de remédios, onde se encontram estórias de fazendeiros que “sofrendo dos nervos”, tomaram o “Xarope de Mulungu Mrometado”, curando-se para sempre da “molesta” que os afligia.

6.2 Romances

- a. **de amor:** falam de dramas, envolvendo “esposas honestas, mulheres devassas, e maridos cruéis”.
- b. **de sofrimento:** falam de donzelas capazes de “levar a virgindade para dentro do frio chão”, de “corações que se encontram por força do destino”, mas, sendo “um, firme; outro, traiçoeiro”, tem de “caminhar contra a sorte”.
- c. **de luta:** ao contrário dos folhetos de bravuras, que tem como cenário o interior sertanejo, os “romances de lutas” se desenrolam na cidade. Seus heróis não são vaqueiros.
- d. **de príncipe, fadas e reinos encantados:** são estórias que se passam “no coração da Grande Ásia”, no “Sudão Antigo”, “nos confins do horizonte”, ou, com freqüência, “num reino muito distante”. Contam o drama de príncipes apaixonados e de princesas “órfãs de pai e mãe”, criadas por fadas misteriosas “de grandes poderes”. Falam, igualmente, de fortalezas guardadas por monstros encantados.

7 Sebastião Nunes Batista, pesquisador da literatura de cordel, divide a temática em três grupos:

- a. Os gêneros tradicionais (romances, novelas, contos maravilhosos e heróicos, estórias de animais e da tradição religiosa)
- b. Fatos circunstanciais ou acontecidos de natureza física (enchentes, secas, terremotos, etc.), de repercussão social (festas, desportos, novelas, etc.), cidade e vida urbana, crítica e sátira, elemento humano (figuras atuais ou atualizadas), o ciclo do fanatismo e misticismo, o ciclo do cangaceirismo etc.
- c. cantorias e pelejas, que são poemas improvisados e recitados por dois poetas sobre temas diversificados.

8 Gustavo Dourado, poeta e cordelista baiano, criou uma classificação dos principais temas e ciclos do cordel que abordam vários assuntos:

- a. Religiosidade
- b. Costumes
- c. Romances
- d. História
- e. Heroísmo: heroico, façanhas
- f. Cavalaria: vaqueiros, bois, cavalos, animais
- g. Valores, moral e ética
- h. Atualidades, circunstâncias, fatos e acontecidos
- i. Fantasias: fantástico, maravilhoso
- j. Biografias e personalidades
- k. Poder, estado e governo
- l. Política e corrupção
- m. Exemplos
- n. Intempéries da natureza: secas, inundações, terremotos etc
- o. Crimes
- p. Cangaço, valentia, coronelismo, banditismo e jagunçagem, Lampião, Antônio Silvino, Corisco
- q. Padre Cícero
- r. Getúlio Vargas

- s. Antônio Conselheiro
- t. Internet, televisão e tecnologia
- u. Crítica e sátira, humor
- v. Obscenidade, putaria e sacanagem: pornocordel
- w. Terrorismo
- x. Guerras
- y. Modernidade e contemporaneidade

- 9 Alves Sobrinho (2003, p. 109), de acordo com a temática trabalhada, apresenta tipologias para os folhetos:
- a. Gracejos e Espertezas, o primeiro apresenta uma temática humorística e o segundo mostra personagens pícaros ou espertalhões.
 - b. Profecias, este tipo de folheto se divide em dois tipos: profecias de Inverno e Profecias do fim do mundo
 - c. História de inspiração popular, criada pelo próprio poeta.
 - d. Religião e Batismo, neste tipo de cordel a maioria dos temas giram em torno da Igreja Católica, do chamado catolicismo popular.
- 10 Pinheiro e Lúcio (2001) reduzem a quatro os tipos de folhetos, a saber:
- a. folhetos de pelejas, são reproduções de desafios ocorridos entre cantadores
 - b. folhetos de circunstâncias que tratam de acontecimentos políticos, sociais, histórias curiosas ou assombrações
 - c. ABCs, neste tipo de folheto cada estrofe corresponde a uma letra do alfabeto
 - d. romances, textos que tratam de história de amor impossível, de aventura e mistério.
- 11 Irani Medeiros, poeta popular paraibano, divide a poesia popular nordestina em ciclos temáticos:
- a. da utopia: folhetos cujos assuntos fogem à realidade
 - b. do marido logrado: folhetos que tem como tema o marido enganado, o corno, chifrudo

- c. do demônio logrado: folhetos sobre o diabo que é por todos enganado
- d. dos bichos que falam: folhetos que exploram o tema dos bichos que falam, algumas vezes, verdadeiras lições de moral aos homens
- e. erótico da obscenidade: folhetos que tem o sexo como temática, representado simbolicamente por muitos de seus apelativos usados no Nordeste, como banana, macaxeira, fumo, quiabo, lingüiça, dentre outros.
- f. de exemplos e maldições: folhetos que falam de pessoas que se transformaram em bichos por haverem profanado o sagrado.
- g. heróico fantástico: folhetos que contam as bravuras dos cangaceiros e dos amarelinhos que ninguém dá nada por eles mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes.
- h. histórico e circunstancial: em que os poetas populares tomam conhecimento do cotidiano local, regional, nacional e universal.
- i. do amor e bravura: onde o amor e bravura são representados por folhetos que exploram “o ranço do romanesco medieval”.
- j. cômico satírico: folhetos em que a comicidade e a sátira estão presentes, até mesmo no ciclo heróico, nos desafios, nas pelejas.
- k. da súplica: é uma espécie de oração, mais dirigida a Deus, aos santos, etc.
- l. de lamúria: o abatimento físico ou moral por causa das vicissitudes da vida.

12 Francisca Neuma Fachine Borges, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba, dividiu a temática dos folhetos em dois grupos:

- a. Folhetos que versam sobre temas considerados antigos, vindos das tradições ocidental ou oriental.
- b. Folhetos que tratam do contexto nacional, mais particularmente o nordestino.

A maneira como o cordel está sendo classificado nas bibliotecas e as tentativas de classificá-lo exige o estabelecimento de classes temáticas que permitam e possibilitem, de maneira uniforme, a armazenagem, a organização e a recuperação dos

folhetos de cordel pelo tema tratado por eles. Conhecer as classificações já existentes foi fundamental para a proposta apresentada no presente estudo.

Orígenes Lessa apresenta temas, tipos e atores. Na classificação por temas, considera os atores *Antonio Silvino, Lampião, Maria Bonita, Vaqueiros, Beatas, Santos do Sertão, Padre Cícero* e o *Diabo*, como temas. Quando apresenta a classificação por tipos, relaciona, na verdade, temas. Como exemplo, citamos o *cangaço* e a *seca*.

Na classificação de Cavalcanti Proença, temos como exemplos: religião, Carlos Magno e crônica, que constituem classe temática, ciclo e modalidade textual pertencente ao gênero narrativo, respectivamente.

Roberto Câmara Benjamin, sugere uma classificação para os temas de *religião: fatos de época ou de acontecido, romances e opinião*. No entanto, para a primeira classificação alguns estudiosos consideram *ciclo*; a segunda, é gênero e a última é um julgamento de valor.

Manuel Diegues Júnior adota uma classificação por *temas tradicionais, fatos circunstanciais ou acontecidos* e por *cantorias e pelejas*. Na classificação por temas, encontramos os gêneros *romances, novelas e contos*, por exemplo; na segunda classificação por *fatos circunstanciais ou acontecido*, como já exposto, é denominada por alguns estudiosos por *ciclo*; e por fim *cantorias e pelejas*. Esta última divide *cantorias* em duas formas: *tradicional* e *improvisado* com temas diversos, entretanto apresenta a *peleja* como aspecto da *cantoria* em que os cantadores apresentam seus conhecimentos sobre *sextilhas, martelos* etc., que são classificações silábicas e estróficas.

Ariano Suassuna, embora apresente uma classificação por *ciclos temáticos*, mostra a vulnerabilidade desta classificação. Em seu artigo intitulado “Violeiros e cirandas: poesia improvisada” afirma:

Às vezes, porém, no ciclo heróico, no meio de um romance épico – ou em que se misturam o épico e o maravilhoso – como em *A chegada de Lampeão no inferno*, aparece o cangaceiro heróico, como se fosse um sansão sertanejo, armado com uma caveira de boi (SUASSUNA, 1997, p. 221).

Ainda sobre este autor, fica o questionamento sobre a *Tipologias dos poetas populares*: o que levou Ariano a chamar *poetas de loas e folhetos*, por exemplo, se ele apresenta uma proposta de classificação para os folhetos de cordel? E o *poeta de sangue* for aquele que escreve sobre “violência”? Apresenta também uma classificação por *tipologia dos romances*, estes considerados folhetos mais longos, entretanto poderiam estar na sua classificação por *ciclos*, como exemplo citamos os *romances de amor* que se enquadrariam no *ciclo do amor e de fidelidade*.

Liêdo Maranhão propõe uma classificação por *folhetos e romances* e apresenta a descrição de cada classe. O próprio autor apresenta, também, a vulnerabilidade de sua classificação quando afirma, por exemplo, que nas classes *folhetos de profecias* e *folhetos de acontecidos ou de época* são folhetos que podem ser classificados “a muitos outros desta classificação”, além de outros estudiosos considerarem como *ciclos*.

Em Sebastião Nunes Batista, observamos numa mesma classificação gêneros, temas e ciclos. Os gêneros *romances, novelas e contos* estão na mesma classificação das *estórias de animais e religiosas*. Os temas *secas e enchentes* estão presentes no grupo *fatos circunstanciais ou acontecido*, denominado por alguns estudiosos por *ciclos*.

Gustavo Dourado apresenta atores, temas e ciclos numa mesma classe. O peregrino *Antonio Conselheiro*, os cangaceiros *Lampião* e *Corisco* estão na mesma classe dos temas *cangaço, valentia, coronelismo e jagunçagem* e estes são classificados por alguns estudiosos como o *ciclo do cangaço* ou o *ciclo da bravura e valentia*.

Alves Sobrinho apresenta uma classificação generalista e incompleta por *tipologias*, entretanto não apresenta nenhuma modalidade textual. O que o autor chama de *tipologias* são *classe temática e tema, religião e beatismo*, respectivamente.

Pinheiro e Lúcio apresentam uma classificação por tipologia de folhetos que supostamente tratam de alguns temas e ciclos, como neste último, o que chama de *circunstâncias*. A classificação estrófica *ABC* é considerada pelos autores como “tipo de folheto”.

A classificação de Irani Medeiros é apresentada por *ciclos temáticos*, classificação esta também considerada por alguns estudiosos. Aqui retomamos a

análise de Ariano Suassuna quando exemplifica o cordel *Lampeão no inferno*, folheto que pode ser classificado em vários ciclos: no heróico fantástico, no cômico satírico e de lamúria.

Por fim, a classificação de Neuma Fachine Borges se apresenta ao mesmo tempo simplificada e generalista. Divide a temática em folhetos que versam sobre temas considerados “antigos” e os que versam sobre o “contexto” brasileiro.

Observamos que estes estudiosos criaram suas próprias classificações, rejeitaram as de outros, fizeram acréscimos e arranjos; outras extensas, inconsistentes, redundantes, confusas, com misturas de gêneros, tipologias e temas, entretanto, não conseguiram fugir das classificações por ciclos temáticos, que é outro equívoco que salta aos olhos, porque os temas são recorrentes e independentes do seu tempo na história e no imaginário.

Diante da análise das classificações apresentadas, corroboramos com Propp (1973, p. 12), quando nos mostra a necessidade de iniciar um trabalho mais analítico para se ter uma classificação correta da literatura de cordel.

Uma classificação exata é um dos primeiros passos da descrição científica. Da exatidão da classificação depende a exatidão do estudo ulterior. Todavia, posto que a classificação tenha o seu lugar na base de todo estudo, ela própria deve ser o resultado de um exame preliminar aprofundado. Ora, é justamente o inverso que podemos observar: a maioria dos pesquisadores começa pela classificação, introduzindo-a de fora no corpus quando, de fato, deveriam deduzi-la a partir deste.

A literatura de cordel, no Brasil, não evoluiu de forma harmoniosa. A literatura oral, que antecipou a escrita, sempre buscou uma forma estrutural para compor suas estrofes, que no início eram sem métrica, mas com versos, o que muitas vezes, serviu para definir o gênero. Esses gêneros orais foram adotados para a literatura popular escrita, embora esta, aos poucos, tenha conseguido ampliar seus gêneros, alguns sob a influência jornalística ou da literatura erudita. A esta classificação denominamos de *silábica e estrófica*.

O verso mais curto conhecido na literatura é a *parcela* ou de *quatro sílabas*. A *parcela* é um gênero de cantoria constituída por estrofes com versos de *quatro sílabas*,

também conhecida como *Décima de versos curtos*. Embora hoje, ainda, existam cantadores que a usam nas despedidas feitas, costumeiramente, no final das apresentações; no passado, tinha o objetivo de confundir o oponente. Neste gênero, destacaram-se os cantadores Pedra Azul, Manoel da Luz Ventania, José Félix e o cego Benjamim Mangabeira. Como exemplo, apresentamos os versos de Pedra Azul:

*Eu sou judeu
Para o duelo!
Cantar Martelo
Queria eu!
O pau bateu
Subiu poeira!
Aqui na feira,
Não fica gente!
Queima a semente
Da bananeira!*

Surgida quase um século depois das estrofes de quatro versos, em a parcela de *cinco sílabas*, também, cantada em ritmo acelerado e que exigia rapidez de raciocínio do repentista, como encontramos na Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, texto escrito pelo poeta piauiense Firmino Teixeira do Amaral:

Pretinho
*no sertão eu peguei
um cego malcriado
danei-lhe o machado
caiu, eu sangrei
o couro tirei
em regra de escala
espichei numa sala
puxei para um beco
depois dele seco
fiz dele uma mala*

Cego
*Negro, és monturo
Molambro rasgado
Cachimbo apagado
Reganto de muro
Negro sem futuro*

*Pena de traição
Boca no porão
Beijo de gamela
Venta de moela
Moleque ladrão*

A evolução desta modalidade se deu, naturalmente, para formar a atual *sextilha*, estrofes de *seis versos* de sete sílabas, que passou a ser a mais indicada para os longos poemas romanceados. É a forma de cordel atual mais completa, a modalidade mais rica e obrigatória no início de qualquer embate poético, nas longas narrativas, sátiras políticas e sociais e em folhetos de época. José Camelo de Melo Rezende, poeta paraibano, exemplifica através dos versos seguintes:

*Eu vou contar a história
De um pavão misterioso
Que levantou vôo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso*

O cantador alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador fez uma adaptação à *sextilha*, criando o estilo de *sete versos*, conforme se pode averiguar no exemplo seguinte:

*Amigo José Gonçalves
Amanhã cedinho, vá
A Coatis, onde reside
Compadre João Pirauá,
Diga a ele dessa vez,
Que amanhã das seis a seis,
Deus querendo, eu chego lá!*

As *septilhas* são estrofes com rimas deslocadas, constituída de seis linhas, seis pés ou de seis versos de sete sílabas, nomes que têm a mesma significação. Na *Sextilha*, rimam as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos. No poema de José Pacheco da Rocha, poeta pernambucano, encontramos essas estrofes:

*Vamos tratar da chegada
Quando Lampião bateu
Um moleque ainda moço
No portão apareceu
- Quem é você, Cavalheiro –
- Moleque, sou Cangaceiro –
Lampião lhe respondeu.*

Atualmente de pouco uso, *Gabinete* foi um estilo muito apreciado pelo cego Aderaldo. É cantado em versos de sete sílabas, sem número de linhas determinado e com estribilhos nas linhas, como exemplifica o poeta pernambucano Otacílio Batista:

*O povo deseja ouvir
Um Gabinete bonito;
Poeta, só acredito
Se você não me mentir.
Trate de se prevenir
Para poder cantar bem
Eu comprei um cartão
Para viajar no trem:
Sem cartão ninguém vai,
Sem cartão ninguém vem!
Vai e vem, vem e vai,
Vem e vai, vai e vem.
Quem não tem o que eu tenho,
Morre danado e não tem!
Quem estiver com inveja,
Se esforce e faça também ...
Cavalo bom é ginete;
Quem não canta Gabinete,
Não é cantor pra ninguém!*

O *quadrão* tem sido o estilo que recebeu o maior número de alterações, não só na sua forma interna, mas, também, na estrutura das estrofes, em geral. O *quadrão* em oito apareceu com ligeira modificação na sua forma interna, isto é, o quarto verso que rimava somente com o oitavo passou a rimar também com o quinto. Numa homenagem póstuma ao ilustre mestre Lacerda Furtado, transcrevemos um *Quadrão* no novo estilo, por ele escrito e oferecido ao grande cordelista paraibano Joaquim Batista de Sena:

*Namorando a Salomé,
Vi a barca de Noé,
Palestrei com Josué,
Com Jacó e Salomão;
Travei luta com Sansão,
Nadei no delta do Nilo,
Montado num crocodilo,
Cantando os oito em Quadrão!*

Com versos de doze sílabas, e conservando a mesma ordem das rimas do estilo anterior, criou-se o *quadrão trocado*, estilo que exige muita segurança e desembaraço do repentista; apresentando, a partir da terceira linha, palavras que vão se alternando no verso subsequente. As duas últimas linhas da estrofe formam o estribilho que se encerra com a palavra *Quadrão*. O repentista pernambucano Dimas Batista improvisou esta difícil estrofe:

*É no sangue, é no povo, é no tipo, é na raça,
É no riso, é no gozo, é no gosto, é na graça,
É no pão, é no doce, é no bolo, é na massa:
É na massa, é no bolo, é no doce, é no pão;
É cruzado, é vintém, é pataca, é tostão,
É tostão, é pataca, é vintém, é cruzado;
É Quadrão, é Quadrinha, é Quadrilha, é Quadrado,
É Quadrado, é Quadrilha, é Quadrinha, é Quadrão.*

No *quadrão dialogado* o último verso é cantado pelos dialogantes e não por um só, como no caso anterior. Como exemplo, apresentamos o desafio dos cantadores cearenses Simplício Pereira da Silva e Manoel Furtado:

*S.P. Colega, lá vem um sapo,
M.F. Ou por outra, um cururu!
S.P. Não vem vestido nem nu,
M.F. Porém vem batendo o papo!
S.P. Eu, nele, dou um sopapo!
M.F. Boto fora do salão ...
S.P. Pego, nele, com a mão;
M.F. Depois rebolo no mato ...
S.P. O guaxinim come o fato,
S.P. e M.F. Lá se vai dez a Quadrão!*

O *moirão* sofreu grandes variações ao longo do tempo. É uma modalidade, em que os cantadores se revezam dentro da mesma estrofe. Exemplificamos um *Moirão* de seis linhas, cantado pelos paraibanos Romano e Inácio:

*I Seu Romano, estão dizendo
Que nós não cantamos bem!
R Pra cantar igual a nós,
Aqui não vejo ninguém
I E o diabo que disse isto
É o pior que aqui tem!*

A *décima*, embora de origem clássica, é um estilo muito apreciado, desde os primórdios da poesia popular, principalmente, por ser escolhido para os motes, em que os cantadores fecham cada estrofe com os versos da sentença dada, passando a estância a ser denominada de glosa. Vejamos os poetas paraibanos José Alves Sobrinho e Zé Limeira, como exemplo:

Mote:

*VOCÊ HOJE ME PAGA O QUE TEM FEITO
COM OS POETAS MAIS FRACOS DO QUE EU.*

Sobrinho:

*Vou lhe avisar agora Zé Limeira
Dizem que quem avisa amigo é
Vou lhe amarrar agora a mão e o pé
E lhe atirar naquela capoeira
Pra você não dizer tanta besteira
Nesta noite em que Deus nos acolheu
Você hoje se esquece que nasceu
E se lembra que eu sou bom e perfeito
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu.*

Zé Limeira:

*Mais de trinta da sua qualistria
Não me faz eu correr nem ter sobrosso
Eu agarro a tacaca no pescoço*

*E carrego pra minha freguesia
 Viva João, viva Zé, viva Maria
 Viva a lua que o rato não lambeu
 Viva o rato que a lua não roeu
 Zé Limeira só canta desse jeito
 Você hoje me paga o que tem feito
 Com os poetas mais fracos do que eu.*

A *parcela* é uma *décima* com versos de quatro ou de cinco sílabas, conhecida também pela denominação de *Décima de versos curtos*. Apresentamos, como exemplo, a peleja de Pedra Azul com o poeta paraibano Manoel da Luz Ventania:

Pedra Azul

*Eu sou judeu
 Para o duelo!
 Cantar Martelo
 Queria eu!
 O pau bateu,
 Subiu poeira!
 Aqui na feira,
 Não fica gente!
 Queima a semente
 Da bananeira!*

Manoel da Luz Ventania

*Sou bananeira ...
 Do alagadiço!
 Você diz isso
 Por brincadeira!
 Meto a madeira,
 Quebro a viola!
 Só me consola
 Te ver, um dia,
 De vara e guia,
 Pedindo esmola!*

Uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel é o *Martelo Agalopado*, criado por Jaime Pedro Martelo. As martelianas eram estrofes de dez versos de dez sílabas. Exemplificamos com os versos do mineiro Luiz Carlos Lemos, conhecido por Compadre Lemos:

*Quando as tripas da terra mal se agitam,
E os metais derretidos se confundem,
E os escuros diamantes que se fundem,
Da cratera ao ar se precipitam.
As vulcânicas ondas que vomitam
Grossas bagas de ferro incendiado,
Em redor, deixam tudo sepultado
Só com o som da viola que me ajuda,
Treme o sol, treme a terra, o tempo muda,
Eu cantando Martelo agalopado.*

As rimas encadeadas da *Toada Alagoana*, gênero pouco usado, mas de toada agradável são mostrada pelo pernambucano Otacílio Batista:

*Vai Otacílio Batista,
Repentista,
Neste momento tão forte,
Num estilo diferente,
No repente,
Correndo em busca da sorte...
Em noite de lua cheia,
Sou a sereia
Dos oceanos do norte!*

Os versos de *Galope à beira mar* são de onze sílabas, mais longos do que os de martelo agalopado, como estes de Joaquim Filho:

*Falei de sopapo das águas barrentas
de uma cigana de corpo bem feito
da lua, bonita brilhando no leite
da escuridão das nuvens cinzentas
do eco do grande furos das tormentas
da água da chuva que vem pra molhar
do baile das ondas, que lindo bailar
da areia branca, da cor de cambraia
da bela paisagem na beira da praia
assim é galope na beira do mar.*

Na *meia quadra* ou versos de quinze sílabas, outra modalidade aqui apresentada, cujas rimas e os versos são emparelhados:

*Quando eu disser dado é dedo você diga dedo é dado
 Quando eu disser gado é boi você diga boi é gado
 Quando eu disser lado é banda você diga banda é lado
 Quando eu disser pão é massa você diga massa é pão*

*Quando eu disser não é sim você diga sim é não
 Quando eu disser veia é sangue você diga sangue é veia
 Quando eu disser meia quadra você diga quadra e meia
 Quando eu disser quadra e meia você diga meio quadrão.*

Dez Pés de Queixo Caído está incluído na *Décima* e apresenta, no final de cada estrofe, o estribilho “Nos dez de queixo caído”, exemplificado nos versos do paulistano Glauco Mattoso:

*Não há cão neste planeta
 Que pene mais do que eu peno
 Vendo a noite em dia pleno!
 Por isso minha vendeta
 É fazer verso que meta
 No meio o tema encardido
 Com o qual o azar revido!
 Mais do povo sou motejo,
 Mais eu me prostro e rastejo
 Nos dez de queixo caído!*

A *Gemedeira* é um estilo de poesia, caracterizado pela interposição de quatro ou duas sílabas e formado pelas interjeições “ai! E ui! Ou ai! E hum!. O poeta paraibano Severino Pinto nos dá um exemplo:

*Cantei Mourão a Galope,
 Versejando como entendo!
 Vou passar pra Gemedeira,
 Como me pedem, eu atendo!
 Há pouco, cantei me rindo.
 Ai! ai! ui! ui!
 Agora canto gemendo!*

Das características formais da poesia popular apresentadas, atualmente, a *sextilha* foi e é uma das mais utilizadas no cordel, cujos textos os poetas contemporâneos apresentam com certo rigor na uniformização ortográfica e primor nas rimas.

Historicamente, a produção literária, sobretudo a escrita, foi privilégio de poucos, entretanto, as criações dos poetas clássicos passaram a ser cantadas, através dos tempos com regras claras para a composição do verso. Daí, herdou o cordel o seu estilo, as regras para a palavra escrita: da oralidade e da sonoridade do verso rimado.

4 CLASSES TEMÁTICAS DA LITERATURA DE CORDEL

4.1 PRELIMINARES

Considerando as teorias apresentadas, iniciamos nossa pesquisa pela leitura e análise dos folhetos de cordel, o que possibilitou a identificação e extração das figuras que conduziram aos temas, gerando assim as classes temáticas, que irão compor a classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas. Os resultados das análises, primeiramente, foram apresentados em forma de quadros e em seguida por um quadro resumo dos folhetos de cordel analisados por classe.

Descrevemos os percursos temáticos e seus revestimentos figurativos, graficamente representados por mapas conceituais, como ferramenta para demonstrar as relações semânticas existentes entre os temas e figuras na composição das classes temáticas.

O uso destes mapas possibilitou a visualização dos temas e figuras destacados em caixa de textos e palavras de ligação, *figurativizam* e *tematizam*, representadas por linhas e setas, que explicitam as relações entre eles. Aqui, vale ressaltar que não existe *mapa conceitual* “correto”. O mapa é construído a partir da maneira de ver, sentir e agir do pesquisador, por ser uma ferramenta muito flexível e que pode ser usada em uma variedade de situações com diferentes finalidades.

A descrição das classes temáticas elaboradas, ao final, permitirá ao bibliotecário, indexar os folhetos de cordel de forma precisa, além de garantir que um mesmo sistema ou sistemas afins usem os mesmos conceitos para representarem documentos semelhantes, bem como facilitará a comunicação entre o indexador, o usuário e o sistema com a utilização de um mesmo vocabulário.

4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS TEMAS E FIGURAS EXTRAÍDOS DOS FOLHETOS DE CORDEL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O cordel na adubação orgânica	Adubo	<i>Produzir adubo [orgânico]</i>	Adubação
O atravessador: a pior praga das lavouras brasileiras	Atravessador	<i>Ainda sofre com a praga Que é o [atravessador]</i>	Exploração
O projeto Asa Branca melhorando a terra seca	Produção	<i>Possuir melhor conforto E aumentar a [produção]</i>	Produção
Agricultura familiar desenvolvimento sustentável		<i>Do campo a produção Para se [desenvolver]</i>	
As terra de São Saruê	Pranta	<i>Pranta fruta de manhã De tarde come [madura]</i>	
Dicas para o sucesso do produtor de caju	Produza	<i>Produza com qualidade Zeze pelo seu [pomar]</i>	
Os nomes das flores	Plantei	<i>Em meu jardim brasileiro Já plantei uma [porção]</i>	Plantação
A esperança renasce...	Plantado	<i>Semente boa pra o chão Com diversificação Daquilo que foi [plantado]</i>	
A botânica em cordel	Vegetais	<i>Pesquisando os vegetais Colhi algumas [noções]</i>	

Quadro 1 - CLASSE TEMÁTICA: AGRICULTURA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Um cordel para Tiradentes	Inconfidentes	<i>Pois entre os [inconfidentes]</i>	Inconfidência
O Brasil na Antártida	Coragem	<i>Com amor fé e [coragem]</i>	Coragem
Um cordel para Bob Marley	Cultuado	<i>Entre nós é [cultuado]</i>	Homenagem
O cordel homenageia professor Raymond Cantel	Homenageado	<i>Por isso Raymond Cantel [É o homenageado]</i>	
A Bahia a Rodolfo Coelho Cavalcante	Homenagem	<i>Pra render esta [homenagem]</i>	
Marinês e sua gente no xaxado do cordel		<i>Em homenagem a [Marinês]</i>	
O Dia Internacional da Mulher em cordel	Homenagear	<i>Tenta homenagear Tantas formas [femininas]</i>	
Carlos Marighella vida e morte	Homenagens	<i>E os intelectuais Lhe renderam [homenagens]</i>	
Vida e obra de Leonardo Mota	Falarei	<i>O poeta, o orador Falarei do meu [patrono]</i>	
Setenta anos de vida do compadre J. Borges	Mestre	<i>Compõe como [grande mestre]</i>	
Huberto Rodhen vida e obra		<i>Que a sensibilidade Do grande mestre [é sentida]</i>	
Os grandes feitos de Rodolfo Teófilo	Benfeitor	<i>Que o povo cearense Foi um grande [benfeitor]</i>	
Raul maluco Beleza Seixas o nosso eterno Raulzito	Figura sem par	<i>Para mim foi Raulzito Uma figura sem [par]</i>	
Palestra	Notável Orgulho	<i>Homem notável, de fato! Orgulho dos [trovadores]</i>	
Maestro Cascudo	Orgulho	<i>Orgulho de los [potiguares]</i>	
Odisséia de um mito chamado Ariano		<i>Fincado como granito O orgulho da [nação]</i>	
Humberto Teixeira o doutor do baião		<i>Para tornar-se o orgulho Do nosso [cancioneiro]</i>	
Marines- A imortal rainha do forró	Orgulha	<i>Que orgulha sobremaneira Aos que gostam da [arte]</i>	

Quadro 2 – CLASSE TEMÁTICA: BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
José Américo – Ministro das secas e pai da bagaceira	Lembrado Orgulho	<i>Por isso mesmo lembrado Com orgulho por [sua gente]</i>	Homenagem
José Martí	Lembrado	<i>Serás por todos [lembrado]</i>	
Oswaldo Cruz o maior sanitarista brasileiro	Maiores	<i>Como um dos sanitaristas Maiores da [humanidade]</i>	
Sócrates – Vida e morte em cordel	Maior	<i>Foi, de fato, o maior sábio [De toda filosofia]</i>	
Reinações de Lobato	Destaque	<i>Que teve destaque na Literatura [Infantil]</i>	
D.Ariano Suassuna – senhor das iluminogravuras	Rendo seu vulto	<i>Aonde rendo no [seu vulto]</i>	
Sinhá D’Amora uma dama das artes plásticas	Dama	<i>Mas Sinhá dama [da arte]</i>	
A história de Fred ou a obsessão das águas	Autodidata Registra Belos	<i>Inspirado autodidata Registra em belos [cartuns]</i>	
Recifenses ilustres	Ilustres	<i>Dos recifenses ilustres Que ganharam [projeção]</i>	
Euclides da Cunha e os sertões	Ilustre	<i>Pois o filho mais [ilustre]</i>	
Roberto Marinho a imprensa a serviço do mundo	Rei	<i>Assim é que se tornou Rei da [comunicação]</i>	
Isaac Newton	Gênios	<i>Foi um dos mais avançados Gênios da [humanidade]</i>	
Johann Gutemberg vida e obra		<i>Seu grande nome do livro Dos gênios da [humanidade]</i>	
Alexandre de Gusmão gênio e herói brasileiro	Gênio Herói	<i>Pois este gênio, [este herói]</i>	
Arquimedes – O maior dos sábios da antiguidade	Genialidade	<i>Pela genialidade Dum cientista sem [par]</i>	
Diomedio Silveira história de um líder	Caráter Virtude	<i>Com caráter e com [virtude]</i>	
Morreu Raquel de Queiroz – A escritora da vida	Ilustrada	<i>Essa escritora [ilustrada]</i>	

Quadro 2 – CLASSE TEMÁTICA: **BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Che Guevara o revolucionário	Aclamado	<i>E Che Guevara é aclamado Pelas ruas de [Havana</i>	Homenagem
Zé Lins do Rego – Um menino de engenho	Talentoso	<i>Romancista [talentoso</i>	
Maiakovski – O poeta da revolução	Apraz	<i>Morria, assim, o poeta Que hoje em [mundo apraz...</i>	
Santos Dumont gênio e pai da aviação	Laureado	<i>Deste gênio brasileiro Laureado com [medalhas</i>	
Patativa do Assaré – O poeta dos excluídos	Condor	<i>Salve, ó grande Patativa!... Grande condor dos [sertões</i>	
Luiz Gonzaga, a história de um Rei	Ícone	<i>Brilhará eternamente Como um ícone da [nação</i>	
Barão do Rio Branco	Símbolo	<i>Um construtor da história Símbolo da [cidadania!</i>	
Augusto Frederico Schmidt um autêntico brasileiro	Gigante	<i>Um autêntico brasileiro Articulador [gigante</i>	
Gilberto Amado	Marcado	<i>Seu nome ficou marcado Na nossa [diplomacia</i>	
Pai-de-santo marco Aurélio de Xangô	Condencorado	<i>Quando foi condencorado E ganhou pelo diploma Mereceu a [homenagem</i>	
Elino Julião: do Seridó à Copacabana	Enaltecer	<i>E o Seridó o [enaltece</i>	
O menestrel Teixeira com o “coração de luto”	Empoluto	<i>Foi um poeta [empoluto</i>	
Castro Alves o condor da poesia	Exaltar	<i>Exaltar o maior [gênio</i>	
Boris – Uma história, uma saudade!	Honado	<i>Um honrado [cidadão</i>	

Quadro 2 – CLASSE TEMÁTICA: **BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Laplace – momentos de um grande gênio	Honrado	<i>Há muito a grande honraria Pelos feitos [científicos]</i>	Homenagem
Luiz Gonzaga o pernambucano do século	Nobre Ilustre	<i>Pernambuco está de parabéns Pelo seu nobre e [ilustre filho]</i>	
Um menino de engenho chamado Zé Lins do rego	Criar	<i>Com isso sedimentar O seu jeito de [criar]</i>	
Darwin – Naturalista maior (1809-1882)	Respeitado	<i>Darwin foi um cientista Pelo mundo [respeitado]</i>	
Tributo a Renato Russo – O lendário poeta do rock brasileiro	Tributo	<i>Rendo em versos [meu tributo]</i>	
Jackson do Pandeiro, rei do ritmo	Louvor	<i>Pra Jackson do Pandeiro Aqui vai o meu [louvor]</i>	
Chiquinha Gonzaga a rainha chorona	Glorificada	<i>Chiquinha glorificada No musical se [destaca]</i>	
As aventuras do guerrilheiro Che Guevara	Guerreiro	<i>Porque foi grande guerreiro Do bem-estar [mundial]</i>	
Dominguinhos! um gênio do 3º milênio	Louvação	<i>Pra lhes fazer [louvação]</i>	Exaltação
O homem de barro Vitalino sua trajetória	Dote	<i>Que no barro concebida Ganhava seu [próprio dote]</i>	Habilidade
Patativa do Assaré o matuto letrado	Eterno	<i>Versando com maestria Ele se tornou [eterno]</i>	Reconhecimento
Mahatma Gandhi	Defensor	<i>Da liberdade do povo O mais puro [defensor]</i>	
Sivuca o Deus louro da sanfona	Reconhecendo	<i>Reconhecendo o valor Do sanfoneiro [arretado]</i>	
Mestre Cascudo	Reconhecimento	<i>Mas o reconhecimento Ao fenomenal [talento]</i>	

Quadro 2 – CLASSE TEMÁTICA: **BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Chateaubriand – Deus e diabo do Cariri um Umbuzeiro	Reconhecido	<i>Que impôs sua figura Ao mundo [reconhecido]</i>	Reconhecimento
Documentário da vida de Elizeu Ventania	Merecia Documentário	<i>Para saber quem merecia Um justo [documentário]</i>	
O gênio de Camões	Valor	<i>Camões foi poeta de [Indiscutível valor]</i>	
Zé Ramalho		<i>O Nordeste já nos deu Tanto artista de [valor]</i>	
Celso Furtado – o inimigo da fome		<i>Homem de tanto [valor]</i>	
Patativa do Assaré vida e obra do poeta do povo		<i>Patativa do Assaré [Foi poeta de valor]</i>	
Luiz Gonzaga “O cantor do século”		<i>Para escrever sobre Gonzaga Revelando o seu [valor]</i>	
Bertold Brecht – o poeta dos oprimidos		<i>Bertold Brecht, dramaturgo Poeta de grande [valor]</i>	
Otacílio Batista: a viola soluça saudade com a morte do grande repentista		Valores	<i>A cantoria perdeu Um de seus [grandes valores]</i>

Quadro 2 – CLASSE TEMÁTICA: **BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS	
Encontro de Zé lapada com Chico topa tudo	Violento	<i>Cada qual mais [violento]</i>	Violência	
Encontro de Kung Fu e Lampião	Meteu-lhe a faca	<i>Depressa meteu- [lhe a faca]</i>		
O crente e o cachaceiro	Meteu	<i>O crente meteu a biblia Na cara do [cachaceiro]</i>		
As aventuras de João desmantelado	Venceu	<i>Foi quem venceu [na estória]</i>	Vitória	
O encontro de Rodolfo Cavalcante com Lampião Virgulino	Cangaceiros	<i>Mais de 30 [cangaceiros]</i>	Cangaço	
O ataque de Mossoró ao bando de Lampião		<i>Já prestou pra [cangaceiros]</i>		
Lampião – herói nacional	Cangaceiro	<i>A vida de [cangaceiro]</i>		
Jararaca arrependido porque matou um menino		<i>Vou falar num cangaceiro Que com Lampião [andou]</i>		
Lampião... era o cavalo do tempo atrás da besta vida		<i>Fez Lampião [cangaceiro]</i>		
Diário de Chão Brillhante		<i>Um cangaceiro gigante Fiel aos seus Camaradas</i>		
Biografia de Lampião		<i>O famoso [cangaceiro]</i>		
Beija Flôr e Teodoro		<i>E cada um cangaceiro</i>		
Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita		<i>Transformou-se [em cangaceiro]</i>		
Jesuino Brillhante o cangaceiro-gentil		Cangaço	<i>Revirando o seu destino A entrar para o [cangaço]</i>	
Lampião: herói ou bandido?			<i>Uma marca que o cangaço conheceu</i>	
Eis um pouco de história de Jesuino Brillhante	<i>Para o mundo do [cangaço]</i>			
Lampião o capitão do cangaço	<i>Do grande rei do [cangaço]</i>			
Volta seca um menino no cangaço	<i>Do cangaço nas [entranhas]</i>			
História completa de Lampião e Maria Bonita	<i>Do cangaço o [soberano]</i>			
José Colatino, o cabra que levou 99 surras	<i>O Carranca arrependeu-se De se meter no [cangaço]</i>			
Sombras do cangaço ou a versão de Maria Bonita	<i>Pois te sigo qual [cangaço]</i>			

Quadro 3 – CLASSE TEMÁTICA: BRAVURA E VALENTIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Duelo de gigantes	Cangaço Cangaceiro	<i>Pra no cangaço Ingressar [...] Este aí é o [cangaceiro]</i>	Cangaço
Jararaca o cangaceiro militar	Cangaço Bandoleiros	<i>Apareceu o cangaço Com bandoleiros [locais]</i>	
O sucessor de Lampião Corisco	Cruel Cangaceiro	<i>Foi talvez o mais cruel Cangaceiro do [Nordeste]</i>	
O cangaço, sua origem e os bravos cangaceiros	Cangaceiro Coragem	<i>Cangaceiro tem coragem Sete vidas como [gato]</i>	
A chegada de Lampião no inferno	Lampião	<i>Saiba que sou Lampião</i>	
A candidatura de Lampião para presidente da república		<i>Lampião, homem [viril]</i>	
Visita de Lampião a Juazeiro		<i>Chegou aqui na cidade A famosa cabroeira Desse bravo [Lampião]</i>	
Lampião – herói de meia tigela		<i>Quem planta espinho não pode Colher flor, só colhe espinho, Foi isso que [Lampião]</i>	
Nascimento, vida e morte do cangaceiro Zé Baiano	Bandido	<i>Um bandido [desumano]</i>	
Asa Branca a inteligência a serviço do cangaço	Bandoleiro	<i>Respeitava a serviço do cangaço Do regime [bandoleiro]</i>	
Maria Bonita – A eleita do rei		<i>Para seguir Lampião O temido [bandoleiro]</i>	
Labareda o capador de covardes	Bandoleiros	<i>Os audazes Bandoleiros</i>	
Antonio Silvino – A justiça acima da lei		<i>Receberam os [bandoleiros]</i>	
O homem que não sabia que se chamava José	Assassino	<i>O desumano [assassino]</i>	Banditismo
Os coronéis do Nordeste	Banditismo	<i>Na vida do banditismo Cumpru o seu [destino]</i>	

Quadro 3 – CLASSE TEMÁTICA: BRAVURA E VALENTIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O grande debate de Lampião com S.Pedro	Bandido	<i>Não sabes que sois bandido Roubados de vida [humana</i>	Banditismo
As bravuras de Justino pelo amor de Terezinha	Medo	<i>Nunca assumi compromisso Com covardia ou [com medo</i>	Hesitação
Nascimento Grande um gigante da capoeira	Desafiado	<i>Sempre foi [desafiado</i>	Luta
Briga de Chico Torto com Salustrino Pancada	Briga	<i>Se gostar mesmo de briga Ta com o diabo de [lado</i>	
A briga do rapa com o camelô	Agarraram	<i>Os dois ali se agarraram Com o maior [desatino</i>	Crueldade
O coronel Mangagá e o seringueiro do Norte	Brigada	<i>O Mangagá avançou Deram começo a [brigada</i>	
O vaqueiro valente apaixonado	Derrubou	<i>Alonso com uma pernada Derrubou logo [uns dez</i>	
A pega do boi bargado no sertão jaguaribano	Brigar	<i>O boi se fez a [brigar</i>	
A briga de Chico trovão com Oswaldo Ventana	Brigando	<i>Do meu pai morrer brigando Demonstrando [valentia</i>	
Virginio o juiz do grupo de Lampião	Algoz	<i>Para julgar suas vítimas Transformava-se [em algoz</i>	Crueldade
Epopéia do boi Corisco ou a morte do vaqueiro desconhecido	Encurralar	<i>Para lhe encurralar Nunca apareceu ninguém</i>	Prisão
Jerônimo e Paulina o prêmio da bravura	Valente Venceu	<i>Jerônimo por ser valente Foi quem venceu a [questão</i>	Valentia
India Necy	Valente Força	<i>É mais valente que os índios Tem força e é [valorosa</i>	
História do valente Vilela	Valente	<i>De um homem [muito valente</i>	

Quadro 3 – CLASSE TEMÁTICA: **BRAVURA E VALENTIA**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Histórias do herói vaqueiro Zé Romão na pega de bois barbatãos	Pegou barbatão	<i>Pegou muito [barbatão]</i>	Valentia
Anita Garibaldi “A heroína dos dois mundos”	Guerreira	<i>Como guerreira, atacava, Dava apoio com [precisão]</i>	
As aventuras do filho de Antonio Cobra Choca	Coragem	<i>O gigante da [coragem]</i>	
Morreu o valente Tenório		<i>Foi um homem de [coragem]</i>	
História do valente sertanejo Zé Garcia do seu navio		<i>Se o Garcia tem coragem De pegar o [barbatão]</i>	
A vida de peão de rodeio		<i>Por isso precisa ter A coragem pra [montar]</i>	
História de Mariquinha e José de Sousa Leão	Valentão	<i>Estou muito satisfeito Temos um genro [valentão]</i>	
O covarde marinheiro que salvou a tripulação	Salvou	<i>Neste momento o marinheiro [...] Junto do que afundava E à tripulação [salvou]</i>	Salvação
Os amores de Chiquinha e as bravuras de Apolinário	Bravo	<i>Dum homem bravo que brigue De vinte e seis [qualidades]</i>	Bravura
Biografia de Sebastião Pereira e Silva de Serra Talhada	Comandava	<i>Comandava cangaceiros Na lama e na [poeira]</i>	Liderança

Quadro 3 – CLASSE TEMÁTICA: **BRAVURA E VALENTIA**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
As Craíbas	Olhava	<i>Lá na beira do riacho Eu olhava de [manhã</i>	Memória
Cordel salmantino	Lembrar	<i>Vou lembrar de [Salamanca</i>	
Lembranças de um vaqueiro	Lembro	<i>Quando lembro do passado De triste velho a [chorar</i>	
Ah! Que saudade danada do sertão de antigamente		<i>Lembro os pássaros cantando</i>	
Aquela casa de taipa		<i>Lembro o quanto fui feliz Naquela casa de [taipa</i>	
Retrato do meu sertão	Lembrei-me	<i>Lembrei-me agora um dia Debaixo de uma [imburana</i>	
O menino de engenho	Lembraria	<i>Das coisas da natureza Para sempre [lembraria</i>	
Saudosa Quixaba	Lembranças	<i>Dessa querida Quixaba Ficaram muitas [lembranças</i>	
Do passado ao presente	Recordando	<i>Recordando [aquela casa</i>	
Uma rua do Pajeú	Recordar Lembranças	<i>E hoje pra recordar Todas minhas [lembranças</i>	
Memórias de um lavrador	Saudade	<i>Com a voz da SAUDADE muito grossa Onde era curral, [hoje tem raça</i>	
Recife capital dos mascates	Recife Mascates	<i>No Recife, a capital dos [mascates</i>	Urbanismo
Recife de todas as culturas	Recife	<i>Da cidade do Recife De valores [culturais</i>	
Origens da vida de Santa Maria de Maricá	Maricá Cidade	<i>Maricá, já trionfante Ganha foros de [cidade</i>	

Quadro 4 – CLASSE TEMÁTICA – CIDADE E VIDA URBANA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A história de Jericoacoara em versos de embolada	Distrito	<i>Jericoacoara é a sede do distrito Seu mar é o mais [bonito</i>	Urbanismo
João Pessoa cidade dos olhos verdes!	Cidade	<i>Cidade plantada às margens [...] E a imensidão do [Atlântico</i>	
Campina dos meus amores		<i>Campina virou [cidade</i>	
Bezerros terra do Papangu		<i>Bezerros bela cidade Pacata e [acolhedora</i>	
Patos terra de calor humano		<i>Com certeza é a maior [Cidade da região</i>	
Monteiro-PB		<i>A cidade é deitada [na largura</i>	
Paraty do passado, um presente para o futuro...		<i>A cidade que nos dá [Espiritual prazer</i>	
A história de Carpina		<i>Carpina é uma cidade Que se plantando [tudo dá</i>	
Homenagem a Teresina		<i>Não falei tudo Que possui nossa [cidade</i>	
A descrição da cidade e o progresso do Rio de Janeiro	Cidade Maravilhosa	<i>Por isso é denominada Cidade [maravilhosa</i>	
A feira e os mercados de Parnamirim	Cidade Feira	<i>Nem conheço uma cidade Que não tenha sua [feira</i>	
Todas as cidades de Pernambuco nome por nome	Cidades	<i>Cidades de [Pernambuco</i>	
Paraíba, sua cidades, vilas e povoados	Cidades Povoados	<i>Cidades e povoados Que a Paraíba tem</i>	
Pernambuco e suas cidades as vilas e povoados	Cidades Vilas	<i>Nomes de cidades e vilas Já falei pra mais [de cem</i>	
Conheça o enigma das inscrições rupestres do Lajedo Pai Mateus	Cidadesinha	<i>Que se chama Cabaceiras [Cidadesinha legal</i>	
A história do Catete, Flamengo e Glória	Bairros	<i>De três bairros [populosos</i>	

Quadro 4 – CLASSE TEMÁTICA – CIDADE E VIDA URBANA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Tributo à Santa Tereza	Bairro	Um bairro por excelência Fraterno e [acolhedor	Urbanismo
Laranjeiras: sirenes ocultas no encontro cultural	Laranjeiras	Laranjeiras nasceu debaixo De um pé de [laranjeira	
Olinda	Olinda	Ver-se que Olinda tem Muitos anos de [nascida	
A história do tio que dá água na boca	Restaurante	De restaurante [decente	Culinária
Matinhas o cartão postal do brejo paraibano	Crescer	Fazem Matinhas [crescer	Desenvolvimento
Rio de Janeiro cidade maravilhosa		O Rio vive a crescer Todos querem [conhecer	
Fortaleza do passado	Cresce	Minha bela Fortaleza Cresce muito, [muito cresce	
Juazeiro a capital do folclore		Juazeiro é a cidade Que cresce porque [tem sorte	
Juazeiro ontem e hoje	Crescido	Juazeiro hoje é diferente Tem crescido mais [a mais	
Pau de Colher mais uma vítima do poder	Erguer	E foi numa dessas áreas Que Pau de Colher [se ergueu	
Roda de Fogo cidade encantada	Urbanização	Vinte anos de muita luta De conquista e [urbanização	
Itaenga	Aumento	O tempo foi si passano Aumentô a [população	

Quadro 4 – CLASSE TEMÁTICA – CIDADE E VIDA URBANA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Um Nordeste diferente	Decola	<i>O meu Nordeste decola Do presente pra o [futuro]</i>	Desenvolvimento
Crato de cabo a rabo	Expandia	<i>O território expandia Hoje formou [Município]</i>	
O que Timbaúba tem	Progresso Aumentou	<i>O seu progresso brilhante Daí por diante [aumentou]</i>	
Vá conhecer Amazonas	Riquezas	<i>Das riquezas fabulosas Que existe em suas [zonas]</i>	
Belezas da minha terra	Bela	<i>Ver a gente e vai dizendo: Quanto é bela a [sua terra!]</i>	Beleza
Maceió – É o orgulho do Nordeste, capital – Coração do meu Brasil		<i>Quanto é bela a “Terra dos [Marechais”]</i>	
Rio de Janeiro seu povo e sua história		<i>Como a cidade [mais bela</i>	
Os recantos e encantos do Rio Grande do Norte	Lindas	<i>Venha ver as coisas lindas Que existem por [aqui]</i>	
Minha viagem a Manaus	Beleza	<i>Sua permanência ali É contemplar a beleza Da verde floresta [virgem]</i>	

Quadro 4 – CLASSE TEMÁTICA – CIDADE E VIDA URBANA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Bebê de proveta	Ciência	<i>É um progresso [da ciência]</i>	Ciência
A história do povo que plantou ciência e colheu prosperidade		<i>Juntando a experiência E o progresso da [ciência]</i>	
A evolução do homem – Uma história de dois milhões de anos		<i>Para o progresso ganhar Rota eficaz e [segura]</i>	
Demócrito – vida e obra	Filosofia	<i>Demócrito o mestre da [Filosofia natural]</i>	
A genialidade de Leonardo da Vinci	Cosmo	<i>Eu descrevo o corpo humano Um cosmo [miniatura]</i>	
Nosso mundo moderno	Invenção	<i>A invenção telefônica A maior do mundo [inteiro]</i>	Tecnologia
O homem na lua		<i>Sua invenção que nos deu Poder o homem [voar]</i>	
Fontes de energias alternativas	Energias	<i>Busquemos as [energias]</i>	
Caos aéreo controle esse vôo	Aviação	<i>Sobre o que está ocorrendo Com a nossa [aviação]</i>	
O centenário da aviação tributo a Santos Dumont	Aeronave	<i>O que era sonho, é verdade Surgiu a aeronave, [então]</i>	
A era do telefone celular	Celular	<i>É uma nova invenção, Celular não tem rodinha, Nem fio, nem [tomada não]</i>	
Senhor dos anéis	Anéis Órbitas	<i>Com duzentos e cinquenta Mil quilômetros ou mais De diâmetro, os anéis Seguem órbitas [desiguais]</i>	Astronomia
O 1º astronauta brasileiro no espaço	Pesquisa espacial	<i>Na pesquisa espacial Representa o [Brasil]</i>	

Quadro 5 – CLASSE TEMÁTICA - CIÊNCIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O homem na lua	Astronautas	É falar nos astronautas Que regressaram [da lua]	Astronomia
O Brasil no espaço	Astronauta	Até chegar a espaçonave O astronauta [brasileiro]	
Astronomia, a maravilhosa ciência celeste	Astronomia	Falo é da [astronomia]	
O foguete na lua e os boatos do povo	Foguete	E disse que o foguete Quando na lua [chegou]	
Constelação retrospectiva científica e reflexões	Planetário	Num sistema planetário De tamanha [proporção]	
Galileu Galilei vida e obra	Pesquisas	Galileu empreendeu Pesquisas de [admirar]	Descobertas
A matemática em cordel	Números	Os números são importantes Para todos os [fatores]	Matemática
Tales de Mileto – vida e obra	Matemática	Foi por ele a [matemática]	
Cordel da matemática	Adição Subtração	Vendo outras matrizes Adição e [Subtração]	
O Contando a história dos números	Contar Valor	Contar o que possuía Pra saber o seu [valor]	
O “Big Bang” em cordel	Universo	A densidade e calor Desse universo [nascente]	Cosmologia
Copérnico	Héliocêntrico	E o princípio heliocêntrico Estava consolidada	Heliocentrismo
A menina que foi gerada fora da mãe na Inglaterra	Fecundação	A fecundação por fora Que muita gente [ignora]	Inseminação

Quadro 5 – CLASSE TEMÁTICA - CIÊNCIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A maldição das sandálias do pão-duro Abukasem	Ambição	<i>Que sempre haverá um preço A pagar pela ambição</i>	Ganância
A botija encantada e o preguiçoso afortunado	Botija Ambicioso	<i>Somente a velha botija Pra quem é ambicioso</i>	
O rei-do-não-sei-o-quê entre os reis do faz-de-conta	Reino Fictício	<i>Em seu reino [fictício]</i>	Fantasia
O pavão dos sete andares e o menino do buriti	Fantasia	<i>Da rainha de Toboso Levará a fantasia Para a sua [companhia]</i>	
O príncipe do Barro Branco	Mágicos	<i>São dois objetos mágicos Que dão notícia [de tudo]</i>	
Chapeuzinho Vermelho versão versejada	Capa Capuz	<i>Esse costume que tinha De usar capa e [capuz]</i>	Proteção
O último macho do mundo	Sonhado	<i>Que foi somente uma queda E que tudo havia [sonhado]</i>	Ilusão
Uma paixão no deserto	Iludindo	<i>De transmutar objetos Iludindo a vista [humana]</i>	
O boi dos chifres de ouro ou o vaqueiro das 3 virtudes	Verdade Valor	<i>Mas provaram que a verdade Tem seu sublime [valor]</i>	Honestidade
História do boi leitão ou o vaqueiro que não mentia	Valor	<i>É verdade eles disseram Seu vaqueiro [tem valor]</i>	
A vida de Canção de Fogo e seu testamento – v.2	Roubar	<i>Roubar a quem [tem demais]</i>	Infração

Quadro 6 – CLASSE TEMÁTICA: CONTOS

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Proezas de João Grilo	Sabedoria	<i>E todo mundo dizia Que sua [sabedoria]</i>	Esperteza
Traquinagens de João Grilo	Esperto	<i>Mostrando mais uma vez Que era esperto [de fato]</i>	
A moça que namorou com um pai-de-chiqueiro	Parecia	<i>Não parecia com gente Quem viu, diz que o inocente Só parecia um [Cabrito]</i>	Aparência
As diabruras do homem no país da bicharada	Perverso	<i>Para se ver que o homem É um animal [perverso]</i>	Crueldade
A passagem de Bin Laden pelo Chabocão	Conversa	<i>Conversa de caçador De vaqueiro Pescador Não se pode [confiar]</i>	Invenção
As aventuras de Simbá o marujo	Palácio	<i>Que este tão belo [palácio]</i>	Riqueza
Roldão no leão de ouro		<i>Contemplava em [seu palácio]</i>	
A pérola sagrada	Pérola	<i>Uma pérola [gigantesca]</i>	
História de Juvenal e o dragão	Riqueza	<i>Queríamos ver se a riqueza Mudava teu [coração]</i>	
História de Ali Babá e os quarenta ladrões	Tesouros	<i>Tesouros pra [todo lado]</i>	
Viagem a São Saruê	Ouro	<i>Avistei uma idade [...] Toda coberta de [ouro]</i>	
Agripino e Rizonete ou o poder da fada	Encanto	<i>Vou quebrar o encanto Para salvar a [donzela]</i>	Encantamento
História da princesa da Pedra Fina		<i>A origem do encanto Foi pra cumprir [a sina]</i>	
Aladim e a lâmpada maravilhosa	Encantada	<i>A sua lâmpada [encantada]</i>	

Quadro 6 – CLASSE TEMÁTICA: **CONTOS**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A bela adormecida no bosque	Encantado	<i>Daquele reino</i> [encantado]	Encantamento
Baman e Gercina ou o príncipe e a fada		<i>Só sendo um</i> [reino encantado]	
O herói da floresta e a princesa encantada		<i>Ou desencanto a</i> <i>princesa</i> <i>Ou fico</i> [encantado nela]	
Os três cavalos encantados do reino Monte de Ouro		<i>Enquanto ele</i> <i>dormia</i> <i>Veio o cavalo</i> [encantado]	
Joãozinho sonhador no reino Serra Quebrada	Encanto	<i>Ali quebrando o</i> [encanto]	
O colar de pérolas e a lenda dos vaga-lumes	Encantou	<i>Porque o colar</i> <i>de pérolas</i> <i>O curupira</i> encantou	
História da princesa Rosamunda ou a morte do gigante	Petrificou-a	<i>Há dias</i> [petrificou-a]	
Rogério e Adriana no reino de Macabul	Encantava	<i>Ele a princesa</i> [encantava]	
O príncipe João Sem Rumo no reino das pedras verdes	Petrificada	<i>Que desencantou</i> <i>a bela</i> <i>Princesa</i> [petrificada]	
As travessuras da comadre Fulozinha	Travessura	<i>Foi comadre</i> <i>Fulozinha</i> <i>Que a travessura</i> <i>aprontou</i> <i>Com seu famoso</i> [assovio]	Brincadeiras
História completa do navegador João de Calais	Sufrimento	<i>E para João de</i> <i>Calais</i> <i>Um terrível</i> [sofrimento]	Sufrimento
As divindades lendárias e a vida dos mortais	Maus Suplício Torturas	<i>Enquanto o reino</i> <i>dos maus</i> <i>É de suplício e</i> [torturas]	
Lamentação de um cavalo indo para o matadouro	Lamentação	<i>Mas ele no</i> <i>caminhão</i> <i>Fez uma</i> [lamentação]	
O conde mendigo e a princesa orgulhosa	Provar	<i>Fiz isso para</i> provar <i>O seu caráter e</i> [bom senso]	
Coisas da mitologia	Plutão	<i>E o reino do</i> <i>inferno</i> <i>Para plutão</i> [governar]	Mitologia

Quadro 6 – CLASSE TEMÁTICA: **CONTOS**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O domínio lendário dos deuses	Deusa	<i>Bubona, deusa [invocada]</i>	Mitologia
História de Helena e a Guerra de Tróia	Armação Tapear	<i>Quanto ao "cavalo de pau" [...] Representando armação Pra tapear o [inimigo]</i>	
Lenda do vaqueiro misterioso	Misteriosamente Desapareceu	<i>E misteriosamente Da forma que apareceu [...] Depois [desapareceu]</i>	Mistério
O príncipe Oscar e a rainha das águas	Apoderou	<i>Aqui chegou uma fada Honrada e misteriosa Feiticeira malvada Logo se apoderou da dita [fonte falada]</i>	Poder
Lenda da Vitória Régia	Transformou	<i>Transformou a bela índia Na mais olorosa [flor]</i>	Transformação
História do valentão do mundo	Transformada	<i>Ela vem transformada em garça Cantando como [uma musa]</i>	
O mistério da pedra encantada	Transforma	<i>Não é pedra encantada [...] Dizem que ela se [transforma]</i>	
O cavalo voador ou Julieta e Custódio	Transformou-se	<i>Transformou-se numa garça Ali voou e foi [embora]</i>	
Três tatus jogando bola	Vira	<i>De repente vira [bola]</i>	
Na trilha do lobisomem	Lobisomem	<i>Quem já não ouviu falar Nesse tal de [lobisomem]</i>	
Lendas de Saci Pererê	Lenda	<i>Com a lenda é criação De fecundo [pensamento]</i>	Imaginação

Quadro 6 – CLASSE TEMÁTICA: **CONTOS**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O testamento da cigana Esmeralda	Sonho	<i>O sonho é o conjunto Ou grande [imaginação]</i>	Imaginação
O seixo encantado	Pedras	<i>Apanhamos nossos “olhos” Nossas pedras de [“enxergar”]</i>	Iluminação
O pinto pia e o piado do pinto não pigarreia	Pia Piado	<i>O pinto pia e o piado Do pinto não [pigarreia]</i>	Canto
A galinha falante de Reriutaba	Falava Contava	<i>Falava e contava [estórias]</i>	Comunicação
O galo e a raposa	Falavam	<i>No tempo em Que os bichos Falavam e se [entendiam]</i>	
A festa dos cachorros		<i>De quando os [bichos falavam]</i>	
A morte do Padre Vieira e o discurso do jumento	Falar	<i>E o jegue, desta maneira, Começou a me [falar]</i>	
A lição dos bichos	Pediu Falou	<i>Foi então que uma coruja [...] Pediu um aparte [e falou]</i>	
Os sete constituintes ou os animais tem razão	Falando Reclamando	<i>Que eu vi um porco falando Um cachorro e uma cobra E um burro reclamando</i>	
Jequerino e burro Zé	Pergunta Responde	<i>Burro Zé tudo pergunta E Jequerino [responde]</i>	
A historinha da aranha aurinha	Respondendo Perguntado	<i>Respondendo para ela O que tinha [perguntado]</i>	
Cumpadre boi cumpadre bode	Risponda Diga	<i>Cumpadre bode, risponda Diga lá, [cumpadre boi]</i>	
A trajetória do leãozinho	Dizia	<i>Foi preciso uma lição Isso o seu pai dizia Para fazer [leãozinho]</i>	

Quadro 6 – CLASSE TEMÁTICA: **CONTOS**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS	
A menina e as borboletas	Disse	<i>Não achando as borboletas [...] Mas tinha uma escondida Só esperando ela chegar Disse colega não [chore</i>	Comunicação	
História da rã ganhadora		<i>O cururu disse a [jia</i>		
O divórcio da cachorra	Dizendo	<i>Dizendo que a cachorra Era falsa ao seu [marido</i>		
Intriga do gato com o cachorro por um palito de fósforo	Pedindo Iludindo	<i>Assim foi o cão pedindo Fósforo ao comerciante Ao gato foi [iludindo</i>		
A festa da galinha	Convidou	<i>Convidou a bicharada De todo lugar [Pra festa</i>		
Uma pulga na balança deu um pulo e foi à França	Ler	<i>Ao ler aquelas [palavras</i>		
Cafute e pena de prata	Conversando	<i>Cafute e Pena de Prata Conversando [certo dia</i>		
Casamento do morcego com a catita	Tonta Degustava	<i>Barata já meio tonta Degustava um [tira-gosto</i>		Personificação
O casamento atrapalhado da raposa com o timbu	Pessoa	<i>A baronesa Raposa [...] Era pessoa grã- [fina</i>		
A estória do rei, do rato, do gato	Imitava	<i>Tudo que o rei fazia O danadinho [imitava</i>		
Os animais	Intelectual	<i>A tartaruga sabida Muito intelectual</i>		
Aracne uma aranha bordadeira	Teia	<i>Quando uma aranha faceira Na minha vista surgiu Em uma teia [bem certa</i>	Armadilha	

Quadro 6 – CLASSE TEMÁTICA: **CONTOS**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Ypsilones e dablus	Assobiando	<i>Outro jumento pretão, jóia rara Estava assobiando de longe para ela</i>	Sonoridade
O sorriso do cavalo	Tocando	<i>Foi por isso que Castanho Estava tocando o [sino</i>	
A história de piston um jumento no folclore de Parnamirim	Rinchando	<i>Quando ele dava o sinal Rinchando [emitindo som</i>	
A cigarra e a formiga	Castiga	<i>Porque a Preguiça é um mal Que a muita [gente castiga</i>	Punição
O milagre de São Jumento no Pará	Eternizando	<i>Eternizando esse ente Pelo seu [merecimento</i>	Eternidade
O rato e o gato	Rixa	<i>A rixa já faz tempo Há muito tempo [atrás</i>	Luta
Carta de um jumento a Jô Soares	Ultrajado	<i>Me considero ultrajado Pelo nosso Jô [Soares</i>	Ofensa
A galinha que pôs um ovo quadrado	Força	<i>Merilu fez tanta força Pra botar fora o [dado</i>	Esforço

Quadro 6 – CLASSE TEMÁTICA: **CONTOS**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O bebê Talita e sua mãe mortos abraçados neste mundo violento	Armado	<i>Ladrão branco bem armado</i>	Assassinato
O fugitivo		<i>Viver armado é [perigo]</i>	
O monstruoso crime de Montes Claros	Martelada Bala	<i>Ela morta à martelada Ele assassinado à [bala</i>	
Margarida Maria Alves	Assassinada	<i>De forma mais tenebrosa Foi, covarde, [assassinada</i>	
O crime da sombra misteriosa	Assassinato	<i>E pra se vingar dos dois Fez aquele [assassinato</i>	
Morte de Daniella Perez emociona o mundo		<i>Pela monstruosidade Do cruel [assassinato</i>	
O filho que matou a própria mãe	Assassinou	<i>Assassinou a própria mãe Sem dela ter [compaixão]</i>	
Endemoniado castrou um menino de 11 anos em Juazeiro do Norte	Assassino	<i>E até essa data, eu não sei Por onde anda o [assassino</i>	
Vingança de um caboclo	Assasinei	<i>Assasinei minha esposa Sou um ente [desgraçado]</i>	
A novela do PC	Mataram	<i>Ontem mataram [PC]</i>	
A morte de 3 motoristas e prisão dos 3 marginais		<i>Mataram 3 motoristas Que a todo mundo [servia]</i>	
O monstruoso crime de Serginho, em Bom Jesus de Itabapoana, Estado do Rio de Janeiro	Barbaridade	<i>Todo mundo lamentava Aquela [barbaridade</i>	
O monstro misterioso da gruta de Ubajara	Maldade	<i>Pois ninguém pode viver Só a praticar [maldade</i>	Maldade

Quadro 7 – CLASSE TEMÁTICA - CRIME

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O mineiro que comprou um bonde no Rio de Janeiro	Roubar	<i>Que já tinha projetado Roubar o pobre [mineiro]</i>	Infração
O ladrão que quis roubar na Matriz de Juazeiro e morreu		<i>Quando o ladrão começou A roubar um [romeiro]</i>	
Nicolau e Zé Galinha		<i>Duas maneiras de [roubar]</i>	
O roubo do Banco Central	Roubo	<i>Um grande roubo se deu De modo [fenomenal]</i>	
O exemplo do ladrão de galinha que findou botando um ovo	Roubado	<i>Tinha roubado galinha De quase toda a [cidade]</i>	
Só quando o homem é homem – faz o que Juarez fez	Furto	<i>E do produto do furto Não tinha nem o [sinal]</i>	
O massacre de Eldorado dos Carajás	Carnificina	<i>A grande [carnificina]</i>	Chacina
Meninos de rua e a chacina da Candelária	Chacina	<i>Da Candelária a chacina Por envolver só [meninos]</i>	
Boa noite cinderela	Armadilha	<i>Ser vítima de [armadilha]</i>	Cilada
Uma lenda Caiapó	Massacrado	<i>Não é lenda, é verdade e inda hoje Todo dia o índio é [massacrado]</i>	Massacre
A crueldade de Osama e a vingança de Bush	Atentado	<i>Vou falar de um [atentado]</i>	Terrorismo
Eu daqui você de lá guerra aqui, guerra acolá	Atentados	<i>Nós sofremos [atentados]</i>	
Terror nas torres gêmeas	Criminosa	<i>Causando destruição Pela criminosa não Do infernal [terrorismo]</i>	Criminalidade
Um dos crimes repugnantes do Estado		<i>A família criminosa Estão gosando as delícias Na casa de [detenção]</i>	
A prisão de João do Norte na feira de São Cristóvão	Criminalidade	<i>Pediram que João falasse Sobre a [criminalidade]</i>	

Quadro 7 – CLASSE TEMÁTICA - CRIME

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O verdadeiro romance da carta do marginal	Violência	<i>Cada vez mais mergulhando Na onda de [violência]</i>	Criminalidade
Não sei se choro ou se rio da violência no Rio		<i>Porque não sei ensinar Remédio pra [violência]</i>	
A violência doméstica		<i>Cedo aprenderam, como bem se viu Ser causa a TV da [atual violência]</i>	
Casa dos filhos do medo		<i>A violência [brotando]</i>	
Brasil – país de traficantes		<i>É simplesmente alarmante A onda de [violência]</i>	
Fraternidade, sim, violência, não!		<i>Hoje a “violência sim” Domina, com [realidade]</i>	
A guerra dos Alencar com os Sampaio e Saraiva, em Exu-PE	Guerrear	<i>Que estão a guerrear As duas grandes [famílias]</i>	
A violência no Rio	Tiradores	<i>Diariamente acontece Tiradores nas [favelas]</i>	
Impunidade democratizada	Crimes Drogas Roubalheiras	<i>O mundo cada vez mais Sofre as calamidades Crimes, drogas, [roubalheiras]</i>	
A morte da universitária no crime de Sapé	Latrocinação	<i>O impossível aconteceu Crime de [latrocinação]</i>	
O grande crime de Caicó, no qual foi vítima a menor Rita Reges	Estrangulando	<i>Terminou estrangulando A jovem [enfraquecida]</i>	
História da moça que foi enterrada viva	Sepultarem-na	<i>Condenaram a pobre moça Para sepultarem- [na viva]</i>	
Etnólogo suíço é assaltado no Brasil	Assaltantes	<i>Nas mãos de dois [assaltantes]</i>	Agressão
O exemplo do Padre Pedófilo capado pelo diabo	Bulinanu	<i>Parecia um tarado Bulinanu uma [criança]</i>	Perversão

Quadro 7 – CLASSE TEMÁTICA - CRIME

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O fazendeiro que castrou o rapaz porque namorou a sua filha	Castraram	<i>Com a faca afiada Castraram o pobre [rapaz</i>	Castração

Quadro 7 – CLASSE TEMÁTICA - CRIME

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O cordel em cordel	Cultura	Nota dez nessa [cultura]	Cultura
Bahia de todos os santos		A Bahia é tradição De conservada riqueza É cultura e [progresso]	
Um gênero para o tratamento da variação lingüística		Vão mostrando sua cultura [No seu jeito de falar]	
O lado bom do Nordeste		Porque o Nordeste inteiro É um imenso Celeiro De tudo quanto é [cultura]	
A didática do cordel	Cordel	Que o cordel é [cultura]	
100 anos de contos e prosas no Brasil		O nosso cordel é [secular]	
Memória de poetas inesquecíveis – cordel e repente		Porque cordel é [cultura]	
A história da literatura de cordel		Que o cordel tem memória Fundamentada em [valores]	
As mestres da literatura de cordel		A história de cordel	
Xilocordel		O cordel tem seus [encantos]	
A folkmidia nasceu pelas mãos do Dr.Luyten		Por esse amor ao [cordel]	
Súplica ao mestre em prol do cordel		Cordel Cultura	O cordel é o retrato Da cultura [nordestina]
Dom casmurro de Machado de Assis em Literatura de Cordel	Obra	A obra Dom Casmurro Faz parte da nossa [literatura]	
IPU ganha de presente a sua biblioteca	Biblioteca	Fundou a biblioteca Pros anseios da [cultura]	
Gente e coisas do Nordeste	Poeta	Sou um poeta que tem Enormes limitações	
18 de abril: dia nacional do livro infantil	Livro	O dia do livro infantil [...] Nasceu Monteiro [Lobato]	

Quadro 8 – CLASSE TEMÁTICA - CULTURA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Viagem pelo Nordeste nos braços da poesia	Culturas	<i>O de maior extensão Rico em diversas culturas Da Bahia ao [Maranhão</i>	Cultura
Os países do mundo	Viagem	<i>O cordel é o transporte... Sem sair do seu lugar Cada país visitar Boa viagem e boa [sorte</i>	
Um cantador caminhando por dentro do Brasil	Cenários do Brasil	<i>Nos cenários do [Brasil</i>	
Saudades do meu quadrão	Belezas do Brasil	<i>Nas belezas do [Brasil</i>	
Hoje Teatro de Mamulengo	Cena	<i>Venham assistir a [cena</i>	
Ciranda nordestina	Ciranda	<i>“Ciranda”, ó cirandinha Vamos todos [cirandar</i>	
A história do forró...	Forró	<i>Onde o forró [começou?</i>	
O São João de antigamente e o São João de hoje em dia		<i>Eu vou versar em cordel O forró que é muito [quente</i>	
Versos diários de um poeta	Poesias Letras Impressas	<i>Aninha-se no papel Em poesias espessas Por muitas letras [impressas</i>	
Academia Brasileira de Literatura de Cordel	Literatura Poesia	<i>O céu da literatura [A casa da poesia</i>	
Antonio Klévisson Viana faz seu discurso de posse na ABLC	Poesia	<i>O templo da poesia [Do folheto popular</i>	
Crianças lendo cordel feito por outras crianças		<i>No Brasil ele é chamado [Poesia Popular</i>	
A genial trajetória do Demônios da Garoa	Samba	<i>Desse grupo tão amado Que fez do samba [bandeira</i>	
Danças e festas brasileiras	Bailes Autos Festas Danças	<i>Dos bailes, autos e festas E danças, só um [pedaço</i>	
O frevo sua história passo a passo	Frevo	<i>Que tem o nome [de frevo</i>	
O frevo não deveria ser refém do carnaval		<i>No frevo é o maioral</i>	

Quadro 8 – CLASSE TEMÁTICA - CULTURA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
100 anos de frevo	Frevo	<i>O foleão festeja feliz Pelo frevo no dia a [dia</i>	Manifestação Artística
Cordel do frevo cem anos de sucesso		<i>O frevo tem a magia De arrastar [multidões</i>	
O cordel em folia		<i>O nosso frevo exaltar</i>	
Cem anos da xilogravura na literatura de cordel	Xilogravura	<i>Da nossa xilogravura</i>	
Festejos juninos	Festejos	<i>Pra dançar, pular fogueira Nos festejos de São [João</i>	
FENNEART	Arte	<i>Que a arte lhe fascina Do mundo e do Brasil Da região [nordestina</i>	
A história de um encadernador		<i>O grande encadernador Que foi e é nesta [arte</i>	
Gêneros da cantoria saiba como é/aprenda como fazer	Artística	<i>Pra levar informação Que seja ela jornalística Ou histórica, [artística</i>	
Folclore brasileiro	Folclorização	<i>Pela folclorização [Da cultura popular</i>	
O galo da madrugada	Carnaval	<i>No Galo se vê de tudo Em termos de [carnaval</i>	
Saudades da boa música	Música	<i>Em que a música era [irradiante</i>	
Meu Sergipe musical decantado em cordel		<i>Nós temos grandes talentos [D a música regional</i>	
O circo chegou	Circo	<i>A longa história do circo [E de suas atrações</i>	
Circo de interior		<i>Circo de interior [É um circo diferente</i>	
Um matuto sertanejo no desfile do Galo	Festa	<i>Estou na festa do [galo</i>	
Festa na terra junina a capital da cultura	São João	<i>Quem vem pra [nosso São João</i>	
Jararaca e Ratinho os caipiras nordestinos	Dupla	<i>Resolveram ficar juntos E aí a dupla se fez</i>	União

Quadro 8 – CLASSE TEMÁTICA - CULTURA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Atributos do Brasil	Virtudes	<i>E mostrar nossas [virtudes]</i>	Valores
Causos e personagens do interior	Histórias Folclórico	<i>São histórias de valor Desse almanaque [folclórico]</i>	Imaginação
De calça curta e chinela	Sonho	<i>Que eu tive um [sonho assim]</i>	
Repentistas potiguares	Cantoria	<i>Na cantoria o [mais forte]</i>	Improviso
O cordel da histórica cantoria		<i>É claro que a cantoria Pelos versos comprovados Teve milhares de [estrofes]</i>	
O cantado tá sem terra!	Faro	<i>O poeta perde o faro</i>	Sentido
Ditados populares	Dito	<i>Diz o dito popular</i>	Expressão
Filosofia de caminhoneiro	Mensagens	<i>Quando passa um caminhão [...] Mensagens de motoristas Querendo algo [dizer]</i>	
Provérbios populares em cordel	Adágios	<i>Dos adágios [populares]</i>	
Verbo Amar	Verbo	<i>Assim fui sendo criado Soletrando o “verbo [amar]”</i>	
Brincadeiras populares	Brincadeiras	<i>As brincadeiras que a gente Brinca desde [criancinha]</i>	
Brinquedos populares	Brinquedos	<i>Eram os brinquedos feitos Pelas mãos de um [artesão]</i>	
Arrumando a rima	Compondo	<i>Fui compondo meu cordel Com ditados [populares]</i>	Composição
Luiz Gonzaga da surra ao sucesso	Compositor	<i>E como compositor Luiz mostra o seu [valor]</i>	
Pequena história do esperanto	Língua	<i>O Esperanto é uma [língua]</i>	Língua
A gramática em cordel	Gramática	<i>Nossa gramática [enaltece]</i>	
100 dúvidas de português...Cem estrofes que orientam sem ser dono da verdade	Regras Gramaticais	<i>Este livro mostra um pouco Das regras [gramaticais]</i>	

Quadro 8 – CLASSE TEMÁTICA - CULTURA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
De Acopiara a Santa Tereza	Imortais	<i>Sei hoje um dos [imortais]</i>	Imortalidade
Artesanato obra da imaginação	Criação	<i>Brincando com a [criação]</i>	Criatividade
O cordel da apicultura	Espaço Produzir Mercado	<i>Há espaço pra produzir E mercado pra [consumir]</i>	Divulgação
Um paraíso azul chamado – Brasil -	Formosura	<i>Estas cinco Regiões Aguardam sua visita Para entontea-lo pela Formosura que [explicita]</i>	Ufanismo
Folclore, mitos e lendas	Folclore	<i>Folclore, mitos e [lendas]</i>	Tradição
O folclore sergipano		<i>Portanto, o que é [folclore]</i>	
O folclore decantado em cordel	Folclóricos	<i>Vamos falar do que existe Nos movimentos [folclóricos]</i>	
O cravo tocador	Soar	<i>Que lhe toca pra [senti-la soar]</i>	Sonoridade
O pife encantado	Tocar	<i>E passava o dia todo Com seu pifano a [tocar]</i>	

Quadro 8 – CLASSE TEMÁTICA - CULTURA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Cordel para criança	Responder	<i>Você vai me [responder</i>	Adivinhação
As perguntas do rei e as respostas de Camões	Perguntas	<i>Eu tenho trinta [perguntas</i>	
A professora indecente e as respostas de João Grilo	Desafio Decifrando	<i>Superando o desafio Toda questão [decifrando</i>	
O beabá da cidadania	Direitos Cidadão	<i>Acho que são os direitos De qualquer um [cidadão</i>	Cidadania
A donzela Teodora	Educá-la Escola	<i>Mandou educá-la bem Na melhor escola [que havia</i>	Conhecimento
(EJA) Depois que aprendi a ler!	Escrever Ler	<i>Escrever e ler para mim É ser rico de [prazer</i>	
Os Games na escola	Instrutivo	<i>Os partidários defendem Que o GAME é [muito instrutivo</i>	
As variedades lingüísticas	Ensino	<i>Infelizmente vemos resistência Pra se mudar um ensino [ultrapassado</i>	
Paulo Freire e BC Neto um cordel comparativo		<i>O seu método de [ensino</i>	
A garra do professor nas lutas do dia-a-dia	Ensinar	<i>Como se deve [ensinar</i>	
O professor sabe tudo e o que sabe a criança que parece nada saber		<i>Na escola o professor Deve mesmo [ensinar</i>	
O encontro de João Grilo com a Donzela Teodora	Força	<i>Quem de nós dois [tem mais força</i>	Duelo
EJA porque não pude estudar cedo...	Aprender Ler	<i>Que só depois de adulto É que fui aprender [ler</i>	Aprendizagem
Plano decenal de educação para todos		<i>Quem não aprende a ler É pior do que não [ver</i>	
O professor sabe-tudo e as respostas de João Grilo	Aprender	<i>E saber que professor Com ele vai [aprender</i>	

Quadro 9 – CLASSE TEMÁTICA - EDUCAÇÃO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Da luta do povo nasce uma escola em Santa Rosa	Aprender	<i>Mas no momento, crianças, É hora de [aprender</i>	Aprendizagem
A cartilha de ABC do meu pai: “o folheto de cordel”	Aprende	<i>Aprende catar palavras E das letras fez [colheita</i>	
Acorda cordel na sala de aula	Alfabetização	<i>Pois o cordel sendo usado Para [alfabetização</i>	
O educador Paulo Freire	Aprendizagem	<i>A pegar a aprendizagem [...] E transformar em instrumento Popular, [libertador</i>	
Resposta ao professor caçador de um português caboclo	Istudô	<i>Qui os pueta diagora Butaro a zunha di fora Sabe mai dos qui decora Pauquê tamém [istudô</i>	
Poesia popular – de ler e brincar	Poesia	<i>A poesia é recurso [...] Nos dá noção de [gramática</i>	Arte
É muito bom desenhar	Pensamos	<i>Pois tudo que nós pensamos Nós podemos desenhar</i>	Imaginação
Belíssimo dicionário das moças	Dicionário	<i>Pontual vai descrever Um belo dicionário Para a pessoa que [ama</i>	Significação
Nomes indígenas – Pequeno dicionário em cordel	Significa	<i>Caa palavra pequena [Significa floresta</i>	

Quadro 9 – CLASSE TEMÁTICA - EDUCAÇÃO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A criação de hoje em dia	Educação	<i>Primeiro eu quero contar Como era de outrora A educação do povo E como está sendo [agora</i>	Educação
Um plantador de futuro chamado Euvaldo Lodi		<i>Dá início a uma ação De educação executiva e [moderna gestão</i>	
A reforma universitária	Universidades	<i>As universidades públicas Que primam pela [qualidade</i>	
Mãos à obra nas escolas	Escola	<i>A criança e o jovem Necessitam da [escola</i>	
A Escola Santa Helena em versos		<i>A Escola Santa Helena Faz um trabalho [brilhante</i>	
A escola dos meus sonhos		<i>É uma escola organizada Que tem boa [estrutura</i>	

Quadro 9 – CLASSE TEMÁTICA - **EDUCAÇÃO**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O baba em que bobô babou	Jogo	<i>Pro jogo</i> [continuar]	Competição
Nunes, Zico e Rivelino 3 mosqueteiros da copa		<i>Com a nossa seleção</i> <i>Um jogo</i> [concatenado]	
Xaturanga a lenda do xadrez		<i>O jogo era uma mistura</i> <i>De intuição e</i> [ciência]	
A verdadeira história do Ceará Sporting Club	Jogos	<i>Os jogos</i> <i>inesquecíveis</i> <i>Aqui vamos</i> [recordar]	
A história do futebol e o anjo torto	Jogou	<i>Quinhentas e oitenta e uma</i> <i>Partidas ele jogou</i>	
Leão de Côco		<i>O Sport em 78</i> <i>Tirou o nome do mapa</i> <i>Jogou com o Santa</i> [Cruz]	
O jogador viciado e a loteria esportiva	Jogar	<i>O dinheiro é pra jogar</i> <i>No bicheiro e no</i> [bolão]	
Passafome Fomebol Clube	Jogava	<i>Se jogava todo dia</i> <i>Até que se pusesse</i> [o sol]	
A Bahia e o Vitória na segunda divisão	Bahia Vitória	<i>De ver Bahia e Vitória</i> <i>Na primeira</i> [divisão]	
Corinthians não é mais aquele do sapo cururu	Ganhar Empate Derrota	<i>Antes mesmo de</i> [ganhar ...] <i>Outro empate ou derrota</i>	
ABC F.C o mais querido	Ganhou	<i>Nosso time alvinegro</i> <i>Ganhou títulos de</i> [montão]	
O Bahia e o Vitória na terceira divisão	UM a UM	<i>Finalmente UM a</i> [UM!]	
Bi super campeão é luxo 2x0	2 a zero	2 a zero	
Sport campeão da copa do Brasil 2008	Dois a Zero	<i>Foi de tanta emoção</i> <i>Dois a zero foi</i> [demais]	
Ronaldo e sua gordura estão dando o que falar	Gol	<i>Ele faz gol com</i> [fartura]	Vitória

Quadro 10 – CLASSE TEMÁTICA: ESPORTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Pedi um pente, me deram um penta! Santa, campeão 73!	Gol	Logo no primeiro gol A torcida ficou [muda	Vitória
Náutico: do hexa a Tóquio e hexa- campeão é luxo e não tem comparação	Campeão	Pois o Náutico sagrou-se Mais uma vez [campeão	
Ferrovário campeão		Com um belo desempenho Deste turno é [CAMPEÃO	
A história do Treze Futebol Clube o famoso Galo da Borborema	Bi-campeão	O Treze Futebol Clube Foi certo bi- [campeão	
A festa das faixas	Bi-super campeão	É hoje o dia da festa Do Bi-super [campeão	
A seleção do Brasil ganhou mais um canecão (4x1)	Tri campeão	Que somos no futebol Tri Campeão do [Brasil	
A vitória do Brasil tetra campeão mundial de futebol na copa 94	Vitória	Pela vitória que teve Nossa grande [seleção	
A discussão de Pelé com Maradona	Glórias Conquistaram	As glórias que conquistaram	Conquista
Estória do matuto que “enricou” com a loteria esportiva	Ganhava	Os 20 milhões ganhava Na loteria esportiva	
História do rei Pelé	Esporte	Um dos seres mais perfeitos Do esporte [mundial	Desportos
O que fazemos na aula de educação física?		Esporte tem o sentido De lazer, [participação	
O futebol através dos tempos	Futebol	Falemos do futebol Esporte das [multidões	
O goleiro campeão	Goleiro	Seu estilo de goleiro A cada jogo [melhora	Defesa

Quadro 10 – CLASSE TEMÁTICA: **ESPORTE**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Torcedor majestade ou delinqüente?	Torcedor	<i>No país do futebol [...] E do nobre [torcedor]</i>	Torcida
Homenagem ao lendário Zé Limeira – torcedor símbolo do futebol cearense	Torcedores	<i>É o rei dos [torcedores]</i>	

Quadro 10 – CLASSE TEMÁTICA: **ESPORTE**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A corrente do prazer	Curtindo adoidado Não perde festa por nada Empreitada	<i>Vive curtindo adoidado</i> <i>[...]</i> <i>Não perde festa por nada</i> <i>Topa qualquer</i> <i>[empreitada]</i>	Libertinagem
Martírios de um alemão ou o conto da cinderela (a comédia do turismo sexual)	Raparigas Cabaré	<i>De vir buscar no</i> <i>Brasil</i> <i>Raparigas de</i> <i>montão</i> <i>Pra montar um</i> <i>[cabaré]</i>	Prostituição
Firmina e o cabra sarado com AIDS	Pirainha AIDS Praguinha	<i>Adeus formosa</i> <i>pirainha</i> <i>Você agora está</i> <i>com AIDS</i> <i>Sou portador da</i> <i>[praguinha]</i>	
O pau-de-sebo no cabaré de Timbaúba	Quengas Suruba	<i>As quengas de</i> <i>Timbaúba</i> <i>Criaram outra</i> <i>[suruba]</i>	
D.Beja de Araxá na história dos gerais	Mulher-dama	<i>A mancha de m</i> <i>[mulher-dama]</i>	
Maria Garrafada mestra do amor, pecadora e santa	Prostitutas	<i>As prostitutas do</i> <i>mundo</i> <i>Muitos outros</i> <i>[nomes têm]</i>	
A chegada da prostituta no céu	Cabaré	<i>Depois de sua</i> <i>chegada</i> <i>O céu virou cabaré</i>	
O encontro de cintura fina e mulher macho		<i>Nas casas de</i> <i>cabaré</i> <i>As duas têm</i> <i>[frequentado]</i>	
O malandro e a piniqueira no chumbrego da orgia		<i>E lá na Rua da Guia</i> <i>Tem demais no</i> <i>[Cabaré]</i>	
A pensão da Lia		<i>Pois será que Dona</i> <i>Lia</i> <i>Fez disso aqui um</i> <i>[puteiro]</i>	
O quengaceiro		<i>Tinha este apelido</i> <i>Por só viver em</i> <i>[puteiro]</i>	
O cantor e a meretriz ou a puta que comia fotos do ídolo	Meretriz Prostituiu	<i>Meu olhar de</i> <i>[meretriz]</i>	Prostituição
O viver da meretriz		<i>A mulher que é</i> <i>meretriz</i> <i>No seu viver infeliz</i>	
A sorte d'uma meretriz		<i>Quando inteirou 20</i> <i>anos</i> <i>Por si se prostituiu</i>	

Quadro 11 – CLASSE TEMÁTICA - EROTISMO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A bela história de Jaci, a prostituta virgem e santa	Mulheres fáceis	<i>Jaci era uma dessas Mulheres fáceis da [vida</i>	Prostituição
Os filhos do carnaval	Safada	<i>Só se vê gente safada Se enrolando no [chão</i>	Safadeza
A bunda vendedora	Exibindo	<i>Que vive se exibindo Por onde ela vai [passando</i>	Exibição
Com a moda de pouca roupa a mulher mostra o que quer	Mostrar	<i>Com o tal fio dental! De se mostrar [abusava</i>	
Um matuto na praia	Transar	<i>Quando sentir calor Aí nós vamos [transar</i>	Sexualismo
A mulher sexo ativa demais!	Transação	<i>E, depois de excitados Os sentidos aguçados Partiram pra [transação</i>	
Iniciação sexual na zona rural	Transava	<i>Já conheci um rapaz Que com tudo ele [transava</i>	
As aventuras amorosas de Dona Mariquinha	Sexo	<i>Depois que ficou viúva O seu sexo pede [bis</i>	
A história da mulher	Furunfava	<i>De prazer só furunfava E a pé seguia em [frente</i>	
O bicho caiu pelado	Bichinho	<i>Pode soltar o bichinho Que ele fica em pé [sozinho</i>	
Dona Sarita e dues três machos	Trepando	<i>Hoje aqui morro trepando Mas provo minha [macheza</i>	
A tocaia do chifrudo	Trepando	<i>Trepando o quanto podiam Sem terem preocupação</i>	Sexualismo
A noite das camas trocadas	Trepada	<i>Duma porção de caminhos E dum boa [trepada</i>	

Quadro 11 – CLASSE TEMÁTICA - EROTISMO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Sidrião e Maristela e a goiaba da discórdia	Trepou	<i>Que trepou de forma dupla Nos galhos da [goiabeira</i>	Sexualismo
Mulher melancia, maçã, jaca, morango, etc... e a salada de alienação à brasileira	Promiscuidade	<i>Pregando a promiscuidade Para tal massa [funkiana</i>	Promiscuidade
Protesto à pornofonia do forró estilizado		<i>E estão perdendo o espaço Para a [promiscuidade</i>	
As flô de Pixinanã	Tentação	<i>A mais veia, a mais robusta Era mesmo uma [tentação</i>	Desejo

Quadro 11 – CLASSE TEMÁTICA - EROTISMO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O encontro de um feiticeiro com a negra d'um peito só	Despacho	<i>Depois de pronto [o despacho</i>	Bruxaria
A macumbeira que foi fazer um despacho e despachou-se		<i>Fazer um despacho [pra si</i>	
A macumba da negra saiu errada		<i>O "despacho" tem que ser Completamente [inteirado</i>	
Luta e vitória de São Cipriano contra Adrião mágico	Bruxaria Feitiçaria	<i>Como rei da bruxaria Todos temiam o poder [De sua feitiçaria</i>	
O parente do jumento que querias se curar e ficou sem documento	Feitiço	<i>Isso aí foi um feitiço E eu tenho a [solução</i>	Magia
Tragédia em Cantagalo	Matança	<i>De seqüestrar o garoto Para fazer a [matança</i>	
A macumba da Bahia	Macumba	<i>É a macumba que manda Nos "terreiros" [principais</i>	
O reino do catimbó e o caboclo mamador	Macumba Catimbó	<i>De macumba e catimbó Quem diz o [remédio é ela</i>	
Lampião e a velha feiticeira	Catimbó	<i>Num dia de sexta- feira Usou de seu [catimbó</i>	
A negra velha da trouxa montada no bode preto		<i>Que a negra do penteado É bamba no [catimbó</i>	
O sapo que desgraça o Corinthias	Macumbeiro	<i>O sapo enterrado Pelo mesmo [macumbeiro</i>	
Umbanda em versos	Magia	<i>Faz trabalho de magia Quando baixa em [terreiro</i>	
A montanha enfeitiçada		<i>Ele soube que era irmãos [Devido sua magia</i>	

Quadro 12 – CLASSE TEMÁTICA - FEITIÇARIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Navarro e Isabel ou o feitiço de Áquila	Transformando	<i>Transformando esses amantes Cada qual num [animal]</i>	Transformação
História de Luizinho e o velho feiticeiro	Transformava	<i>O velho se transformava Em tudo que ele [queria]</i>	
O rapaz que virou barrão ou o porco endiabrado	Transformar	<i>Peço a Deus com devoção Você vai-se transformar Num fedorento [barrão!]</i>	
O porco endiabrado no programa do Ratinho	Transformado	<i>Que em porco foi transformado Depois de haver mandado A própria mãe [comer merda]</i>	
A moça que virou cachorra porque foi ao baile funk	Virando	<i>Bela virando [cachorra...]</i>	
A moça que dançou com uma caveira	Mudando	<i>Quando deram duas voltas Ele ficou mudando de cor Ficou um esqueleto [preto]</i>	

Quadro 12 – CLASSE TEMÁTICA - FEITIÇARIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Encontro do soldado Paraíba com o vigia da usina no outro mundo	Deus	<i>Permita-me ó [Deus do céu</i>	Divindade
Corisco, o diabo louro na casa de Satanás	Mortes Bagunça Choro	<i>Na casa de Satanás Com mortes, bagunça e [choro</i>	Maldição
A caveira do ET encontrada em Quixadá	ET	<i>De fato era um [ET</i>	Sobrenatural
A aparição	ETs	<i>Aparecerem os ETs Que estavam em [missão</i>	
A estória de E.T. – Um homem de outro mundo	Extraterreno	<i>Porque sou [extraterreno</i>	
A fantástica história de Zeca Pagodinho, o disco voador e o extraterrestre	Extraterrestres	<i>Que no espaço sideral Existiam [extraterrestres</i>	
Reclamações do além	Além	<i>Vozes vindas do além Me dirigindo [perguntas</i>	
Uma viagem ao céu	Alma	<i>E lá subi com alma Num automóvel de [vento</i>	
O menino de dois meses que está falando em Pernambuco	Conversa	<i>Pois o pequeno Marcelo Com dois meses de nascido Conversa com [polidez</i>	
A vida do planeta Marte e os discos voadores	Marcianos	<i>Os marcianos demonstram Alto grau de [instrução</i>	
O homem que beijou uma alma	Morta	<i>É morta a que [você ama</i>	Morte
A vida de Chico Xavier	Médium	<i>Grande médium [do Brasil</i>	Mediunidade
Carta de Tancredo Neves aos constituintes	Celeste	<i>Tancredo ficou atento No aconchego [celeste</i>	Divino
O lugar melhor que há	Céu	<i>Vem agora para o céu viver com [Deus</i>	Assombração
Confusão no cemitério	Morto Apareceu	<i>O morto lhe apareceu</i>	
O homem que matou uma alma	Alma	<i>A alma caiu batendo Seu Mané se [afastou</i>	

Quadro 13 – CLASSE TEMÁTICA – FENÔMENO SOBRENATURAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O tormento de Mirinha com as botijas	Alma	<i>Ela não quis nem saber Da botija que ia ser Por aquela alma [mostrada]</i>	Assombrção
A alma pantariosa	Almas	<i>Era grande o sofrimento, As almas [pantasioas]</i>	
Cordel de malassombrado	Assombrando	<i>Tinha sempre um franquistém A meninada [assombrando]</i>	
A verdade do povo sobre o “disco voador”	Assombrar	<i>O tal disco voador Sumiu rápido na ampliação Foi assombrar uns carvoeiros Lá na estrada da [União]</i>	
A velha mentirosa que anda assombrando os namorados	Assombroso	<i>Esse fantasma assombroso Num dia só aparece Em quatro ou cinco lugares E depois [desaparece]</i>	
Olha a perna cabeluda que anda assustando gente	Assustando	<i>Olha a Perna Cabeluda Que anda assustando gente!</i>	
Dois meninos do sertão e o lobisOMEM fantasma	Aparição	<i>Mais depressa caminhavam Temendo uma [aparição]</i>	
A gruta malassombrada	Malassombrada	<i>A gruta malassombrada Pois a tribo araribuna Foi totalmente [arrasada]</i>	
A estória de um corpo seco “a visão misteriosa”	Apresentou	<i>E o corpo seco ali mesmo Se apresentou sem [demora]</i>	
O satélite russo ou o disco voador em Maceió	Espantos	<i>São os discos voadores Que estão cusando [espantos]</i>	

Quadro 13 – CLASSE TEMÁTICA – FENÔMENO SOBRENATURAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A moça que virava bode	Espantando	<i>A marmota se virava Num bode de cheiro forte Essa moça assim corria [...] Espantando a [moçada</i>	Assombração
O homem que deu a luz – em Minas Gerais	Castigo	<i>Disseram o senhor está Sob um castigo divino Porque no seu próprio ventre Está criando um [menino</i>	Punição
O menino monstro		<i>Não admito que um cristão Não ame a quem gerou Mate o feto sem [castigo</i>	
Dalvina, a moça que teve o filho do diabo	Castigada	<i>Dalvina foi castigada, Pelas burradas que [diz</i>	
Luz de um Preto Velho	Espiritual Luz Guia	<i>E na espiritual [...] Pra servir de luz e [guia</i>	Espiritual
Notícias de outro mundo	Baixou	<i>Um espírito de REPÓRTER Que voltou do outro mundo Baixou, meio [encabulado</i>	
A negra da trouxa misteriosa procurando tu	Padecendo	<i>Quando morri encontrei Decepções, nada mais!... Vivo hoje padecendo Com essa trouxa [gemendo</i>	Sufrimento

Quadro 13 – CLASSE TEMÁTICA – FENÔMENO SOBRENATURAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A Paraíba sob o domínio holandês	Domínio holandês	<i>O domínio [holandês]</i>	Invasão
A batalha das heroínas de Tejucupapo (sec.XVII-1946)	Invasores	<i>Invasores foram vencidos A Holanda foi [quem perdeu]</i>	
João Cândido o almirante negro dos mares e a revolta da chibata	Revolta da Chibata	<i>A revolta da [chibata]</i>	Revolução
Simon Bolívar, o libertador	Batalhas	<i>Mais de duzentas batalhas De peito aberto [enfrentou]</i>	
Luiz Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança	Revolucionário	<i>Um brasileiro lendário Herói revolucionário O povo o [considerava]</i>	
Chê Guevara e a revolução cubana	Revolução	<i>Me inspira pra escrever A Revolução [Cubana]</i>	
A Revolução Russa		<i>Sobre a Revolução Russa No seio da [humanidade]</i>	
A morte de João Pessoa e a Revolução de 30		<i>A morte de João Pessoa Cobriu de luto a nação Acendendo uma fogueira [...] E assim nesse braseiro Surgiu a [Revolução]</i>	
O campo de São Cristovão no ano de 1565	Conquistas	<i>Vou falar sobre as conquistas Das terras dos [jesuítas]</i>	Colonização
A história dos bravos bandeirantes	Bandeiras	<i>As Bandeiras constituem Um fator muito [importante]</i>	
Quilombolas a revolta dos escravos	Quilombos	<i>Dando início aos [quilombos]</i>	Liberdade
Zumbi e Palmares em cordel		<i>Foram os Quilombos [crescendo]</i>	

Quadro 14 – CLASSE TEMÁTICA - HISTÓRIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A guerra dos Palmares	Quilombo	<i>Até que ficou formado O Quilombo dos [Palmares]</i>	Liberdade
Zumbi dos Palmares: herói negro do Brasil	Representatividade	<i>No quilombo eu buscava representatividade</i>	
José Martí	Liberdade	<i>Pra luta de liberdade João Martí que [mostrava]</i>	
Antonio Conselheiro África de um sertanejo místico	Missão Pregavam	<i>Para missão pastoral, [...] Pregavam nos [seguidores]</i>	Liderança
A história da heroína Olga Benário	Comandou	<i>Ela mesma comandou A operação que expulsou O tal bando [indesejado]</i>	
Zumbi e o Quilombo dos Palmares	Líder	<i>Foi Zumbi um líder forte [...] No combate ao [cativeiro]</i>	
Nova história da Paraíba recontada em cordel	Progresso	<i>Com seu progresso [emergente]</i>	Desenvolvimento
O Quilombo Manoel Congo – A saga de um guerrilheiro	Escravidão	<i>Consciente da injustiça Por viver na [escravidão]</i>	Escravidão
Engenho Uruaé		<i>João Alfredo, abolucionista Sua parte fez com precisão Elaborou a Lei Áurea Pondo um fim na [escravidão]</i>	
As lutas de José do Patrocínio – O tigre da abolição		<i>“A escravidão é um roubo” Era assim o seu [discurso]</i>	
O massacre de Caldeirão de Santa Cruz do Deserto	Bombardeiro Aéreo	<i>Caldeirão foi a primeira Comunidade arrasada Por um bombardeiro aéreo No solo da “pátria [amada]”</i>	Guerra

Quadro 14 – CLASSE TEMÁTICA - HISTÓRIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A contribuição dos franciscanos na Capitania da Paraíba	Catequizar	<i>Da missão dos franciscanos Que era catequizar Os índios [paraibanos]</i>	Doutrinação
O massacre de Tracunhaém e a fundação da Capitania da Paraíba	Fundou	<i>E o Rei Dom Sebastião Sabendo, determinou E a nova capitania Da Paraíba [fundou]</i>	Criação
O cordel da guerra de Canudos	Combate	<i>Para um combate fatal Do povo [conselheirista]</i>	Confronto
O massacre de Canudos	Combate Batalha	<i>Cinco horas de combate E batalha perigosa</i>	
A guerra do contestado	Briga	<i>Chamada de Contestado Nome esse que nasce Da briga de dois [Estados]</i>	
O terrível massacre do Caldeirão do beato Zé Lourenço	Destruir	<i>Destruir o Caldeirão Os romeiros e o [beato]</i>	
Antônio Conselheiro e a Guerra de canudos	Destruída	<i>Na manhã do dia seis Canudos é [destruída]</i>	
Os sertões de Conselheiro de Euclides e Gereba	Massacraram	<i>Nos revela os absurdos [...] Que massacraram [Canudos]</i>	
A história do navegador Vasco da Gama no descobrimento das Índias	Descoberta	<i>A descoberta das Índias [Até hoje perpetua]</i>	Descobrimento
A independência do Brasil	Independente	<i>Viu a Pátria independente Pelo domínio [estrangeiro]</i>	Independência

Quadro 14 – CLASSE TEMÁTICA - HISTÓRIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Independência ou Morte!	Independente	<i>Quando D.Pedro Primeiro Proclamou independente O Brasil de [Portugal</i>	Independência

Quadro 14 – CLASSE TEMÁTICA - HISTÓRIA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O azar de Ademar no carnaval de Olinda	Travesti	<i>Um travesti me [enganou]</i>	Transformismo
Discussão dum crente com um boiola		<i>Notei ser um travesti Quando foi me [perguntando]</i>	
O padre e o boiola		<i>Você é um travesti Cruz credo, ave Maria!</i>	
Horóscopo das bichas	Bichas	<i>Embora não seja astrólogo As bichas satisfarei</i>	Homossexualismo
Bicha não coça o saco	Bicha	<i>Bicha faz muita besteira; Dá xilique, tem [desmaio]</i>	
Como bicha e sapatão os sacanas de hoje me dia	Bicha Sapatão	<i>Escrevi sobre os sacanas Corno, bicha e [sapatão]</i>	
O garanhão que se lascou com um travesti	Veado	<i>Metido a cabra-da- peste Se estrepou com [um veado]</i>	
Meretriz e homossexual	Sapatões Veados	<i>As prováveis recompensas Dessa prática, não sei, Porém nunca os xinguei De "sapatões", [nem "veados"]</i>	
Filhinhos de super-mães	Prazer Sexual	<i>Mas o roçar dos colegas Começava a lhe agradar [...] Muito tempo cutucado, [O prazer sexual]</i>	
O cangaceiro	Sexo	<i>E nasceu todo manhoso Com sexo duvidoso E estranha [preferência]</i>	
A mulher ta virando homem	Masculina	<i>Prefere ser masculina Usar cueca e [botina...]</i>	

Quadro 15 – CLASSE TEMÁTICA - HOMOSSEXUALISMO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O expresso da agonia	Fedentina	<i>Por aquela [fedentina]</i>	Odor
O chulé do jornalista fez o Bush passar mal	Chulé	<i>O que a TV não mostra É o chulé do [iraquiano]</i>	
Trapalhadas de um dentista	Olfato	<i>Não suportando o olfato Correu tapando o [nariz]</i>	
A história do homem que adorava comer bacon com feijão	Fedor	<i>Foi uma carniça pura Nunca vi tanto [fedor]</i>	
A discussão do peido e a bufa	Fedorento	<i>Todos dois são fedorentos Na disputa são [legais]</i>	
O valor que o peido tem		<i>Se ele fedorento [vem]</i>	
A operação que fizeram no ás de copa de Zé		<i>Fizeram a operação Consertaram o [fedorento]</i>	
Antologia do peido		<i>De soltar o fedorento [E ficar aliviado]</i>	
O poder que o peido tem		<i>Soltou um peido medonho Fedorento e [bisonho]</i>	
Dr.Caganeira	Borrado Fedendo	<i>Fiquei leso e tonto Com o rosto escorrendo Borrado e [fedendo]</i>	
Seu Lunga no Rio de Janeiro	Sarro	<i>Resolveu tirar um [sarro]</i>	Gozação
Injeção de B-12	Gozação	<i>Foi grande a gozação Quando o recibo [em pauta]</i>	
As mais novas do Seu Lunga	Mau humor	<i>Na arte do mau [humor]</i>	Temperamento
Seu Lunga o campeão do mau humor – v.1		<i>Eleito nacionalmente Campeão do [mau-humor]</i>	

Quadro 16 – CLASSE TEMÁTICA - HUMOR

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Seu Lunga o campeão do mau-humor – v. 3	Mau-Humor	<i>E Lunga com mau-humor Termina fazendo [graça</i>	Temperamento
Seu Lunga o campeão do mau-humor – v.4		<i>Desse nosso consagrado Campeão do [mau-humor</i>	
Seu Lunga o rei do mau humor		<i>Seu mau-humor [causa riso</i>	
O mau humor de Seu Lunga na TV Record	Mau humorado	<i>Seu Lunga é mau [humorado</i>	
Seu Lunga o campeão do mau-humor – v.2	Caráter	<i>Homem de caráter forte E se a pergunta for besta Sua resposta é de [morte</i>	
O mau humor do Seu Lunga no tempo que foi bicheiro	Bruto Temperamental	<i>Mais bruto do que o cão Muito [temperamental</i>	
As histórias de Antonio Tranca Rua	Sopetão Zangado	<i>Respondeu de sopetão Com o ar meio [zangado</i>	
Seu Lunga o rei do mau-humor	Zangado	<i>Seu Lunga é [muito zangado</i>	
Seu Lunga: tolerância zero		<i>E ele muito Zangado [respondeu</i>	
O segredo de seu Lunga		<i>Pra eu não só ficar [mais zangado</i>	
Proezas de Seu Lunga	Ignorante	<i>Sendo o mais ignorante Que existe no [Brasil</i>	
Ser Lunga, é ser diferente		<i>Se alguém vem perguntar, Ele é tão [ignorante</i>	
Perguntas idiotas e as respostas de Seu Lunga	Intolerância	<i>Mas de quem falo, afinal, É o rei da [intolerância</i>	
O cego no cinema	Risada	<i>Fez o povo dar [risada</i>	Diversão
O dia em que Biu fugiu do dedo do urologista	Farrista	<i>Mas de do de urologista Tem a fama de [farrista Gosta de [escuridão</i>	

Quadro 16 – CLASSE TEMÁTICA - HUMOR

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
As mais novas ignorâncias de Seu Lunga	Animação	<i>Mas já é figura popular Que nos trás [animação]</i>	Diversão
O matuto no shopping	Gargalhada	<i>Quando viu, Tonho caiu Na tremenda [gargalhada]</i>	
Piada, sacanagens e fuleragens e os malcriados do povão	Piadas	<i>Piadas e sacanagens [É a psicoterapia]</i>	
A filosofia do peido	Engraçado	<i>O valor que o peido tem Eu achei muito [engraçado]</i>	Humor
As histórias de Seu Lunga, o homem mais zangado do mundo	Engraçadas	<i>As histórias de Seu Lunga Engraçadas e [muito loucas]</i>	
Dois matutos no hospital	Humor	<i>Um homem deu um sorriso E perguntou com [humor]</i>	
Continuação das anedotas de João Quintino Cunha e seu filho José Quintino Cunha	Graça	<i>Seus versos tem [muita graça]</i>	
Sufrimento das solteiras pra arranjar marido	Sufrimento	<i>Sufrimento das solteiras Pra se tornarem [casadas]</i>	Sufrimento

Quadro 16 – CLASSE TEMÁTICA - HUMOR

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O cordel da transposição	Sede	<i>Matar no [Nordeste a sede</i>	Seca
O fazendeiro mendigo e a cabocla enalhada		<i>E a sede cruciante</i>	
O drama da seca	Pasto seco	<i>Pasto seco, chão [cinzento</i>	
Falando do meu sertão	Morre Fome	<i>Morre o plantio da roça [...] Animais morrem [de fome</i>	
A miséria continua e o pobre quer seu direito		Seca	
Orgulho nordestino	<i>Acaso a seca e a [miséria do pobre</i>		
O triste drama das secas e o pranto dos nordestinos	<i>A seca assola o Nordeste Deixando [fragilidade</i>		
Experiência do inverno no sertão	<i>Pra não ver a violência De uma seca em [vão</i>		
A seca de 77 do outro século passado	<i>Na temerosa seca Pouca gente [escapou</i>		
Seca no sertão	<i>Quando eu penso quanto é triste Uma seca no [sertão</i>		
A seca da região de Irecê e o conselho poético do inverno	<i>Eu quero falar da seca [Do sertão de Irecê</i>		
Seca no sertão: vergonha do brasileiro	<i>Essa maldição da [seca</i>		
O desabafo do matuto	<i>A seca ta [castigando</i>		
O poeta e o sertão	<i>No tempo da seca, arde Mas não se posta [covarde</i>		
Epopéia das secas	<i>Na seca a vida não presta Mais de um ano [sem inverno</i>		
A seca de 70	<i>A seca assolando o [Norte</i>		
Sertão sofrido	<i>A seca, o desprezo, [a fome</i>		

Quadro 17 – CLASSE TEMÁTICA - INTEMPÉRIES

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A moça que foi trocada por uma mula, uma carga de farinha e 40 rapaduras, na seca de 1877	Seca	Aconteceu a grande seca que deixou tudo [arrasado]	Seca
A pobreza aperrriada procurando a emergência		Sofre todo sertanejo Quando há seca no [sertão]	
Seca e cheia no Nordeste – Bispo, Governo e Ministério		Toda seca dominava Três anos sem [chover]	
A seca do Nordeste	Secas	Por Nordeste, conhecido Castigado pelas [secas]	
Cavaleiro da solidão		Vi como é triste a situação Das secas e da [fome no sertão!]	
A chegada do velho Chico ao sertão	Sequidão	Quem sofreu tanto na vida Com sequidão [na garganta]	
O homem que mandou comprar a São Pedro, cinco cruzeiros de chuva	Secando	A terra seca e tão quente Secando todo [arvoredo]	
O fenômeno dos fenômenos		Que o rio está secando Do nascente até a [foz]	
Peleja de cantadores	Ressequida	A caatinga ressequida Sob os lampejos do [sol]	
Todo Nordeste entristece quando há seca no sertão	Resequido	Em um mundo ressequido Que parece [fogareu]	
O lamento de um sertanejo pela não transposição do São Francisco	Estiagem	Sertanejo sofre tanto Com a estiagem [malvada]	
O medo de Tio Sam na rota dos furacões	Furacões	Furacões sempre [existiram]	Destruição
As grandes enchentes do Rio de Janeiro	Enchentes	Que ficaram das enchentes A toa e [desabrigadas]	Inundação

Quadro 17 – CLASSE TEMÁTICA - INTEMPÉRIES

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O inverno	Enchentes	<i>O rio sempre tem </i> <i> </i> <i>Grandiosas</i> <i>[enchentes fortes]</i>	Inundação
A inundação de setenta e quatro e o clamor dos flagelados		<i>Diminui o volume</i> <i>Das grandiosas</i> <i>[enchentes]</i>	
As novas calamidades das cheias em Timbaúba		<i>E devido a estas</i> enchentes <i>Irá ficar sem</i> <i>[ninguém]</i>	
A grande inundação no estado da Parahyba		<i>Os rios cresciam as</i> <i> </i> <i> </i> <i>águas</i> <i>Foi grande a</i> [inundação]	
Seca e enchente e o presidente		<i>As secas e as</i> enchentes <i>Num país quase</i> <i>[falido]</i>	
A trágica história das enchentes de 1979	Enchentes Inundaram	<i>Zonas urbanas e</i> <i> </i> <i> </i> <i>rurais</i> <i>As enchentes</i> [inundaram]	
Poesias contra os profetas e experiências da chuva	Inundação	<i>Se enuvia e faz</i> <i> </i> <i> </i> <i>chover</i> <i>Amanhece a</i> [inundação]	
A segunda enchente do Rio São Francisco e o medo do lapense	Cheia	<i>O rio crescente a</i> <i> </i> <i> </i> <i>água</i> <i>A cheia traz</i> <i>[desabrigo]</i>	
A seca no Ceará e suas causas	Enchente	<i>Pois a seca é um</i> <i> </i> <i> </i> <i>fenômeno</i> <i>Como é a</i> [inundação]	
Carmelita, ou o destino da filha dum retirante	Sofrer	<i>Da filha de um</i> <i> </i> <i> </i> <i>retirante</i> <i>Que foi encontrar a</i> <i> </i> <i> </i> <i>sorte</i> <i>Depois de sofrer</i> <i>[bastante]</i>	Sofrimento
Encontro com o destino	Migraram	<i>E pra São Paulo</i> [migraram]	Migração
Popó, o menino órfão que foi enterrado vivo	Retirantes	<i>As levas de</i> [retirantes]	
Os posseiros do maranhão		<i>Retirante sofredor</i> <i>Que partiu sem</i> <i>[levar nada]</i>	
O drama do retirante	Retirante	<i>E lá se vai o</i> retirante <i>Chorando de</i> <i>[mundo afora]</i>	

Quadro 17 – CLASSE TEMÁTICA - INTEMPÉRIES

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Frutinha da seca	Retirante	<i>Seno um retirante [da seca]</i>	Migração
Romance de Rosa Alice (Migrações do Nordeste)	Retirar-se	<i>Uns tratando em [retirar-se]</i>	
O sertão e o sertanejo	Retira	<i>Quando fica sem chuver O lavrador se [retira]</i>	
Vida de nordestino	Vão	<i>Alguns fugindo da seca [...] E vão pra grande [cidade]</i>	
Emigrantes nordestinos no sul do país e pelo sinal aos índios do Brasil		<i>Deixando o céu lindo azul Algumas vão para [o sul]</i>	
Sem seca, a gente vê as belezas do sertão	Vai	<i>E a gente vai pra fora Em pau-de-arara [ou trem]</i>	
Na encruzilhada da vida	Foge	<i>Foge a seca o sertanejo Trepado em “pau- [de-arara”]</i>	
Frustrações de um sertanejo	Deixei	<i>Quando deixei minha terra As brenhas lá do sertão Pra viver na [capital]</i>	
A pobreza em reboiço e os paus de arara do norte	Deixa	<i>Deixa a terra que nascera Pra cumprir um [ideal]</i>	
A vida do operário e o nordestino no Rio	Vem	<i>Que beija os seus no Nordeste Vem pro Rio de [Janeiro]</i>	
A triste partida nordestina	Vamos	<i>Nós vamos a São Paulo [Viver ou morrer]</i>	
A triste partida de Francisco do Vale e Maria Romana		<i>Porque nós vamos embora Procurar outro refúgio Por estes sertões [afora]</i>	
O nordestino no sul	Sai	<i>Quando sai do seu torrão E vem pro sul do [país]</i>	

Quadro 17 – CLASSE TEMÁTICA - INTEMPÉRIES

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O tremor de terra em Natal	Terremoto	<i>Um terremoto em Natal A notícia veio do [sul</i>	Sismologia
A natureza		<i>Terremoto que aparece Da terra e seu [cômodo</i>	
O frio de São Paulo está desmoralizado	Esquentou-se	<i>Mas agora esquentou-se Virou um verão da [peste</i>	Temperatura

Quadro 17 – CLASSE TEMÁTICA - INTEMPÉRIES

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O encontro do negão com o monstro do rio negro	Pagaram	Assim pagaram [os crimes]	Punição
A morte do bandido João madeira o assassino de Felix Araújo	Pagava	Só assim ele pagava A grande [barbaridade]	
O bebê diabo	Anormal Extrair Filho	Um menino anormal Mandar extrair [um filho]	
O cachorro dos mortos	Enforcado	Disse:-Monstro desgraçado Aquele velho cachorro Descobrirá este crime E tu serás [enforcado]	
O crime das três maçãs		Depois que confessou tudo Na praça foi [enforcado]	
A Lei Maria da Penha em cordel	Punir	Com nome Maria da Penha Assim nova lei surgiu Busca fazer prevenção Punir o que [agrediu]	
Um grito silencioso: os abortos clamam aos pais, carta de um filho que não nasceu	Punições	E os abortos pedindo-os Contra os pais [punições]	
A justiça tarda e falha	Condenado	Foi julgado e condenado Por ser um [reincidente]	
Paulada que Diógenes deu em Zé mago por causa as eleição	Prender	Conseguiu prender Diógenes E o deixou [engaiolado]	
O terrível castigo para os ladrões que foram roubar Frei Damião	Prisão	Tu vais pagar na prisão Pois a justiça na terra Pra você não tem [perdão]	

Quadro 18 – CLASSE TEMÁTICA - JUSTIÇA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A mulher que fez justiça com as próprias mãos	Castigo	<i>Estes canalhas capados Logrando sobreviver Do castigo [contudente</i>	Punição
Armadilha do destino	Doou	<i>Para não criá-lo sofrendo O doou pra um [casal</i>	Adoção
Martírios de uma mãe ou as dores de Marina	Adotar	<i>E preterida adotar</i>	
Os brasileiros que invadiram o inferno	Inferno Ressentimento	<i>Quem faz da vida um inferno Vive de [ressentimentos</i>	Mal
A evolução criminal e sua repressão	Legislar	<i>A legislar sobre [crimes</i>	Legislação
Um réu inocente e uma defesa feita por Frei Damião	Libertou	<i>Naquela hora a justiça Libertou o [inocente</i>	Liberdade
O orfanato macabro dos monstros de Morro Agudo	Justiça	<i>De aqui mesmo fazer Justiça com nossas [mãos</i>	Justiça

Quadro 18 – CLASSE TEMÁTICA - JUSTIÇA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS	
Biomás brasileiros meio ambiente	Biomás	Os biomás [brasileiros]	Natureza	
A Amazônia é nossa!	Biodiversidade	A biodiversidade E a riqueza do seu [chão]		
Lixo onde botar?	Lixo	Que o homem vai produzindo lixo Que no meio ambiente se [amplia]	Poluição	
Lugar de lixo é no lixo ou jogue o lixo na lata!	Poluir	Que a moda do lixo mude Deixando de poluir		
Aquecimento global	Polui	Polui o ar com [fumaça]		
A terra da poluição inacreditável	Poluição	Da terrível poluição Causa medo pro [futuro]		
O ar de Natal e as estradas do país		Que vê que a poluição É o nosso maior [legado]		
Nosso rio Potengi e o desastre ambiental		Hoje ta tudo mudado... [Só se vê poluição		
A luta do pescador e a poluição do rio Goiana		Se pescar não pega nada [Devido a poluição		
Não mate a natureza!		Mas, a maior poluição É de encontro à [natureza]		
Proteja o meio ambiente		A poluição destrói O nosso verde [bonito]		
O problema do lixo		Poluindo	Poluindo todo o [solo]	
Uma lição sobre a água		Poluídas	Pelas doenças causadas Pelas águas [poluídas	
Vão matar o velho Chico para regar o sertão!	Poluído	O Chico anda largado Está sendo poluído		
Poluição sonora os sons da cidade	Sons poluidores	Esses sons [poluidores		
Pela vida do planeta	Preservemos Natureza	Salvemos e preservemos Desde já a [natureza	Preservação	

Quadro 19 – CLASSE TEMÁTICA – MEIO AMBIENTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Salvem a fauna! Salvem a flora! Salvem as águas do Brasil	Preservar	<i>Se acostume</i> preservar <i>O ar, as águas e o</i> [chão]	Preservação
Pau Brasil (um sonho de resgate)		<i>Para preservar</i> <i>Pau-Brasil</i> <i>Uma árvore em</i> [extinção]	
Amazônia pede socorro		<i>Precisamos</i> preservar <i>Faça isto pra valer</i>	
A fonte de vida		Preserva <i>Quem preserva a</i> [natureza]	
O planeta água está pedindo socorro	Preservá-la	<i>Que devemos</i> preservá-la <i>Para nosso próprio</i> [bem]	
Joaninha bonitinha e a luta pelo meio ambiente	Preservando	<i>Preservando a</i> <i>natureza</i> <i>Pra uso do cidadão</i>	
A natureza e o homem	Preservar-se	<i>Preservar-se o</i> <i>santuário</i> <i>Da nossa mãe</i> [natureza]	
O mundo não é lixeira	Meio Ambiente Tratando	<i>Tratando o –</i> Meio Ambiente – <i>Bem, todos vamos</i> [ganhar]	
Mãe natureza, filho ingrato e o aquecimento global	Zelando	<i>Zelando a natureza</i> <i>Do litoral ao</i> [sertão]	
O clamor da terra	Aquecimento global	O aquecimento global <i>Parece</i> [irremediável]	Temperatura
Os efeitos do aquecimento global		<i>Estamos vivendo</i> <i>um tempo</i> [...] De aquecimento [global]	
Aquecimento global o apocalipse		O aquecimento global <i>No planeta</i> [terrenal]	
A natureza quer viver não mate a vida	Matar	<i>O homem tem que</i> <i>parar</i> [...] <i>[De poluir e matar</i>	Destruição
Preservando para melhorar	Desmatamento Poluição	<i>Contra o tal</i> desmatamento <i>[E a cruel poluição</i>	

Quadro 19 – CLASSE TEMÁTICA – MEIO AMBIENTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O poeta de cordel defende a ecologia	Desmatamento Poluição Morte	<i>Falo no desmatamento Pelos campos florestais A poluição das águas E morte dos [animais]</i>	Destruição
Viva São João sem fogueira e sem balão	Compra lenha sem Licença	<i>Quem compra lenha sem ter A licença oficial</i>	
A saga do Pitimbu	Crimes ambientais	<i>Mas o rio ainda é alvo De crimes [ambientais]</i>	
Devastação	Destruição	<i>Das árvores que existiam [...] De amarga [destruição]</i>	
Lagoa da minha infância	Derrubada	<i>Vi que ao redor da Lagoa A mata foi [derrubada]</i>	
Era uma vez um planeta	Devastar	<i>Com nada se preocupa [Só fazia devastar]</i>	
Brasil um país ameaçado		<i>A imensa mata atlântica Depressa vão [devastar]</i>	
Terra: o nosso planeta pede socorro	Cruel Devastação	<i>Proibindo no planeta A cruel [devastação]</i>	
O planeta terra pede socorro	Arrasada	<i>Ela está sendo arrasada Por esta má [geração]</i>	
Sinfonia da natureza – vozes de 137 animais	Derrubadas	<i>Por causa das derrubadas E das terras [ressecadas]</i>	
A gameleira	Tiraram-lhe	<i>Porém tiraram-lhe a vida Um crime [municipal]</i>	
O caçador João Mendonça e o tribunal da floresta	Tráfico de Animais	<i>Tornou-se um obstinado Contra o tráfico de [animais]</i>	Infração

Quadro 19 – CLASSE TEMÁTICA – MEIO AMBIENTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Aquecimento global – É frescura ou a coisa esquentou mesmo?	Esquentou	<i>Nós devemos cuidar da natureza Só porque dizem que a terra [esquentou]</i>	Temperatura
O planeta está chorando com o aquecimento global	Esquetando	<i>O planeta esquetando Estão pedindo [guarda]</i>	
Água	Água	<i>Precisamos de [água para viver]</i>	Vida
Águas primordiais		<i>Sem água a vida [não flui]</i>	
Cordel, água e preservação		<i>Água é coisa muito séria Tem que ser mais [pensada]</i>	
Bê-a-bá do Baobá	Baobá	<i>O famoso vegetal Baobá – quero [informar]</i>	Plantação
Liberte o Caga Sebite	Libertem	<i>Libertem os Cagas Sebites De gaiola e [alçapão]</i>	Liberdade
As tartarugas marinhas decantadas em cordel	Extinção	<i>Muitas espécies de animais Já estão em [extinção]</i>	Extinção

Quadro 19 – CLASSE TEMÁTICA – MEIO AMBIENTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O corno da bananeira	Chifre	<i>E levar chifre [adoidado]</i>	Traição
Quatro poemas de corno		<i>Chifre ficou pra quem ama Touro usa de [enxerido]</i>	
Corno, o comentário é inevitável		<i>Um chifre que levou E não quer [acreditar]</i>	
O morto que foi chifrado e voltou para se vingar		<i>Vê o chifre [avantajado]</i>	
O chifrudo valentão	Chifres	<i>Mesmo sujeito a mais chifres Decidiu morar com [ela]</i>	
A vingança de Maria (e uma história de corno)		Chifres Corneado	
O cafajeste, o sacristão e o padre	Chifrudo	<i>Ao ouvir tudo aquilo Passou a mão na testa Descobriu que era [chifrudo]</i>	
Mil e uma maneiras de manter seu casamento		<i>Terminei sendo [chifrudo]</i>	
A mulher que enjeitou seu marido na lua de mel		<i>Que iria ser [chifrudo]</i>	
A desventura de um corno ganancioso	Corno	<i>Alguém diz que [ser corno]</i>	
As espécies de cornos existentes no mundo		<i>E o corno [desconfiado]</i>	
Viagem de um chifrudo ao país de São Cornélio		<i>Pois de corno eu [tinha fama]</i>	
Um corno para cada dia do mês – uma verdadeira cornorologia		<i>Quem é corno LAGATIXA Lute e não [esmoleça]</i>	
Chifrudos associados		<i>Tem tanto tipo de [corno]</i>	
O matuto e a safada		<i>Nem sabia que por certo Seria um corno [ferido]</i>	
O corno e o detetive		<i>Quando o corno [descobria]</i>	
Cacete, cachaça e gaia		<i>Sem o corno dele [saber]</i>	

Quadro 20 – CLASSE TEMÁTICA - MORALIDADE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A vingança da falecida	Engana	<i>Quando alguém engana alguém Cedo ou tarde [sofrerá</i>	Traição
O DNA do indiano	Trair	<i>Como ela pode [trair</i>	
A fração amorosa ou o valente Ricardão	Trai	<i>Pois nunca trai Tenório Só hoje é que vou [tentar</i>	
O sindicato dos cornos	Traídos	<i>Mas que reúne maridos Pelas mulheres [traídos</i>	
Um chifre que me fez bem	Traição	<i>E Buscencia foi flagrada [No ato da traição</i>	
A incrível traição da mulher do Ricardão	Traidor	<i>Ricardão é traidor Pois com mulheres casadas Ele quer fazer [amor</i>	
O corno e o soldado	Traiu	<i>Já mim traiu ôta [vêi</i>	
A esperteza de Ana pra se livrar do marido	Agarrado	<i>Quando Ana avistou Zé Agarrado com [uma dona</i>	
Chifre é coisa do passado pro homem informatizado	Infiel	<i>Esposa, amante ou parceira Se revela uma [infiel</i>	
Estória de um homem que deixou a mulher por uma jumenta	Deixou	<i>Diz que o senhor a deixou Por amor de uma [jumenta</i>	Abandono
O trocador de mulheres	Conquistador	<i>Um grande [conquistador</i>	Sedução
Aquela dose de amor	Animal	<i>Mais ficou meio sem graça Este animal [predador...</i>	Irrracionalidade
Escravos do vício	Vício Bebida	<i>Você não deixa este vício Desta maldita [bebida</i>	Hábito
Um bebo liso	Bebo	<i>Bêbo nunca cai de [frente</i>	
Filho de peixe é peixinho	Bebendo	<i>Desde muito pequenino Eu via meu pai [bebendo</i>	

Quadro 20 – CLASSE TEMÁTICA - MORALIDADE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Arengas de um cachaceiro dentro de um ônibus lotado	Bebeu	Que bebeu lá no [meu bar]	Hábito
Destino do biriteiro	Embriaga	Toda vez que se [embriaga]	
O macaco besta a droga matou	Vício	Para atolar-se no limbo Do vício infame e [malvado]	
O homem da vaca e o poder do infortúnio		De todo o vício do mundo [...] O pior é o baralho	
Já bebi, não bebo mais! Bebo até lascrar o cano		Fui um dos apaixonados No vício da [bebedeira]	
Jovem! Seja grande craque na vida... Dible o “crack” no jogo da morte!!!		Qualquer VÍCIO [causa mal!]	
Escravos da cachaça		Vicia-se	
Seja independente do vício do alcoolismo!	Viciada	A pessoa viciada Passa por muito [desgosto]	
A última carta	Viciar	Fui aumentando a frequência, [Até eu me viciar]	
Quem fuma sabe quem não sabe venha saber	Fumando	As pessoas pelas ruas Muitos estavam [fumando]	
O fumante	Fumar	Mas diz que fumar [é moda]	
Discussão de Zé do Tabaco com o Doutor Saúde	Fumante	O nosso Zé do Tabaco É fumante [inveterado]	
A vida do velho barreiro	Consome	Em que a cachaça [o consome]	
Monólogo da cocaína	Penetro	Vale a pena o sacrifício Penetro em fossas [nasais]	
Carta da amiga droga	Droga	Do estrago que a droga Produz ao ser [injetada]	
Se droga fosse bacana não tinha o nome que tem		Droga deixa o cidadão Sem rumo e [alienado]	
A juventude e as drogas	Drogas	São vários tipos de drogas Que leva o jovem à [ruína]	

Quadro 20 – CLASSE TEMÁTICA - MORALIDADE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Viver em paz, é viver vida sim, drogas não	Drogamos	<i>E no terreno da ilusão Que nos drogamos</i>	Hábito
Exaltação à cachaça	Paladar	<i>O paladar que [contém</i>	Degustação
O homem da bola de ouro	Bola de ouro Barriga	<i>Aquela bola de ouro Acabei de encontrar [...] Na barriga de [Ritinha</i>	Geração
História de D.Genevra	Fielmente	<i>Tu mandaste assassinar Quem te ama [fielmente</i>	Fidelidade
Os loucos da moda	Moda	<i>A moda só traz [loucura</i>	Estilo
Discussão de um crente com um cachaceiro	Amaldiçoados	<i>Quem joga quem toma cachaça São uns [amaldiçoados</i>	Maldição
A rainha da cocada preta	Metida	<i>Rainha da cocada preta É um jeito de caçar Cara de moça [metida</i>	Comportamento
O pedantismo da madame	Pedante	<i>Quem pensar em ser pedante Cuidado pra não [se arrepender</i>	Ostentação
Lambada no inferno	Escandalizante	<i>Moças nuas rebolando Gestos [escandalizantes</i>	Escândalo
Mulher macho sim senhor!	Maridos	<i>Feliz com os dois [maridos</i>	Bigamia
Rosinha e Alemão um amor que nasceu sob sacrilégio	Delito	<i>Acho que até desconfia Do nosso grande [delito</i>	Pecado
Brincando com a sorte	Azar	<i>Me bati em retirada Furioso com o [azar</i>	Destino
O jogador e o julgador	Julga	<i>Cada um julga e faz Como bem lhe vem [na telha</i>	Julgamento
Gente safada	Safada	<i>Gente safada é assim É feito de pau de [piquei</i>	Safadeza

Quadro 20 – CLASSE TEMÁTICA - MORALIDADE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Assédio sexual	Assédio sexual	<i>E Antõe foi acusado [De assédio sexual</i>	Violência

Quadro 20 – CLASSE TEMÁTICA - MORALIDADE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O cortejo fúnebre de Luiz Gonzaga	Morte	A morte de Luiz [Gonzaga]	Morte
Adeus, a princesa Diana		A morte da Lady [Di]	
A última viagem do Papa João Paulo II em literatura de cordel		Doença que o [levou à morte]	
A morte do Cacique Chicão em literatura de cordel		A morte do nosso cacique O conhecido [Chicão]	
Tragédia aérea mata Mamonas		Como as que tive com a morte Dos Mamonas [Assassinadas]	
Morreu São Tancredo Neves deixando o Brasil de luto		Pela morte de Tancredo A nação já [esperava]	
As minas de Minas		A conclusão que cheguei Sobre a morte [repentina]	
Do outro lado do mundo – relato sobre a morte de Nilton ferreira Lima		A morte é coisa certa A vida é uma [estada]	
No dia em que Padre Cícero morreu		A morte do Padre Cícero Foi um fenômeno [de dor]	
Tragédia sertaneja		Morreu	
Quando minha mãe morreu	Apagaram logo a vela E disseram já [morreu]		
Fim de um longo pontificado – Morre João Paulo II	Morre	Morre João Paulo II O ser humano [capaz]	
Adeus Drummond	Morrer	Que o maior dos maiores Acabava de morrer	
Pavoroso desastre do avião no aeroporto de São Luis do Maranhão	Morreram	No pavoroso desastre Houveram seis explosões Vinte e três Pessoas morreram	

Quadro 21 – CLASSE TEMÁTICA - MORTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O desastre do avião que explodiu em Pacatuba	Morreram	Morreram <i>carbonizados</i> <i>Tantas pessoas</i> <i>[queridas</i>	Morte
O maior inimigo do cachorro	Morto	<i>Deu quatro tiros</i> <i>em Bicão</i> <i>Que caiu morto no</i> <i>[chão</i>	
A morte de Dr. João Pessoa		Morto <i>por um</i> <i>assassino</i> <i>Infame, vil e</i> <i>[tyranino</i>	
A morte dos quatro inocentes no Rio Grande do Norte	Mortos	<i>Quando viu os</i> <i>filhos mortos</i> <i>Deitados no frio</i> <i>[chão</i>	
A morte de Chico e Vela		<i>Porém já tiraram</i> mortos <i>Para quem</i> <i>[quisesse vê-los</i>	
Matota o matador de crianças	Mortas	<i>Oito crianças,</i> <i>coitadas</i> <i>Foram mortas num</i> <i>[só dia</i>	
Chico Xavier o maior médium do mundo morre nos braços do povo	Morria	Morria <i>[serenamente</i>	
O sepultamento do coronel Ludugero	Morrido	<i>E lamentavam o</i> <i>coronel</i> <i>Ludugero ter</i> <i>[morrido</i>	
O terrível assassinato de seis empresários portugueses ou o monstro lusitano	Chacina	<i>Que sofreram</i> <i>[uma chacina</i>	
A foice da morte		<i>A mulher do</i> <i>capataz</i> <i>Foi quem fizera a</i> <i>[chacina</i>	
Faleceu Mané Garrincha	Eterna habitação	<i>Que Garrinha se</i> <i>mudou</i> <i>Pra eterna</i> <i>[habitação</i>	
A morte de Dalva de Oliveira	Eternidade	<i>Hoje está na lousa</i> <i>fria</i> <i>Para sempre</i> <i>[eternidade</i>	
O adeus de Beto Carreiro o herói do circo	Desenlace	<i>Todo o país</i> <i>lamentou</i> <i>O desenlace do</i> <i>[artista</i>	
Pedido de vaqueiro José Dionísio a Jesus Nosso Senhor	Partida	<i>Pros amigos vou</i> <i>explicar</i> <i>A minha partida a</i> <i>[razão</i>	

Quadro 21 – CLASSE TEMÁTICA - MORTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Patativa do Assaré o mito da poesia nordestina	Partida	A triste partida [aconteceu]	Morte
ABC a Patativa do Assaré		Com sua triste partida Ficou de luto a [Nação]	
Patativa do Assaré deixa o Nordeste de luto		O Nordeste está de luto Por sua triste [partida]	
A morte de Cássia Eller em literatura de cordel	Partiu	Partiu para a [eternidade]	
Morreu Raquel de Queiroz – A escritora da vida		Partiu para outra [vida]	
O céu faz festa no forró do cantor Luiz Gonzaga		Quando Gonzagão partiu Das existência [eterna]	
Em memória de Brígida Guimarães dos Santos		Que já partiu deste mundo Em busca de outra [morada]	
Morreu o rei do baião Luiz Gonzaga – 1912 – 1989	Sepultado	No último adeus ao artista Antes de ser [sepultado]	
Meu post-mortem (ou pedidos de um moribundo)	Sepultura	A sepultura é o fim De toda a nossa [existência]	
A prateada morte do papa João Paulo II	Falecimento	Quando surgiu a notícia Dando o seu [falecimento]	
O último e glorioso vôo morre Patativa do Assaré	Faleceu	Para dizer que o nosso [Patativa faleceu]	
O homem que presenteou a sogra com um terreno no cemitério	Enterrar	Quando foi pra enterrar A mãe e o marido [Biu]	
O desastre com o avião da TAM (A maior tragédia da aviação brasileira)	Perder	Perder seus entes queridos Naquele vôo [derradeiro]	
A trágica morte do Senna	Perderia	Do acidente brutal Em que perderia a [vida]	
Hilton Carneiro Mota – Morto no trágico acidente no dia 27 de maio de 1992	Perdeu	Sua vida preciosa No grande impacto [perdeu]	
Bala assassina mata PC Farias	Morte	Pois a morte de PC Ecoou no mundo [inteiro]	Assassinato

Quadro 21 – CLASSE TEMÁTICA - MORTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A morte do Padre João Bosco Burnier	Tiro	<i>Um tiro também se ouviu Vindo do mesmo soldado Ao mesmo padre [atingiu</i>	Assassinato
O Brasil inteiro chora a morte de Clara Nunes	Enlutou	<i>Como na Estrela Clara Que enlutou a [cidade</i>	Luto
Avante! Um, dois, três...fui!	Suplício	<i>Botar um fim no [suplício</i>	Sufrimento

Quadro 21 – CLASSE TEMÁTICA - MORTE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS	
A peleja de José Gustavo com Maria Roxinha da Bahia	Peleja	<i>Vença o preto na</i> [peleja]	Peleja	
A peleja do velho com o novo		<i>Imaginei a peleja</i> <i>De um rapaz</i> <i>cantador</i> <i>Falando mal da</i> [velhice]		
A malassombrada peleja de Pedro Tatu com o lobisomem		<i>Se começava a</i> peleja <i>“Adispois” que se</i> [benzia]		
Peleja Oliveira de Panelas x Marco di Aurélio		<i>Nossa peleja</i> <i>renhida</i> <i>Eu quero logo</i> [avisar]		
O duelo cibernético de José Honório com mauro Machado		<i>Na peleja, quando</i> [luto]		
Peleja do mestre Azulão com o negro dos pés redondos		<i>E disse: - eu venço</i> [a peleja]		
Peleja de Zé Limeira com Severino Tempero		<i>Uma tremenda</i> peleja [Teve nesse dia lá]		
Encontro de Pedro Bandeira com Expedito Sebastião		<i>Pedro bandeira,</i> <i>devemos</i> <i>Encerrar esta</i> [peleja]		
Peleja de Severino Milanez e Manoel Clemente		<i>Enfrenta qualquer</i> [peleja]		
A violenta discussão de Izaías com Acaci		<i>Por causa dessa</i> [peleja]		
Peleja de Joaquim Peitica com o cego Canção		Pelêjas		<i>Que entre todas</i> pelêjas <i>Fora de maior</i> [valia]
O encontro de Raul Seixas com Zé Limeira no avarandado da lua				Pelejar Peleja <i>Quero pelajar</i> <i>contigo</i> <i>Encerremos a</i> [peleja]
O encontro de João Ramos com Maxado Nordestino	Pega-pega Feito na hora	<i>A você um pega-</i> <i>pega</i> <i>De versos feito na</i> [hora]		
A peleja virtual de Paulo Dunga com Mauro Machado	Desafio Peleja	<i>Eu aceito o desafio</i> <i>O de entrar nessa</i> [peleja]	Desafio	
A grande peleja virtual de Antonio Klévisson Viana com Doizinho o “poeta dos passarinhos”	Peleja	<i>Me propôs uma</i> [peleja]		
A peleja de Azulão com Zé Limeira		<i>Trato da peleja de</i> <i>Zé Limeira e</i> [Azulão]		
A grande peleja virtual de Klévisson Viana e Rouxinol do Rinaré	Pelejar	<i>Vamos pelejar na</i> [rede]		

Quadro 22 – CLASSE TEMÁTICA - PELEJA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Peleja de Serrador e Carneiro	Vencia	<i>Dos cantores que [vencia]</i>	Desafio
Peleja de Oscar Alho e Francisco Malagueta	Vencedor Empate	<i>Não há vencedor na sala Vamos brindar o [empate]</i>	
Peleja de Manoel Riachão com o diabo	Duelo	<i>Vamos bater-se em [duelo]</i>	
Peleja de Erotildes Miranda com José Costa Leite		<i>Se eu queria topar Costa Leite num [duelo]</i>	
Peleja de Ventania com Pedra Azul		<i>Aí travou-se um [duelo]</i>	
Peleja de Joaquim com José Melquíades		<i>Mandou logo convidá-lo Para um duelo [pesado]</i>	
Peleja de J.Borges com João Vicente Emiliano		<i>É bamba neste [duelo]</i>	
A grande surra que levou Cordeiro Manso de João Athayde por desafiá-lo		<i>Você me fala em [duelo]</i>	
O desafio dos bonecos Zé Buchada e Bastião	Apanhar	<i>Aprenda a improvisar Aqui eu sou o maior Você vai é [apanhar]</i>	
A grande peleja de Pinto com Lourival	Embate	<i>A grande expectativa Daquele embate [iminente]</i>	
Peleja de Caetano Cosme da Silva com Maria Lavadeira		<i>Juro não ficar [empate] Em nossa cantoria</i>	
Peleja da cachorra cantadeira com o macaco embolador	Desafia	<i>Cachorra puxa a viola E desafia o macaco</i>	
Peleja virtual – Hairton Carvalho versus Paulo Veras	Desafio	<i>Aceite este desafio Que eu faço da [Capital]</i>	
A peleja de Rodolfo Cavalcante com Caboquinho da Bahia		<i>Sua viola afinava Em termo de [desafio]</i>	
Peleja de Severino Borges com Sebastião José		<i>Trocamos muitas idéias Com pensamentos firmados, Em desafio e [ciências]</i>	
Peleja de Bráulio Tavares com Antônio Klévisson Viana	Desafiá-lo	<i>Mas folgo em desafiá-lo Numa toada [segura]</i>	

Quadro 22 – CLASSE TEMÁTICA - PELEJA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A peleja internética entre dois cabras da peste!	Desafiar	<i>Venha se chegando quente Que vou lhe [desafiar]</i>	Desafio
O grande desafio de Antonio Queiroz com Paraíba da Viola	Dupla	<i>E quem da dupla é melhor Nós saberemos [depois]</i>	
Peleja de Severino Simeão com Ana Roxinha	Improvisar	<i>Simeão, vamos então Improvisar [direitinho]</i>	
A esmagadora peleja de João Vicente Emiliano com José Pedro Pontual	Improvisa Canta	<i>Improvisa e canta [história]</i>	
O casamento do calango	Improvisando	<i>Improvisando ela tem Uma vocação tão [bela]</i>	
O encontro de Maxado Nordestino com Rodolfo Cavalcante	Ganhar	<i>Para ganhar de Rodolfo No meu verso [improvisado]</i>	
A peleja de Leandro Gomes com uma velha de Sergipe	Jogo	<i>Eu disse: - Traga ela cá; A boca é quem faz [o jogo]</i>	
Grande peleja de Manuel Chudu com Diniz Vitorino	Debates	<i>Cantadores nordestinos Travam debates [medonhos]</i>	
Peleja de Camilo e Correia	Debate	<i>Como foi esse debate Vamos já saber [aqui]</i>	
Peleja de Zé Daniel e Gilberto Braga da Silva	Enfrentou-me	<i>Com uma viola na mão E enfrentou-me na [glosa]</i>	
Peleja de Azulão com Palmeirinha	Desbancar-me	<i>Mas se você desbancar-me, Pode ser, mas eu [duvido]</i>	
Peleja de Aderaldo Filho do Cego, com Alexandre o neto de Zé Pretinho	Disputa	<i>Afinaram os violões E entraram na [disputa]</i>	
Peleja de João Crispim Ramos com Rodolfo Coelho Cavalcante	Surrar	<i>Respondeu-me: vim somente Lhe surrar em [poesia]</i>	
Peleja de Vicente Sabiá com Antonio Coqueiro	Perde Ganha	<i>Vamos ver quem [perde ou ganha]</i>	
Peleja de João de Lima com um cantador da Bahia	Combate	<i>Porque nunca deu [combate]</i>	

Quadro 22 – CLASSE TEMÁTICA - PELEJA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A insustentável peleja de Zé Maria de Fortaleza com Calixtão de Guerra	Combate	<i>Este combate se [deu</i>	Desafio
Discussão de José Pequeno e Amaro Quaresma	Questão	<i>Demos começo a [questão</i>	
Peleja de José Carlos com Manoel Tomaz de Assis		<i>Deram começo a [questão</i>	
Peleja de Manoel Campina com Toinha Feitosa	Luta	<i>Pois então se prepare [...] Para luta se [debare</i>	
Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro	Discussão	<i>Uma discussão que [tive</i>	
Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho		<i>Afinamos os instrumentos Entramos em [discussão</i>	
Peleja de Francisco Sales com Maria das Dores	Bater-me	<i>E nunca temi bater-me Com qualquer um [repentista</i>	
Peleja de bule-bule com Valdomiro Galvão	Bulir	<i>A sua sorte é chegada De você bulir comigo No ritmo da [baionada</i>	
Peleja de Lourival Bandeira com João Tavares	Chocaram	<i>Aí os dois cantadores Sem desculpas se [chocaram</i>	
Peleja de Bernardo Nogueira e o Preto Limão	Surrando	<i>Pra ver Bernardo Nogueira Surrando Preto [Limão</i>	
Peleja de Riachão com o diabo	Cantar	<i>Este chamou Riachão Para cantar um [martelo</i>	Expressão
Peleja de Manoel Camilo com Manoel Tomaz		<i>Me diga se quer cantar Comigo sem [embaraço</i>	
Os reis do desafio: peleja de João Sabugi com Manoel Tira-engano		<i>É que eu fui convidado Para cantar com [um negro</i>	
A grande peleja de Otávio Leonardo com Severino Clarindo		Cantarem	

Quadro 22 – CLASSE TEMÁTICA - PELEJA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Peleja dos poetas-violeiros Pedro Bandeira e Manoel Chudu	Canta	<i>E só digo que um cabra canta Depois que canta [comigo]</i>	Expressão
Peleja de Severino Borges com Mocinha do Pará	Cantoria	<i>Que pretende a cantoria Em quadrão e [gabinete]</i>	
Peleja de José Gaspar com João de Barros	Cantando Repente	<i>Meicha tudo quanto tem Que eu cantando repente Não dou colher a [ninguém]</i>	
Lusivan Matias e Sebastião Marinho grande debate	Cantoria Repente	<i>Que cantaria repente Ao lado de Lusivan</i>	
Peleja de José Pedro Pontual com Tertuliano Cordeiro	Repentes	<i>Solte seus repentes bons Que agrada a [mocidade]</i>	
Discussão de Cleydson Monteiro com Mauro Machado	Argumentar	<i>Pois pra ser um bom poeta Precisa [argumentar]</i>	Discussão
Peleja de José Costa Leite com Antonio Klévisson Viana	Porfia	<i>Para escutar os poetas No decorrer da [porfia]</i>	
Peleja de Guriatã de Coqueiro com Sebastião do Rio Grande		<i>Dois poetas do Nordeste Entraram numa [porfia]</i>	
Peleja de João Athayde com Raimundo Pelado do Sul		<i>Porque vim convidá-lo Entrarmos numa [porfia]</i>	
Peleja de Laurindo Gato com marcolino Cobra Verde		<i>Quem ganhar esta [porfia]</i>	
A peleja do fígado valente com Mané Cachacinha	Discussões	<i>De severas discussões Com malícia e [esperteza]</i>	
Nas curvas do corpo dela capotei meu coração	Discussão	<i>Mas gostei da discussão Mastigado na [querela]</i>	
Peleja de Guriatã das Alagoas com Passarinho do Norte	Debate	<i>Para ouvirem de perto Meu debate [acontecendo]</i>	
A peleja de João Melchiades e Lino Pedra Verde acerca do reinado descoberto	Diga	<i>E me diga [cantador]</i>	Comunicação

Quadro 22 – CLASSE TEMÁTICA – PELEJA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Cordel pela anistia ampla, geral e irrestrita	Anistia	<i>Vou falar de</i> [anistia]	Liberdade
Movimento separatista no Brasil	Independentes	<i>Que regiões descontentes Por várias razões quiseram Se tornar</i> [independentes]	
Brasil plastificado	Inflação	<i>Quem provoca a</i> [inflação]	Economia
A guerra contra a inflação e o valor do cruzado		<i>Pois a inflação estava Botando pra</i> [derreter]	
O ABC do feijão e os tumultos na fila		<i>Horrores e desenfreados São causas da</i> [inflação]	
O pacote		<i>E a vida inteira</i> [Com alta inflação]	
O feiticeiro do sal	Desemprego Inflação	<i>O desemprego acabou A velha inflação [também]</i>	
Lula é o caro...de pau	Economia	<i>Nossa economia é forte Mas é pouco [revertida]</i>	
Cz\$, Cruzado um foi trambique e Cz\$, dois é tragédia	Congelamento	<i>Agora o congelamento Sósendo em [congelador]</i>	
A posse do Presidente e o impacto do plano Brasil Novo	Medidas econômicas	<i>As medidas econômicas Fartamente [arrumadas]</i>	
Um guerrilheiro potiguar no Araguaia	Oprimia	<i>Que oprimia a [liberdade]</i>	Opressão
O socialismo morreu?	Transformação	<i>A classe trabalhadora Pivô da [transformação]</i>	Revolução
O Brasil mal-governado	Poder Enganado	<i>É a máfia do poder Trazendo o povo [enganado]</i>	Política
Getulio Vargas eterno no coração do povo brasileiro	Estadista	<i>Porque o grande Estadista Getúlio Vargas [nasceu]</i>	
Bush a besta-fera do apocalipse	Meu	<i>O planeta é todo [meu]</i>	Poder

Quadro 23 – CLASSE TEMÁTICA – PODER

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Governador do DF atropela a gramática e “demite” o gerúndio	Arrogância Petulância	<i>Que, além da</i> arrogância <i>[...]</i> <i>É ato de</i> [petulância]	Poder
Os pecados capitais da política brasileira	Mandar	<i>O meu negócio é</i> mandar <i>Desconheço a</i> <i>[humildade]</i>	
Desordem e regresso	Poderes	<i>Os</i> poderes <i>constituídos</i> <i>Poder estadual</i> <i>Poder municipal</i>	
Brasil da Nova República farol do terceiro mundo		<i>Para Sarney, no</i> poder <i>Ter a sensibilidade</i> <i>De cumprir seu</i> <i>[dever]</i>	
Já estamos no futuro		<i>Porém exigir</i> <i>daquele</i> <i>Que estiver no</i> [poder]	
Do cruzado às eleições		<i>Homens assim no</i> poder <i>É um caso muito</i> <i>[raro!]</i>	
O golpe – de 1964 a 1985	Ditadura	<i>Impulseram a</i> [ditadura]	Despotismo
O regime do terror da ditadura militar		<i>Derrubar a</i> ditadura <i>Do Costa da linha</i> <i>[dura]</i>	
Presidente João Teimoso	Dirigir	<i>Pra</i> dirigir <i>os</i> <i>destinos</i> <i>Do nosso grande</i> <i>[país]</i>	Governo
Muita sarna na sarneira do Presidente Sarney	Dirija	<i>A Sarney, para que</i> <i>este</i> Dirija <i>a nossa</i> <i>[Nação]</i>	
Vitória do Presidente Fernando Henrique Cardoso	Governo	<i>Para fazer um</i> governo <i>Com habilidade e</i> <i>[tato]</i>	
Político de ano novo		<i>A cultura de um</i> <i>povo</i> <i>Depende e tão</i> <i>somente</i> <i>De um</i> governo <i>[que preste]</i>	
O povo quer Arraes		<i>Precisamos de um</i> governo <i>Que tenha</i> <i>[iniciativas]</i>	

Quadro 23 – CLASSE TEMÁTICA – PODER

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O operário que virou presidente	Governar	<i>Agora um homem do povo Vai governar o [Estado</i>	Governo
PMDB Orestes Quércia vamos ganhar para mandar	Governador	<i>Será o governador Do povo por seu [civismo</i>	
Foi exigência do povo o Lula na presidência	Presidente	<i>Pedimos que o presidente Tenha habilidade e [tino</i>	
Novo pacote depois da eleição – Foi traição!...	Ilusão	<i>Porque o povo vivia Naquela grande [ilusão</i>	Utopia
A briga de Itamar Franco com Fernando Henrique Cardoso	Rixa	<i>Contra esse FHC Uma rixa [desgraçada</i>	Disputa
Promessa não é dívida vale voto	Prometendo	<i>Político prometendo E o povo [padecendo</i>	Promessa
Eis a resposta da carta de Fernando Collor ao diabo	Garantiu	<i>Você garantiu ao povo Que depois da [eleição</i>	
A habilidade do tropeiro Quiquô contra o furor do capitão	Grileiros	<i>Pra botar no xilindró Os grileiros do [sertão</i>	Corrupção
A corrupção no Ceará e a intervenção imprevisível do Governador em Juazeiro do Norte-Ceará	Corrupção	<i>De corrupção [desigual</i>	
A palavra mensalão	Mensalão	<i>A palavra [mensalão</i>	
Mensalão: um vírus no Brasil		<i>Vendo o Brasil na lama No centro do [mensalão</i>	
No Brasil do mensalão		<i>Vários políticos em Brasília Caíram no [mensalão</i>	
Cordel do mensalão		<i>Deputado trambiqueiro Escândalo do [mensalão</i>	
Severino Cavalcanti no Congresso Nacional	Grana	<i>Dar mais grana a deputados Deste modo a [vontade</i>	
Recado à mãe pátria	Desvio Verbas	<i>Desvio de verbas [públicas</i>	

Quadro 23 – CLASSE TEMÁTICA - PODER

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Mói de vagabundo	Roubalheira	<i>De um mói de vagabundo Que só pensa em [roubalheira</i>	Corrupção
Nascimento de político	Roubando	<i>Vendo a moféia roubando Torcendo pra não se vê No Congresso [acontecer</i>	
O Brasil entrega o ouro e ainda baixa as calças (o ex-país do futebol)	Ganância	<i>Nesse mundo de [ganância</i>	Ambição
Brizolão para Brizocão	Ambições	<i>Sabemos que tudo é feito Para atender [ambições</i>	
A queda de Saddam	Guerra	<i>Não há o que explicar O negócio é fazer [guerra</i>	Destruição
A guerra final		<i>Pois o começo da guerra Foi a noite e pelo [ar</i>	
Guerra contra o Iraque		<i>Na calada da noite Os aviões pelo céus, Fazem a guerra [santa</i>	
Carta de satanás ao amigo George Bush		<i>Com a guerra americana Que está arrasando o mundo Com bomba bala [e grana</i>	
Inglaterra e Argentina em guerra pelas Malvinas	Batalhas	<i>A Argentina empreende Batalhas tão [suicidas</i>	Eleição
O valor que o voto tem	Voto	<i>Mas depende do seu voto Propuder, pode [crescer</i>	
O valor do seu voto		<i>O que vale é o nosso voto Ele tem [supremacia</i>	
As eleições vem aí		<i>O voto é livre Para qualquer [cidadão</i>	
Eleições 94	Votar	<i>É preciso que você Saiba votar [consciente</i>	

Quadro 23 – CLASSE TEMÁTICA - PODER

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A César o que é de César	Pleito	<i>Que para governador Basta concorrer ao [pleito</i>	Eleição
Prefeitura bichada	Eleitor	<i>E quem sabe em Salvador Na escolha do eleitor Descubra o Brasil [de novo</i>	
História de FHC e o apagão	Privatizou	<i>No nosso Brasil inteiro Privatizou a [energia</i>	Privatização
Fernando Henrique Cardoso do exílio ao Planalto	Salário	<i>É um salário ridículo Que envergonha a [Nação</i>	Política Salarial

Quadro 23 – CLASSE TEMÁTICA - **PODER**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O boi de carro e o leitor	Boi	<i>Boi de carro</i> [sofredor]	Subserviência
Meia noite no cabaré	Miséria	<i>No cabaré da</i> miséria <i>A vida reina</i> [sombria]	Sufrimento
A mãe abandonada	Dor	<i>E sentirem como é</i> <i>triste</i> <i>Sentir dor do</i> [abandono]	
Paisagem urbana realidade e ajuda pros meninos do Recife	Descamisados Descalços Esfomeados	<i>Meninos</i> descamisados Descalços, [esfomeados]	
Brasil Novo na literatura de cordel	Política Corrupções Duas faces	<i>Mas a política só</i> <i>vive</i> [...] <i>Secasse as</i> corrupções <i>Um Brasil com</i> [duas faces]	Corrupção
Beira-Mar pra presidente! Para salvar o Brasil	Bandido Político	<i>Onde bandido e</i> [político]	
O cordel na reforma agrária	Curvou Negando	<i>Mas, o Governo</i> <i>se curvou</i> <i>Ao poder dos</i> <i>ruralistas</i> Negando a [reforma agrária]	
O corre-corre de um barraqueiro	Correndo Trabalhando Noite e dia	<i>Eu só vivia</i> correndo Trabalhando [noite e dia]	Sobrevivência
A história do matuto Juvenal na cidade grande e a sua volta pro interior	Ir embora	<i>To decidido ir</i> embora <i>Arranjar o que</i> [fazer]	
Sambola craque da escola de rua	Vendendo Tirando proveito	Vendendo <i>amendoim</i> Dele tirando [proveito]	
Ganhar dinheiro é fácil basta ler este cordel	Batalhando	<i>Cada milímetro</i> <i>de espaço</i> <i>Conquistava</i> [batalhando]	
Farrapo do destino	Batalhar	<i>Para acertar</i> <i>minha vida,</i> <i>Já cansei de</i> [batalhar]	

Quadro 24 – CLASSE TEMÁTICA – POLÍTICO E SOCIAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Vendedor de porta em porta	Vendo	<i>E em cada visita Eu vendo Alguma coisa a [vocês</i>	Sobrevivência
Quanto sofre o motorista e o cobrador de ônibus	Agarra Adquirir	<i>Se agarra no volante Pra adquirir a [vida</i>	
A historiografia da feira nordestina	Consegue Trabalho	<i>O resto a gente consegue Com muito [trabalho e fé</i>	
Minha sogra Dona Ivanilda da Silva, sua cambada e seus bregueços	Enfrenta Revés	<i>Enfrenta [qualquer revés</i>	
A saga da Profa. Nelcimá	Luta	<i>A luta não me poupou D'um tempo [muito feliz</i>	
As ninfas da cachoeira ou o castigo da ambição	Ganância	<i>Que a ganância é [inimiga</i>	Ambição
O mototaxista que matou a mãe por um real		<i>A ganância é [uma mazela</i>	
O preço da soberba ou a mãe desnaturada	Bens Riqueza	<i>Ter, naquele casamento Os bens que a [riqueza dava</i>	
Boi velho	Subir Promover	<i>Para subir um degrau E pra se promover [mente</i>	
Uma tragédia em família ou o pai que matou o filho	Ambição	<i>O corpo do filho amado Que ambição [matou</i>	
Encontro de Cancão de Fogo com João Grilo	Grana	<i>O delegado escutando [...] Terminou dizendo assim: -Repartam a [grana no meio</i>	
O homem do arroz e o poder de Jesus	Enricar Orgulhoso	<i>Se enricar muda muito Fica orgulhoso e [ruim</i>	
A revolta dos pretos – das putas, dos gays, dos pobre...	Condena	<i>A própria vida condena Pobre, preto o [tempo inteiro</i>	Discriminação

Quadro 24 – CLASSE TEMÁTICA – POLÍTICO E SOCIAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
O feijãozinho teimoso	Rejeitado	<i>De tanto ser rejeitado porque não Nasceu [branquinho]</i>	Discriminação
A galega do negrão	Cor	<i>Era de cor e por isso Não lhe deu [muita atenção]</i>	
Racismo no futebol	Racismo	<i>O campo de futebol Virou palco de [racismo]</i>	
O PROCON sem mistério nos mistérios do cordel	Direito Consumidor	<i>Que fiscaliza o direito Que fiscaliza o [consumidor]</i>	Fiscalização
O cordel do referendo	Desarmadas	<i>Para a indústria do crime Com pessoas [desarmadas]</i>	Desarmamento
A criança e o idoso estão plantando esperança	Infância Velhice	<i>A infância e a velhice Ambas são faces [distintas]</i>	Transformação
Quebra de silêncio	Descoberto	<i>Quando eu fui [descoberto]</i>	Descobrimto
A diferença do pobre para o rico	Pobre Barão	<i>Castigo só chega ao pobre Nunca chega pra [barão]</i>	Classe social
A ponte que caiu e a água que faltou	Água	<i>Só se dá valor a água Quando esta vem [faltar]</i>	Vida
A filha que Deus me deu	Dada	<i>Da filha que nos [foi dada]</i>	Adoção
A evolução do papel da China aos dias de hoje	Recicla	<i>De como recicla papel E se recicla papel</i>	Reciclagem
Se Bin Laden é explosivo a culpa é de Papai Noel	Engana Promete	<i>Engana toda criança Quando promete [presente]</i>	Falsidade
Uma carrada de gente	Desejo	<i>Que tinha o grande desejo De conhecer a [cidade]</i>	Vontade
O beabá da cachaça	Euforia	<i>Pra lhe dar mais [euforia]</i>	Estímulo
Colcha de retalhos	Lembra	<i>Cada retalho aqui [lembra]</i>	Lembrança
A mulher fofqueira e o marido prevenido	Língua ferina	<i>Com sua língua [ferina]</i>	Fofoca

Quadro 24 – CLASSE TEMÁTICA – POLÍTICO E SOCIAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Salário mínimo é do povo o máximo é do deputado	Salário	<i>O salário mínimo é O pai do [endividado]</i>	Remuneração
O manifesto comunista em cordel	Luta de classes	<i>Sobre a luta de [classes]</i>	Desigualdade
O dinheiro (O testamento do cachorro)	Dinheiro Farol	<i>Porque só mesmo o dinheiro [...] É o farol que [mais brilha]</i>	Ostentação
O holocausto dos homens nus	Valores índio	<i>Numa troca de valores Onde só índio [perdeu]</i>	Civilização
Discussão de um fiscal com uma fateira	Pagar	<i>Eu posso pagar o chão Porque esse é [Meu dever]</i>	Contribuição
O ABC do jogo do bicho e suas revelações	Jogar	<i>Sabendo bem revelar Seu sonho para [jogar]</i>	Sorte
Os retrocessos da sorte	Praga	<i>Quando o negócio é assim, Parece até uma [praga]</i>	Azar
Ceverino com “C” o homem mais azarado	Sem sorte	<i>Pois uma vida [sem sorte]</i>	
As palhaçadas de Biu	Caiporismo	<i>Devido o seu caiporismo Apanhava todo [dia]</i>	
Programa Criança fora da rua dentro da escola	Inclusão Social	<i>Escola é fundamental Pra inclusão [social]</i>	Inclusão Social
Consciência negra	Consciência	<i>Neste mês da consciência A voz negra se [liberta]</i>	Conscientização
Monteiro Lobato – o criador – Jeca Tatu – A criatura	Encurralados Sofrendo	<i>De Jecas, sempre atuais, Encurralados, sofrendo, As mazelas [sociais]</i>	Desigualdade Social
Organização comunitária em cordel	Organizadas	<i>Organizadas, unidas, Devem estar [comunidades]</i>	Organização
Os 50 anos da FNHRBS comemorados em cordel	Instituição	<i>Nossa instituição De [estabelecimentos]</i>	

Quadro 24 – CLASSE TEMÁTICA – POLÍTICO E SOCIAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A sanfona e a viola me fez lembrar do passado	Lembrar	<i>A sanfona e a viola Me fez lembrar [Do passado]</i>	Recordação
Um capeta no forró da Pitombeira	Lembranças	<i>Lembranças que não enjoa De um tempo [sedutor]</i>	
A moto e a jegue	Montado	<i>Ele também trabalhou Montado nesse [animal]</i>	Transporte
CPTM e metrô o melhor transporte urbano de São Paulo	Trilhos	<i>Os trilhos servindo o povo Em vinte e duas [cidades]</i>	
A beleza de Sofia	Beleza	<i>E eu fiquei pro céu olhano Agradeceno e louvano [A beleza de Sofia]</i>	Beleza
Vida de Sem Terra	Banido	<i>Da lista do "INCRA" Eles foram [Banidos]</i>	Expulsão
Missão de mãe	Soberania	<i>É grande a missão de mãe Ser mãe é [soberania]</i>	Soberania
Na fila do banco	Contando	<i>Assim que fui atendida Eu sai dali pensando No jeito que aquela gente Suas histórias [iam contando]</i>	Comunicação
O cavalo que defecava dinheiro	Possuir	<i>Desejava possuir Todo objeto que [via]</i>	Posse
A segurança, acontece quando todos trabalham juntos	Capacete	<i>Vou falar do capacete, Por incrível que pareça Previne-lhe [acidente]</i>	Segurança
Janembro	Mudar	<i>[De janeiro a dezembro Vivemos sempre a pensar Para que as coisas mudem E a vida vá [melhorar]</i>	Esperança

Quadro 24 – CLASSE TEMÁTICA – POLÍTICO E SOCIAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A criança abandonada	Abandonados	<i>O sofrimento horrendo Nos menores [abandonados]</i>	Abandono
A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia	Liberação	<i>Querem se igualar a nós Só falam em [liberação]</i>	Emancipação
A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99	Fim	<i>E o triste casamento Eu vou decidir [dar fim]</i>	Separação
A briga das duas velhas vendedoras de tabaco	Brigaram	<i>Foi por causa do comércio Com a venda do tabaco Que as duas [velhas brigaram]</i>	Concorrência
No topo da vaidade	Vaidade	<i>Que viva a felicidade Mesmo que vá buscá-la No topo da [vaidade]</i>	Vaidade
O mão de vaca	Mão de Vaca	<i>Todo mundo chama ele De Chico da Mão [de Vaca]</i>	Mesquinhez
O calção de elanca	Vestia	<i>Eu vestia em [qualquer hora]</i>	Estilo
O homem, o animal e suas relações	Poder Autoridade	<i>De poder e autoridade O homem [senhorial]</i>	Dominação
Escravidão de menores	Escravizados	<i>Crianças e adolescentes Inda são [escravizados]</i>	Escravidão

Quadro 24 – CLASSE TEMÁTICA – POLÍTICO E SOCIAL

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Quanto é grande o poder do criador	Poder do Criador	<i>Quanto é grande o poder do</i> <i>[Criador]</i>	Fé
O crente e o descrente	Crente	<i>O crente acredita</i>	
Milagre na cidade santa	Milagre Padre Cícero Romão	<i>Repetindo: é um milagre</i> <i>Do Padre Cícero</i> <i>[Romão]</i>	
Padre Zé	Milagres	<i>A igreja não registra</i> <i>Os milagres</i> <i>[ocorridos]</i>	
A história de Padre Cícero	Milagre	<i>Um “milagre” o</i> <i>[consagrou]</i>	Fé
O beato das praias da Costa Branca	Fiéis	<i>Aos seus fiéis seguidores,</i> <i>Com algumas</i> <i>[profecias]</i>	
O homem mais importante aos olhos do Senhor	Fé	<i>Zé João de fato era</i> <i>Um homem de</i> <i>[muita fé]</i>	
O homem que foi a Canindé de joelhos		<i>Um homem de</i> <i>[muita fé]</i>	
O evangelho primeiro do Padre Cicero Romão		<i>Com fé no padrinho Cicero</i> <i>E Deus no seu</i> <i>[pensamento]</i>	
Milagres de Anastácia		<i>Uma corrente de fé</i> <i>Foi logo</i> <i>[estabelecida]</i>	
Frei Damião: o missionário do Nordeste	Missionário	<i>Um fiel missionário</i> <i>No Nordeste</i> <i>[brasileiro]</i>	
Padre Humberto Plumm – Um profeta do sertão		<i>Seu trabalho</i> <i>[missionário]</i>	
História de São José em poesia popular	Santificado	<i>Ele foi</i> <i>[santificado]</i>	Santidade
Santo Antonio “Arca do testamento”	Santo	<i>O santo é aclamado</i> <i>Pelos pobres</i> <i>[sofredores]</i>	
O anjo e a maldição de Sara		<i>São Rafael, grande</i> <i>santo</i> <i>Veio pro mundo em missão</i> <i>Curar os pobres e</i> <i>[ricos]</i>	
São Jorge o santo guerreiro		<i>Morria o santo guerreiro</i> <i>Protetor da</i> <i>[humanidade]</i>	

Quadro 25 – CLASSE TEMÁTICA - RELIGIÃO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A confusão que deu pra Frei Damião entrar no céu	Santo	<i>É um santo [capuchinho]</i>	Santidade
São Jorge – O Santo guerreiro – Nascimento, vida e morte		<i>Se Jorge o santo [guerreiro]</i>	
A vida do Padre Cícero		<i>Diz que o Padre foi, e é Santo mesmo de [verdade]</i>	
Assim era São Francisco		<i>Não havia um só ser Que não gostasse [do santo]</i>	
Festa dos Santos		<i>Era santo para [todo dia]</i>	
A história da Virgem Luzia em cordel	Santa	<i>Que era santa, acreditaram E isso não [omitiram]</i>	
Bendito de S.Cristovão e de Padrinho Cícero	Santos	<i>Das quatro partes do mundo Todos santos [verdadeiros]</i>	
A história completa da Santa Virgem Maria	Mãe do Salvador	<i>Tu fostes a escolhida Pra ser mãe do [Salvador]</i>	Maternidade
Padre Ibiapina advogado, pastor e... pai dos órfãos	Santidade	<i>E o tanto que fez de bem Inegavelmente tem Certo quê de [santidade]</i>	Santificação
O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu	Perdoar	<i>Também tive meus pecados [...] Que devemos [perdoar]</i>	Perdão
O pecador obstinado aos pés da compadecida	Releve	<i>Recorro junto ao Altíssimo, Releve os pecados [meus!]</i>	
O roteiro do papa no Brasil	Bênçãos	<i>De um manto de [bênçãos]</i>	Bondade
Lágrimas de uma setenciada ou o triunfo do amor de Maribel e Tibério	Pecado	<i>“-Atire a primeira pedra Quem nunca tenha pecado!”</i>	Transgressão
A lenda da criação do homem e do mundo segundo a Bíblia Sagrada	Deus	<i>Deus criou o [firmamento]</i>	Divindade
Jesus de Nazaré e a missão do Cristo	Jesus Cristo	<i>Falaremos de Jesus, Do Cristo e sua [missão]</i>	Salvação
Um grande exemplo de Jesus	Jesus	<i>Jesus opera [milagres]</i>	

Quadro 25 – CLASSE TEMÁTICA - RELIGIÃO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A trajetória de Jesus	Salvar	<i>Foi enviado por Deus Para o mundo [salvar]</i>	Salvação
A vida de Jesus em cordel – Fascículo I	Cristo Salvação	<i>Do Cristo que veio ao mundo Nos trazendo [salvação]</i>	
A paixão de Cristo	Cristo Salvar	<i>Cristo é condenado a morte Para poder [nos salvar]</i>	
A vida de Jesus em cordel – Fascículo II	Salvará	<i>Pois salvará o seu [povo]</i>	
O nascimento de Jesus à luz do evangelho Lucas	Salvador	<i>Hoje mesmo na cidade De Davi, o Salvador De todos vocês [nasceu]</i>	Regeneração
O beerrão que lutou com o diabo sexta-feira da paixão	Entregou-se	<i>Amâncio logo entregou-se A Santa Igreja [Romana]</i>	
Teologia da libertação: celebrando o pão da vida	Libertação	<i>A Igreja de hoje em dia [...] Assume a [libertação]</i>	
Dom Helder, o apóstolo da libertação		<i>Levando Dom Helder a Teologia da [Libertação]</i>	
Dom Helder, a voz incômoda do evangelho	Humilde	<i>Humilde, sempre a vontade Sem ter orgulho [com nada]</i>	Humildade
Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade	Conselhos	<i>Para ouvirem os conselhos Do Frade Frei [Damião]</i>	Aconselhamento
A carta misteriosa do Padre Cícero Romão Batista	Conselho	<i>Meus filhos tomem conselho Do Padre Cícero [Romão]</i>	
Os sinais do fim do mundo e o som das sete trombetas	Profetizou	<i>Já está próximo do fim Que os sinais são assim Quem profetizou [não erra]</i>	Profecia

Quadro 25 – CLASSE TEMÁTICA - RELIGIÃO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Vi as coisas do Velho testamento	Sonhei	<i>Eu dormindo sonhei com o Testamento Vi as coisas do [Monte Sinai</i>	Imaginação
O mundo foi feito assim	Fez	<i>Segundo assim revela O Velho Testamento Que Deus fez o mundo Sem tijolo – sem [cimento</i>	Criação
As sete espadas de dores de Maria Santíssima	Cruz	<i>Vendo seu filho via cruz Recebendo [marteladas</i>	Crucificação
A sogra enganando o diabo		<i>Quando no inferno chegou, -Aqui não podes entrar [...] Estás com uma [cruz na testa</i>	
Buda, o iluminado	Pregoeiro	<i>Por todo plano terrestre Ecoa o que disse o Mestre Pregoeiro da [VERDADE</i>	Pregação
O judeu e a samaritana	Cristão	<i>Quem condena um pecador Não está sendo [cristão</i>	Cristianismo
Paulo o fariseu que virou cristão		<i>O cristão mais fervoroso Dentre os filhos de [Israel</i>	
A verdadeira história da Páscoa	Libertação	<i>A Páscoa agora representa [A sua libertação</i>	Libertação
O crente que virou jumento porque profanou do Padre Cícero	Virou	<i>Um crente metido a santo [...] Maltratou Padrinho Cícero Virou um jegue [adubado</i>	Transformação
Gentileza – O profeta da brasilidade	Pregando	<i>Pregando que o amor É nossa maior [riqueza</i>	Sermão
A capela de São Pedro	Devoto	<i>Eu que fui devoto [nela</i>	Devoção

Quadro 25 – CLASSE TEMÁTICA - RELIGIÃO

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Primórdios da literatura cristã	Ensinava	<i>Cristo não deixou escritos</i> <i>A viva voz</i> <i>[ensinava]</i>	Ensinamentos
O verdadeiro Natal	Natal Jesus	<i>O verdadeiro Natal</i> <i>De Jesus Nosso</i> <i>[Senhor]</i>	Natividade

Quadro 25 – CLASSE TEMÁTICA - **RELIGIÃO**

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A vitória de Renato e o amor de Mariana	Amor	<i>Batalhar contra o [amor</i>	Sentimento
O verdadeiro amor de Domitila, a Marquesa de Santos		<i>De um amor que distraindo Com a flecha do [cupido</i>	
Catarina e Venceslau		<i>O amor de um [casal</i>	
As grandes aventuras de Armando e Rosa ou o coco verde e melancia		<i>Mostrou seu amor lutando E conseguiu [triumfar</i>	
Tapas e beijos de Chiquinha e Benedito		<i>O amor é coisa [boa</i>	
Amor pela metade		<i>De Natinha, e que vivi Um amor pela [metade</i>	
Adriano e Lenira		<i>Pois eu faço tudo em nome Do grande amor de [Lenira</i>	
As bravuras de Cipriano e os amores de Jacira		<i>Jacira é meu amor E eu pra casar com ela [Luto seja como for</i>	
Coco Verde e Melancia		<i>O amor, quando é sincero, Zomba do seu [inimigo</i>	
Romance de Bernardo e Sara ou a promessa dos dois irmãos		<i>Pois o amor no seu peito Ardeu logo feito [chama</i>	
Rodolfo e Leocádia ou a força do sangue	Amor Ódio	<i>Transformara-se em amor O ódio do seu [coração</i>	
Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia	Amá-la	<i>Com uma mulher bonita O homem sente alegria Sabe amá-la todo [dia</i>	
ABC da saudade	Saudade	<i>Volta, volta meu amor; Vem matar minha [saudade</i>	

Quadro 26 – CLASSE TEMÁTICA - ROMANCE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Saudade	Saudade	<i>A distância é parceira da saudade E maltratam um homem [apaixonado</i>	Sentimento
Paixão de mulher	Paixão	<i>Já sabemos que a mulher Age com sua [paixão</i>	
Uma história de amor		<i>Ele se chama [paixão</i>	
O príncipe que fez de tudo para mudar o destino	Casou	<i>Enfim Nestor se casou Com Maria de [Oliveira</i>	União
O casamento de Maria do mercado com o poeta de cordé em um romance de feira	Casamento	<i>O casamento [marcou</i>	
Enfim, sim		<i>Pro casamento que [vem</i>	
Romance da princesinha dos olhos de raio com o cavaleiro dos trovões de abril		<i>Marca-se o [casamento</i>	
A história emocionante de Celeste e Bitião		<i>Tinha grande multidão Assistindo o casamento [De Celeste e Bitião</i>	
Enfim, sim		<i>Pro casamento que [vem</i>	
Casamento matuto	Casório Aliança	<i>Para assistir ao casório A troca da [aliança</i>	
O casamento de Claudio com Flavia	Matrimônio	<i>Querem pelo matrimônio Unir de vez suas [vidas</i>	
Um amor feliz para sempre	Casaram	<i>Viajaram para longe E depois de [casaram</i>	
História de Aprígio Coutinho e Neuza		<i>Na presença de três homens Se casaram sem [demora</i>	
O triunfo do amor de alério e Violeta		<i>Se casaram um dis após, Inda vivem, [felizmente</i>	

Quadro 26 – CLASSE TEMÁTICA - ROMANCE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Matuto apaixonado	Casaram	<i>Foi um amor verdadeiro Casaram com toda [pompa]</i>	União
À sombra da força um destino em duas vidas!	Dramas Sofrer	<i>Os reais dramas da vida Assim é sofrer [demais]</i>	Sufrimento
Os martírios de Geneveva	Sofrer	<i>Tem coragem Geneveva Terás muito que [sofrer]</i>	
Amor de homem chorão	Sofrendo	<i>Quando se afastar de mim Fico sofrendo [arrasado]</i>	
Romance sem futuro	Amado	<i>Quando a gente ama, Só quer ser amado</i>	
Romance sem futuro 2	Arrasado	<i>De tanto amar você Arrasado eu fiquei</i>	
Um grande amor	Lembranças	<i>Hoje só resta lembranças Do amor que não [viveu]</i>	
Uma carta de amor	Suplício	<i>Bem sei quanto estou sofrendo [...] O suplício da [distância]</i>	
O amor da praça e o progresso destruidor	Sufrimento	<i>Foi um grande sofrimento Depois daquele [momento]</i>	
A triste história de Catarina e Billy Macarrão	Morte	<i>Nem mesmo a morte põe fim Num lindo caso de [amor]</i>	
História de Rosa Alice e o velho Gondim	Dor	<i>Mas quem conhece a dor Tem a alma [esclarecida]</i>	
A deusa e o caçador	Enjeitado	<i>Ele se vendo enjeitado Ali por todas as [donzelas]</i>	Rejeição
Grinaura e Sebastião	Honrando	<i>Contemplo o homem que luta Honrando [qualquer mulher]</i>	Honra

Quadro 26 – CLASSE TEMÁTICA - ROMANCE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Casamento e mortalha no céu se talha	Divina	<i>O casamento e mortalha Tem uma base [divina]</i>	Sobrenatural
A escrava Isaura	Escravos	<i>Havia dentre os escravos Uma moça mui [formosa]</i>	Escravidão
No vai e vem do amor	Desencontro Encontro	<i>Um desencontro danado Foi nosso primeiro [encontro]</i>	Destino
História de Roberto do diabo	Salvaste	<i>Roberto disse chorando: -Oh, bom Deus de piedade! Salvaste a um ente [imundo]</i>	Perdão
Entre o amor e a espada	Findar	<i>Mas como fiz-me assassino Do pai da minha querida Resolvi hoje findar Com um tiro a [minha vida]</i>	Morte
Romance do pavão misterioso	Coração	<i>Orgulho é uma ilusão! Um pai governa uma filha Mas não manda no [coração]</i>	Amor

Quadro 26 – CLASSE TEMÁTICA - ROMANCE

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Criança amamentada adultos saudável	Aleitamento	De aleitamento [materno]	Amamentação
Aleitamento materno: saúde e amor	Leite de peito	Por isso o leite de peito [É o alimento ideal]	
Cordel do leite materno	Leite materno	É forte o leite [materno]	
Plantas medicinais	Saúde	Das plantas maravilhosas [...] Elas promovem [saúde]	Saúde
Pela saúde do povo		Lembrem que [saúde é vida]	
CEREST-Ceará – A saúde do trabalhador em primeiro lugar		Em promover a saúde Sua ação é [garantida]	
Frutas que curam	Sadia	Para um a vida [sadia]	
As plantas fazem milagres	Plantas	Eu vou falar sobre as plantas Da medicina [caseira]	
Meu dentinho de leite	Limpar	Quando acaba a refeição Precisa limpar os [dentes]	
Geração, nascimento e vida o que faz no corpo humano	Mudar Modelando	O menino e a menina Já começaram a mudar O corpo se [modelando]	Transformação
Cartilha do diabético	Diabético	O que é ser [diabético]	Enfermidade
O homem do saco grande	Hérnia escrotal	Que tem hérnia [escrotal]	
Novos tempos para o doente mental “cuidar sim – excluir não”	Distúrbios Transtornado	Pelos distúrbios psíquicos Assim, qualquer transtornado Das faculdades [mentais]	
Cuidado com a dengue	Combater	Para combater o [mosquito]	Prevenção
Cordel da prevenção	AIDS Prevenir	Estou falando da AIDS [...] Para prevenir ou [tratar]	
Como evitar a AIDS	Prevenção	Nunca faça amor Sem fazer a [prevenção]	

Quadro 27 – CLASSE TEMÁTICA – SAÚDE.DOENÇA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Melhor prevenir do que tratar	Prevenção	Fazer prevenção [de câncer]	Prevenção
Quem não usa camisinha não pode dizer ...	Prevenir	Prevenir é bem [melhor]	
Só transe com camisinha	Preservativo	Quando foi se divertir [Leve preservativo]	
Manual de primeiros socorros	Preservá-la	Já que a vida não se vende Este manual pretende ensinar a [preservá-la]	
Como se prevenir do câncer de mama	Cuide Prevenção	Que cuide de suas mamas Fazendo a [prevenção]	
Dengueladen o mosquito terrorista	Doído	Depois de você picado O corpo todo doído	
Leptospirose em literatura de cordel	Leptospirose	Chamada [lepstopirose]	
Camisinhas para todos	AIDS	Da AIDS com o seu efeito Se espalhando no mundo [mundo]	
Cordel de combate a dengue	Dengue Remuído	Ter esta dengue danada Meu corpo ficou [remuído]	
A gripe inglesa passeando no Brasil	Gripe	Trouxe de Londres uma gripe Que assola o mundo [inteiro]	
Parnaso oftálmico	Problemas	A quem possa interessar seja médico ou não Os variados problemas que afetam a visão	
O que é meningite	Meningite	Quem sofrer da meningite Corra pro ponto [socorro]	
Schistosoma, o verme do terror	Schistosomose	É a tal schistosomose [A doença do maldito]	
A gente pode livrar-se do mal que faz o barbeiro	Malária	Pra combater a malária Que se alastrava [demais]	
Doenças sexuais	Doenças Venéreas	Sobre doenças venéreas Entre o povo [brasileiro]	

Quadro 27 – CLASSE TEMÁTICA – SAÚDE.DOENÇA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
Exemplo da menina peluda de Paranatama	Mal	<i>Pedi para ele ajudá-lo Salvar a filha do mal</i>	Doença
A cura de outrora II	Remédios	<i>Veja que pra todo mal Remédios eu [encontrei]</i>	Cura
O milagre da medicina através da caridade		<i>Remédios e mais remédios A questão não [resolvia]</i>	
As plantas medicinais		Remédios Plantas Medicinais <i>Remédios só se usavam Das plantas [medicinais]</i>	
O velhinho e o farmacêutico sobre os remédios da flora	Remédio	<i>O que este velho vende É remédio [garantido]</i>	
O matuto e o cigano ou as plantas medicinais		<i>Um remédio preparado Que lhe deixo bom e [são]</i>	
Doutor raiz e as ervas milagrosas		<i>Tinha remédio pra [tudo]</i>	
A flora brasileira		<i>É remédio [competente]</i>	
As ervas medicinais da catanga sertaneja		<i>Que a folha seja remédio E o seu fruto [alimente]</i>	
Mudança da vida poética para a vida medicinal	Curar Remédio	<i>Vais curar a minha gente Tu mesmo farás o [remédio]</i>	
A mulher que deu o tabaco na presença do marido	Curava	<i>Dona Juca era dotada De perfumado sovaco [...] Ela curava a ferida Com o seu próprio [tabaco]</i>	
Os efeitos do cogumelo	Cura	<i>Agora, é o cogumelo Que cura tudo e [aprova]</i>	
Descrição da flora medicinal – Quais as plantas que curam	Plantas	<i>Que do homem aos animais Usam as plantas vegetais Que é de Deus a [medicina]</i>	

Quadro 27 – CLASSE TEMÁTICA – SAÚDE.DOENÇA

TÍTULOS DOS FOLHETOS	FIGURAS	CONTEXTO	TEMAS
A flora medicinal	Plantas Medicinais	<i>As plantas medicinais Têm competência [demais</i>	Cura
Os segredos da natureza		<i>Neste cordel eu descrevo As plantas medicinais</i>	
A ofmalmologia pela ótica do cordel	Tratava	<i>Quem tratava da [retina</i>	Tratamento
Alimentação saudável	Alimentação	<i>Cuidar da alimentação É cuidar da [própria vida</i>	Nutrição
O menino que nasceu com a cabeça nas costas	Defeituosa	<i>Pois a criança nasceu [De tudo defeituosa</i>	Deformação
A menina fenômeno foi moça com 10 anos, em Arapiraca	Anomalia	<i>Que as crianças portadoras [Da anomalia gerou</i>	

Quadro 27 – CLASSE TEMÁTICA – SAÚDE.DOENÇA

4.2.1 Folhetos analisados por classe

Apresentamos a seguir a tabela de distribuição de frequências dos folhetos de cordel analisados por classe, totalizando mil duzentos e cinquenta, equivalentes a 25% de cinco mil folhetos do acervo do Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular.

TABELA – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS – FOLHETOS POR CLASSES

CLASSES	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
AGRICULTURA	09	0,7
BIOGRAFIAS E PERSONALIDADES	71	5,7
BRAVURA E VALENTIA	60	4,8
CIDADE E VIDA URBANA	51	4,1
CIÊNCIA	26	2,1
CONTO	84	6,7
CRIME	43	3,4
CULTURA	76	6,1
ESPORTE	30	2,4
EDUCAÇÃO	30	2,4
EROTISMO	31	2,5
FEITIÇARIA	20	1,6
FENÔMENO SOBRENATURAL	33	2,6
HISTÓRIA	34	2,7
HOMOSSEXUALISMO	11	0,9
HUMOR	38	3,0
INTEMPÉRIES	60	4,8
JUSTIÇA	17	1,4
MEIO AMBIENTE	50	4,0
MORALIDADE	64	5,1
MORTE	46	3,7
PELEJA	76	6,1
PODER	60	4,8
POLÍTICO E SOCIAL	77	6,2
RELIGIÃO	57	4,5
ROMANCE	46	3,7
SAÚDE.DOENÇA	50	4,0
TOTAL	1250	100

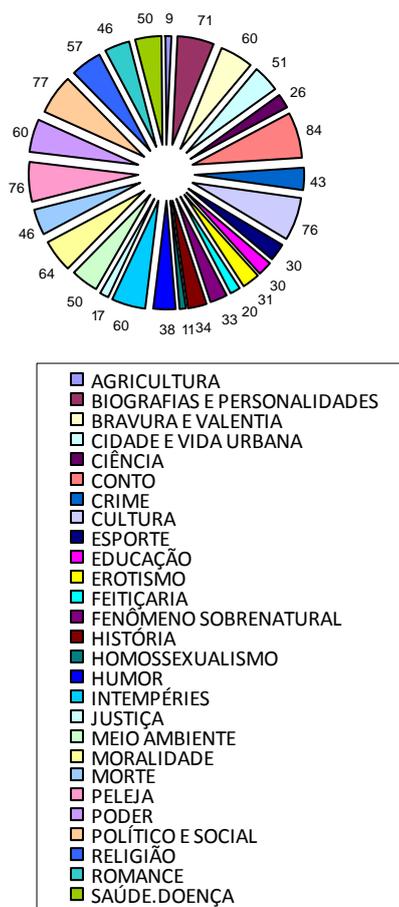


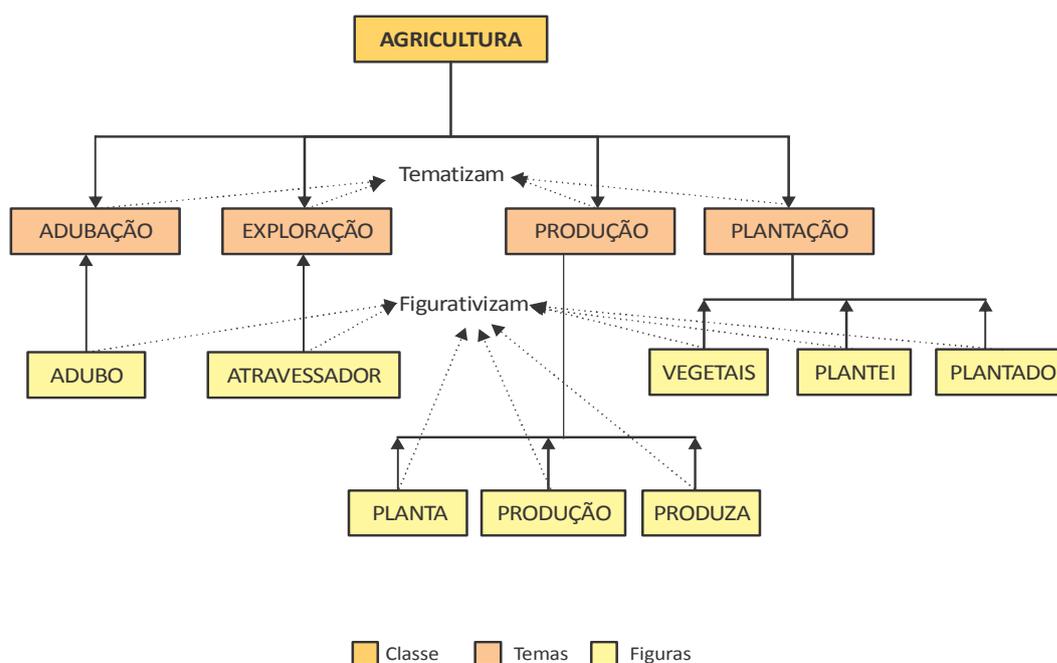
Gráfico – Folhetos analisados por classe

Observamos, na tabela e no gráfico acima, que a maior frequência foi nas classes temáticas **Biografias e Personalidades, Bravura e Valentia, Cidade e Vida Urbana, Conto, Cultura, Intempéries, Moralidade, Peleja, Poder, Político Social, Religião e Saúde.Doença**, que somados equivalem a 62,9% dos folhetos analisados, cujos temas são os mais variados. Desde os que versam sobre temas de caráter ficcional, em geral aventuras ou histórias de amor, muitas delas herdadas de tradições européias ou mesmo orientais, aos que versam sobre temas reais, de fatos do cotidiano do brasileiro. A Literatura Popular de Cordel, por suas temáticas mostra um Brasil eminentemente popular, veiculam mensagens, culturas, saberes e linguagens.

4.2.2 Semântica discursiva: temas e figuras

Dos cordéis que constituem a classe temática **agricultura** emergiram os temas **adubação**, **exploração**, **produção** e **plantação**. O tema **adubação**, figurativizado pelo vocábulo **adubo** caracteriza a produção de material orgânico, como o adubo, substância que nutre o solo, tornando-o fértil. A este tema está arraigado o tema **produção**, figurativizado pelos vocábulos **produção**, **pranta**, **produza**, seguido do tema **plantação**, figurativizado pelos vocábulos **plantei**, **plantado** e **vegetais**, como fontes de alimento e renda das famílias, principalmente, dos pequenos produtores rurais, que apesar da expansão dos complexos agro-industriais têm participação na produção de alimentos. Por outro lado, percebe-se através do tema **exploração**, figurativizado pelo vocábulo **atravessador**, sob o ponto de vista mercadológico, que a produção agrícola é comercializada por atravessadores que figuram como donos dos meios de transporte que cobram em produtos e vendem pelos melhores preços do mercado. Sendo assim, os produtores explorados na distribuição e comercialização de seus produtos.

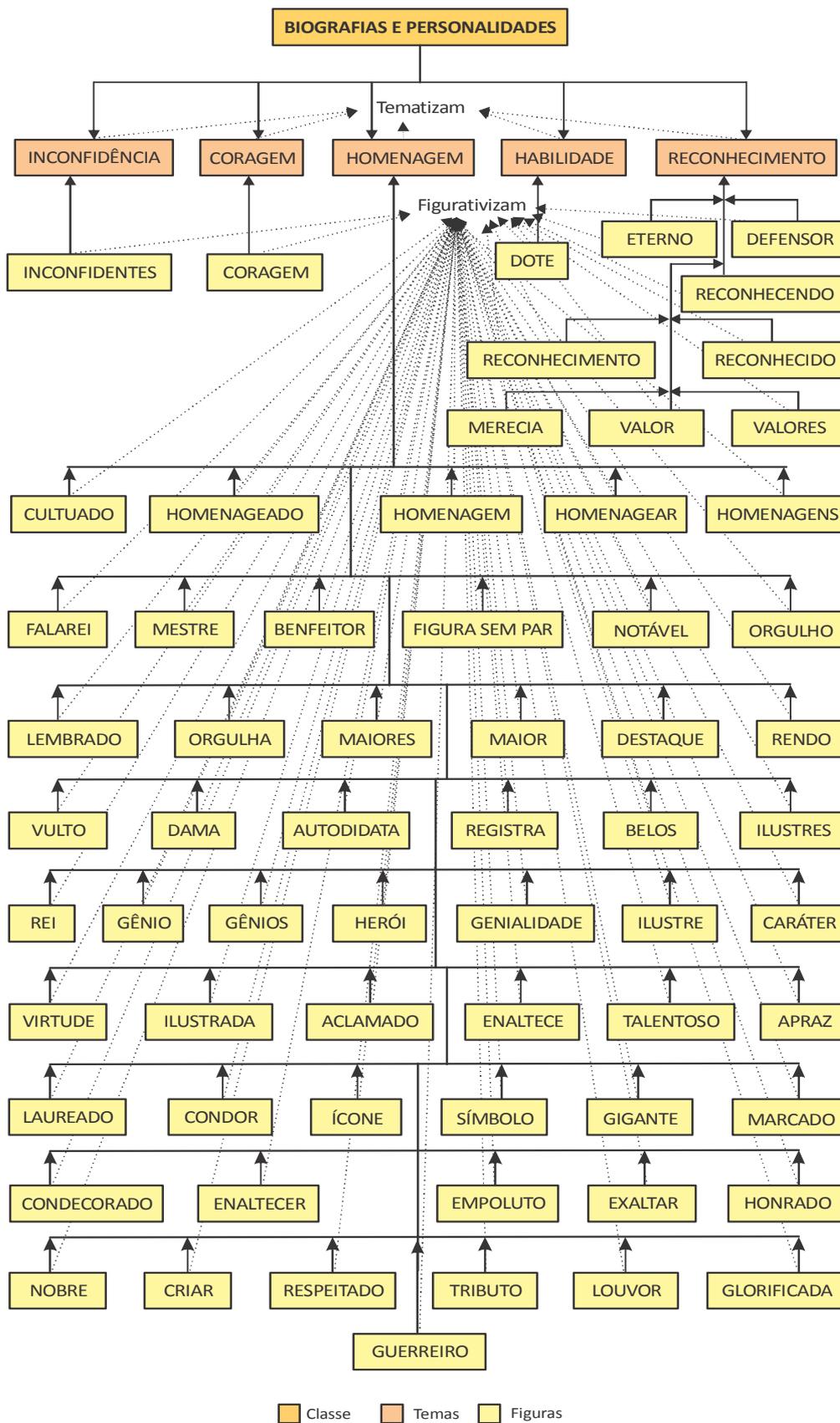
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática **agricultura** com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 1 - Agricultura

Na classe temática **biografias e personalidades** emergiram os temas **inconfidência, coragem, homenagem, habilidade e reconhecimento**. O vocábulo **inconfidentes**, participantes da Inconfidência Mineira, ou seja, aqueles que quebraram o sigilo do projeto de liberdade, sonhado por um grupo de líderes, como foi o caso de Tiradentes, figurativiza o tema **inconfidência**. O vocábulo **coragem** figurativiza o tema **coragem**, indicando uma característica da nação brasileira. Os vocábulos **cultuado, homenageado, homenagem, homenagear, homenagens, falarei, mestre, benfeitor, notável, orgulho, lembrado, orgulha, maiores, maior, destaque, rendo, vulto, dama, autodidata, registra, belos, ilustres, rei, gênio, gênios, herói, genialidade, ilustre, caráter, virtude, ilustrada, aclamado, talentoso, apraz, laureado, condor, ícone, símbolo, gigante, marcado, condecorado, enaltecer, empoluto, exaltar, honrado, nobre, criar, respeitado, tributo, louvor, glorificada, guerreiro** e a expressão **figura sem par** figurativizam o tema **homenagem**, demonstrando a intencionalidade de exaltação, admiração e respeito por pessoas que se destacaram e se destacam em variados campos do saber, a exemplo da música, da cultura popular, da política, da religião, da saúde, da filosofia, da literatura, das artes plásticas, da educação, da física e da história. O vocábulo **dote** figurativiza o tema **habilidade**, capacidade do indivíduo de realizar, produzir, criar. É o saber fazer. Os vocábulos **eterno, defensor, reconhecendo, reconhecimento, reconhecido, merecia, valor e valores** figurativizam o tema **reconhecimento**, que é dado ao ser humano pelos outros, enquanto ser coletivo ou individual, como assevera Habermas (1983, p. 32): “Ninguém pode edificar a sua própria identidade, independentemente, das identificações que os outros fazem dele”.

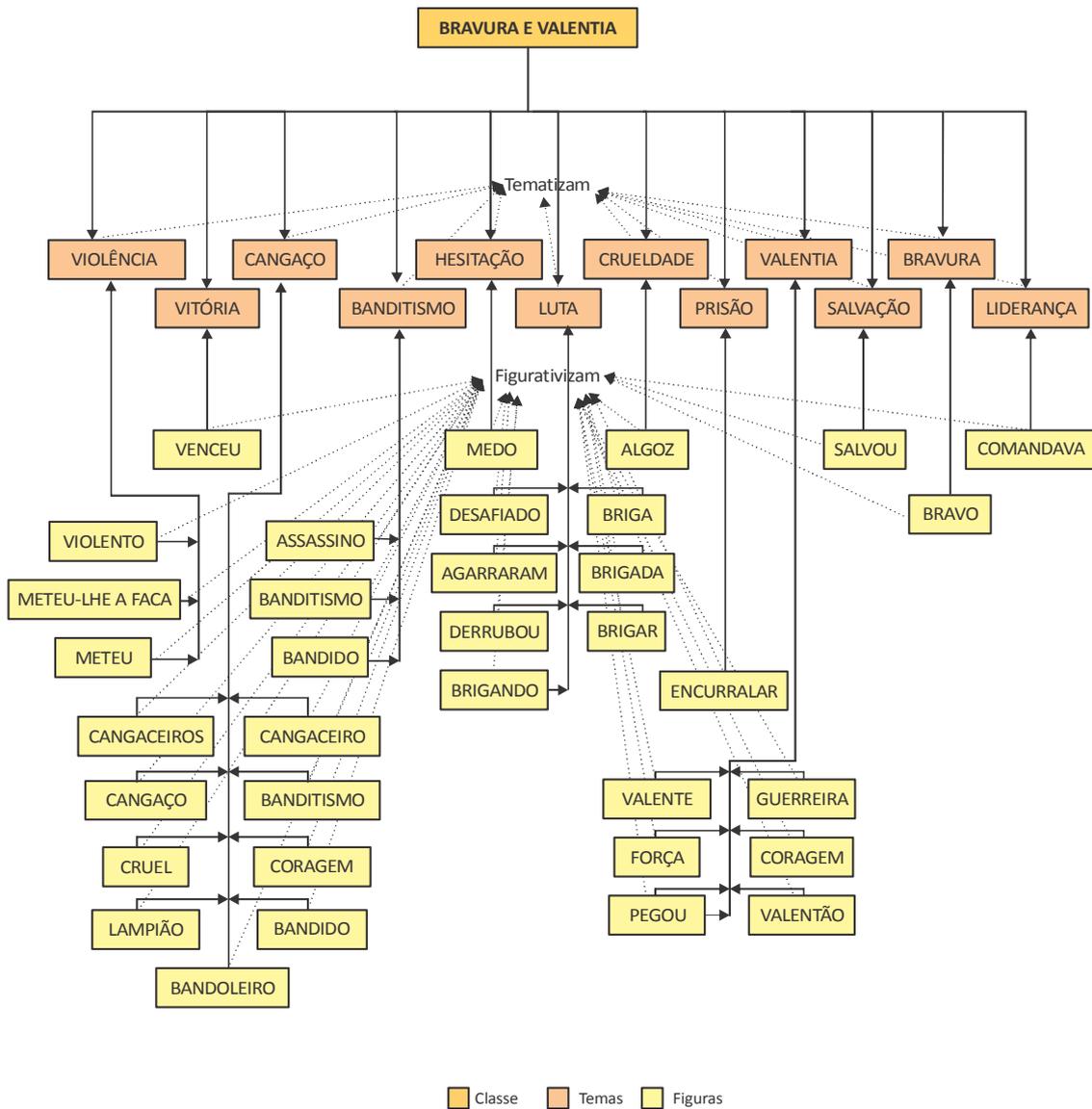
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **biografias e personalidades**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 2 – Biografias e Personalidades

Dos cordéis que constituem a classe temática **bravura e valentia**, emergiram os temas **violência, vitória, cangaço, banditismo, hesitação, luta, crueldade, prisão, valentia, salvação, bravura e liderança**. Os vocábulos **violento, meteu** e a expressão **meteu-lhe a faca** figurativizam o tema **violência**, caracterizando a ação exercida com ímpeto, força contra a vida. O vocábulo **venceu** figurativiza o tema **vitória**, abordado como forma de superação de obstáculos que conduziu o herói a conquistar o seu valor. Os vocábulos **cangaceiros, cangaceiro, cangaço, banditismo, cruel, coragem, Lampião, bandido e bandoleiro** figurativizam o tema **cangaço**, representando os malfeitores que andavam em bandos pelos sertões do Nordeste, sob a liderança de Lampião. Os vocábulos **assassino, banditismo e bandido** figurativizam o tema **banditismo**, marcado pela violência rural exercida pelos chefes políticos locais, para o estabelecimento e manutenção da ordem, formada pela interrelação de valores patrimoniais e paternalísticos responsáveis pela submissão da população rural. O vocábulo **medo** figurativiza o tema **hesitação**, sentimento demonstrado pelo receio de fazer algo por se sentir ameaçado fisicamente. Os vocábulos **desafiado, briga, agarraram, brigada, derrubou, brigar e brigando** figurativizam o tema **luta**, cuja intencionalidade é estabelecida pelo domínio sobre o oponente, o indivíduo. O vocábulo **algoz** figurativiza o tema **crueldade**, representando o sofrimento causado pelo bando liderado por Lampião. O vocábulo **encurrular** figurativiza o tema **prisão**, caracterizando a perseguição a animais até encerrar a caça. Os vocábulos **valente, força, pegou, barbatão, guerreira, coragem, valentão** figurativizam o tema **valentia**, ação que mostra vigor, proeza, façanha e força diante de algumas adversidades ou necessidades da vida. O vocábulo **salvou** figurativiza o tema **salvação**, que se refere à libertação de um estado indesejável, de escapar de uma situação em que o indivíduo se encontra em perigo. O vocábulo **bravo** figurativiza o tema **bravura**, caracterizando o indivíduo corajoso, capaz de enfrentar perigos que colocam sua vida em risco. O vocábulo **comandava** figurativiza o tema **liderança**, representando o comando de tropas de cangaceiros, tendo como líder Sebastião Pereira e seu sucessor Lampião.

Observemos a seguir o mapa conceitual da classe temática **bravura e valentia** com a relação hierárquica de temas e figuras.

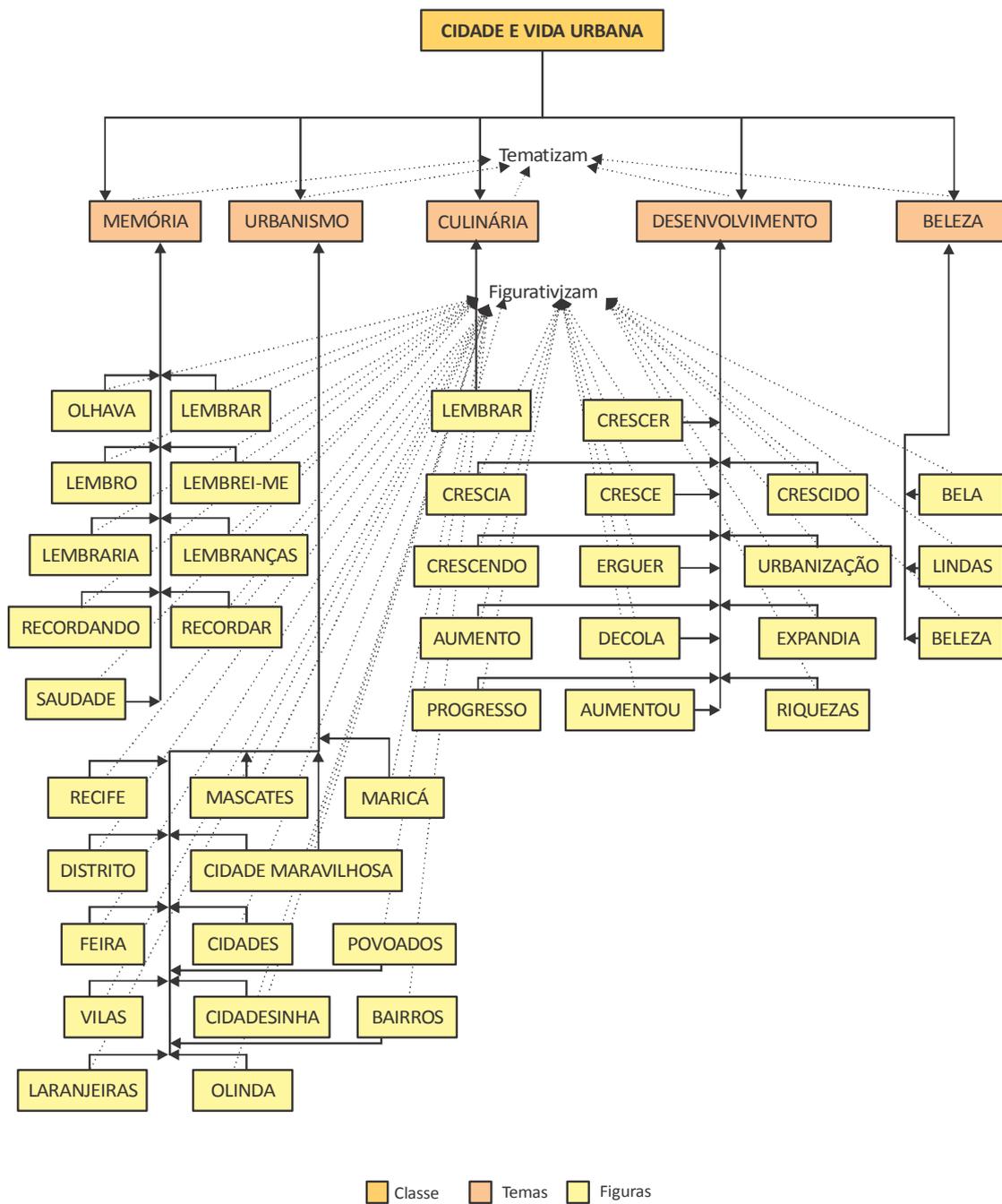


Mapa 3 – Bravura e Valentia

Na classe temática **cidade e vida urbana** emergiram os temas **memória, urbanismo, culinária, desenvolvimento e beleza**. Os vocábulos **olhava, lembrar, lembro, lembrei-me, lembraria, lembranças, recordando, recordar e saudade** figurativizam o tema **memória**, indicando recordações de algum lugar guardado apenas na lembrança. Os vocábulos **Recife, mascates, Maricá, distrito, feira, cidades, povoados, vilas, cidadesinha, bairros, Laranjeiras, Olinda** e a expressão **cidade maravilhosa** figurativizam o tema **urbanismo**, caracterizando a realidade de espaço urbano e regional. É o agir, o planejar e gerir espaços territoriais, onde converge o fluxo de capital econômico, social, financeiro, estabelecendo-se assim as relações

sociais, políticas e de poder, transformando esses espaços no decorrer do tempo. O vocábulo **restaurante** figurativiza o tema **culinária**, a arte de fazer alimentos, cuja evolução, ao longo da história, tornou-se parte da cultura de um povo, de um país ou região. Os vocábulos **crescer, crescia, cresce, crescido, crescendo, erguer, urbanização, aumento, decola, expandia, progresso, aumentou e riquezas** figurativizam o tema **desenvolvimento**, caracterizando o crescimento de muitas cidades e regiões. Os vocábulos **bela, lindas, beleza** figurativizam o tema **beleza**, processo cognitivo relacionado à percepção de elementos que agradam, presentes neste caso, nas belezas naturais do Brasil.

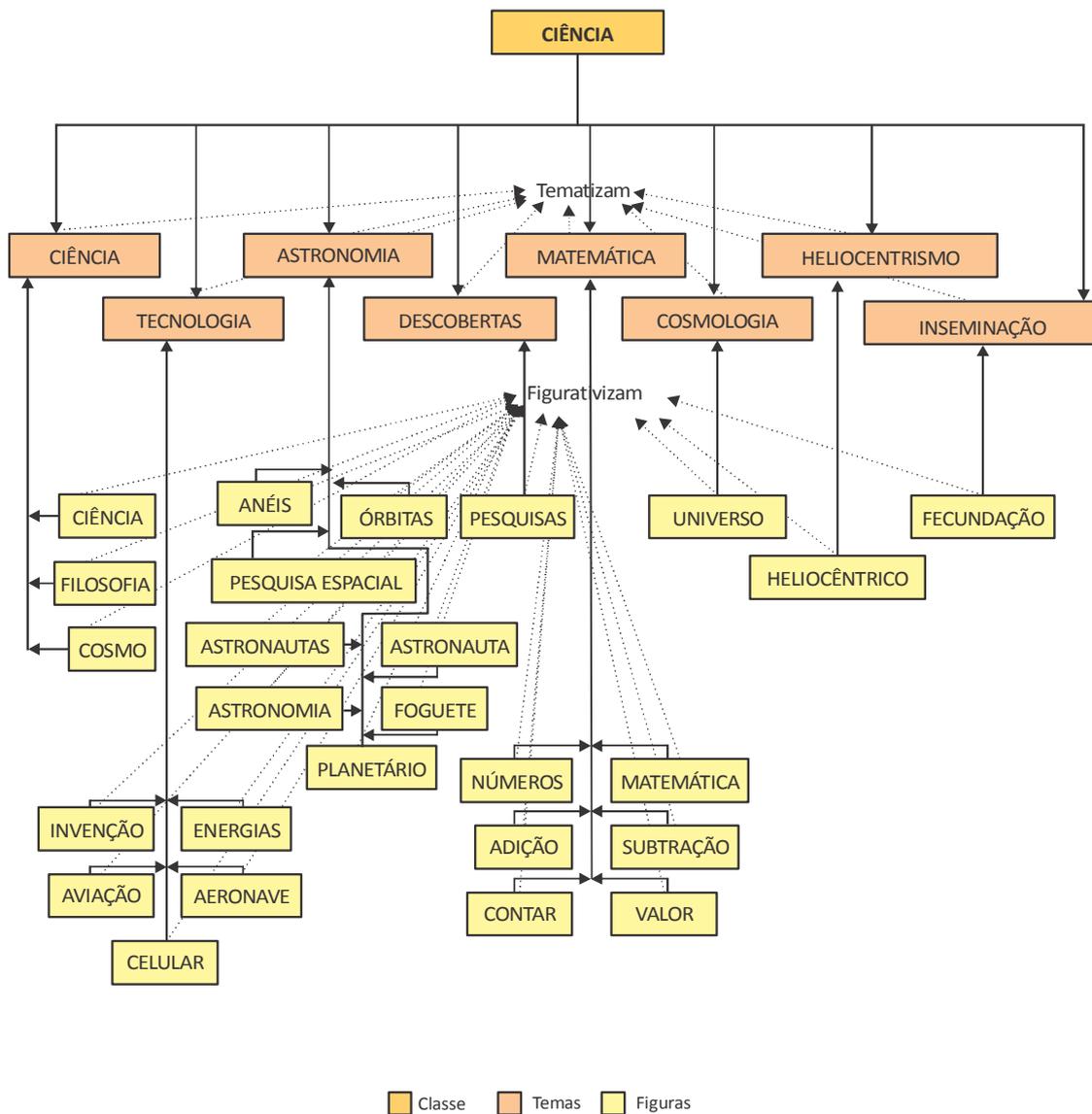
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **cidade e vida urbana**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 4 – Cidade e Vida Urbana

Dos cordéis que constituem a classe **ciência**, emergiram os temas **ciência**, **tecnologia**, **astronomia**, **descobertas**, **matemática**, **cosmologia**, **heliocentrismo** e **inseminação**. Os vocábulos **ciência**, **filosofia** e **cosmo** figurativizam o tema **ciência**, caracterizando a investigação científica, crítica e racional, cujos princípios estão relacionados ao mundo e a determinadas necessidades do homem. Os vocábulos **invenção**, **energias**, **aviação**, **aeronave** e **celular** figurativizam o tema **tecnologia**, indicando materiais criados a partir de um conhecimento técnico-científico. Os vocábulos **anéis**, **órbitas**, **astronautas**, **astronauta**, **astronomia**, **foguete**, **planetário** e a expressão **pesquisa espacial** figurativizam o tema **astronomia**, caracterizando os fenômenos físicos que ocorrem dentro e fora da terra, observados por satélites artificiais, naves espaciais e pelo homem no espaço. O vocábulo **pesquisas** figurativiza o tema **descobertas**, indicando o desenvolvimento de conhecimentos adquiridos pelo estudo ou pela prática, tendo um papel relevante na revolução científica com suas descobertas o físico, matemático, astrônomo e filósofo Galileu Galilei. Os vocábulos **números**, **matemática**, **adição**, **subtração**, **contar** e **valor** figurativizam o tema **matemática**, caracterizando a ciência do raciocínio lógico e abstrato. O vocábulo **universo** figurativiza o tema **cosmologia**, constituindo tudo o que existe fisicamente, espaço e tempo e formas de matérias e energias. O vocábulo **heliocêntrico** figurativiza o tema **heliocentrismo**, designando a teoria desenvolvida por Nicolaus Copernicus, astrônomo e matemático, tendo o Sol como o centro do Sistema Solar, contrariando a teoria geocêntrica, que considerava a terra como o centro do Sistema. O vocábulo **fecundação** figurativiza o tema **inseminação**, método utilizado na medicina em virtude da infertilidade de um casal.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **ciência**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



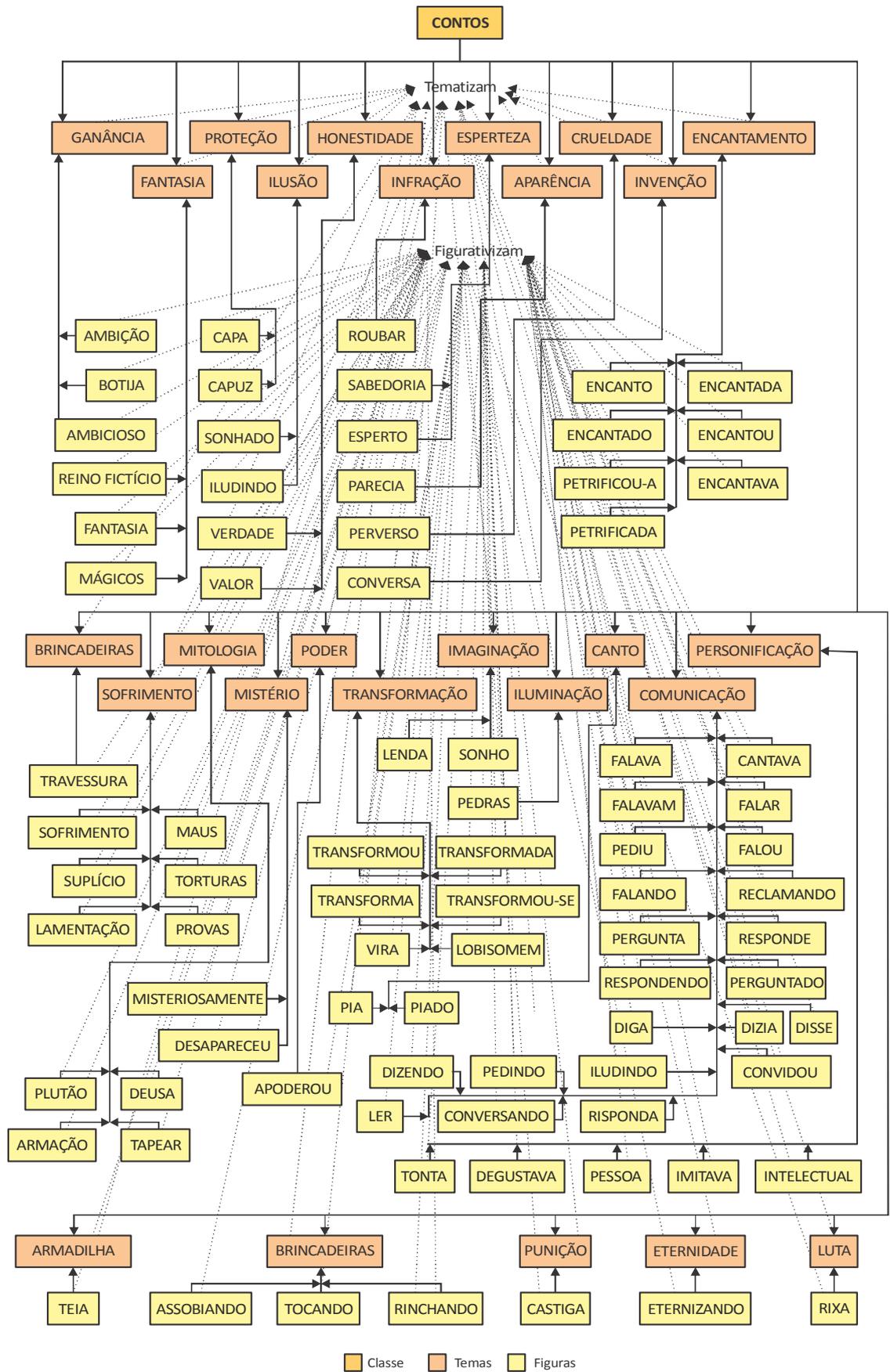
Mapa 5 - Ciência

Na classe temática **contos**, dos cordéis que o compõem emergiram os temas **ganância, fantasia, proteção, ilusão, honestidade, infração, esperteza, aparência, crueldade, invenção, riqueza, encantamento, brincadeiras, sofrimento, mitologia, poder, paralisação, magia, mistério, transformação, imaginação, iluminação, canto, comunicação, personificação, armadilha, sonoridade, punição, eternidade, luta, ofensa e esforço**. Os vocábulos **ambição, botija e ambicioso** figurativizam o tema **ganância**, caracterizando um sentimento insaciável da vontade de possuir algo para si, principalmente a riqueza material a qualquer preço. Os vocábulos **fantasia, mágicos** e a expressão **reino fictício** figurativizam o tema **fantasia**, situação imaginada que expressa certos desejos de viver situações prazerosas, cujo conteúdo está intimamente ligado à criação artística. O vocábulo **capa e capuz** figurativizam o tema **proteção**, simbolizando advertências em relação a perigos encontrados. Os vocábulos **sonhado e iludindo** figurativizam o tema **ilusão**, como uma impressão enganosa em esperar algo desejável. Os vocábulos **verdade e valor** figurativizam o tema **honestidade**, comportamento da pessoa que age conforme os valores de honradez e lealdade mesmo sem estar sendo vigiado. O vocábulo **roubar** figurativiza o tema **infração**, cujas façanhas e aventuras de Cancão, sujeito do cordel *A vida de Cancão de Fogo e seu testamento*, são notadamente marcadas por desobedecer às normas e negar os costumes que regem a moral. No imaginário coletivo é a representação da violação da própria ordem social estabelecida. Os vocábulos **sabedoria e esperto** figurativizam o tema **esperteza**, caracterizando aquele que, pela astúcia ou malandragem, em detrimento de um defeito, consegue sobressair-se. Um exemplo ilustrativo de esperteza é o personagem João Grilo da peça *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna que representa o nordestino miserável e esperto que se utiliza da esperteza e astúcia como armas disponíveis àqueles que lutam contra a miséria e a fome. O vocábulo **parecia** figurativiza o tema **aparência**, caracterizando o aspecto físico visível de um ser. O vocábulo **perverso** figurativiza o tema **crueldade**, caracterizando o indivíduo que se compraz em fazer mal ao outro. O vocábulo **conversa** figurativiza o tema **invenção**, caracterizada pelas histórias de pescadores, culturalmente consideradas fantasiosas, logo, inverídicas, emanadas do imaginário e dos desvanecios do homem ao desafiar a imprevisibilidade das águas. Representam assim, uma importante forma de registro coletivo da subjetividade e da memória. Os vocábulos

palácio, pérola, riqueza, tesouros e ouro figurativizam o tema **riqueza** representando a ostentação daqueles que vivem numa moradia luxuosa, por possuir em abundância um determinado bem de valor material. Os vocábulos **encanto, encantada, encantado, encantou, petrificou-a, encantava e petrificada** figurativizam o tema **encantamento**, caracterizando o que existe só na imaginação, a luta do bem contra o mal em que a solução é encontrada através do encantamento. O vocábulo **travessura** figurativiza o tema **brincadeiras**, cujo objetivo é a diversão. Os vocábulos **sofrimento, maus, suplício, torturas, lamentação e provas** figurativizam o tema **sofrimento**, sentimento causado por uma emoção negativa motivada consciente ou inconscientemente. Os vocábulos **plutão, deusa, armação e tapear** figurativizam o tema **mitologia**, referindo ao estudo de mitos ou a um conjunto deles. Histórias baseadas em tradições e lendas para explicar o universo, a criação do mundo, os fenômenos naturais. Comumente os mitos envolvem uma divindade, porém alguns são apenas lendas oralmente passadas de geração em geração. Na mitologia as representações de gênero variam e transformam-se no tempo e no espaço nas várias culturas. O aspecto masculino da divindade é representado por deus, aqui representado pela figura **plutão** e o feminino representado pela figura **deusa**. Os vocábulos **Armação e tapear** figurativizam o tema **mitologia**, caracterizando a Guerra de Tróia, conflito bélico entre gregos e troianos. Os vocábulos **misteriosamente e desapareceu** figurativizam o tema **mistério**, designando o inexplicável. O vocábulo **apoderou** figurativiza o tema **poder**, caracterizando o sentido negativo, a ambição em poder ter algo só para si. Os vocábulos **transformou, transformada, transforma, transformou-se, vira e lobisomem** figurativizam o tema **transformação**, associada à vontade própria do ser que se transmuta como forma de punição ou prêmio, gerando a degradação do homem que busca uma maneira de sua própria condição humana. Os vocábulos **lenda e sonho** figurativizam o tema **imaginação**, cuja capacidade mental permite a representação de objetos através dos sentidos. O vocábulo **pedras** figurativiza o tema **iluminação**, caracterizando o ponto de vista de cada um sobre seus atos. Os vocábulos **pia e piado** figurativizam o tema **canto**, caracterizando o som emitido por alguns animais como forma de alerta sobre perigos. Os vocábulos **falava, cantava, falavam, falar, pediu, falou, falando, reclamando, pergunta, responde, respondendo, perguntado, responda, diga, dizia, disse, dizendo, pedindo, iludindo, convidou, ler e conversando** figurativizam o tema **comunicação**,

caracterizando o comportamento social de animais por meio de sinais, em busca de contato com outros animais ou com o homem. Os vocábulos **tonta**, **degustava**, **pessoa**, **imitava**, **intelectual** figurativizam o tema **personificação**, caracterizando animais dotados de qualidades, defeitos e sentimentos humanos, tendo a esperteza e a astúcia como armas que dispõem para enfrentar outro animal. O vocábulo **teia** figurativiza o tema **armadilha**, estratégia utilizada para prender algo por uma questão de sobrevivência. Os vocábulos **assobiando**, **tocando**, **rinchando** figurativizam o tema **sonoridade**, caracterizando os sons emitidos pelos animais para chamar a atenção ou quando se encontram em situação de perigo. O vocábulo **castiga** figurativiza o tema **punição**, motivada pela aversão ao trabalho e de se preparar para superar situações que supram suas necessidades. O vocábulo **eternizando** figurativiza o tema **eternidade**, caracterizando algo que dura para sempre, que transcende o tempo. O vocábulo **rixa** figurativiza o tema **luta**, designando o confronto, a perseguição dos gatos aos ratos, demonstrando a sua superioridade. O vocábulo **ultrajado** figurativiza o tema **ofensa**, forma verbal em que o agressor se utiliza de palavras para humilhar. O vocábulo **força** figurativiza o tema **esforço**, designando o emprego de força física para conseguir algo.

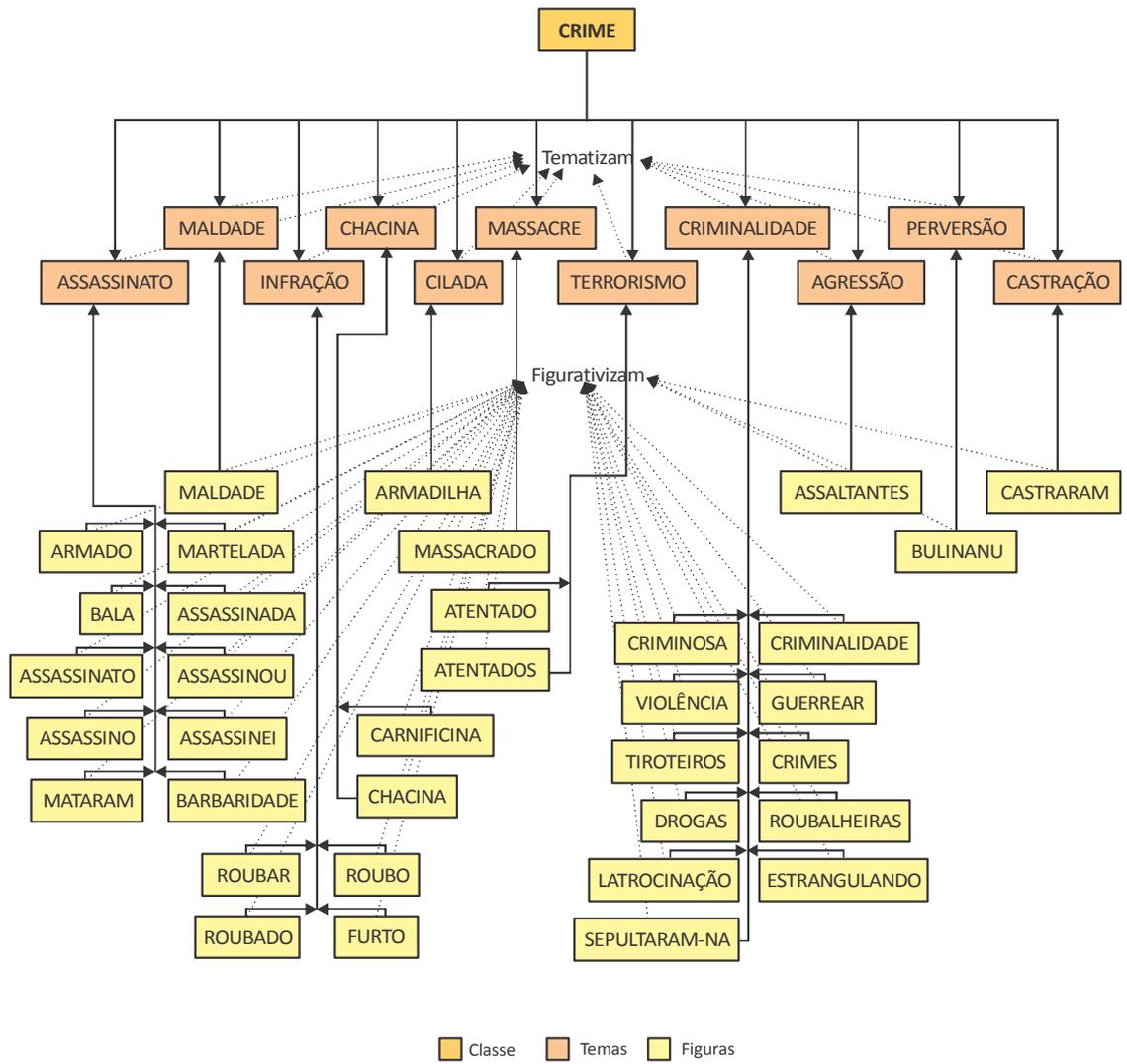
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **contos**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 6 - Contos

Dos cordéis que constituem a classe temática **crime**, emergiram os temas **assassinato, maldade, infração, chacina, cilada, massacre, terrorismo, criminalidade, agressão, perversão e castração**. Os vocábulos **armado, martelada, bala, assassinada, assassinato, assassinou, assassino, assassinei, mataram** e **barbaridade** figurativizam o tema **assassinato**, remetendo ao mundo da criminalidade em que se atenta contra a vida humana. O vocábulo **maldade** figurativiza o tema **maldade**, caracterizando o ser mau, aquele que comete alguma ação que fere a moral de uma determinada sociedade. Os vocábulos **roubar, roubo, roubado** e **furto** figurativizam o tema **infração**, designando a ação de retirar coisas para si ou para outrem, mediante ameaça ou violência. Os vocábulos **carnificina** e **chacina** figurativizam o tema **chacina**, designando o assassinato em massa, como, por exemplo, o caso dos meninos de rua brutalmente mortos e feridos na Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, em 1993. O vocábulo **armadilha** figurativiza **cilada**, caracterizando um ataque inesperado e traiçoeiro. O vocábulo **massacrado** figurativiza o tema **massacre**, caracterizando as agressões contra uma pessoa ou um grupo de pessoas, como, por exemplo, o massacre dos índios em razão da tomada de seus territórios que, durante séculos, tiveram a terra como meio de produção e sobrevivência. Os vocábulos **atentado** e **atentados** figurativizam o tema **terrorismo**, designando o uso estratégico e sistemático da violência contra os regimes políticos, pessoas com o objetivo de alcançar um fim político, ideológico ou religioso. Os vocábulos **criminosa, criminalidade, violência, guerrear, tiroteiros, crimes, drogas, roubalheiras, latrocinação, estrangulando** e **sepultaram-na** figurativizam o tema **criminalidade**, caracterizando o universo de práticas que violentam a lei da vida. O vocábulo **assaltantes** figurativiza o tema **agressão** caracterizando o ato em que o homem prejudica ou lesa intencionalmente o outro. O vocábulo **bulinanu** figurativiza o tema **perversão**, designando o desvio de um conceito e/ou realidade, como, por exemplo, a prática da pedofilia, no Ocidente e em muitos outros lugares. Por fim, o vocábulo **castraram** figurativiza o tema **castração**, caracterizando a mutilação sexual, incapacitando o homem de reprodução.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **crime**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

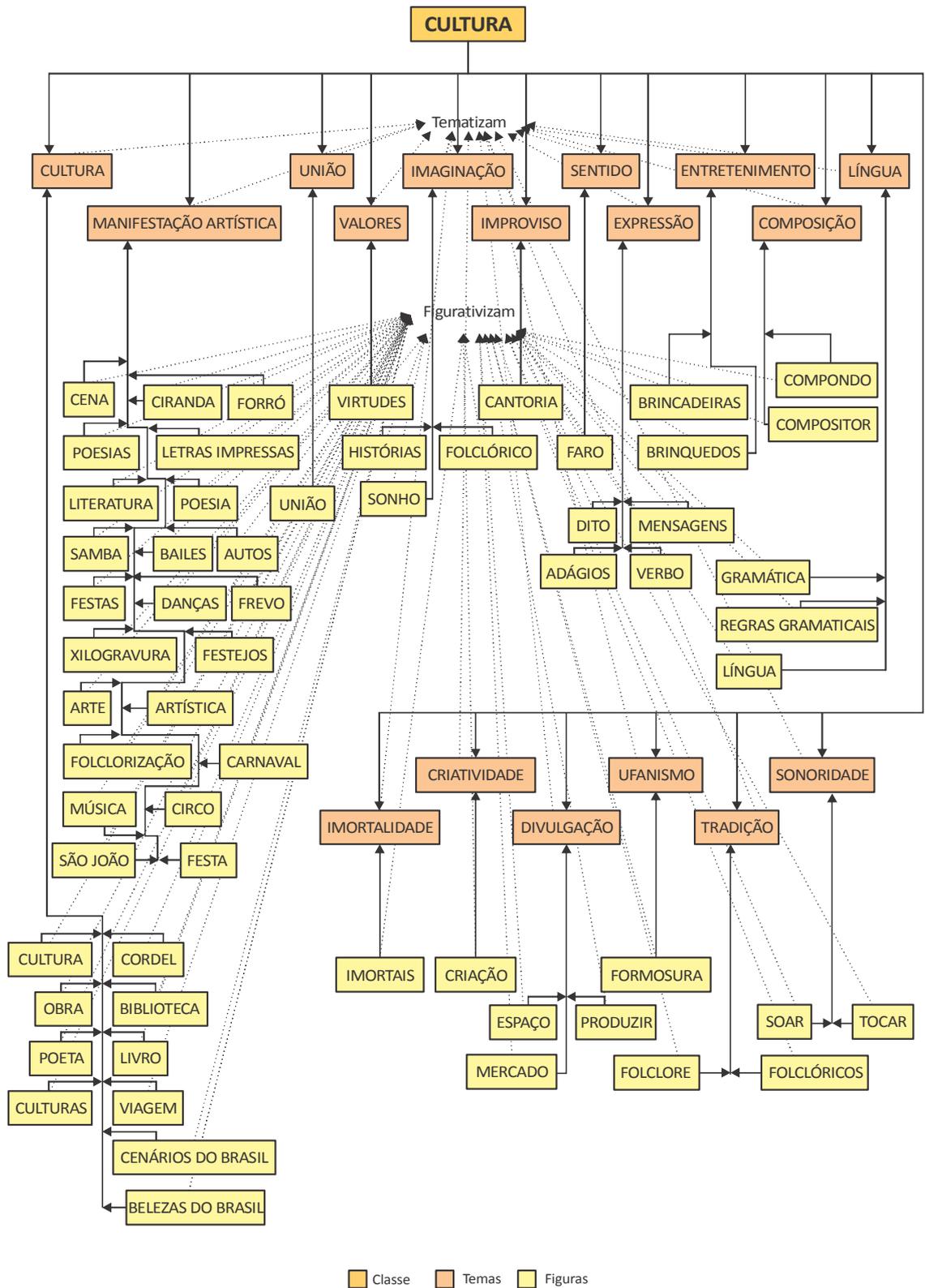


Mapa 7 - Crime

Da classe temática **cultura**, emergiram os temas **cultura, manifestação artística, união, valores, imaginação, improviso, sentido, expressão, entretenimento, composição, língua, imortalidade, criatividade, divulgação, ufanismo, tradição, sonoridade**. Os vocábulos **cultura, cordel, obra, biblioteca, poeta, livro, culturas, viagem** e as expressões **cenários do Brasil** e **belezas do Brasil** figurativizam o tema **cultura**, referenciando o conhecimento de grupos sociais sobre determinadas atividades culturais, bem como as belezas naturais do Brasil. Os vocábulos **cena, ciranda, forró, poesias, literatura, poesia, samba, bailes, autos, festas, danças, frevo, xilogravura, festejos, arte, artística, folclorização, carnaval, música, circo, festa** e as expressões **São João** e **letras impressas** figurativizam o tema **manifestação artística**, cujas atividades sempre foram retratadas pelo homem e influenciadas pelo estilo ou épocas e expressas de diferentes formas, como danças, literatura, música, pintura, entre outros. O vocábulo **união** figurativiza o tema **união**, propagando a música, com a utilização de violas e dueto vocal, cujos cantores têm tonalidades de voz diferentes: a primeira voz com tom mais agudo e a segunda com tom grave. No Brasil é comum encontrarmos duplas sertanejas e/ou caipiras, a exemplo da dupla Jararaca e Ratinho. O vocábulo **virtudes** figurativiza o tema **valores**, caracterizando a diversidade do patrimônio natural do Brasil. Os vocábulos **histórias, folclórico** e **sonho** figurativizam o tema **imaginação**, caracterizando os símbolos produzidos socialmente os quais denotam a ideia representativa de uma realidade. O vocábulo **cantoria** figurativiza o tema **improviso**, caracterizando a criação de versos *de repente*, no qual predomina o improviso, uma mistura entre poesia e música, cuja tradição folclórica brasileira remonta aos trovadores medievais e fortemente manifestados no Nordeste do Brasil. O vocábulo **faro** figurativiza o tema **sentido**, caracterizando a inspiração de um poeta ou cantador no momento de criação. Os vocábulos **dito, mensagens, adágios** e **verbo** figurativizam o tema **expressão**, designando um conjunto de palavras associadas a gírias, jargões ou contextos culturais específicos. Os vocábulos **brincadeiras** e **brinquedos** figurativizam o tema **entretenimento**, designando as práticas do ser humano nas atividades que lhe causem prazer ou diversão. Os vocábulos **compondo** e **compositor** figurativizam o tema **composição**, designando a exteriorização dos sentimentos e pensamentos de um poeta sobre diversos setores da vida cotidiana. Os vocábulos **gramática** e **língua** e a expressão **regras gramaticais** figurativizam o tema

língua, referindo-se a um conjunto de palavras e expressões usadas pelo homem, por um povo ou nação, munido de regras gramaticais próprias. O vocábulo **imortais** figurativiza o tema **imortalidade**, caracterizando a lembrança e admiração por pessoas permanentes na memória dos homens. O vocábulo **criação** figurativiza o tema **criatividade**, caracterizando a capacidade do homem em produzir coisas novas. Os vocábulos **espaço**, **produzir** e **mercado** figurativizam o tema **divulgação**, designando tornar público algo, ideias ou conhecimentos. O vocábulo **formosura** figurativiza o tema **ufanismo**, designando a atitude de determinados grupos ou pessoas de enaltecer as belezas e riquezas naturais, a exemplo do Romantismo brasileiro, por volta de 1836. Os vocábulos **folclore** e **folclóricos** figurativizam o tema **tradição**, representando a identidade social de uma comunidade através de suas criações culturais, coletivas e individuais transmitidas de geração em geração. E por fim, os vocábulos **soar** e **tocar** figurativizam o tema **sonoridade**, caracterizando a propriedade de certos objetos em emitir ou produzir sons.

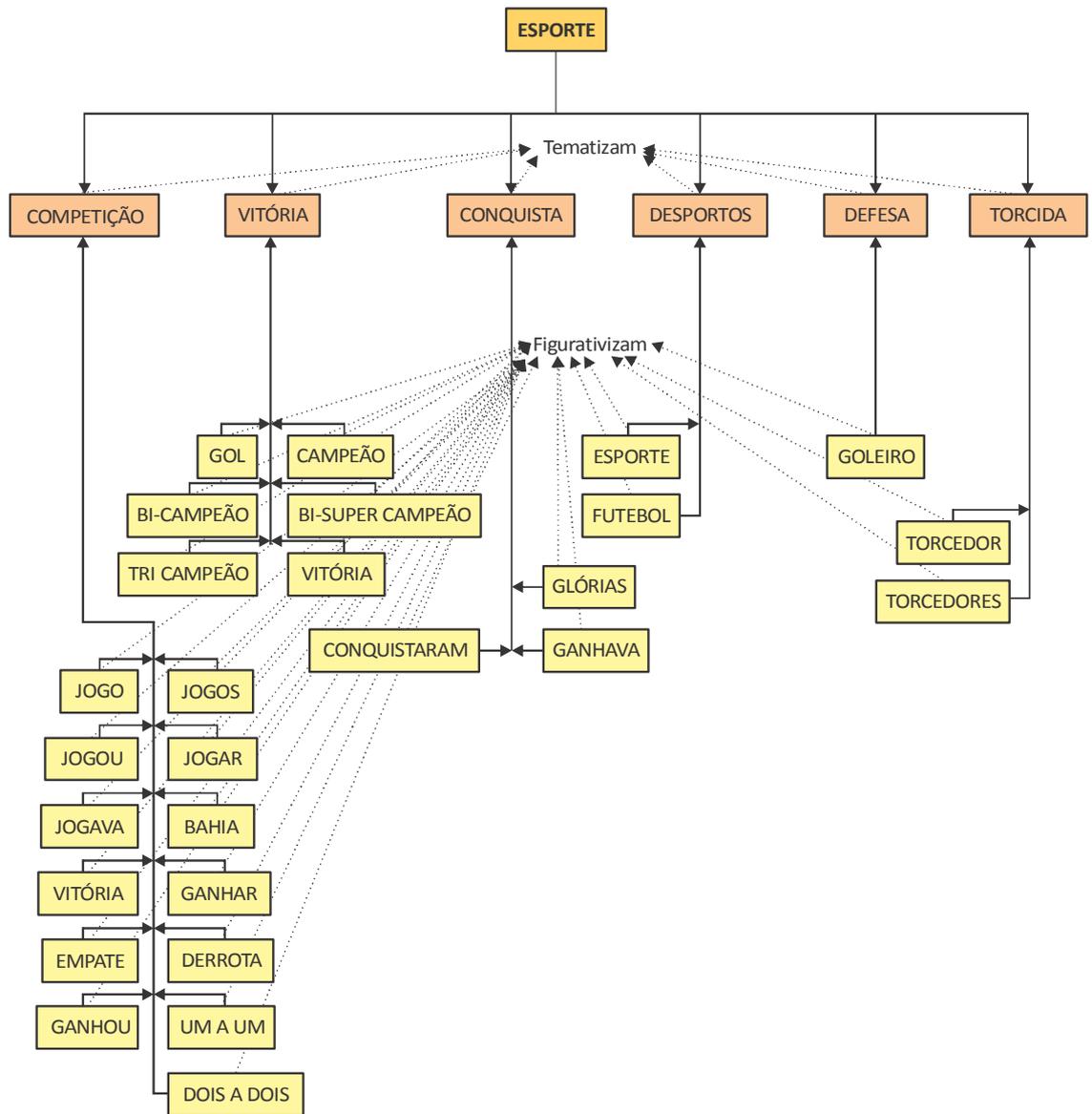
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **cultura**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 8 - Cultura

Dos cordéis que constituem a classe **esporte**, emergiram os temas **competição**, **vitória**, **conquista**, **desportos**, **defesa** e **torcida**. Os vocábulos **jogo**, **jogos**, **jogou**, **jogar**, **jogava**, **Bahia**, **Vitória**, **ganhar**, **empate**, **derrota**, **ganhou** e as expressões **um a um**, **dois a dois** figurativizam o tema **competição**, indicando o espírito competitivo que caracteriza todo o ser humano, em particular o brasileiro fanático por futebol. Os vocábulos **gol**, **campeão**, **bi-campeão**, **bi-super campeão**, **tri campeão** e **vitória** figurativizam o tema **vitória**, designando o sucesso, o êxito ou o ter vantagem sobre alguém em uma competição esportiva. Os vocábulos **glórias**, **conquistaram** e **ganhava** figurativizam o tema **conquista**, caracterizando o desejo de alcançar algo ou alguma coisa. Os vocábulos **esporte** e **futebol** figurativizam o tema **desportos**, caracterizando uma atividade física ou mental visando à competição entre praticantes. O vocábulo **goleiro** figurativiza o tema **defesa**, caracterizando a ação de um jogador de futebol que defende o gol de sua equipe. Os vocábulos **torcedor** e **torcedores** figurativizam o tema **torcida**, designando um conjunto de pessoas que assistem competições esportivas de seu clube favorito.

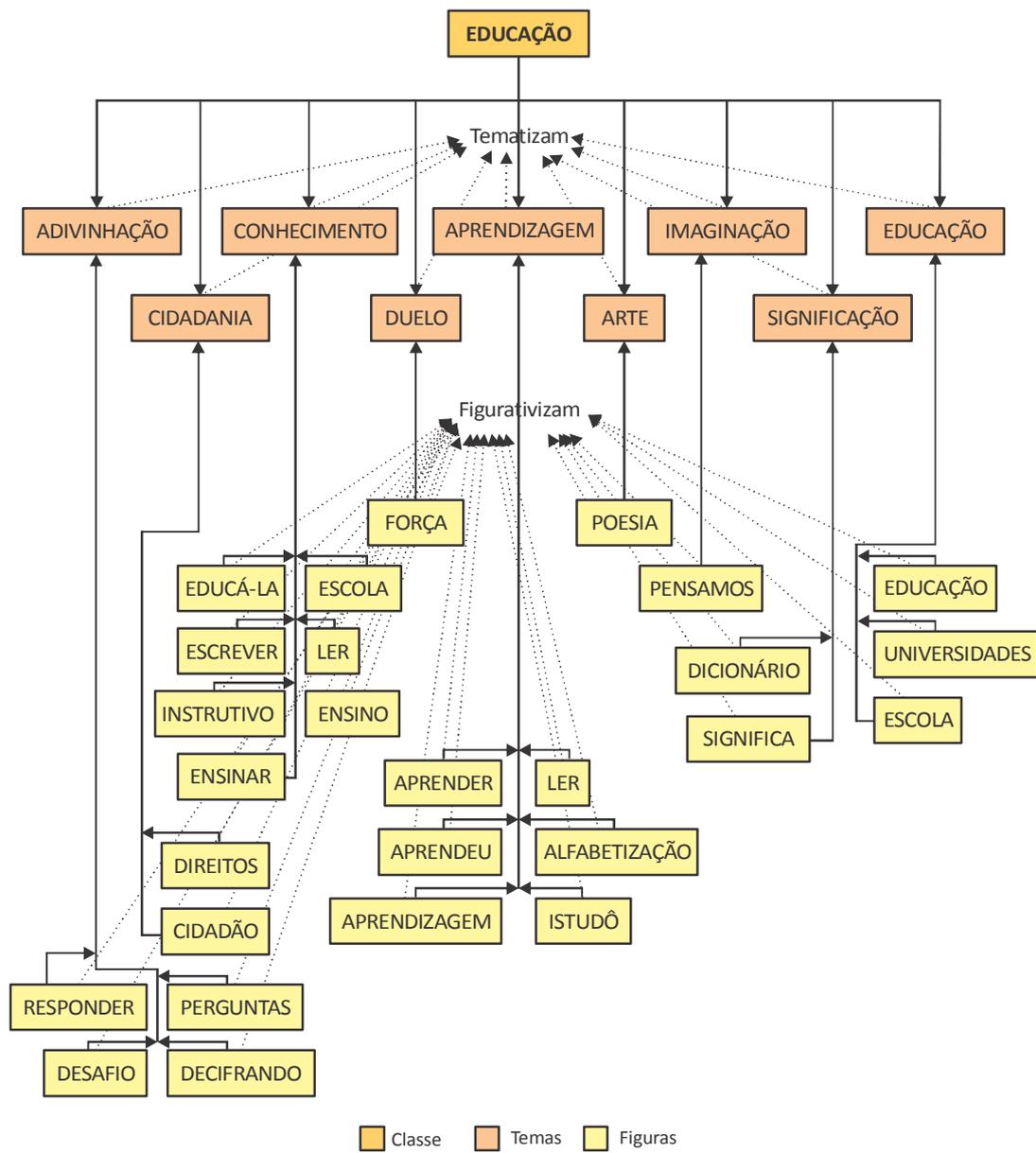
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **esporte**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 9 - Esporte

Na classe temática **educação**, dos cordéis que a constituem, emergiram os temas **adivinhação, cidadania, conhecimento, duelo, aprendizagem, arte, imaginação, significação e educação**. Os vocábulos **responder, perguntas, desafio e decifrando** figurativizam o tema **adivinhação**, indicando a forma literária que tem a estrutura de desafio, caracterizando uma brincadeira orientada para o desenvolvimento das capacidades mentais de crianças e adultos, pela descoberta do sentido das palavras. Os vocábulos **direitos e cidadão** figurativizam o tema **cidadania**, designando os direitos e deveres que regem a vida e o modo como o indivíduo atua na sociedade. Os vocábulos **educá-la, escola, escrever, ler, instrutivo, ensino e ensinar** figurativizam o tema **conhecimento**, designando o ato ou efeito de abstrair ideias ou noção de alguma coisa. O vocábulo **força** figurativiza o tema **duelo**, caracterizando uma disputa entre duas pessoas para defender uma ideia particular. Os vocábulos **aprender, ler, aprendeu, alfabetização, aprendizagem e istudô** figurativizam o tema **aprendizagem**, designando o modo como os seres humanos adquirem conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. O vocábulo **poesia** figurativiza o tema **arte**, caracterizando a poesia como uma das sete artes tradicionais, pela qual a linguagem humana é usada para fins estéticos. O vocábulo **pensamos** figurativiza o tema **imaginação**, caracterizando a representação de objetos que é dada à mente através dos sentidos. Os vocábulos **dicionário e significa** figurativizam o tema **significação**, mantendo relação com o dicionário como uma lista de lexemas de uma língua, dotado de acepções. Os vocábulos **educação, universidades e escola** figurativizam o tema **educação**, englobando os processos de ensinar e aprender, tendo como instituições de ensino a universidade e a escola.

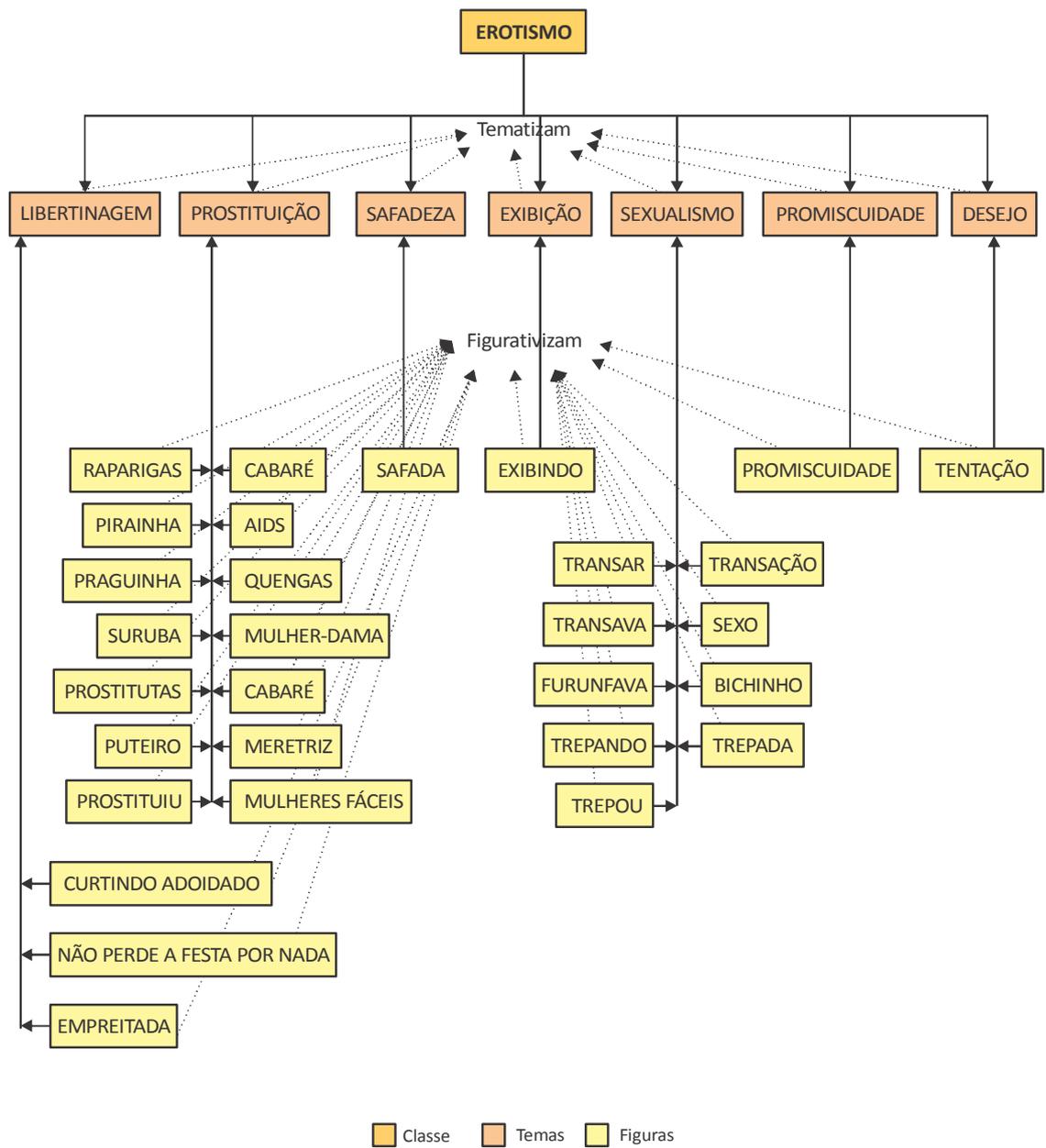
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **educação**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 10 - Educação

Dos cordéis que constituem a classe temática **erotismo**, emergiram os temas **libertinagem, prostituição, safadeza, exibição, sexualismo, promiscuidade e desejo**. As expressões **curtindo adoidado, não perde a festa por nada** e o vocábulo **empreitada** figurativizam o tema **libertinagem**, caracterizando a conduta de quem se entrega imoderadamente a prazeres sexuais. Os vocábulos **raparigas, cabaré, pirainha, AIDS, praguinha, quengas, suruba, mulher-dama, prostitutas, cabaré, puteiro, meretriz, prostituiu** e a expressão **mulheres fáceis** figurativizam o tema **prostituição**, designando a troca de favores sexuais, numa relação comercial entre sexo e dinheiro. O vocábulo **safada** figurativiza **safadeza**, caracterizando o que é pornográfico ou imoral. O vocábulo **exibindo** figurativiza o tema **exibição**, indicando o comportamento da mulher ao mostrar seu corpo como forma de atrair os homens. Os vocábulos **transar, transação, transava, sexo, furunfava, bichinho, trepando, trepada e trepou** figurativizam o tema **sexualismo**, designando a atividade sexual entre um homem e uma mulher. O vocábulo **promiscuidade** figurativiza o tema **promiscuidade**, denotando o comportamento sexual humano entre pessoas conhecidas ou não em um mesmo ambiente. O vocábulo **tentação** figurativiza o tema **desejo**, designando o impulso sexual para obter satisfação.

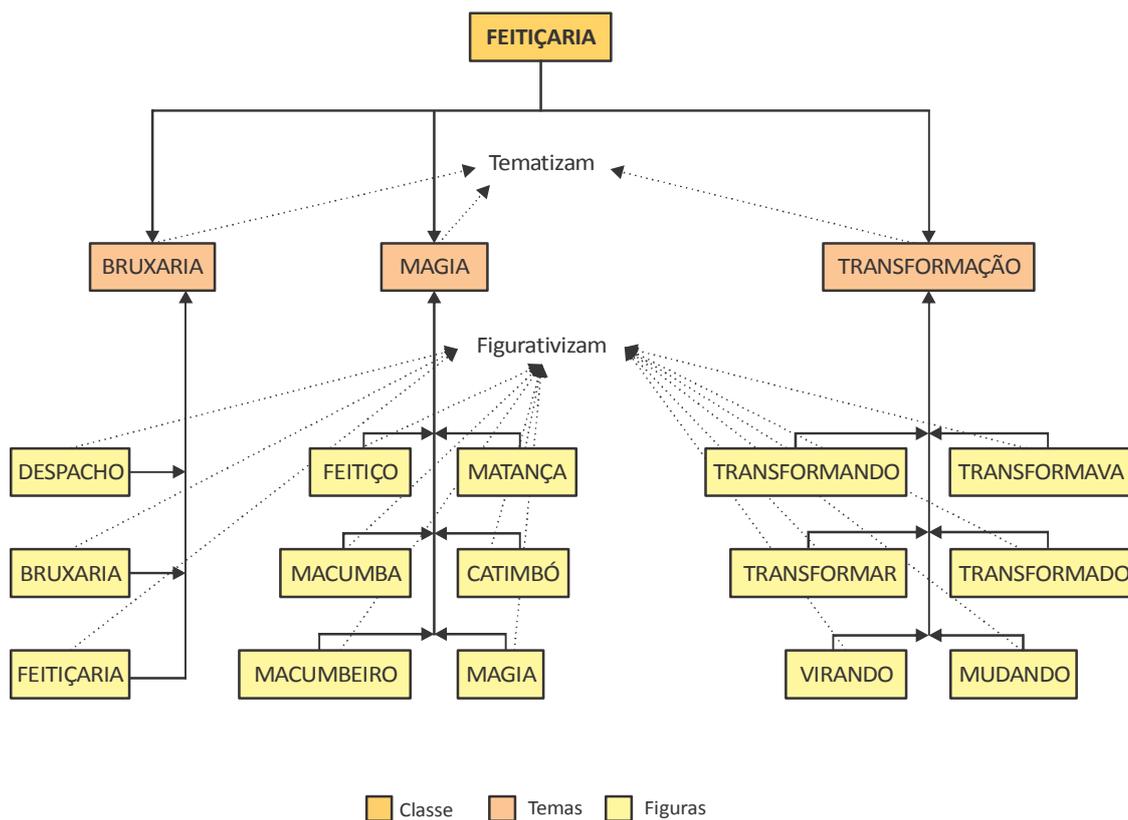
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **erotismo**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 11 - Erotismo

Na classe temática **feitiçaria**, dos cordéis que a constituem emergiram os temas **bruxaria**, **magia** e **transformação**. Os vocábulos **despacho**, **bruxaria** e **feitiçaria** figurativizam o tema **bruxaria**, designando ritos mágicos como forma de oferecer algo a entidades malignas em troca daquilo que deseja. Os vocábulos **feitiço**, **matança**, **macumba**, **catimbó**, **macumbeiro** e **magia** figurativizam o tema **magia**, caracterizando ritos e cerimônias praticados por bruxos, macumbeiros e feiticeiros do mal que visam entrar em contato com entidades sobrenaturais cujo intuito é prejudicar ou fazer o mal a outro. Os vocábulos **transformando**, **transformava**, **transformar**, **transformado**, **virando** e **mudando** figurativizam o tema **transformação**, caracterizando a mudança de aparência, cujo feitiço usado transfigura ou transforma o alvo.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **feitiçaria**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

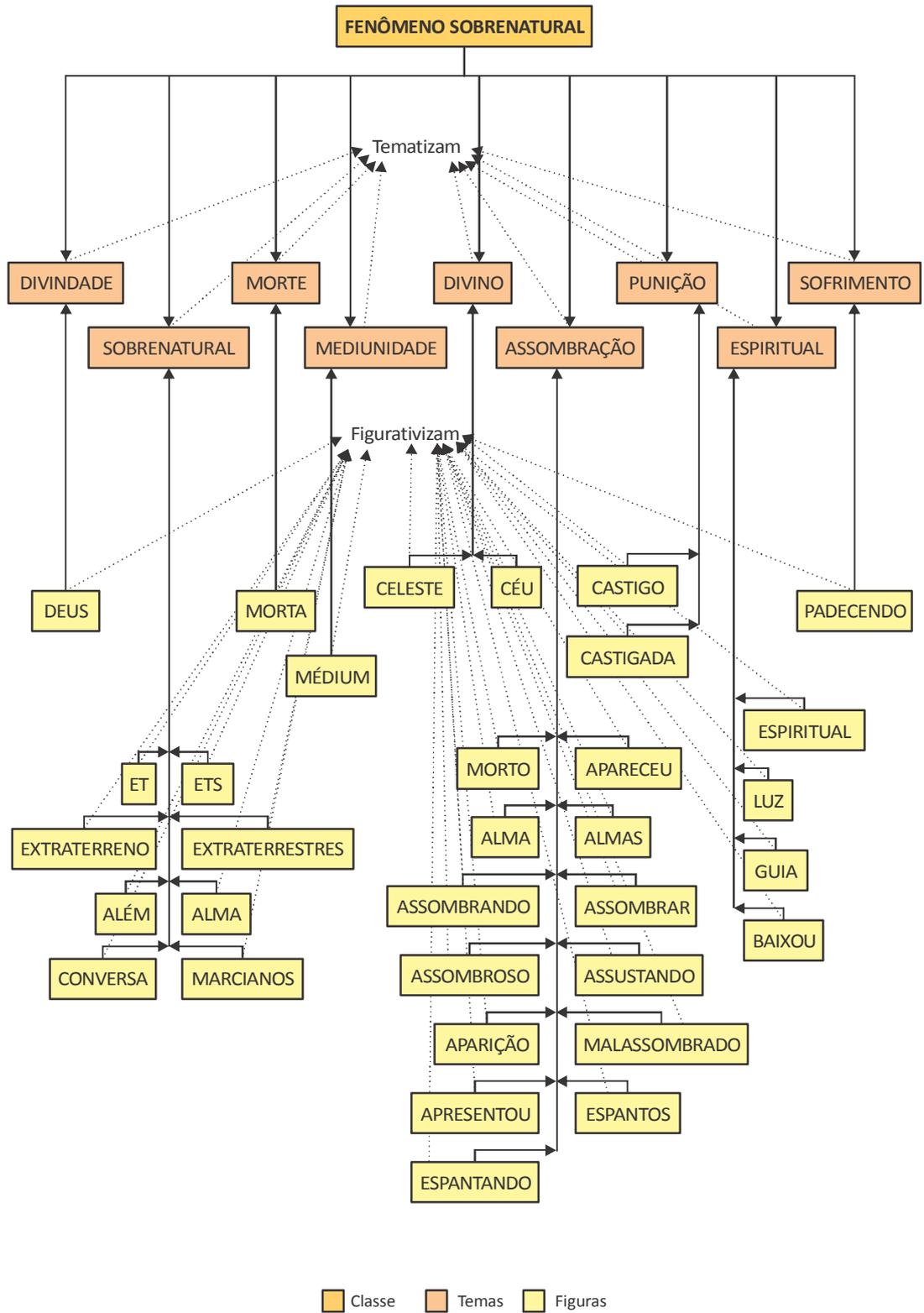


Mapa 12 - Feitiçaria

Dos cordéis que compõem a classe temática **fenômeno sobrenatural**, emergiram os temas **divindade**, **maldição**, **sobrenatural**, **morte**, **mediunidade**, **divino**, **assombração**, **punição**, **espiritual** e **sofrimento**. O vocábulo **Deus** figurativiza o tema **divindade**, designando um ser sobrenatural cultuado e respeitado pelo homem. Os vocábulos **ET**, **ETs**, **extraterreno**, **extraterrestres**, **além**, **alma**, **conversa** e **marcianos** figurativizam o tema **sobrenatural**, caracterizando seres que transcendem as forças da natureza humana, especificamente, seres que figuram um universo, além do planeta Terra. O vocábulo **morta** figurativiza o tema **morte**, designando o desligamento entre o espírito e o corpo. O vocábulo **médium** figurativiza o tema **mediunidade**, caracterizando qualquer pessoa dotada de um poder mediador entre os seres que habitam o mundo material e a eternidade, intuindo a transmissão do pensamento dos espíritos pela escrita ou pela palavra. Chico Xavier, por exemplo, foi um médium que mais propagou o espiritismo no Brasil. Os vocábulos **celeste** e **céu** figurativizam o tema **divino**, designando um ser superior, perfeito, que ocupa uma esfera além do mundo natural. Os vocábulos **morto**, **apareceu**, **alma**, **almas**, **assombrando**, **assombrar**,

assombroso, assustando, aparição, malassombrado, apresentou, espantos e espantando figurativizam o tema **assombração**, caracterizando os vultos de seres incorpóreos que habitam ou transitam por determinados lugares, assustando as pessoas. Os vocábulos **castigo** e **castigada** figurativizam o tema **punição**, caracterizando o castigo aplicado àqueles que agem fora dos padrões morais e religiosos. Os vocábulos **espiritual, luz, guia** e **baixou** figurativizam o tema **espiritual**, caracterizando o contato do ser humano com uma realidade transcendental. O vocábulo **padecendo** figurativiza o tema **sofrimento**, caracterizando ser vítima de suas próprias ações negativas.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **fenômeno sobrenatural**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

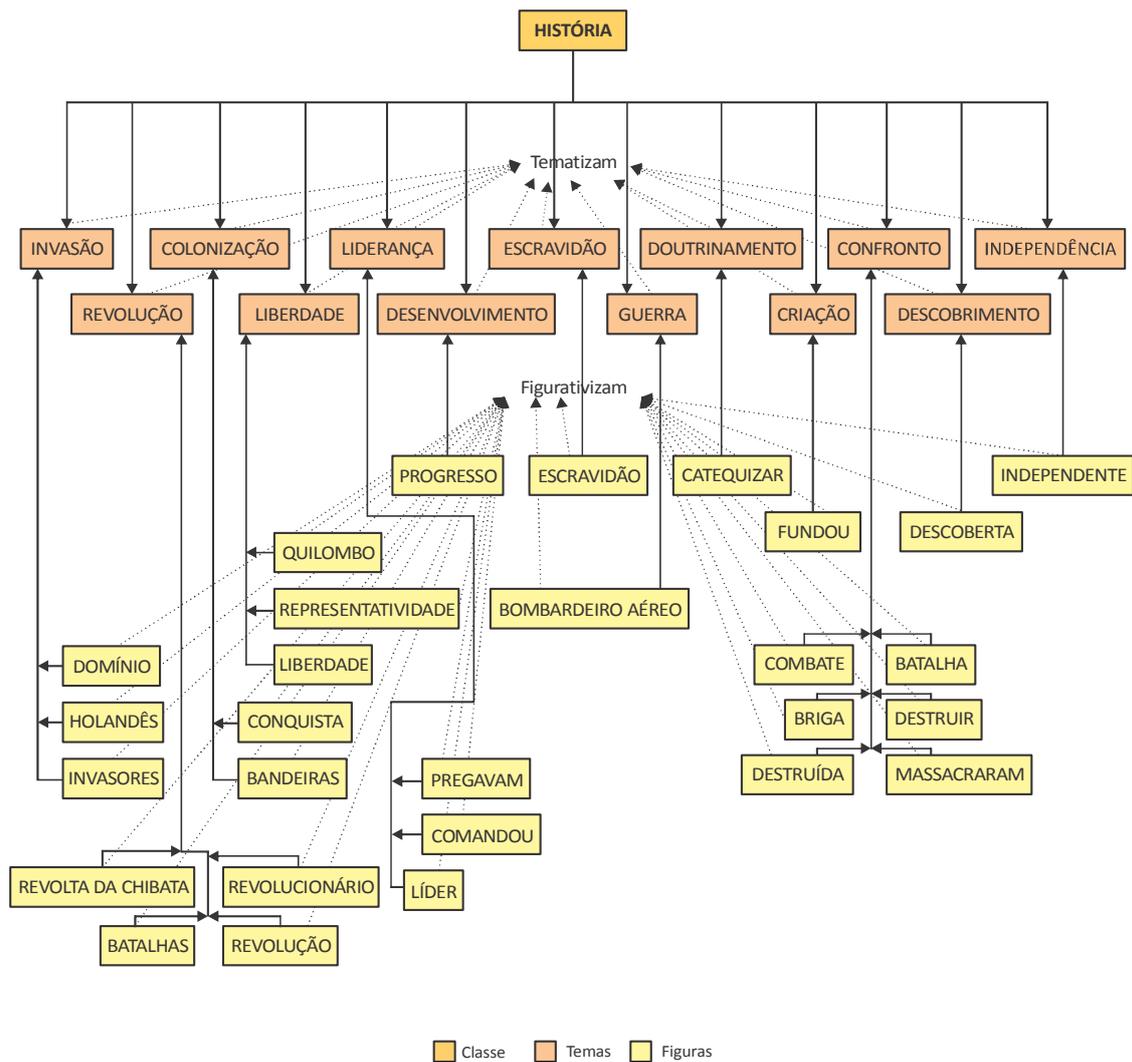


Mapa 13 – Fenômeno Sobrenatural

Na classe temática **história**, dos cordéis que a compõem, emergiram os temas **invasão, revolução, colonização, liberdade, desenvolvimento, escravidão, guerra, doutrinação, criação, confronto, descobrimento, massacre e independência**. Os vocábulos **domínio, holandês e invasores** figurativizam o tema **invasão**, indicando a ação militar em que as forças armadas entram em outro território, com o objetivo de conquista territorial ou de mudar o governo estabelecido na região, como ocorreu no Brasil quando foi invadida pelos holandeses que controlaram a região Nordeste por vinte e quatro anos, com o objetivo principal a comercialização do açúcar. A expressão **revolta da Chibata** e os vocábulos **batalhas, revolucionário e revolução** figurativizam o tema **revolução**, designando o movimento contra o poder estabelecido, com o objetivo de promover mudanças nas instituições políticas, econômicas, culturais e morais. Esse tema está presente na *Revolução de 1930*, liderada por Getúlio Vargas, para derrubar o presidente Washington Luis e impedir a posse de seu sucessor Júlio Prestes, desencadeando, no Brasil, outros sucessivos movimentos revolucionários. Os vocábulos **conquista e bandeiras** figurativizam o tema **colonização**, caracterizando o processo de povoamento, exploração e dominação dos portugueses, a partir do século XVI, nas terras brasileiras. No Brasil Colônia, diversos tipos de expedições foram empreendidos, como a *Entradas e Bandeiras*. As *Entradas*, expedições organizadas pelo governo de Portugal, com o objetivo de expandir o território e as *Bandeiras*, expedições organizadas por bandeirantes que buscavam a obtenção de lucros, se utilizando dos seus próprios recursos. Os vocábulos **quilombo, representatividade e liberdade** figurativizam o tema **liberdade**, caracterizando a evasão de escravos e formação de aldeamentos coletivos, os quilombos, causada pelas precárias condições de subsistência, a degradação e a violenta dominação que os brancos exerciam sobre eles. Os vocábulos **pregavam, comandou e líder** figurativizam o tema **liderança**, caracterizando o ato de mobilizar outros a lutar por aspirações compartilhadas ou por um ideal. O vocábulo **progresso** figurativiza o tema **desenvolvimento**, caracterizando o crescimento de um Estado ou Nação, como por exemplo, o Estado da Paraíba. O vocábulo **escravidão** figurativiza o tema **escravidão**, denominando a prática social em que o homem assume direitos de propriedade sobre o outro. No Brasil foi marcada pelo uso de escravos vindos da África. A expressão **bombardeiro aéreo** figurativiza o tema **guerra**, caracterizando o confronto entre grupos de indivíduos, utilizando-se de

armas. O bombardeio aéreo ocorrido no *Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*, em 1937, foi o primeiro ataque aéreo da história do Brasil e primeira ação de extermínio do Exército brasileiro e Polícia Militar do Ceará. O vocábulo **catequizar** figurativiza o tema **doutrinação**, designando o ensino da religião cristã. O vocábulo **fundou** figurativiza o tema **criação**, indicando a fundação da povoação de *Filipéia de Nossa Senhora das Neves*, em 1585, atualmente, cidade de João Pessoa. Os vocábulos **combate**, **batalha**, **briga**, **destruir**, **destruída** e **massacraram** figurativizam o tema **confronto**, designando a disputa de interesses entre grupos de indivíduos mais ou menos organizados, como foi a *Guerra de Canudos*, confronto entre o Exército brasileiro e integrantes do movimento popular liderado por Antonio Conselheiro, em 1896. O vocábulo **descoberta** figurativiza o tema **descobrimento**, referindo-se à chegada de europeus às terras do Brasil, em 1500, antes habitadas por povos indígenas. O vocábulo **independente** figurativiza o tema **independência**, caracterizando a qualidade do que tem autonomia política, o que ocorreu com o Brasil, em 7 de setembro de 1822, quando o príncipe regente D. Pedro, declarou, oficialmente, a independência do Brasil da colônia portuguesa.

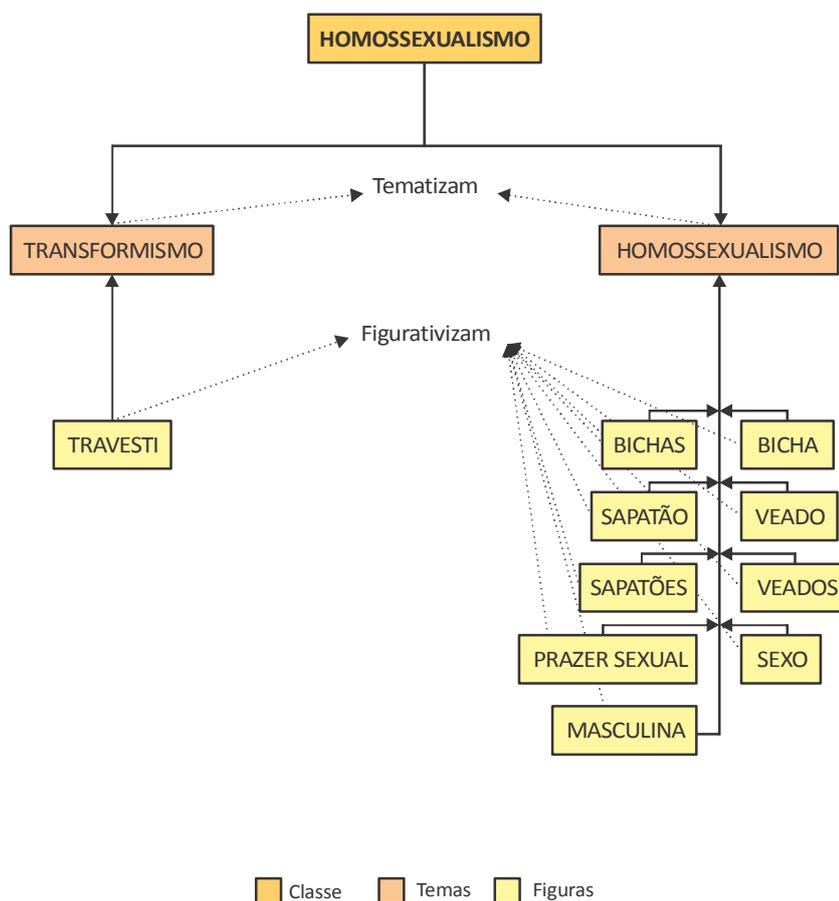
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **história**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 14 - História

Dos cordéis que constituem a classe temática **homossexualismo**, emergiram os temas **transformismo** e **homossexualismo**. O vocábulo **travesti** figurativiza o tema **transformismo**, referindo-se ao homem que se veste de mulher para disfarçar sua aparência biológica com o intuito de viver sua sexualidade e tornando-se irreconhecível perante a sociedade. Os vocábulo **bichas**, **bicha**, **sapatão**, **veado**, **sapatões**, **veados**, **prazer sexual**, **sexo** e **masculina** figurativizam o tema **homossexualismo**, caracterizando a atuação física e emocional entre pessoas do mesmo sexo.

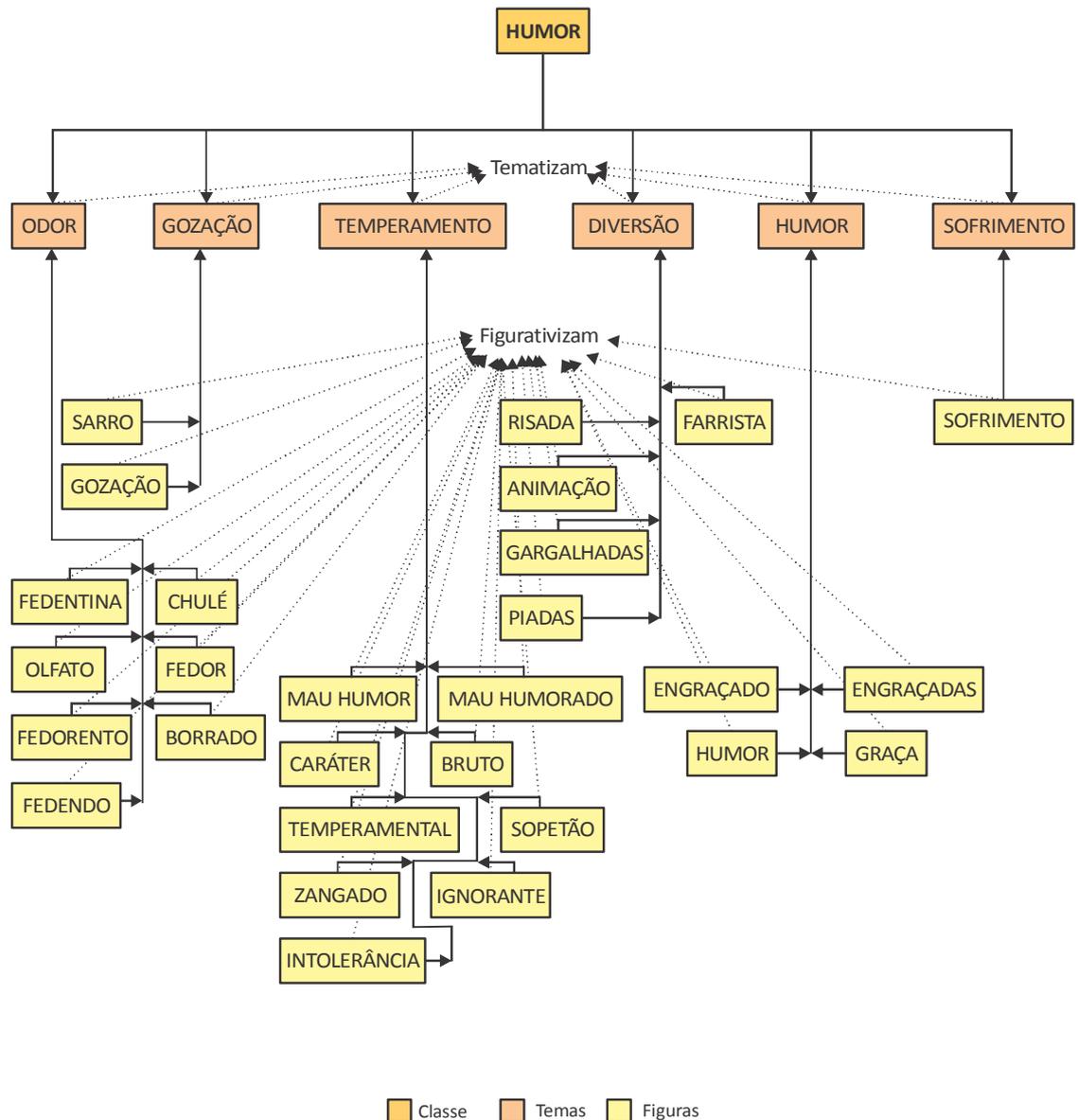
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **homossexualismo**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 15 - Homossexualismo

Na classe temática **humor**, dos cordéis, que a compõe, emergiram os temas **odor**, **gozação**, **temperamento**, **diversão**, **humor** e **sofrimento**. Os vocábulos **fedentina**, **chulé**, **olfato**, **fedor**, **fedorento**, **borrado** e **fedendo** figurativizam o tema **odor**, designando a sensação ou experiência de perceber um cheiro agradável ou não. Os vocábulos **sarro** e **gozação** figurativizam o tema **gozação**, caracterizando o divertimento, a brincadeira à custa de alguém. As expressões **mau humor**, **mau humorado** e os lexemas **caráter**, **bruto**, **temperamental**, **sopetão**, **zangado**, **ignorante** e o vocábulo **intolerância** figurativizam o tema **temperamento**, caracterizando o aspecto da personalidade determinante nos padrões de pensar, sentir e agir de um indivíduo. Os vocábulos **risada**, **farrista**, **animação**, **gargalhadas** e **piadas** figurativizam o tema **diversão**, caracterizando as atividades praticadas pelo homem em busca de prazer, entretenimento e passatempo. Os vocábulos **engraçado**, **engraçadas**, **humor** e **graça** figurativizam o tema **humor**, designando uma forma de diversão e de comunicação humana, provocando o riso nas pessoas. O vocábulo **sofrimento** figurativiza o tema **sofrimento**, caracterizando o desconsolo por não conseguir algo, por exemplo, o sofrimento das solteiras para arranjam marido.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **humor**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

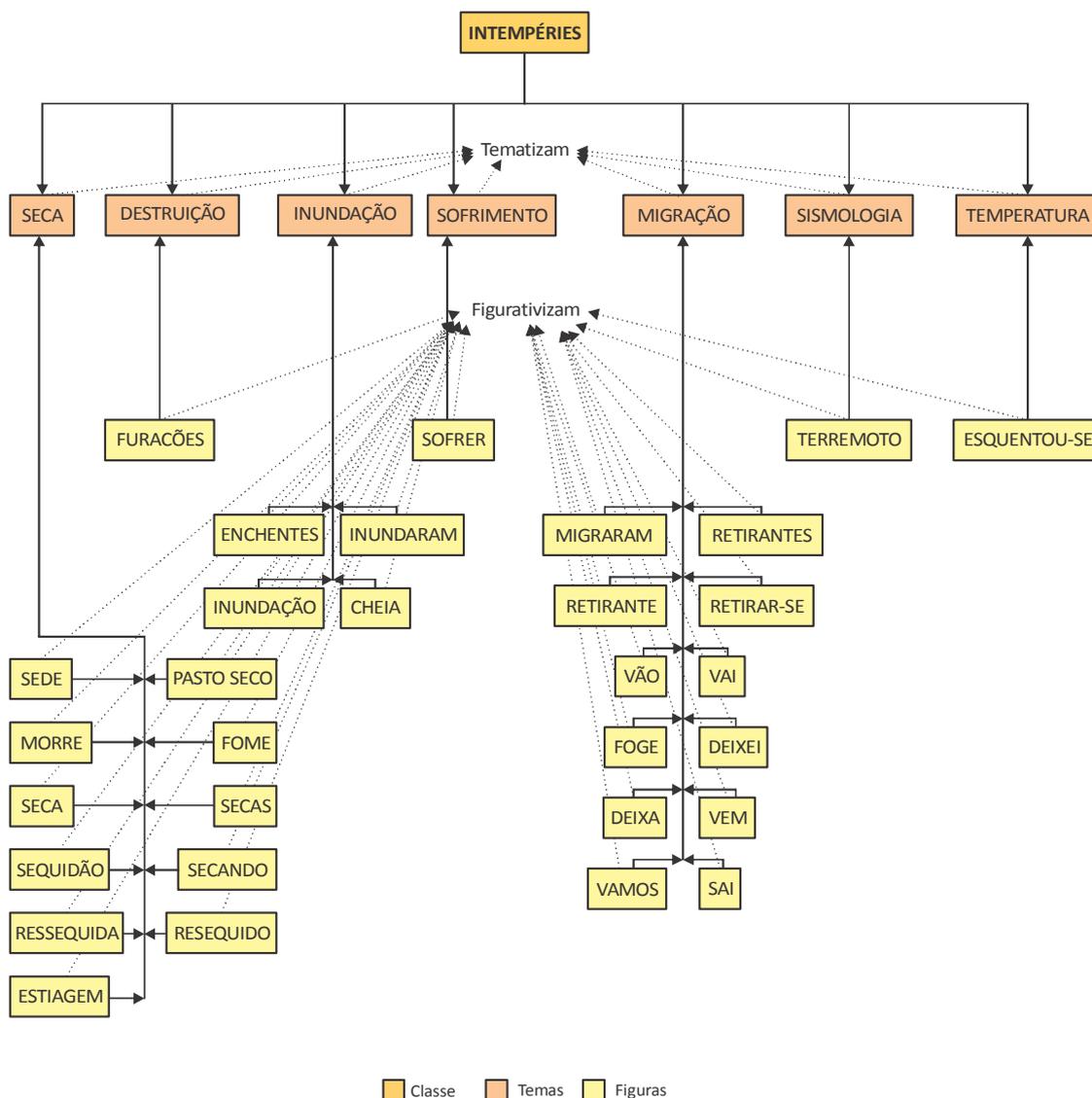


Mapa 16 - Humor

Dos cordéis que constituem a classe temática **intempéries**, emergiram os temas **seca**, **destruição**, **inundação**, **sofrimento**, **migração**, **sismologia** e **temperatura**. Os vocábulos **sede**, **morre**, **fome**, **seca**, **secas**, **sequidão**, **secando**, **ressequida**, **resequido** e **estiagem** e a expressão **pasto seco** figurativizam o tema **seca**, fenômeno da natureza caracterizado pela falta de chuva, principalmente no sertão nordestino. O vocábulo **furacões** figurativiza o tema **destruição**. Furacão é um fenômeno climático caracterizado pela formação de um sistema de baixa-pressão, formado, geralmente,

em regiões tropicais do planeta. Quando ganham muita força, transformam-se em catástrofes naturais destruindo cidades inteiras. Os vocábulos **enchentes**, **inundaram**, **inundação** e **cheia** figurativizam o tema **inundação**, fenômeno que ocorre durante intensas chuvas, provocando alagamento nas margens dos rios, invasão do mar na terra, causando danos ao homem, aos animais e à natureza. O vocábulo **sofrer** figurativiza o tema **sofrimento**, caracterizando o sentimento do indivíduo quando sofre de fome e sede, principalmente, em regiões de seca ou estiagem. Os vocábulos **migraram**, **retirantes**, **retirante**, **retirar-se**, **vão**, **vai**, **foge**, **deixei**, **deixa**, **vem**, **vamos** e **sai** figurativizam o tema **migração**, denominando o movimento de pessoas que saem de um lugar para outro, dentro de um mesmo país, como ocorre no Brasil devido às secas que assolam o Nordeste ou por perspectivas de um emprego urbano, que melhore a qualidade de vida do homem. O vocábulo **terremoto** figurativiza o tema **sismologia**, caracterizando tremores que ocorrem na superfície da terra, causados por movimentos subterrâneos de placas rochosas, de deslocamento de gases e de atividades vulcânicas, provocando, dependendo da intensidade, o desmoronamento de casas. O vocábulo **esquentou-se** figurativiza o tema **temperatura**, designando a variação climática.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **intempéries**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

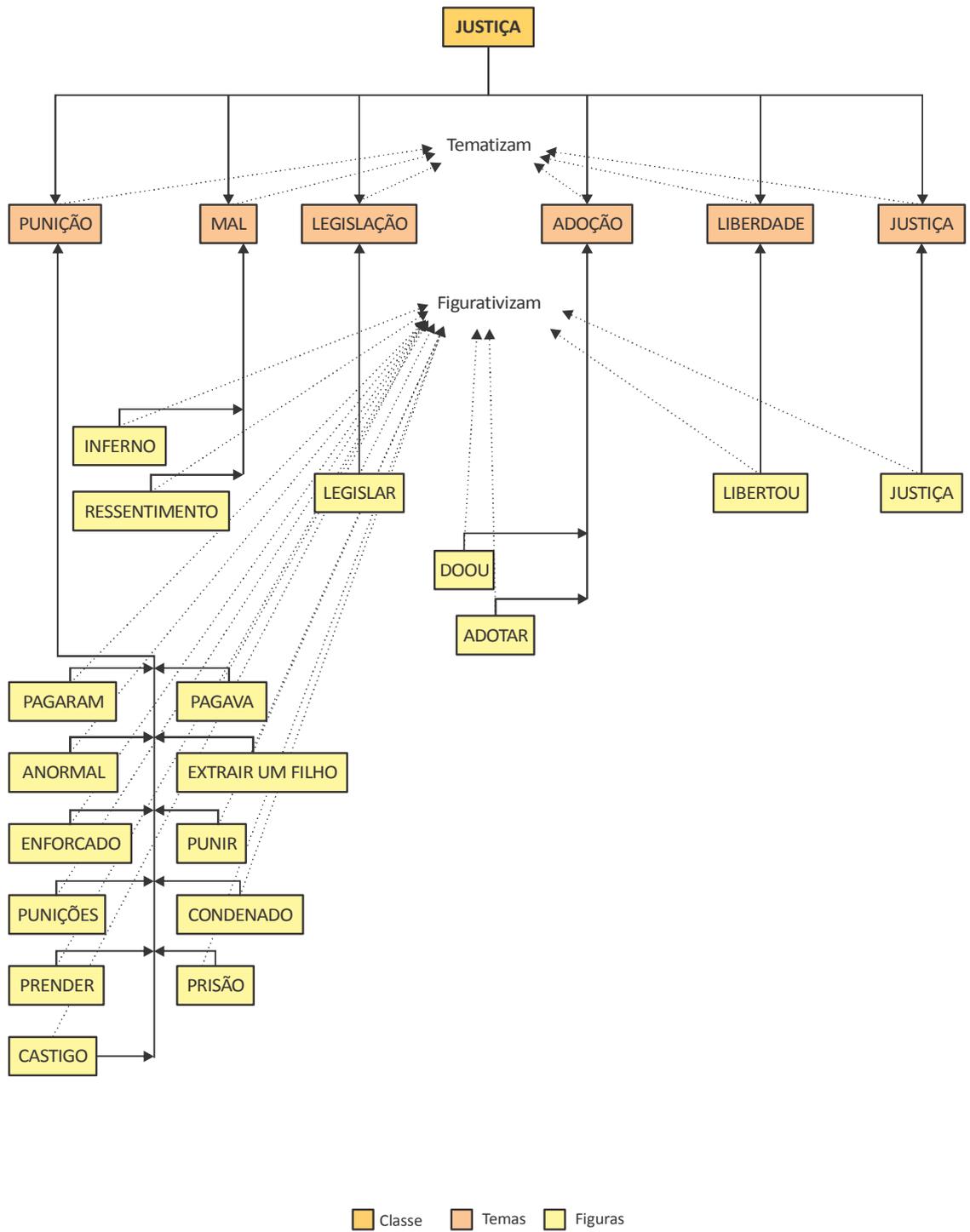


Mapa 17 - Intempéries

Na classe temática **justiça**, dos cordéis que a compõem, emergiram os temas **punição, mal, legislação, adoção, liberdade e justiça**. Os vocábulos **pagaram, pagava, anormal, enforcado, punir, punições, condenado, prender, prisão, castigo** e a expressão **extrair um filho** figurativizam o tema **punição**, designando penalidade atribuída àquele que transgredir uma norma de uma determinada sociedade. Os vocábulos **doou** e **adotar** figurativizam o tema **adoção**, designando o ato jurídico no qual um indivíduo é assumido como filho por uma pessoa ou casal, independente de existir entre elas uma relação consanguínea. Os vocábulos **inferno** e **ressentimento**

figurativizam o tema **mal**, indicando tudo aquilo que não é desejável ou que é destrutível, caracterizando negativamente uma ação. Segundo a Bíblia, o inferno é o lugar de punição para aqueles que praticam o mal a outras pessoas. O vocábulo **legislar** figurativiza o tema **legislação**, designando um conjunto de leis regidas em um país. O vocábulo **libertou** figurativiza o tema **liberdade**, designando a condição de um indivíduo quando não é submetido ao domínio de outro, tendo pleno poder sobre si mesmo e sobre seus atos. O vocábulo **justiça** figurativiza o tema **justiça**, designando a igualdade de todos os cidadãos cuja ciência é o Direito que busca encontrar os elementos de justiça no indivíduo para que ele possa ser contemplado pelo ideal de direitos em sua plenitude.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **justiça**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

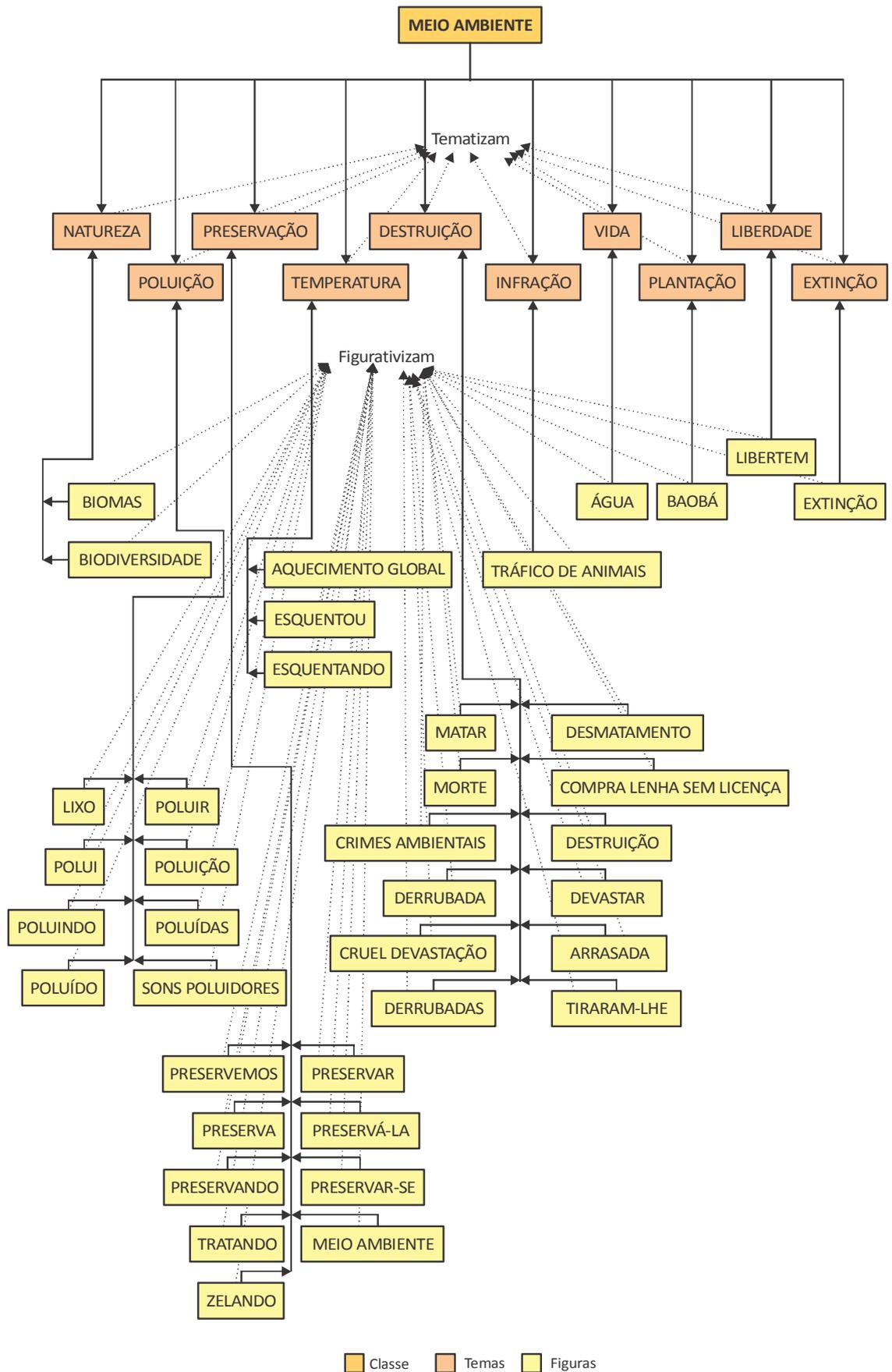


Mapa 18 - Justiça

Dos cordéis que compõem a classe temática **meio ambiente**, emergiram os temas **natureza**, **poluição**, **preservação**, **temperatura**, **destruição**, **infração**, **vida**, **plantação**, **liberdade** e **extinção**. Os vocábulos **biomas** e **biodiversidade** figurativizam o tema **natureza**, indicando tudo aquilo que tem como característica fundamental o ambiente existente que não teve a intervenção do homem, como os *biomas*, que são populações de organismos da fauna e da flora que interagem entre si e com o ambiente físico. O Brasil é o país que tem a maior biodiversidade de flora e fauna devido a sua extensão territorial e diversidade climática. Os vocábulos **lixo**, **poluir**, **polui**, **poluição**, **poluindo**, **poluídas**, **poluído** e a expressão **sons poluidores** figurativizam o tema **poluição**, caracterizando as ações praticadas pelo homem no meio ambiente, por inserção de qualquer matéria ou energia que alteram as propriedades físicas, químicas ou biológicas desse ambiente, causando danos à saúde das espécies animais e vegetais. Os vocábulos **preservemos**, **preservar**, **preserva**, **preservá-la**, **preservando**, **preservar-se**, **tratando**, **meio ambiente** e **zelando** figurativizam o tema **preservação**, caracterizando as práticas do homem na conservação e preservação da biodiversidade, a reciclagem de matérias primas e a redução do impacto ambiental sobre os recursos naturais. A expressão **aquecimento global** e os vocábulos **esquentou** e **esquentando** figurativizam o tema **temperatura**, caracterizado pelas variações climáticas, como, por exemplo, o *aquecimento global*, referindo-se ao aquecimento do globo terrestre nas últimas décadas, causadas pelo homem, cujas evidências mostram o aumento das temperaturas globais do ar, dos oceanos, derretimento dos glaciares e do nível médio do mar. Os vocábulos **matar**, **desmatamento**, **morte**, **destruição**, **derrubada**, **devastar**, **arrasada**, **derrubadas** e **tiraram-lhe** e as expressões **compra lenha sem licença**, **crimes ambientais** e **cruel devastação** figurativizam o tema **destruição**. Tal tema caracteriza o crime ambiental de desmatamento das florestas, através da ação do homem, prejudicando o funcionamento dos ecossistemas e, conseqüentemente, o desequilíbrio ecológico e a morte de muitas espécies animais, cuja floresta é o *habitat*, onde se obtêm alimento e proteção, necessários à sobrevivência. A expressão **tráfico de animais** figurativiza o tema **infração**, indicando um dos crimes ambientais previstas pela legislação brasileira, como a caça, maus tratos, captura, aprisionamento, transporte e comércio de animais silvestres. O vocábulo **água** figurativiza o tema **vida**, referindo-se à água como

elemento essencial à vida. O vocábulo **baobá** figurativiza o tema **plantação**, caracterizando o cultivo de plantas, como o *baobá*, árvore que vive centenas de anos, cujo tronco é considerado um dos mais grossos do mundo. O vocábulo **libertem** figurativiza o tema **liberdade**, caracterizando um apelo aos homens que mantêm animais em cativeiro. O vocábulo **extinção** figurativiza o tema **extinção**, designando o desaparecimento total de espécies de animais.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **meio ambiente**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

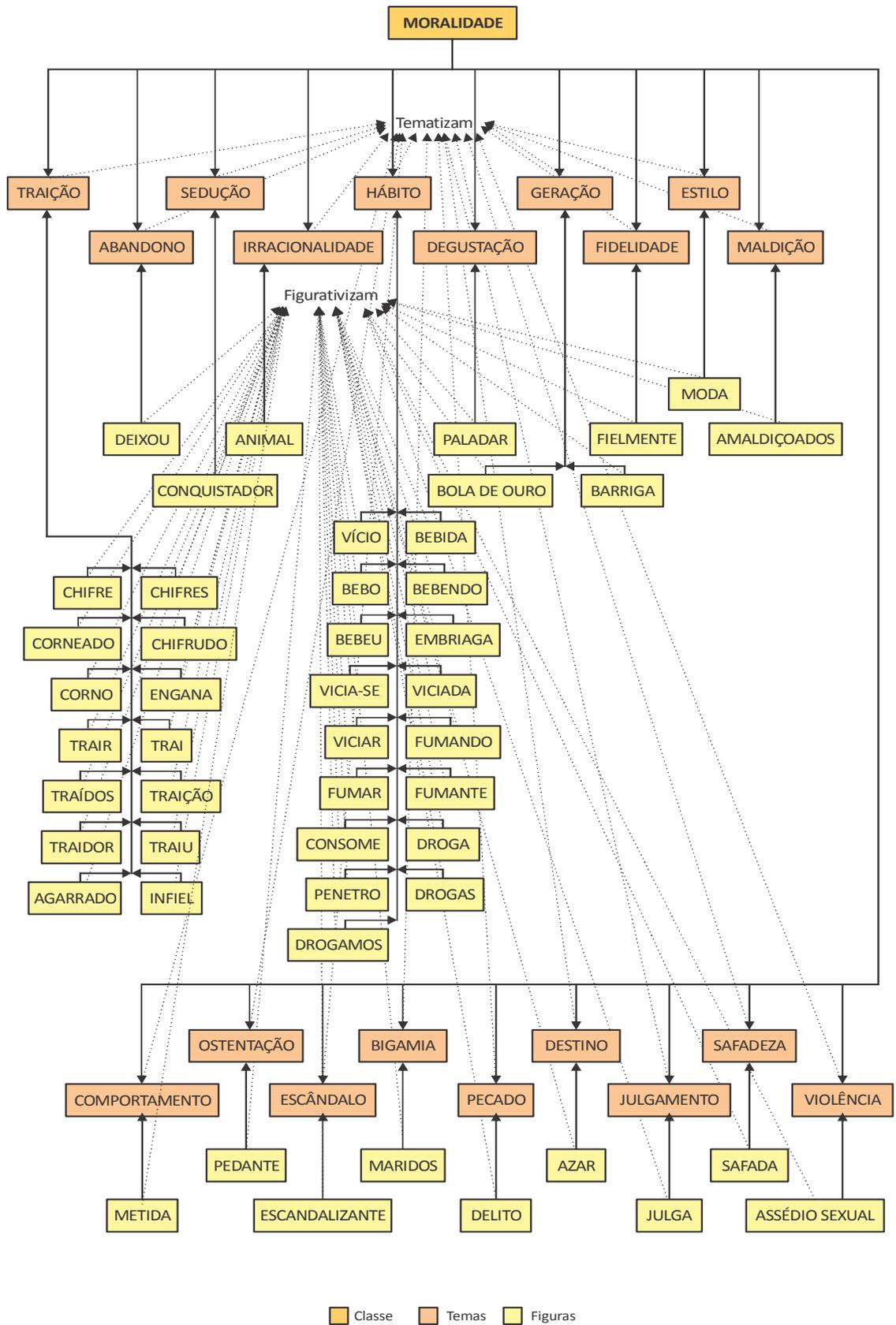


Mapa 19 – Meio ambiente

Na classe temática **moralidade**, dos cordéis que a compõe, emergiram os temas **traição, abandono, sedução, irracionalidade, hábito, degustação, geração, fidelidade, estilo, maldição, comportamento, ostentação, escândalo, bigamia, destino, julgamento, safadeza e violência**. Os vocábulos **chifre, chifres, corneado, chifrudo, corno, engana, trair, trai, traídos, traição, traidor, traiu, agarrado e infiel** figurativizam o tema **traição**, designando a prática da infidelidade conjugal, quando um dos cônjuges se relaciona com outra pessoa fora casamento. O vocábulo **deixou** figurativiza o tema **abandono**, caracterizando a rejeição do marido pela esposa, comprometendo o relacionamento afetivo entre eles. O vocábulo **conquistador** figurativiza o tema **sedução**, caracterizando a capacidade de encantar o outro com fins de atingir determinados objetivos por carisma, paixão ou desejo. O vocábulo **animal** figurativiza o tema **irracionalidade**, caracterizando aquele que não é dotado de razão ou raciocínio, em semelhança aos animais irracionais. Os vocábulos **vício, bebida, bebo, bebendo, bebeu, embriaga, vicia-se, viciada, viciar, fumando, fumar, fumante, consome, droga, penetro, drogas e drogamos** figurativizam o tema **hábito**, designando a ação que o indivíduo realiza, conscientemente, através da repetição frequente de uma ação, uso ou costume. O hábito repetitivo que degenera o homem e os que com ele convivem é caracterizado pelo *vício*. O vocábulo **paladar** figurativiza o tema **degustação**, caracterizando o prazer de sentir o sabor dos alimentos. As expressões **bola de ouro** e o lexema **barriga** figurativizam o tema **geração**, caracterizando a concepção de um filho. O vocábulo **fielmente** figurativiza o tema **fidelidade**, designando aquele que tem lealdade e confiança no outro. O vocábulo **moda** figurativiza o tema **estilo**, caracterizado pela moda, fenômeno sociocultural que, em determinado período, expressa os valores, usos e costumes de uma sociedade. O vocábulo **amaldiçoados** figurativiza o tema **maldição**, designando uma ação que traz algo negativo a uma pessoa como, por exemplo, o vício em jogos ou bebidas. O vocábulo **metida** figurativiza o tema **comportamento**, designando as atitudes de um indivíduo ou de um grupo, em uma determinada sociedade ou meio social. O vocábulo **pedante** figurativiza o tema **ostentação**, caracterizando o exibicionismo de algumas pessoas ao expor suas riquezas ou qualidades. O vocábulo **escandalizante** figurativiza o tema **escândalo**, designando contrariar as normas de conduta moral ou legal de forma pública. O vocábulo **maridos** figurativiza o tema **bigamia**, consistindo no ato de já

estando casado, ter outro casamento concomitantemente. Alguns países da África e do Oriente aceitam este tipo de relação conjugal. O vocábulo **delito** figurativiza o tema **pecado**, designando qualquer ação que ofenda as leis ou aos preceitos morais. O vocábulo **azar** figurativiza o tema **destino** que, para o imaginário popular, a sorte interfere na conduta dos que nela acreditam e que, supostamente, altera o destino das pessoas. O vocábulo **julga** figurativiza o tema **juízo**, indicando a emissão de um juízo de valor que, no sentido positivo, é considerado um sistema de valores e, no sentido negativo ou depreciativo, é feito sob o ponto de vista pessoal. O vocábulo **safada** figurativiza o tema **safadeza**, caracterizando a moralidade, a desonestidade. A expressão **assédio sexual** figurativiza o tema **violência**, caracterizando uma ameaça ou hostilidade contra uma pessoa, tendo a relação sexual como objetivo.

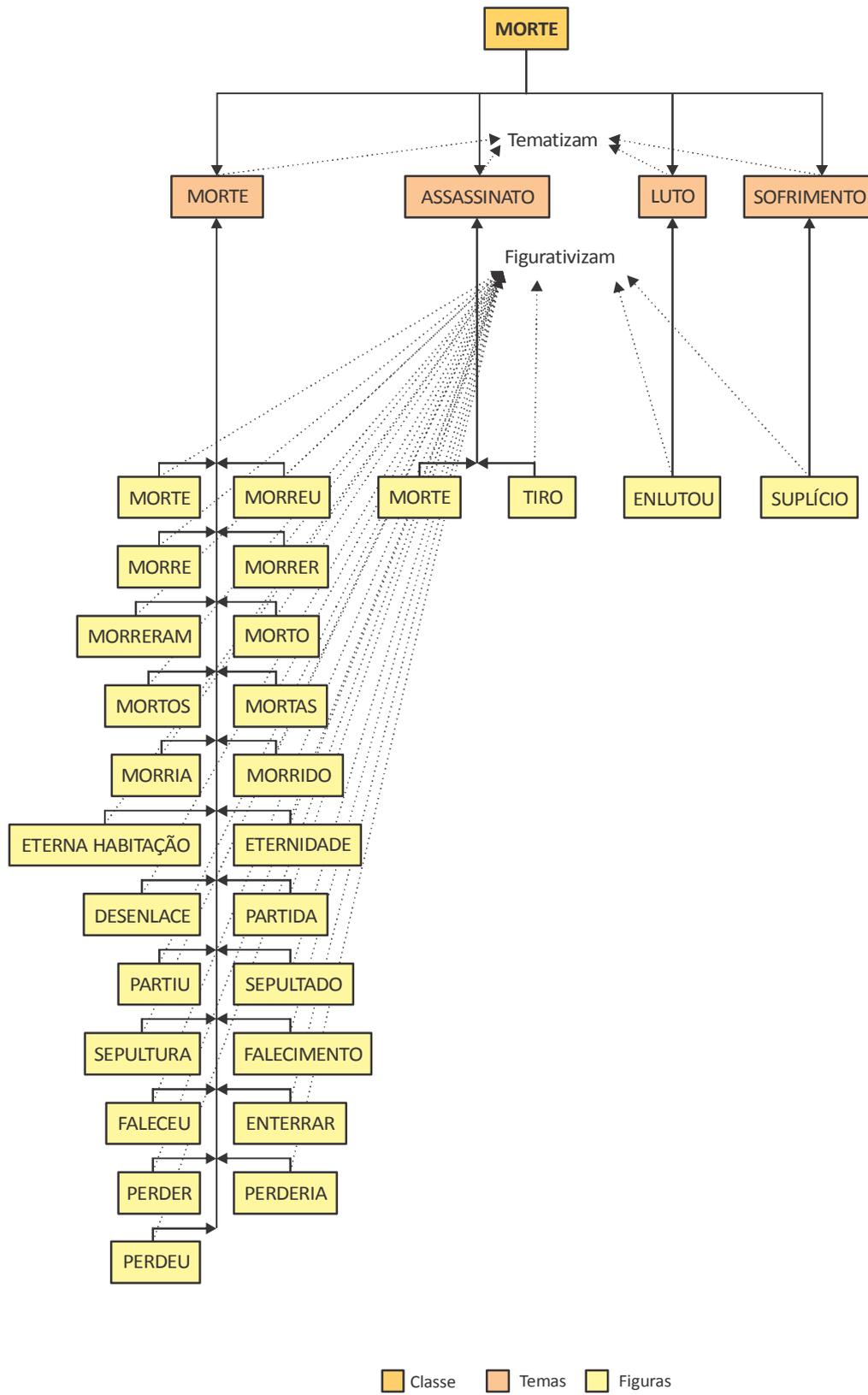
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **moralidade**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 20 - Moralidade

Dos cordéis que compõem a classe temática **morte**, emergiram os temas **morte**, **assassinato**, **luto** e **sofrimento**. Os vocábulos **morte**, **morreu**, **morre**, **morrer**, **morreram**, **morto**, **mortos**, **mortas**, **morria**, **morrido**, **eternidade**, **desenlace**, **partida**, **partiu**, **sepultado**, **sepultura**, **falecimento**, **faleceu**, **enterrar**, **perder**, **perderia** e **perdeu** e a expressão **eterna habitação** figurativizam o tema **morte**, designando o término da vida do homem enquanto matéria física. Na literatura, a morte é demonstrada de diversas formas: a morte material, de entes queridos ou desconhecidos; na religião; na filosofia, entre outras formas e, sob a perspectiva de algumas teorias como a *Extinção Absoluta*, quando sustenta a existência do homem enquanto matéria, o *Céu e Inferno*, a vida eterna além da física e a da *Reencarnação*, os renascimentos em corpos físicos e com diferentes experiências de vida, demonstrando enfim, que o homem é saudado até no fim da vida. Os vocábulos **morte** e **tiro** figurativizam o tema **assassinato**, caracterizando um ato intencional de tirar a vida de outrem. O vocábulo **enlutou** figurativiza o tema **luto**, designando o sentimento de pesar e respeito pela morte de alguém. O vocábulo **suplício** figurativiza o tema **sofrimento**, designando a emoção negativa que promove grande sofrimento físico no homem.

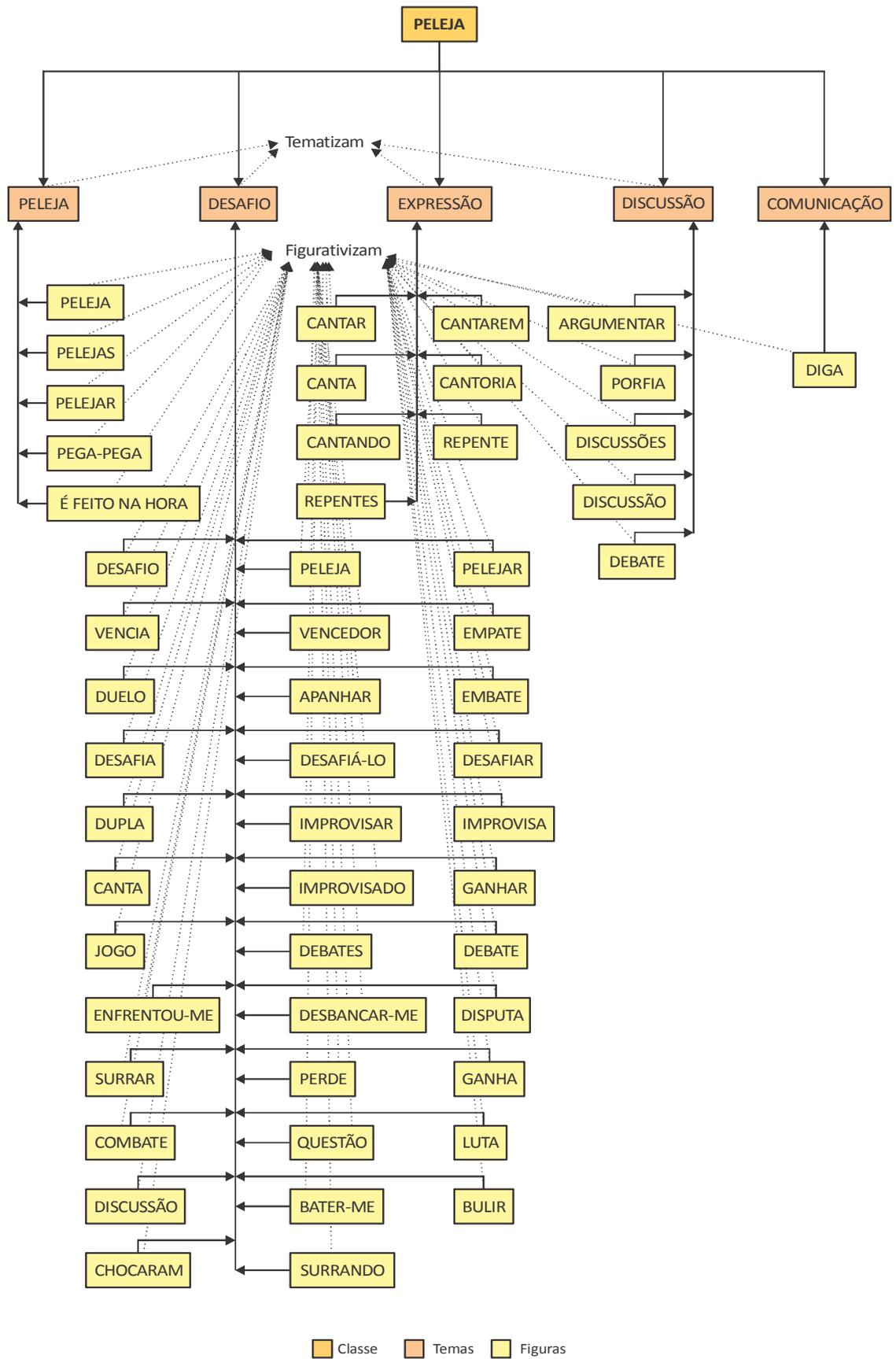
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **morte**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 21 - Morte

Na classe temática **peleja**, dos cordéis que a compõem, emergiram os temas **peleja**, **desafio**, **expressão**, **discussão** e **comunicação**. Os vocábulos **peleja**, **pelejas**, **pelejar**, **pega-pega** e a expressão **é feito na hora** figurativizam o tema **peleja**, caracterizando a disputa entre dois poetas ou cantadores. Os vocábulos **desafio**, **peleja**, **pelejar**, **vencia**, **vencedor**, **empate**, **duelo**, **apanhar**, **embate**, **desafia**, **desafiá-lo**, **desafiar**, **dupla**, **improvisar**, **improvisa**, **canta**, **improvisado**, **ganhar**, **jogo**, **debates**, **debate**, **enfrentou-me**, **desbancar-me**, **disputa**, **surrar**, **perde**, **ganha**, **combate**, **questão**, **luta**, **discussão**, **bater-me**, **bulir**, **chocaram** e **surrando** figurativizam o tema **desafio**, caracterizando a disputa poética entre dois cantadores, sob forma de diálogo a partir de um tema dado por um deles, tentando, de certa forma, mostrar a habilidade do cantador em improvisar. Os vocábulos **cantar**, **cantarem**, **canta**, **cantoria**, **cantando**, **repente** e **repentes** figurativizam o tema **expressão**, designando a criação de versos *de repente*, caracterizada pela mistura entre poesia e música, predominante no Nordeste brasileiro. Os vocábulos **argumentar**, **porfia**, **discussões**, **discussão** e **debate** figurativizam o tema **discussão**, caracterizando dois pontos de vista diferentes sobre uma mesma questão ou tema apresentado pelos poetas ou cantadores. O vocábulo **diga** figurativiza o tema **comunicação**, indicando uma forma de provocação para iniciar um debate ou duelo entre os poetas.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **peleja**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 22 - Peleja

Dos cordéis que constituem a classe temática **poder**, emergiram os temas **liberdade, economia, opressão, revolução, política, poder, despotismo, governo, utopia, disputa, promessa, corrupção, ambição, destruição, eleição, privatização e política salarial**. Os vocábulos **anistia** e **independentes** figurativizam o tema **liberdade**, indicando perdão de crime político na época da ditadura. Os vocábulos **inflação, desemprego, economia, congelamento** e a expressão **medidas econômicas** figurativizam o tema **economia**, indicando a produção, distribuição e consumo de bens e serviços. O Brasil, ao longo de sua história, foi marcado por sucessivas mudanças sociais, políticas e econômicas, devido à instabilidade monetária e de recessão, com altos índices de inflação, arrocho salarial e crescimento da dívida externa, apesar de algumas medidas econômicas terem sido tomadas, visando o controle da inflação e, conseqüentemente, a estabilização da economia. O vocábulo **oprimia** figurativiza o tema **opressão**, designando o efeito negativo quando as pessoas são alvo de abuso de poder. O vocábulo **transformação** figurativiza o tema **revolução**, designando movimentos de revolta contra um poder estabelecido. Os vocábulos **poder, enganado** e **estadista** figurativizam o tema **política**, designando a capacidade de organizar, dirigir e administrar Estados e Nações. Nos regimes democráticos, os governantes de um Estado ou Nação são eleitos pelo povo e, nos regimes ditatoriais, o povo é cerceado pelo poder de um indivíduo que se autoproclama, sendo ele civil ou militar. Os vocábulos **meu, arrogância, petulância, mandar, poderes** e **poder** figurativizam o tema **poder**, designando a faculdade de exercer autoridade sobre o outro, levando-o a agir da forma desejada. Os vocábulos **ditadura** figurativiza o tema **despotismo**, designando uma forma de governo na qual o governante tem poder ilimitado sobre o povo. O período da política brasileira constituído pela ditadura militar, 1964 a 1985, em que os militares governaram o Brasil, foi caracterizado pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime. Os vocábulos **dirigir, dirija, governo, governar, governador** e **presidente** figurativizam o tema **governo**, designando a liderança política de um Estado ou Nação. O vocábulo **ilusão** figurativiza o tema **utopia**, caracterizada por uma *utopia política*, levando o povo a acreditar como sendo perfeitos para melhorar a sua qualidade de vida, os pacotes econômicos lançados pelo governo. O vocábulo **rixa** figurativiza o tema **disputa**, motivada pela defesa de ideias e projetos políticos. Os

vocábulos **prometendo** e **garantiu** figurativizam o tema **promessa**, designando o compromisso de executar algo em benefício de outro, principalmente, durante as eleições políticas, período em que os brasileiros são bombardeados com promessas dos mais variados tipos. Os vocábulos **grileiros**, **corrupção**, **mensalão**, **grana**, **roubalheira** e **roubando** e a expressão **desvio de verbas** figurativizam o tema **corrupção**, designando o uso ilegal do poder político e financeiro de alguns governantes ou políticos em benefício próprio. Os vocábulos **ganância** e **ambição** figurativizam o tema **ambição**, caracterizando o desejo de determinadas pessoas em ter mais poder sobre o outro. Os vocábulos **guerra**, **bomba**, **bala** e **batalhas** figurativizam o tema destruição, motivada pela disputa entre dois ou mais grupos distintos ou países, por motivos religiosos, étnicos, ideológicos, econômicos ou territoriais. Os vocábulos **voto**, **votar**, **pleito** e **eleitos** figurativizam o tema **eleição**, designando o processo de escolha de determinadas pessoas para exercerem o poder soberano, concedido pelo povo através do voto. O vocábulo **privatizou** figurativiza o tema **privatização** caracterizando o processo de venda de empresas estatais a empresas privadas, gerada quando a empresa estatal não tem os lucros necessários para competir no mercado ou quando está com dificuldades financeiras. O vocábulo **salário** figurativiza o tema **política salarial**, caracterizando os sistemas de remuneração mínima estabelecida pela administração executiva de um Estado ou Nação.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **poder**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

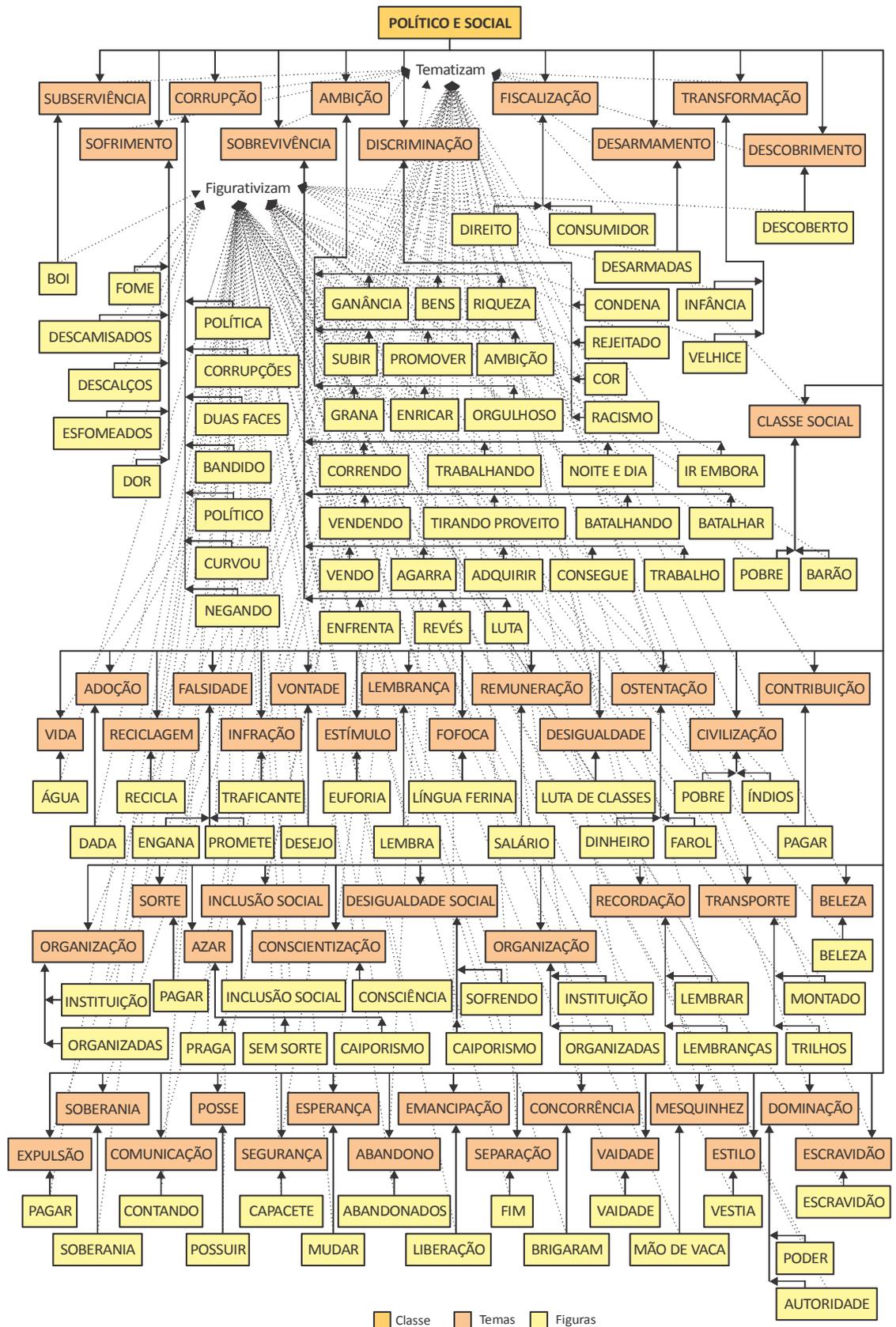
Na classe temática **político e social**, dos cordéis que a compõe, emergiram os temas **subserviência, sofrimento, corrupção, sobrevivência, ambição, discriminação, fiscalização, desarmamento, transformação, descobrimento, classe social, vida, reciclagem, falsidade, infração, vontade, estímulo, lembrança, fofoca, remuneração, desigualdade, ostentação, civilização, contribuição, organização, sorte, azar, inclusão social, conscientização, desigualdade social, recordação, transporte, beleza, expulsão, soberania, comunicação, posse, segurança, esperança, abandono, emancipação, separação, concorrência, vaidade, mesquinhez, estilo, dominação e escravidão**. O vocábulo **boi** figurativiza o tema **subserviência**, representando o trabalhador, aquele que serve. Os vocábulos **fome, descamisados, descalços, esfomeados** e **dor** figurativizam o tema **sofrimento**, causado pela falta de bens e serviços essenciais, como alimentos, vestuário, moradia, saúde e educação. Os vocábulos **política, corrupções, bandido, político, curvou** e **negando** e a expressão **duas faces** figurativizam o tema **corrupção**, caracterizando o comportamento daqueles que lideram tanto positiva quanto negativamente, pelo direito do cidadão. Os vocábulos **correndo, trabalhando, vendendo, batalhando, batalhar, vendo, agarra, adquirir, consegue, trabalho, enfrenta, revés** e **luta** e as expressões **noite e dia, ir embora, tirando proveito** figurativizam o tema **sobrevivência**, caracterizando a luta cotidiana do homem para ter uma vida digna. Os vocábulos **ganância, bens, riqueza, subir, promover, ambição, grana, enricar** e **orgulhoso** figurativizam o tema **ambição**, designando o desejo intenso para conseguir algo e crescer financeiramente, algumas vezes por meios ilícitos. Os vocábulos **condena, rejeitado, cor** e **racismo** figurativizam o tema **discriminação**, designando o tratamento diferenciado dado a pessoas de diferentes raças e classes sociais. Os vocábulos **direito** e **consumidor** figurativizam o tema **fiscalização**, caracterizando o cumprimento da lei que protege os consumidores contra os abusos sofridos no fornecimento de produtos e serviços. O vocábulo **desarmadas** figurativiza o tema **desarmamento**, referindo-se à proibição do comércio de armas e munições. Os vocábulos **infância** e **velhice** figurativizam o tema **transformação**, caracterizando as mudanças biológicas e físicas dos seres humanos ao longo da vida. O vocábulo **descoberto** figurativiza o tema **descobrimento**, designando o ato de achar uma pessoa que se encontrava perdida ou escondida. Os vocábulos **pobre** e **barão** figurativizam o tema **classe social**, designando a forma de organização

de uma sociedade que qualifica pessoas segundo o seu poder aquisitivo. O vocábulo **água** figurativiza o tema **vida**, caracterizando a importância da água no nosso planeta como *fonte de vida*. O vocábulo **dada** figurativiza o tema **adoção**, caracterizado por uma modalidade artificial de filiação pelo qual se aceita como filho, de forma voluntária e legal, um ser no ambiente familiar. O vocábulo **recicla** figurativiza o tema **reciclagem**, designando o reaproveitamento de materiais, como papel, vidro, metal e plástico, como matéria prima que se transforma em um novo produto. Os vocábulos **engana** e **promete** figurativizam o tema **falsidade**, caracterizando tudo aquilo que não é verdadeiro, que está na imaginação das pessoas, como o *Papai Noel*, figura lendária que, em muitas culturas ocidentais, presenteia crianças bem comportadas. O vocábulo **traficante** figurativiza o tema **infração**, caracterizando a violação de uma lei, como o tráfico de animais, uma das muitas espécies de crime organizado. O vocábulo **desejo** figurativiza o tema **vontade**, designando a capacidade de um indivíduo de escolher se faz ou não algo, promovido por um desejo de fazer. O vocábulo **euforia** figurativiza o tema **estímulo**, designando o impulso que leva alguém a conquistar ou fazer algo, trazendo-lhe ou não a sensação de bem-estar, de satisfação. O vocábulo **lembra** figurativiza o tema **lembrança**, caracterizando o recordar de algo que ficou guardado na memória. A expressão **língua ferina** figurativiza o tema **fofoca**, referindo-se a fazer afirmações ou especular a vida alheia, baseados em fatos, muitas vezes, inverídicos. O vocábulo **salário** figurativiza o tema **remuneração**, correspondendo à totalidade de bens fornecidos ou devidos a empregados por um serviço prestado, tendo como retribuição de sua atividade, o salário. A expressão **luta de classes** figurativiza o tema **desigualdade**, caracterizando as diferenças sociais existentes em uma mesma sociedade. Os vocábulos **dinheiro** e **farol** figurativizam o tema **ostentação**, caracterizando a maneira de exibir riquezas ou dotes. Os vocábulos **valores** e **índios** figurativizam o tema **civilização**, designando toda uma cultura de uma sociedade ou povo. No Brasil, no período de colonização, os indígenas, detentores de uma rica diversidade cultural, foram massacrados, escravizados e quase exterminados pelos colonizadores. O vocábulo **pagar** figurativiza o tema **contribuição**, designando o pagamento de um tributo como obrigação do cidadão ao Estado ou Município. Os vocábulos **instituição** e **organizadas** figurativizam o tema **organização**, caracterizando, por exemplo, um grupo de pessoas que tem como objetivo produzir mercadorias ou

serviços. O vocábulo **jogar** figurativiza o tema **sorte**, caracterizado pela obtenção de um prêmio, principalmente o econômico, através de jogos ilícitos como o *jogo do bicho*. Os vocábulos **praga** e **caiporismo** e a expressão **sem sorte** figurativizam o tema **azar**, caracterizando o indivíduo que tem dificuldades de conseguir algo. A expressão **inclusão social** figurativiza o tema **inclusão social**, designando as oportunidades econômicas dadas aos mais necessitados, de acesso a bens e serviços, reduzindo assim a desigualdade social. O vocábulo **consciência** figurativiza o tema **conscientização**, caracterizado pela importância de uma determinada cultura na formação da cultura nacional como, por exemplo, a *consciência negra*. Os vocábulos **encurralados** e **sofrendo** figurativizam o tema **desigualdade social**, caracterizando a distribuição de renda de forma diferenciada em uma mesma sociedade. Os vocábulos **lembrar**, **lembranças** figurativizam o tema **recordação**, caracterizando a conservação e reprodução de ideias e imagens de pessoas, lugares ou objetos. Os vocábulos **montado** e **trilhos** figurativizam o tema **transporte**, designando o movimento de pessoas de lugar para outro. O vocábulo **beleza** figurativiza o tema **beleza**, percepção caracterizada pelo que é agradável aos sentidos, dependendo do universo cognitivo do homem que observa. O vocábulo **banido** figurativiza o tema **expulsão** caracterizando a negação ao homem pelo direito à terra que ocupa como, por exemplo, o *Movimento dos Sem Terra*, que consiste na ocupação de terras improdutivas, como forma de pressão pela reforma agrária. O vocábulo **soberania** figurativiza o tema **soberania**, caracterizando a autoridade moral que uma mãe tem sobre os filhos. O vocábulo **contando** figurativiza o tema **comunicação**, caracterizando narrativas de histórias que as pessoas passam para outras, com a intenção de passar o tempo, por exemplo, quando se encontram em filas de bancos, supermercados entre outros lugares que possibilitem aglomerados de pessoas. O vocábulo **possuir** figurativiza o tema **posse**, designando o poder de dispor de objetos e de detê-los como de propriedade particular. O vocábulo **capacete** figurativiza o tema **segurança**, caracterizando o uso de objetos que permitem evitar perigos, acidente e causar danos ao homem, como o uso de capacetes e cintos de segurança. O vocábulo **mudar** figurativiza o tema **esperança**, caracterizando expectativas de ter dias melhores com o passar do tempo. O vocábulo **abandonados** figurativiza o tema **abandono**, caracterizando o ato de deixar alguém desamparado ou sem proteção. O vocábulo **liberação** figurativiza o tema

emancipação, caracterizando o direito do homem em administrar seus próprios bens. O vocábulo **fim** figurativiza o tema **separação**, caracterizando, por exemplo, o término de um casamento ou união. O vocábulo **brigaram** figurativiza o tema **concorrência**, designando o grau de competitividade entre pessoas ou empresas que oferecem serviços semelhantes. O vocábulo **vaidade** figurativiza o tema **vaidade**, designando a ideia positiva que alguém faz de si mesmo. A expressão **mão de vaca** figurativiza o tema **mesquinhez**, em referência aquele que tem apego às riquezas e as tem só para si. O vocábulo **vestia** figurativiza o tema **estilo**, caracterizando o uso, costume ou modo de vestir segundo o estilo da época ou por vontade própria. Os vocábulos **poder** e **autoridade** figurativizam o tema **dominação**, caracterizando o poder do indivíduo sobre o outro. O vocábulo **escravidão** figurativiza o tema **escravidão**, referindo-se a exploração do trabalho infantil exercido por crianças e adolescentes, abaixo da idade mínima legal permitida para o trabalho.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **político e social**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

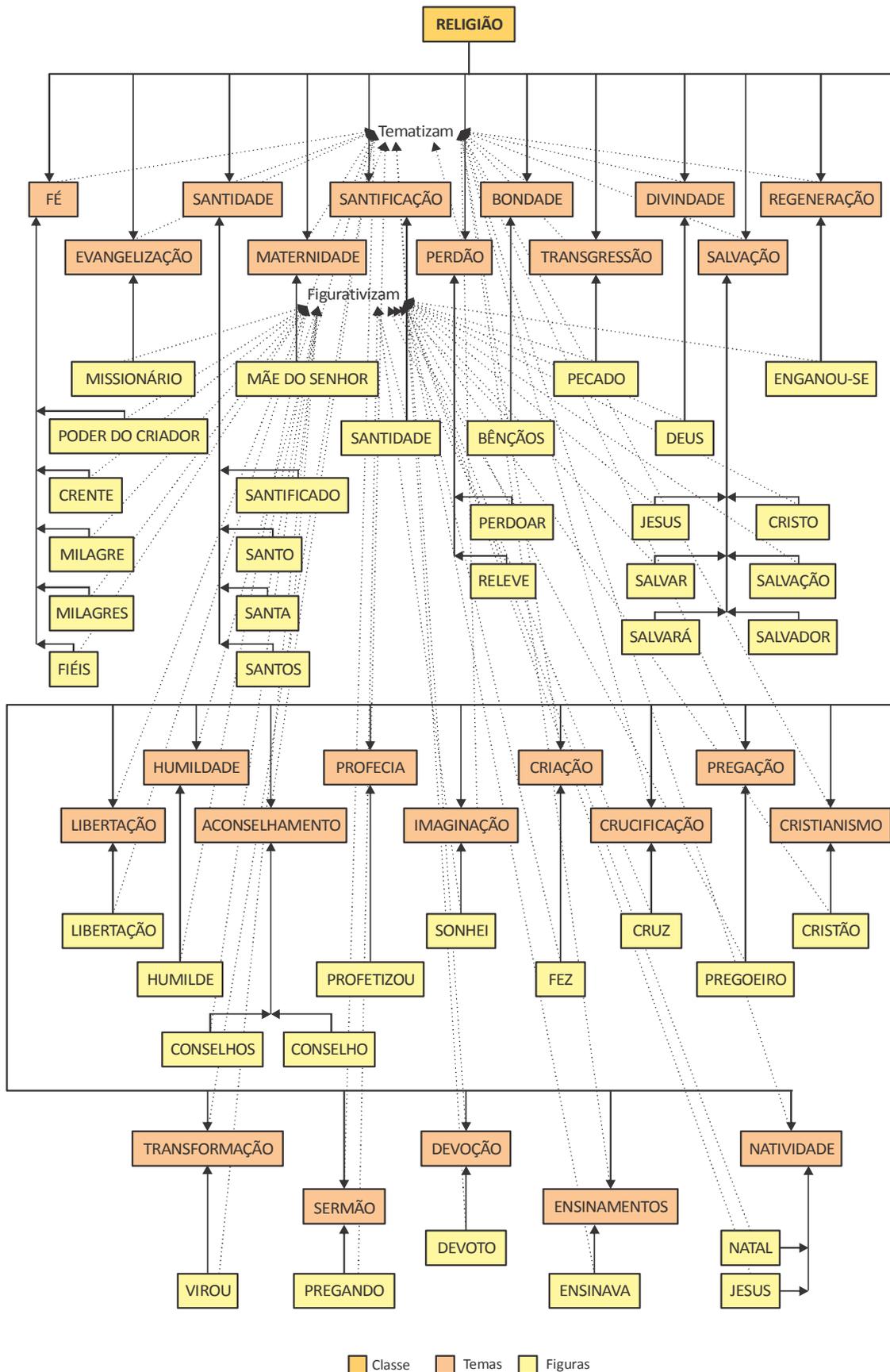


Mapa 24 – Político e Social

Dos cordéis que compõem a classe temática **religião**, emergiram os temas **fé, evangelização, santidade, maternidade, santificação, perdão, bondade, transgressão, divindade, salvação, regeneração, libertação, humildade, aconselhamento, profecia, imaginação, criação, crucificação, pregação, cristianismo, transformação, sermão, devoção, ensinamentos e natividade**. A expressão **poder do criador** e os vocábulos **crente, milagre, milagres** e **fiéis** figurativizam o tema **fé**, designando a confiança e convicção de que algo é considerado como verdadeiro sem haver a necessidade de provas. O vocábulo **missionário** figurativiza o tema **evangelização**, designando a pregação do evangelho cristão. Os vocábulos **santificado, santo, santa** e **santos** figurativizam o tema **santidade** que, para o Cristianismo, é característica de pessoas que possuem as virtude da caridade e do amor extremo. A expressão **mãe do Senhor** figurativiza o tema **maternidade**, representado por *Maria*, mãe de *Jesus*. O vocábulo **santidade** figurativiza o tema **santificação**, designando o aperfeiçoamento gradual do homem para tornar-se reconhecido pela Igreja Católica como santo. Os vocábulos **perdoar** e **releve** figurativizam o tema **perdão**, que ocorre quando uma pessoa é ofendida por alguém e liberta o ofensor do pecado, da culpa. O vocábulo **bênçãos** figurativiza o tema **bondade**, constituindo de um desejo benigno para uma pessoa ou grupo de pessoas, fazendo com que o desejo se cumpra. O vocábulo **pecado** figurativiza o tema **transgressão**, designando a desobediência do homem à vontade de Deus. O vocábulo **Deus** figurativiza o tema **divindade**, designando um ser sobrenatural, com poderes e cultuado pelo homem como um ser divino ou sagrado. Os vocábulos **Jesus, Cristo, salvar, salvação, salvará** e **salvador** figurativizam o tema **salvação**, designando a libertação, concedida por Deus, do homem que se encontra em pecado, do sofrimento e perigo. O vocábulo **enganou-se** figurativiza o tema **regeneração**, caracterizando a mudança de comportamento do homem, de uma disposição má para uma boa, seguindo os princípios cristãos. O vocábulo **libertação** figurativiza o tema **libertação**, caracterizando a situação de pobreza e exclusão social do homem à luz da fé cristã. O vocábulo **humilde** figurativiza o tema **humildade** designando a qualidade de um indivíduo que vive com simplicidade. Os vocábulos **conselhos** e **conselho** figurativizam o tema **aconselhamento**, designando um conjunto de práticas que se configuram em orientar, ajudar, amparar o homem em relação as suas atitudes. O vocábulo **profetizou** figurativiza o tema **profecia**, designando um relato que prevê

acontecimentos futuros, na concepção religiosa. O vocábulo **sonhei** figurativiza o tema **imaginação**, designando a representação de objetos pelo pensamento. O vocábulo **fez** figurativiza o tema **criação**, referindo-se a concepção religiosa da criação do mundo. O vocábulo **cruz** figurativiza o tema **crucificação**, caracterizando o método de execução, pregando a vítima numa cruz, praticado pelos romanos, como foi executado *Jesus Cristo*. O vocábulo **pregoeiro** figurativiza o tema **pregação**, designando a divulgação da palavra de Deus. O vocábulo **cristão** figurativiza o tema **cristianismo**, caracterizado pela religião centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo. O vocábulo **virou** figurativiza o tema **transformação**, caracterizando o processo de zoomorfização, no imaginário coletivo, de um homem em um animal, por não acreditar na palavra de Deus. O vocábulo **pregando** figurativiza o tema **sermão**, designando o discurso religioso. O vocábulo **devoto** figurativiza o tema **devoção**, designando a prática religiosa de adoração à divindade. O vocábulo **ensinava** figurativiza o tema **ensinamentos**, designando o que era ensinado e profetizado por Jesus. Os vocábulos **natal** e **Jesus** figurativizam o tema **natividade**, indicando o nascimento de Jesus, comemorado pelos cristãos em 25 de dezembro, data mais celebrada do Cristianismo.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **religião**, com a relação hierárquica de temas e figuras.

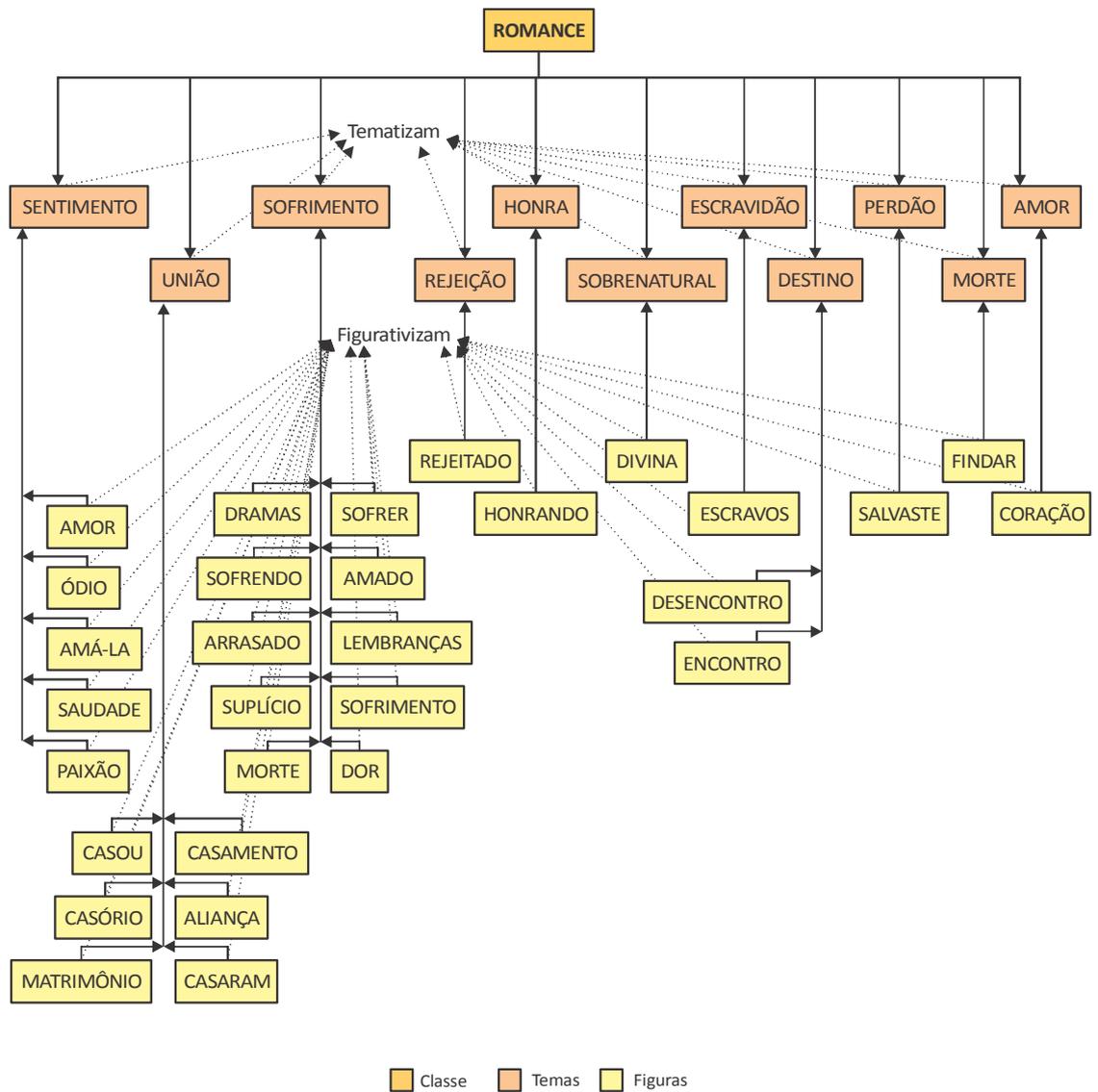


Mapa 25 – Religião

Na classe temática **romance**, dos cordéis que a compõe, emergiram os temas **sentimento, união, sofrimento, rejeição, honra, sobrenatural, escravidão, destino, perdão, morte e amor**. Os vocábulos **amor, ódio, amá-la, saudade e paixão** figurativizam o tema **sentimento**, designando estados afetivos produzidos por diversos fenômenos da vida humana, carregados de valores positivos e negativos, como amor e ódio, respectivamente. Os vocábulos **casou, casamento, casório, aliança, matrimônio e casaram** figurativizam o tema **união**, denominando a relação, movida por um afeto do bem-querer, entre duas pessoas, tendo o casamento como coroação desta união. Os vocábulos **dramas, sofrer, sofrendo, amado, arrasado, lembranças, suplício, sofrimento, morte e dor** figurativizam o tema **sofrimento**, designando uma emoção negativa que se manifesta consciente ou inconscientemente. O vocábulo **rejeitado** figurativiza o tema **rejeição**, caracterizando a não aceitação de um indivíduo por outro. O vocábulo **honrando** figurativiza o tema **honra**, caracterizando o respeito que um indivíduo tem por outro, seja por motivos religiosos, sociais ou sexuais. O vocábulo **divina** figurativiza o tema **sobrenatural**, caracterizando eventos e/ou entes que figuram numa esfera além do mundo natural como, por exemplo, Deus, milagres, bênçãos, entre outros. O vocábulo **escravos** figurativiza o tema **escravidão**, referindo-se à existência do amor, independente da condição social do homem. Na literatura, esta condição é bem representada no romance *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, que narra as aventuras e desventuras de uma escrava branca, de caráter nobre, educada e vítima de um senhor devasso, mas que não é impedida de ter sentimentos, como o amor, mesmo sendo uma escrava. Os vocábulos **desencontro e encontro** figurativizam o tema **destino**, designando uma sucessão inevitável de fatos e acontecimentos intencionais ou não, promovendo em alguns casos, encontros e desencontros de pessoas. O vocábulo **salvaste** figurativiza o tema **perdão**, caracterizando o arrependimento de uma pessoa por fazer algo que foge aos princípios morais e éticos. O vocábulo **findar** figurativiza o tema **morte**, caracterizando o fim da vida material, no caso em questão, pela intenção de matar a si mesmo, como forma de punição por ter realizado algo indesejado. O vocábulo **coração** figurativiza o tema **amor**, designando o afeto do bem-querer entre as pessoas. Tem como resultado aquele que quer bem. O coração é o símbolo do amor, convencionalmente adotado,

por representar o *Sagrado Coração de Jesus*, símbolo do infinito amor de Deus pelo homem.

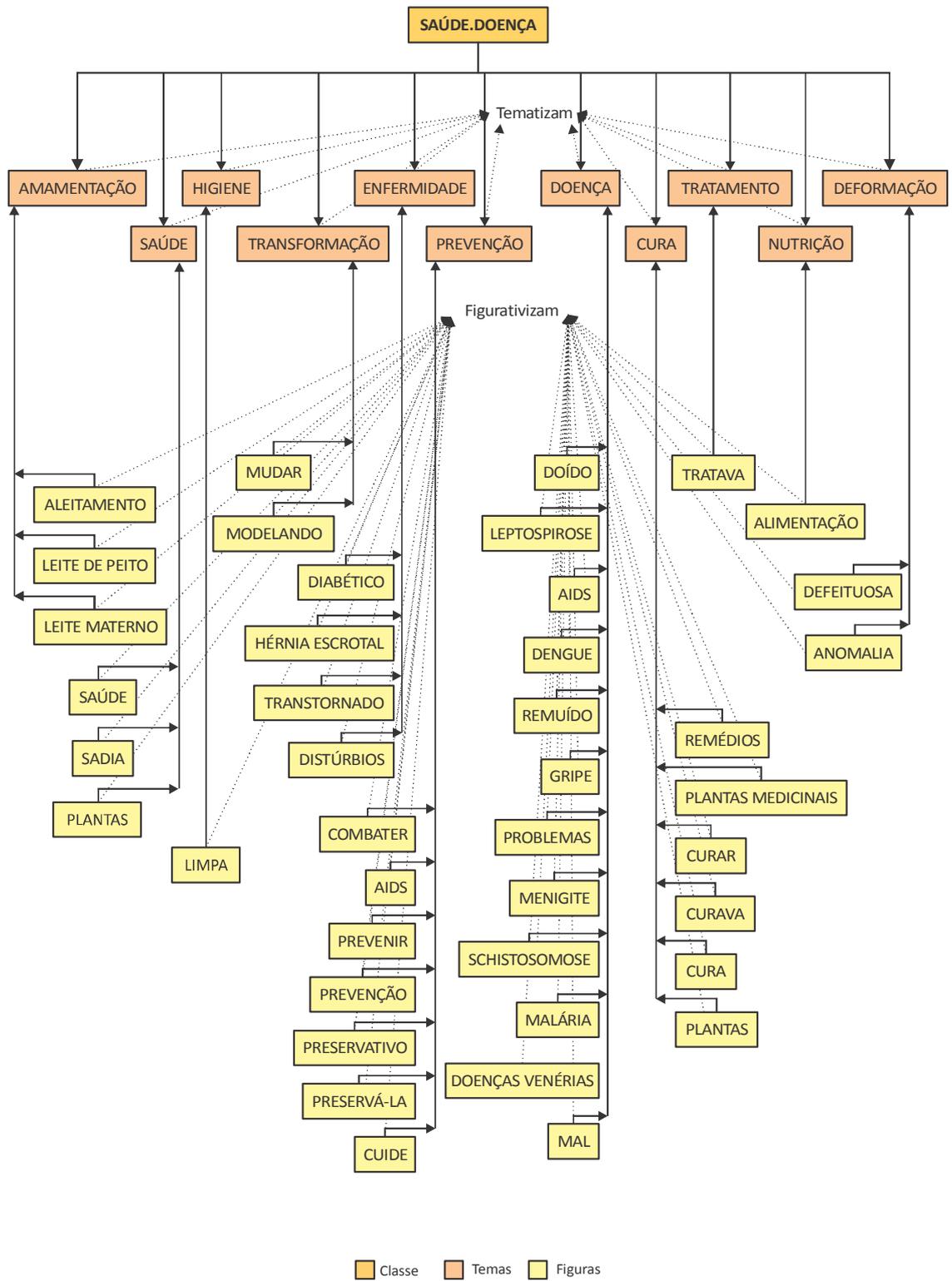
Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **romance**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 26 - Romance

Na classe temática **saúde.doença**, dos cordéis que a compõe, emergiram os temas **amamentação, saúde, higiene, transformação, enfermidade, prevenção, doença, cura, tratamento, nutrição e deformação**. O vocábulo **aleitamento** e as expressões **leite de peito** e **leite materno** figurativizam o tema **amamentação**, designando a alimentação de bebês, com leite materno para suprir as necessidades de nutrientes. Os vocábulos **saúde, sadia** e **plantas** figurativizam o tema **saúde**. A Organização Mundial de Saúde define como o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade. No cordel em questão mantém relação com o uso de plantas medicinais que ajudam no tratamento de doenças ou que melhorem as condições de saúde. O vocábulo **limpa** figurativiza o tema **higiene**, constituindo o uso de elementos de limpeza para conservar e fortificar a saúde. Os vocábulos **mudar** e **modelando** figurativizam o tema **transformação**, caracterizando as alterações física, mental e social do indivíduo. Os vocábulos **diabético, hérnia escrotal, distúrbios** e **transtornado** figurativizam o tema **enfermidade**, caracterizando uma alteração danosa do organismo. Os vocábulos **combater, AIDS, prevenir, prevenção, preservativo, preservá-la** e **cuide** figurativizam o tema **prevenção**, designando um conjunto de ações ou métodos usados para evitar doenças. Os vocábulos **doído, leptospirose, AIDS, dengue, remuído, gripe, problemas, meningite, schistosomose, malária, doenças venéreas** e **mal** figurativizam o tema **doença**, designando a perda total ou parcial de um organismo, causada por inflamações, modificações genéticas, disfunções orgânicas ou por fatores externos, como infecções provocadas por vírus e/ou bactérias, por exemplo. Os vocábulos **remédios, plantas medicinais, curar, curava, cura** e **plantas** figurativizam o tema **cura**, caracterizando o reestabelecimento da saúde, com a utilização de medicamentos naturais ou artificiais. O vocábulo **tratava** figurativiza o tema **tratamento**, caracterizando os meios utilizados com a finalidade de obter a cura, a saúde. O vocábulo **alimentação** figurativiza o tema **nutrição**, processo biológico em que os animais e vegetais obtêm nutrientes nos alimentos. Os vocábulos **defeituosa** e **anomalia** figurativizam o tema **deformação**, designando uma anormalidade física ou biológica que foge aos padrões vitais dos seres humanos.

Observemos, a seguir, o mapa conceitual da classe temática, **saúde.doença**, com a relação hierárquica de temas e figuras.



Mapa 27 – Saúde.Doença

4.2.3 Descrição das classes temáticas

O desejo de aumentar as possibilidades de o usuário recuperar, com precisão, os folhetos de cordel, resultou numa ampliação de temas que não tinham sido devidamente mapeadas nas classificações apresentadas pelos estudiosos da literatura de cordel. Apresentamos nesse conjunto de poemas analisados as classes temáticas criadas ou reelaboradas que darão subsídios a expansão da classe “Literatura Popular” nas classificações bibliográficas.

1. **Agricultura:** Trata de técnicas utilizadas para cultivar plantas, bem como de política agrícola, práticas de higiene, segurança e qualidade alimentar, de métodos usados na agricultura, de culturas agrícolas e problemas ambientais.
2. **Biografias e Personalidades:** Tratam de figuras atuais ou atualizadas, tipos étnicos e tipos regionais, etc.: pessoas que se destacaram, no bem ou no mal, e que, popularizando-se na memória coletiva, tipos humanos, tipos étnicos ou tipos regionais, que aparecem na paisagem social.
3. **Bravura e Valentia:** Contam as bravuras dos cangaceiros e dos “amarelinhos que ninguém dá nada por eles”, mas que são capazes de lutar e vencer homens fortes. Valentia, coronelismo, banditismo e jagunçagem, Lampião, Antônio Silvino, Corisco.
4. **Cidade e Vida Urbana:** Trata da fixação de aspectos da vida urbana, descrição das cidades e dos Estados.
5. **Ciência:** Trata do saber, do conhecimento de certas coisas que servem à condução da vida ou à dos negócios; dos conhecimentos adquiridos pelo estudo ou pela prática; da hierarquização, organização e síntese dos conhecimentos através de princípios gerais (teorias, leis, etc.)

6. **Contos:** Folhetos que falam de onde vêm os contos populares, como os contos de “fadas”, “Histórias de Trancoso”, “lendas”, “mitos” e “fábulas”.
7. **Crime:** Folhetos que tratam da violação a uma norma moral, da lei penal incriminadora. Ação ou omissão que se proíbe e se procura evitar, ameaçando-a com pena, porque constitui ofensa (dano ou perigo) a um bem jurídico individual ou coletivo.
8. **Cultura:** Trata de atividades e modos de agir, costumes, tradições e instruções de um povo.
9. **Educação:** Fala da educação como processo contínuo que orienta e conduz o indivíduo a novas descobertas, a fim de tomar suas próprias decisões, dentro de suas capacidades.
10. **Esporte:** Trata das formas de atividades físicas, formais ou informais, que visam à melhoria das capacidades físicas e mentais, fomentam as relações sociais, ou visam obter resultados na competição a todos os níveis.
11. **Erotismo:** Nesses folhetos, não há intenção de ofender a moralidade pública. O poeta situa-se na objetividade ingênua própria da literatura de cordel. São folhetos que têm o órgão sexual masculino como principal temática, representado, simbolicamente, por muitos de seus apelativos usados no Nordeste, como banana, macaxeira, fumo, quiabo, linguiça, dentre outros.
12. **Feitiçaria:** Trata das atividades de feiticeiros, de ações de bruxaria, sortilégio, malefício.
13. **Fenômeno Sobrenatural:** Trata de fenômenos que não tenham uma causa natural, coisas malignas, mundo espiritual, fenômenos paranormais, espiritualidade.
14. **História:** Folhetos que tratam de fatos históricos.

15. **Homossexualismo:** Trata de experiências sexuais, afetivas e românticas, principalmente, entre pessoas do mesmo sexo.
16. **Humor:** São cordéis com conteúdos cômicos, piadas.
17. **Intempéries:** Folhetos que falam de fenômenos da natureza relacionados a secas, inundações, terremotos e outros, os quais podem ser vistos como castigo divino aos pecados dos homens. Do êxodo rural. Deslocamento de pessoas da zona rural (campo) para a zona urbana (cidades). O fenômeno ocorre quando os habitantes do campo visam obter condições de vida melhor.
18. **Justiça:** Trata a justiça como princípio moral, prática de atos e/ou decisões que corrijam uma situação ou punam uma falta, de forma a beneficiar aqueles que fizeram por merecer ser beneficiados ou a punir aqueles que ofenderem física e/ou moralmente outra(s) pessoa(s).
19. **Meio Ambiente:** Conjunto de unidades ecológicas que funcionam como um sistema natural sem a intervenção do homem, incluindo vegetação, animais, microorganismos, solo, rochas, atmosfera e fenômenos naturais. Poluição. Ecologia.
20. **Moralidade:** Trata de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e, conscientemente, por uma convicção íntima e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal.
21. **Morte:** Trata do término da vida de um organismo, como também ao estado desse organismo depois do evento. As alegorias comuns da morte são o Anjo da Morte, a cor negra, ou o famoso túnel com luminosidade ao fundo.

22. **Peleja:** São folhetos de “criação”, escritos, às vezes, em homenagem a um amigo poeta. Conta-nos os seus autores que imaginam de início, um encontro em casa de um fazendeiro (o desafio entre dois “bambas”), encomendando de pronto o clássico “clichê” de madeira representando as figuras de dois cantadores sentados, dedilhando a viola em desafio, gravura comumente encontrada nas capas das publicações do gênero.
23. **Poder:** Desvio e abuso de poder político, do poder executivo, do estado e do governo.
24. **Político e Social:** Trata “do que se vê em políticas” e refletem o desencanto do povo com falsas promessas de alguns dos seus representantes. Participação social enquanto possibilidade para o exercício da cidadania.
25. **Religião:** Trata da difusão de idéias religiosas baseadas na tradição cristã, com histórias de Jesus ou da vida dos Santos da Igreja Católica.
26. **Romance:** Fala de amor, de sofrimento, de príncipes, fadas e reinos encantados.
27. **Saúde.Doença:** Trata do estado de completo bem-estar físico, mental e social. Distúrbios das funções de um órgão, da psique ou do organismo humano.

5 CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DA LITERATURA DE CORDEL: proposta

A classe de Literatura de Cordel ficaria assim constituída, na classe 82 – Literatura, das classificações bibliográficas:

LITERATURA DE CORDEL

Agricultura
Biografias e Personalidades
Bravura e Valentia
Cidade e Vida Urbana
Ciência
Contos
Crime
Cultura
Educação
Erotismo
Esporte
Feitiçaria
Fenômeno Sobrenatural
História
Homossexualismo
Humor
Intempéries
Justiça
Meio Ambiente
Moralidade
Morte
Peleja
Poder
Político e Social
Religião

Romance

Saúde.Doença

6 CONCLUSÃO

É inegável a influência do cordel português na constituição dessa literatura no Brasil, mas não podemos desconsiderar que, mesmo herdados da tradição ocidental, nossos folhetos têm formas e características próprias, principalmente àqueles que versam sobre a terra, os costumes, os fatos políticos, sociais, econômicos, assuntos religiosos, catástrofes climáticas, além da recriação em cordel de famosas obras de escritores brasileiros eruditos. Em vista disso, apresenta uma grande variedade de temas, tradicionais ou contemporâneos, desde os que versam sobre temas de caráter ficcional, em geral aventuras ou histórias de amor, como aqueles que destacam os fatos do cotidiano brasileiro.

O folheto de cordel tem características próprias que o diferenciam das peças populares orais, mas a elas está vinculado na poesia ritmada, na rima, na sonoridade que corroboram para a assimilação do texto, permitindo que o ouvinte perpetue a estória em muitas outras. Com ilimitados temas, retratando a realidade e o imaginário popular brasileiro, numa linguagem poética e de fácil memorização que contribui grandemente para incentivar os relacionamentos sociais, esta literatura popular vem atraindo a atenção de estudiosos do mundo inteiro como fonte pesquisa. No entanto, as bibliotecas têm enfrentado grandes desafios na tentativa de criar instrumentos eficazes para armazenagem, organização e recuperação deste suporte. Nas classificações bibliográficas, a literatura popular de cordel encontra-se inserida na classe “folclore”, uma vez que a ela vem sendo atribuído o mesmo *status* da literatura oral que não possui autor conhecido e que se encontra vinculada a épocas e locais os mais remotos. No entanto, o cordel tem autoria conhecida, sobretudo no Brasil onde, a partir dos finais do século XIX, quando Leandro Gomes de Barros inicia a publicação em série de folhetos que versava sobre múltiplos temas.

Observamos também que vários estudiosos da área apresentaram classificações para a Literatura Popular de Cordel, denominadas de “Ciclos Temáticos”, o que nos levou a considerar, como hipótese, a possibilidade de utilizá-las para expandir a classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas. Entretanto, as análises apresentadas nesta tese levaram-nos a negar a hipótese levantada em

princípio, fazendo com que nosso foco, em relação aos ciclos temáticos, fosse direcionado aos temas tratados nos cordéis. Este procedimento culminou na elaboração de vinte e sete classes temáticas: **Agricultura, Biografias e Personalidades, Bravura e Valentia, Cidade e Vida Urbana, Ciência, Contos, Crime, Cultura, Educação, Esporte, Erotismo, Feitiçaria, Fenômeno Sobrenatural, História, Homossexualismo, Humor, Intempéries, Justiça, Meio Ambiente, Moralidade, Morte, Peleja, Poder, Político e Social, Religião, Romance, Saúde.Doença.**

Considerando a criatividade dos nossos poetas e o *corpus* analisado, estas classes não se esgotam em si mesmas, como tantas outras classificações propostas. Porém, temos a convicção de que estamos mais próximos de atender aos parâmetros teórico-conceituais da literatura popular e aos padrões de organização, armazenagem e recuperação dos folhetos de cordel nas bibliotecas, através da análise dos temas e figuras que a semiótica greimasiana possibilitou. Portanto, esta classificação temática responde, simultaneamente, pela expansão da classe de Literatura Popular nas classificações bibliográficas e pela necessidade de organização interna das bibliotecas quanto à recuperação, visando à comunicação dos conteúdos armazenados nos folhetos de cordel e a seus usuários.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com a organização de acervos de cordéis nas bibliotecas e cordelotecas, facilitando o acesso deste material de forma a tornar maximizada a chance de o usuário recuperar os folhetos de um mesmo tema.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. Literatura oral e popular. **Boitatá - Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 110-116, 1999.
- ALMEIDA, Sandemburg Oliveira de. **A oralidade da literatura de cordel na obra do escritor Nei Leandro de Castro "As pejeas de Ojuara"**. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT15/ENSAIO_DAS_PELAJAS_COM_RESUMO%5B1%5D.pdf> Acesso em: 10 dez. 2009
- ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores, Repentista e Poetas Populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- ARISTÓTELES. **A arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Fazer semiótico: subsídios para exame do espaço concreto. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, 2º número esp., p. 79-96, 2º sem. 2006.
- BARBOSA, Maria Aparecida. A construção do *conceito* nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não-literários. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, v. 11, ano 27, p. 31-60, 2001.
- BARBOSA, Maria Aparecida . Delimitação do conceito e da definição do termo técnico e científico: percursos epistemológicos e metodológicos. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA - Terminologia, Desenvolvimento e Identidade Nacional, 5., 2002, Lisboa. **Anais...**, Lisboa: [S.n.], 2002. p. 181-193.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Estruturação do conceptus, dos campos conceptuais e lexicais dos co-hipônimos e dos parassinônimos. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA - Semântica e Lexicografia, 4., 2001, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de estudos Filológicos e Lingüísticos, 2000. v. 10. p. 120-139.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BATISTA, Maria de Fátima B. de Mesquita. O discurso semiótico. In: ALVES, Eliane; CHRISTIANO, Maria Elizabeth (orgs.). **Linguagem em foco**. João Pessoa: Editora Universitária/Idéia, 2001.
- _____. Do oral ao escrito: limites entre o romance oral e o folheto de cordel. **Santa Barbara Portuguese Studies**, Santa Barbara, v. 9, p. 1-10, 2007.

BOLLÈME, Genevière. **La Bible Bleue**: anthologie d'une littérature "populaire". Paris: Flammarion, 1975.

BRUMES, Karla Rosário. O uso do termo cultura. **Caminhos de Geografia**, v. 7, n. 18, p. 64-68, jun. 2006

BURKER, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A.C. Ribeiro et al. **Direitos humanos e...** São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

_____. **Vaqueiros e cantadores**. Porto Alegre: Globo, 1939.

CHARTIER, Roger. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1982.

COMPADRE LEMOS. **Teoria do cordel**. [S.l.: s.n.], 200?. Disponível em: <<http://www.compadreleamos.com/visualizar.php?id=1020574>>. Acesso em: 04 dez. 2010.

COSTA, A.F. Classificações sociais. **Leitura**, Lisboa, v. 3, n. 2, p. 65-75, out. 1977/ abr. 1998.

COURTÉS, Joseph. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Coimbra: Almedina, 1979.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro, 1973.

_____ et al. **Literatura popular em verso**: estudos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

DOURADO, Gustavo. **Cordel**: do sertão à contemporaneidade... [S.l.: s.n.], 200?. Disponível em: <<http://poetasadvogados.com.br/index.php?forum=texto&id=78>>. Acesso em: 29 dez. 2009

DODEBEI, Vera Lúcia. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

FERNANDES, Florestan. **Sobre o folclore**. São Paulo: Hucitec, 1978.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____; SAVIOLI, Francisco Pláteo. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2001.

_____; _____. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1990.

FONSECA, Edson Nery da. Apogeu e declínio das classificações bibliográficas. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bitl/nery/indez.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2010

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GREIMAS, A. J. ; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LESSA, Orígenes. Literatura popular em versos. **Anhembí**, São Paulo. Ano 6., v. 21, n. 61, p. 60-87, dez. 1955.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-26, out. 2003.

MEDEIROS, Irani. Literatura de cordel: origem e classificação. In: BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita et al (Org.). Estudos em literatura popular. João Pessoa: Editora UFPB, 2004.

MENEGAT, Rualdo. A epistemologia e o espírito do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 5-12, jan./jun. 2005

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil.** [S.l.: S.n.], 200?. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoe sia/ediatahy01c.html>>. Acesso em: 18 jan. 2006.

_____. **Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil.** Disponível em: <<http://www.bahai.org.br/cordel/classes.html>>. Acesso em: 29 dez. 2009.

MEYER, Marlyse. **Autores de cordel.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

O QUE é cordel. Disponível em: <<http://www.cordelon.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 25 jan. 2006.

PAIS, Cidmar Teodoro. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 43-65, 1984.

PAIS, Cidmar T. Campos conceptuais, campos lexicais, campos semânticos - da cognição à semiose. *Cadernos do CNLF - Léxico, semântica e lexicologia*, ano 6, n. 7. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 72-85, 2003.

PAIS, C.T. **Ensaio semióticos e lingüísticos.** Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. Literatura oral, literatura popular e discursos etno-literários. In: ESTUDOS em literatura popular. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

PEREIRA, Edmeire Cristina; BUFREM, Leilah Santiago. Princípios de organização e representação de conceitos em linguagens documentárias. **Enc. BIBLI: R. eletrônica de Bibl. Ci. Inform.**, Florianópolis, n. 20, 2º semestre de 2005.

PIEIDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação.** 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PINHEIRO, Helder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula.** São Paulo: Duas Cidades, 2001.

POTTIER, Bernard. **Sémantique générale.** Paris: PUF, 1992.

PROPP, V.I. **Morphologie du conte.** Paris: Bétique. 1973.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

ROCHA, Katiane Iglesias. Semiótica discursiva: figuratividade literária. **Rabiscos de Primeira**, [S.l.], v. 4, p. 18-21, mar. 2004

ROJO, Rosane. O texto como unidade de ensino e o gênero como objeto de ensino da Língua portuguesa. In: TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Encontro na linguagem: estudos lingüísticos e literários**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SARAIVA, Arnaldo. **Folhetos de cordel, e outros da minha colecção**. Porto: Biblioteca Municipal Almeida Garrett, 2006.

_____. O início da literatura de cordel brasileira. In: ESTUDOS em literatura popular. João Pessoa: Editora UFPB, 2004.

SAUSSURE, F.de. **Course in general linguistics**. Paris: Payot, 2004.

SILVA, O. P.; GANIM, F. **Manual da CDU**. Brasília: Briquet de Lemos, 1994.

SOUSA, João Bosco Alves de. **Contando histórias – fazendo História**. São Paulo: EDUC, 2007.

SOUZA, Licia Soares de. **Introdução às teorias semânticas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **Classificação popular da literatura de cordel**: em texto integral de 23 folhetos. Petrópolis: Vozes, 1976.

SUASSUNA, Ariano. Violeiros e cirandas: poesia improvisada. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 29, p. 219-223, 1997

VICKERY, Brian C. **Classificação e indexação nas ciências**. Rio de Janeiro: Brasilart, 1980.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

APÊNDICE – Folhetos de Cordel

APÊNDICE A – FOLHETOS CORDEL

AUTOR	TÍTULO	ANO
	A morte do bandido João Madeira o assassino de Felix Araujo	
	A desventura de um corno ganancioso	2006
	As aventuras de Simbá o marujo	2006
	O crente e o cachaceiro	
	Em memória de Brigida Guimarães dos Santos	2006
	Patos terra de calor humano	
	Fortaleza do passado	
	A escrava Isaura	1981
	Cordel da prevenção	
	Peleja de Bráulio Tavares com Antonio Klévisson Viana	2006
	Peleja virtual Hairton Carvalho versus Paulo Veras	2002
	Cordel da prevenção	
A. Santos	Na encruzilhada da vida	1977
A.A. de Lucena	Notícias do outro mundo	
A.A. de Lucena	Os retrocessos da sorte!	
A.A.Cruz	Seca e cheia no Nordeste - Bispo, governo e ministro	1981
A.Lucena	Carmelita, ou o destino da filha dum retirante	2004
Abdias Campos	A chegada do velho Chico ao sertão	
Abdias Campos	A habilidade do tropeiro Quiquiô contra o furor do Capitão	2005
Abdias Campos	A história da literatura de cordel...cuidado cantor pra não dizer palavra errada - 7.ed.	
Abdias Campos	A história do forró - 4.ed.	
Abdias Campos	A história do matuto Juvenal na cidade grande e a sua volta pro interior	
Abdias Campos	Água	2008
Abdias Campos	Aquecimento global: é frecura ou a coisa esquentou mesmo? 2.ed.	
Abdias Campos	Artesanato obra da imaginação	2009
Abdias Campos	Biomás brasileiros	2009
Abdias Campos	Brincadeiras populares	2009
Abdias Campos	Caos aéreo controle esse voo	2007
Abdias Campos	Causos e personagens do interior - 2.ed.	

Abdias Campos	Ciranda nordestina - 2.ed.	
Abdias Campos	Ditados populares - 3.ed	
Abdias Campos	É muito bom desenhar	2008
Abdias Campos	EJA depois que aprendi a ler - 2.ed.	
Abdias Campos	EJA Porque não pude estudar cedo	1980
Abdias Campos	Folclore brasileiro	2008
Abdias Campos	Fontes de energias alternativas	2009
Abdias Campos	Frutas que curam - 2.ed.	
Abdias Campos	Gêneros da cantoria: saiba como é/aprenda como fazer - 2.ed.	
Abdias Campos	História da rã ganhadora	1973
Abdias Campos	Hoje teatro de mamulengo	2006
Abdias Campos	Lixo onde botar?	2008
Abdias Campos	Luiz Gonzaga da surra ao sucesso - 5.ed.	
Abdias Campos	O beabá da cidadania	2009
Abdias Campos	O cantadô tá sem tema! - 3.ed.	
Abdias Campos	O casamento de Maria do mercado com o poeta de cordé em um romance de feira	2007
Abdias Campos	O cravo tocador - 2.ed.	
Abdias Campos	O crente e o descrente	2006
Abdias Campos	O pavão dos sete andares e o menino do buriti	2006
Abdias Campos	O poeta e o sertão	2009
Abdias Campos	O rei-do-não-sei-o-quê entre os reis do faz-de-conta	
Abdias Campos	O romance da princesinha dos olhos de raio com o cavaleiro dos trovões de abril - 4.ed.	
Abdias Campos	Plantas medicinais	1994
Abdias Campos	Poluição sonora os sons da cidade... - 4.ed.	
Abdias Campos	Quanto é grande o poder do criador - 3.ed.	
Abdias Campos	Racismo no futebol - 2.ed.	
Abdias Campos	Resposta ao professor caçador de um português caboclo - 2.ed.	2002
Abdias Campos	Sambola craque da escola de rua	2007
Abdias Campos	Tributo à Santa Tereza	2006
Abdias Campos	Um cantador caminhando por dentro do Brasil	1978
Abdias Campos	Vendedor de porta em porta	
Abdias Campos	Versos diários de um poeta - 2.ed.	
Abdias Campos	Recife de todas as culturas	
Abdias Campos	O homem, o animal e suas relações	2006
Abdias Campos	Cumpadre boi cumpadre bode	2009
Abdias Campos	A festa da galinha	2008
Abdias Campos	O homem de barro Vitalino e sua trajetória	
Abdias Campos	Todas as cidades de Pernambuco nome por nome	

Abdias Campos, Flávio Rocha	A peleja de João Melchiades e Lino Pedra Verde acerca do reinado descoberto - 2.ed.	
Abdias Campos, Luis Homero	Peleja de cantadores - 2.ed.	
Abraão Batista	A corrupção no Ceará e a intervenção imprevisível do Governador em Juazeiro do Norte-Ceará	1975
Abraão Batista	A macumbeira que foi fazer um despacho e despachou-se	
Abraão Batista	A menina que foi gerada fora da mãe na Inglaterra	1978
Abraão Batista	A moça que foi trocada pela uma mula, uma carga de farinha e 40 rapaduras, na seca de 1877	1990
Abraão Batista	As histórias de seu Lunga, o homem mais zangado do mundo	
Abraão Batista	Encontro do soldado Paraíba com o vigia da usina no outro mundo	1978
Abraão Batista	Endemoniado castrou um menino de 11 anos em Juazeiro do Norte	1975
Abraão Batista	No dia em que Padre Cícero morreu	1992
Abraão Batista	O cortejo fúnebre de Luiz Gonzaga	1991
Abraão Batista	O fazendeiro que castrou o rapaz porque namorou a sua filha	
Abraão Batista	O ladrão que quis roubar na matriz de Juazeiro e morreu	1975
Abraão Batista	O menino monstro	1970
Abraão Batista	O menino que nasceu com o coração do lado de fora	1975
Abraão Batista	O poder que o peido tem	2005
Abraão Batista	Encontro de Kung Fu e Lampião	1977
Adelmário Sampaio	Verbo amar	2006
Adelmo Vasconcelos	Cordel do frevo cem anos de sucesso	
Ademar Pedro Alves	Maceió - É o orgulho do Nordeste, capital - coração do meu Brasil	1982
Ademar Pedro Alves	Lembranças de um vaqueiro	2006
Admar Branco	O verdadeiro amor de Domitila, a marquesa de Santos	2004
Afonso Nunes Vieira	Morreu Raquel de Queiroz-A escritora da vida	2005
Alberto Porfírio	A sêca no Ceará e suas causas	1979
Alberto Porfírio	Romance de Rosa Alice (migrações do Nordeste)	
Alberto Porfírio	A sombra da força: um destino em duas vidas!	2006
Alberto Porfírio	História de Rosa Alice e o velho Gondim	2008
Alberto Porfírio	Não mate a natureza!	1979
Aldemar Sebastião Silva	Um grito silencioso: os abortos clamam aos pais, carta de um filho que não nasceu	
Alexandre Barbosa	A luta do pescador e a poluição do rio gioana	1978
Alexandre Costa	Saudosa Quixaba	2007

Alexandre Costa	Roda de Fogo cidade encantada	2003
Allan Sales	Um Nordeste diferente	2004
Altair Leal	A história do homem que adorava comer bacon com feijões	
Altair Leal	Cordel de combate a dengue	2007
Altair Leal	Cordel do leite materno	
Altair Leal	Cordel, água e preservação	2007
Alunas do Curso de Iniciação a Literatura de Cordel	O São João de antigamente e o São João de hoje em dia	
Alunos da 3ª Série	O mundo não é lixeira	2007
Alunos da 8ª série do Ensino Fundamental	A escola Santa Helena em versos	2001
Alunos do Curso de Iniciação a Literatura de Cordel	O folclore decantado em cordel	2005
Amaro Luiz do Nascimento	A pensão da Lia	
Ana Raquel Campos	Brinquedos populares	
Ana Raquel Campos	Contando a história dos números - 3.ed.	
Ana Raquel Campos	Meu dentinho de leite - 2.ed.	
Ana Raquel Campos	A historinha da aranha aurinha - 2.ed.	
Anchieta Dantas	Seu Lunga o campeão do mau-humor - v.1	2008
Anchieta Dantas	Seu Lunga o campeão do mau-humor - v.2	2008
Anchieta Dantas	Seu Lunga o campeão do mau-humor - v.3	2008
Anchieta Dantas	Seu Lunga o campeão do mau-humor - v.4	2007
Anchieta Dantas - Zé do Jati	Mãe natureza, filho ingrato e o aquecimento global	2008
Anchieta Dantas - Zé do Jati	O segredo de Seu Lunga	2007
Ângela Paiva	A cartilha de ABC do meu pai: o folheto de cordel	2007
Antonio Almeida Silva	Proezas de Seu Lunga	2005
Antonio Alves da Silva	A era do telefone celular	1997
Antonio Alves da Silva	Os reis do desafio: peleja de João Sabugi com manoel Tira-Engano	1997
Antonio Alves da Silva	Peleja do mestre Azulão com o Negro dos pés redondos	2006
Antônio Alves da Silva	O príncipe João sem rumo no reino das pedras verdes	
Antonio Américo de Medeiros	Os mestres da literatura de cordel	
Antonio Apolinário Cruz	A morte da universitária - no crime de Sapé	
Antonio Apolinário Cruz	Mudança da vida poética para a vida medicinal	
Antônio Carlos	A história do povo que plantou ciência e colheu	

	prosperidade	
Antonio Carlos da Silva	Dois meninos do sertão eo lobsomem fantasma	2000
Antonio Carlos de Oliveira Barreto	A Bahia e o Vitória na terceira divisão	2005
Antonio Carlos de Oliveira Barreto	O Bahia e o Vitória na segunda divisão	2005
Antonio Carlos de Oliveira Barreto	O encontro de Raul Seixas com Zé Limeira no avarandado da lua	2005
Antonio Carlos de Oliveira Barreto, Jotacê Freitas	A peleja internética entre dois cabras da peste!	2005
Antonio de Araújo Lucena	Corisco, o diabo louro na casa de Santanás	1990
Antonio Francisco	Aquela dose de amor	2006
Antonio Francisco	De calça curta e chinela	2006
Antonio Francisco	No topo da vaidade	2005
Antonio Francisco	O feiticeiro do sal	2006
Antonio Francisco	Três tatus jogando bola	
Antonio Francisco	Uma pulga na balança deu um pulo e foi à França	2008
Antonio Francisco	Os sete constituintes ou os animais tem razão	
Antonio Francisco	O ataque de Mossoró ao bando de Lampião	2006
Antonio Francisco	Uma carrada de gente	
Antonio Klevisson Viana	ABC a Patativa do Assaré	
Antonio Klévisson Viana	O cantor e a meretriz: a puta que comia fotos do idolo	2003
Antonio Klévisson Viana	Luiz Gonzaga, a história de um rei	2006
Antonio Klévisson Viana	A morte do padre Vieira e o discurso do jumento	2004
Antônio Klévisson Viana	A genial trajetória dos Demônios da Garoa	2004
Antônio Klévisson Viana	A insustentável peleja de Zé Maria de Fortaleza com calixtão de guerra	2001
Antônio Klévisson Viana	A malassombhada peleja de Pedro Tatu com o lobisomem	2002
Antônio Klévisson Viana	A moça que virou cachorra porque foi ao baile funk	2006
Antônio Klévisson Viana	Antônio Klévisson Viana faz seu discurso de posse na ABLC	2004
Antônio Klévisson Viana	História de Helena e guerra de Tróia	2006
Antônio Klévisson Viana	O caçador João Mendonça e o tribunal da floresta	2006
Antônio Klévisson viana	Gentileza: O profeta da brasilidade	2003

Antônio Klévisson Viana e Francisco Leite Quental	A grande peleja virtual de Antônio Klévisson Viana com doizinho 'poetas dos passarinhos'	2004
Antônio Klévisson Viana e Rouxinol do Rinaré	Os sertões de conselheiros de Euclides e Geraba	2002
Antônio Klévisson Viana Lima	O boi de chifres de ouro ou o cavaleiro de 3 virtudes	2002
Antônio klévisson Viana, Jesus Sindeaux, Arievaldo Viana	Joãozinho sonhador no reino serra quebrada	2004
Antonio Klévisson Viana, Rouxinol do Rinaré	Cerest-Ceará: a saúde do trabalhador em primeiro lugar	2006
Antônio Klévisson, Arievaldo Viana	A botija encantada e o preguiçoso afortunado	2002
Antônio Klévisson, Arievaldo Viana	O mototaxista que matou a mãe por um real	2000
Antônio Klévisson, Arievaldo Viana	O porco endiabrado no programa do Ratinho	2004
Antônio Klévisson, Francisco L. Quental	O professor sabe-tudo e as respostas de João Grilo	2007
Antonio Lisboa	Repentistas potiguares	2007
Antonio Lobo de Macedo	Poesias contra os profetas e experiências da chuva	2005
Antonio Lucena	Popó, o menino órfão que foi enterrado vivo	
Antonio Patrício de Souza	A história do Treze Futebol Clube o famoso Galo da Borborema	
Antonio Patrício de Souza	O bebê diabo	1975
Antonio Pauferro da Silva	O satélite russo ou o disco voador visto...	
Antonio Queiroz	O grande desafio de Antônio Queiroz com Paraíba da Viola	2007
Antonio Queiroz de França	A história da heroína Olga Benário	2008
Antonio Queiroz de França	Luiz Carlos Prestes: o cavaleiro da esperança	2006
Antonio Queiroz de França	O manifesto comunista em cordel	2007
Antonio Queiroz de França	As aventuras do guerrilheiro Che Guevara	2006
Antônio Queiroz de França, Rouxinol Rinaré	Antônio Conselheiro e a guerra de Canudos	2006
Antonio Ribeiro da Conceição	A guerra dos Palmares	
Antonio Silva Vilas Boas	O Corre-corre de um barraqueiro	1980
Apolônio Alves	Hilton Carneiro Mota: morto no trágico acidente no dia 27 de maio de 1992	1982

Apolonio Alves dos Santos	Nosso mundo moderno	
Apolonio Alves dos Santos	Peleja de Zé Limeira com Severino Tempero	
Apolônio Alves dos Santos	A foice da morte	
Apolônio Alves dos Santos	A guerra contra a inflação e o valor do cruzado	
Apolônio Alves dos Santos	A guerra dos Alencar com os Sampaio e Saraiva , em Exu - PE	
Apolônio Alves dos Santos	A mulher que enjeitou seu marido na lua de mel	
Apolônio Alves dos Santos	A vitória do Brasil tetra campeão mundial de futebol na copa 94	
Apolônio Alves dos Santos	Diário de Chão Brilhante	2008
Apolônio Alves dos Santos	Lampião: herói ou bandido? - 6.ed.	
Apolônio Alves dos Santos	Novo pacote depois da eleição - Foi traição	1986
Apolônio Alves dos Santos	O ABC do feijão e os tumultos nas filas	
Apolônio Alves dos Santos	O ABC do jogo do bicho e suas revelações	1985
Apolônio Alves dos Santos	O homem que deu a luz - em Minas Gerais - 2.ed.	
Apolônio Alves dos Santos	O homem que mandou comprar a São Pedro, cinco cruzeiros de chuva	1981
Apolônio Alves dos Santos	O marido preguiçoso ou a panela de ouro	
Apolônio Alves dos Santos	O mineiro que comprou um bonde no Rio de Janeiro	1988
Apolônio Alves dos Santos	O monstruoso crime de Serginho, em Bom Jesus de Itabapoana, Estado do Rio de Janeiro	
Apolônio Alves dos Santos	O poeta de cordel defende a ecologia	1988
Apolônio Alves dos Santos	O triste drama das secas e o pranto dos nordestinos	
Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Bule-Bule com Valdomiro Galvão	1978
Apolônio Alves dos Santos	Tragédia em Cantagalo	
Apolônio Alves dos Santos	Vingança de um caboclo	
Apolônio Alves dos Santos	O beberão que lutou com o diabo sexta feira da paixão	

Apolônio Alves dos Santos	Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita	
Apolônio Alves dos Santos	A descrição da cidade e o progresso do Rio de Janeiro	1988
Apolônio Alves dos Santos	Briga de Chico Torto com Salustrino Pancada	
Arievaldo Lima, Klévisson Viana	Peleja da cachorra cantadeira com o macaco embolador	2002
Arievaldo Viana	18 de abril: dia nacional do livro infantil	2007
Arievaldo Viana	A professora indecente e as respostas de João Grilo	2005
Arievaldo Viana	Acorda cordel na sala de aula	2006
Arievaldo Viana	O crime das três maçãs	2000
Arievaldo Viana	Rodolfo e Leocádia ou a força do sangue	2001
Arievaldo Viana	Jerônimo e Paulina: o prêmio da bravura	2000
Arievaldo Viana Filho	A mulher fofqueira e o marido prevenido	2005
Arievaldo Viana Filho	Atrás do pobre anda um bicho	2005
Arievaldo Viana Filho	O homem da vaca e o poder do infortúnio	
Arievaldo Viana Lima	A moça que namorou com um pai-de-chiqueiro	2005
Arievaldo Viana Lima	História completa do navegador João Calais	2003
Arievaldo Viana Lima	Jesuino Brilhante o cangaceiro gentil	
Arievaldo Viana Lima	Martírios de uma mãe ou as dores de Marina	2005
Arievaldo Viana Lima	O divórcio da cachorra	2006
Arievaldo Viana Lima	Paulo Freire e BC Neto um cordel comparativo	
Arievaldo Viana Lima	O casamento atrapalhado da raposa com o timbu	2002
Arievaldo Viana, José Itamar	Mil e uma maneiras de manter se casamento	2007
Arievaldo Viana, Marco Haurélio	Cem anos da xilogravura na literatura de cordel	2007
Arievaldo Viana, Pedro Paulo Paulino	A caveira do ET encontrada em Quixadá	2005
Arievaldo Viana, Pedro Paulo Paulino	Os pecados capitais da política brasileira	2006
Ary Fausto Maia	Os posseiros do Maranhão	
Audifax Rios	Reinações de Lobato	
Avelino Vieira	A violência no Rio	
Azulão	A peleja de Azulão com Zé Limeira	2004
Benedito Antonio de Matos	A seca de 77 do outro século passado	
Bernardino de Sena	Origens da Vila de Santa Maria de Maricá	2007
Bernardino de Sena	Olinda	
Breno de Holanda	A oftalmologia pela ótica do cordel	2005
Caboquinho	Encontro de Caboquinho com Cícera Bandeira	1974
Caetano Cosme da	As plantas medicinais	1977

Silva		
Caetano Cosme da Silva	Peleja de Caetano Cosme da Silva com Maria Lavadeira	
Calazans Sabugy	Padre Zé	1983
Carlos Aires	A história de Carpina	2002
Carlos Carlos	Recife capital dos mascates	2008
Carmen Beatriz Passos	As variedades linguísticas	
Caxiado	Devastação	2006
Caxiado	Dominguinhos I um genio do 3º milênio	2001
Caxiado	O fumante	
Caxiado	Tapas e beijos de Chiquinha e Benedito	2000
Chico de Assis	Augusto Frederico Schmidt um autentico brasileiro	2001
Chico Mariano	Pavoroso desastre de avião no aeroporto de São Luis do Maranhão	
Chico Pedrosa	O galo e a raposa	
Chico Salles	A justiça tarda e falha	
Chico Salles	A passagem de Bin Laden pelo Chabocão	
Chico Salles	As minas de Minas	2009
Chico Salles	Matuto apaixonado - 3.ed.	
Chico Salles	O DNA do indiano	
Chico Salles	O homem da bola de ouro	
Chico Salles	O maior inimigo do cachorro	
Chico Salles	Jeguerino e burro Zé	
Chico Vê Tudo	Cz\$, Cruzado um foi trambique e CZ\$, dois é tragédia	
Cícero Lins de Moura	A mulher sexo ativa demais	2005
Cícero Lins de Moura	A mulher tá virando homem	2004
Cícero Lins de Moura	Bicha não coça o saco	2005
Cícero Lins de Moura	O cangaceiro	2005
Cícero Lins de Moura	O corno e o detetive	2004
Cícero Lins de Moura	O jogador e o julgador	2004
Cícero Lins de Moura	O quengaceiro	2004
Cícero Lins de Moura	Passafome fomebol clube	2005
Cícero Lins de Moura	Recado à mãe pátria	2005
Cícero Vieira da Silva	Quando minha mãe morreu	1985
Cícero Vieira da Silva	Quanto sofre o motorista e o cobrador de ônibus	
Cleydson Monteiro, Mauro Machado	Discussão de Cleydson Monteiro com Mauro Machado	2005
Concrix	Eis a resposta da carta de Fernando Collor ao diabo	2007
Concrix	Jararaca o cangaceiro militar	2000
Concrix	Jararaca arrependido porque matou um menino	2006
Concrix	Festa na terra junina a capital da cultura	2006

Cordeiro Manso	Casamento e mortalha no céu se talha	1978
Cosme Damião Vieira de Oliveira	O jogador viciado e a loteria esportiva	1978
Crispiniano Neto	Barão do Rio Branco	
Crispiniano Neto	Alexandre de Gusmão gênio e herói brasileiro	
Crispiniano Neto	Gilberto Amado	
Dalmo Sérgio	Brincando com a sorte e quem nasceu para ser vaqueiro	
Davi Teixeira	A bunda vendedora	2005
Davi Teixeira	A moto e o jegue	2005
Davi Teixeira	A natureza quer viver não mate a vida	2005
Davi Teixeira	A sanfona e a viola me faz lembrar do passado	2008
Davi Teixeira	Cacete, cachaça, e gaia	2005
Davi Teixeira	Dengueladen o mosquito terrorista	2005
Davi Teixeira	Mensalão: um vírus no Brasil	2005
Davi Teixeira	O desabafo do matuto	2005
Davi Teixeira	O desafio dos bonecos Zé Buchada e Bastião	2005
Davi Teixeira	O frevo não deveria ser refém do carnaval	2007
Davi Teixeira	Promessa não é dívida vale voto	2005
Davi Teixeira	Quem fuma sabe quem não sabe venha saber	2005
Davi Teixeira	Ronaldo e sua gordura estão dando o que falar	2007
Davi Teixeira	Seu Lunga: tolerância zero	2008
Davi Teixeira	Sport campeão da copa do Brasil 2008	2006
Dedé Ribeiro	A morte de Chico e Vela	1980
Delarme Monteiro Silva	Doutor Raiz e as ervas milagrosas	
Delarme Monteiro Silva	Schistosoma, o verme do terror	1975
Dilsom Barros	O 1º astronauta brasileiro no espaço	2006
Dilsom Barros	Os países do mundo	
Dilson Barros	Boa noite Cinderela	
Dilson Barros	Frei Damião: o missionário do Nordeste	2006
Dilson Barros	O medo de Tio Sam na rota dos furacões	2006
Diniz Vitorino Ferreira	Grande peleja de Manuel Chudu com Diniz Vitorino	
Doming	A festa das faixas: 1957 - 1976 - bi-super campeão	1976
Edivaldo de Lima	O rato e o gato	
Edivaldo de Lima	A batalha das heroínas de Tejucupapo (Sec.XVII-1646)	2007
Edivaldo de Lima	A ponte que caiu e a água que faltou	
Edivaldo de Lima	A segurança, acontece quando todos trabalhamos juntos	
Edivaldo de Lima	Amazônia pede socorro	

Edivaldo de Lima	Cordel da matemática	2007
Edivaldo de Lima	Corno, o comentário é inevitável	
Edivaldo de Lima	Engenho Uruaé (a história que você não conhecia)	2006
Edivaldo de Lima	Filosofia de caminhoneiro	2008
Edivaldo de Lima	Folclore, mitos e lendas	
Edivaldo de Lima	Janembro	
Edivaldo de Lima	Romance sem futuro	2006
Edivaldo de Lima	Romance sem futuro 2	
Edivaldo de Lima	Ser longa, é ser diferente	
Edivaldo de Lima	Um amor feliz para sempre	
Eduardo Macedo	Intriga do gato com o cachorro por um palito de fósforo	2009
Edvaldo Bronzeado	Cordel de malassombrado	2004
Edvaldo Guerreiro	Eleições 94	
Edvaldo Guerreiro	Homenagem a Teresina	
Elias A. de Carvalho	As divindades lendárias e a vida dos mortais	1984
Elias A. de Carvalho	Coisas da mitologia	1976
Elias A. de Carvalho	D.Beja de Araxá na história dos gerais	1987
Elias A. de Carvalho	Do cruzado às eleições	1986
Elias A. de Carvalho	Farrapo do destino - 3.ed.	1981
Elias A. de Carvalho	História do rei Pelé	1979
Elias A. de Carvalho	Jararaca e Ratinho - os caipiras nordestinos	1986
Elias A. de Carvalho	Memória de poetas inesquecíveis	1983
Elias A. de Carvalho	O domínio lendário dos deuses	1982
Elias A. de Carvalho	O monstruoso crime de Montes Claros	1981
Elias A. de Carvalho	O roteiro do Papa no Brasil	1980
Elias A. de Carvalho	Palestra	1984
Elmo Nunes	Preservando pra melhorar	
Enéias Tavares Santos	Lamentação de um cavalo indo para o matadouro	1977
Enéias Tavares Santos	Meu post-mortem (ou pedidos de um moribundo)	1978
Érica Montenegro	Um gênero para o tratamento da variação lingüística	2008
Érica Montenegro	Alimentação saudável	2008
Érica Montenegro	Joaninha bonitinha	2008
Ernando Carvalho	Arrumando a rima	
Ernando Carvalho	Bê-a-bá do Baobá	2008
Ernando Carvalho	Cuidado com a dengue	2008
Ernando Carvalho	Melhor prevenir do que tratar	2008
Ernando Carvalho	Seca no sertão: vergonha do brasileiro	
Ernando Carvalho	Um matuto sertanejo no desfile do galo	

Ernando Carvalho	Recifenses ilustres	
Erotildes Miranda dos Santos	Encontro de Zé Lapada com Chico Topa Tudo	1974
Erotildes Miranda dos Santos	Peleja de Erotildes Miranda com José Costa Leite	
Escrivão Joaquim Furtado	A evolução criminal e sua repressão	2005
Escrivão Joaquim Furtado	A filha que Deus me deu	2006
Escrivão Joaquim Furtado	A lenda da criação do homem e do mundo segundo a Bíblia Sagrada	2008
Escrivão Joaquim Furtado	A violência doméstica suas causas	2008
Ésio de Siqueira	Pau Brasil (um sonho de resgate)	2007
Esperantivo	Leptospirose em literatura de cordel	2006
Espírito de Antenor Galhuda	Viagem ao país de São Cornélio	2001
Evaristo Geraldo da Silva	Aladim e a lâmpada maravilhosa	2006
Evaristo Geraldo da Silva	As lutas de José do Patrocínio: O tigre da abolição	2003
Evaristo Geraldo da Silva	Navarro e Isabel ou o feitiço de Áquila	2008
Evaristo Geraldo da Silva	O conde mendigo e a princesa orgulhosa	2006
Evaristo Geraldo da Silva	O príncipe que fez de tudo para mudar o destino	2006
Evaristo Geraldo da Silva	Romance de Bernardo e Sara ou a promessa dos dois irmãos	2006
Expedito Ferreira da Silva	O campo de São Cristóvão no ano de 1565	1992
F.Borges	Brasil novo na literatura de cordel	1990
Felipe Júnior	Os efeitos do aquecimento global	2007
Felipe Júnior	Padre Humberto Plummen - um profeta do sertão	
Fernando Paixão	A verdadeira história da páscoa	2006
Fernando Paixão	O "big bang" em cordel	2004
Fernando Paixão	Zumbi dos Palmares: herói negro do Brasil	2008
Fernando Paixão	O judeu e a samaritana	2004
Fernando Paixão	Paulo: o fariseu que virou cristão	2004
Fernando Paixão, Antônio Klévisson Viana	Lágrimas de uma sentenciada	2005
Flávio Fernandes Moreira	Umbanda em versos	

Flávio Fernandes Moreira	Experiência do inverno no sertão	1980
Francisco Diniz	A escola dos meus sonhos	2005
Francisco Diniz	Do outro lado do mundo	2005
Francisco Diniz	A vida de peão de rodeio	2005
Francisco Edésio Batista	Trapalhadas de um dentista	2009
Francisco Fabrício de Oliveira	O desastre do avião que explodiu em Pacatuba	
Francisco Ferreira Filho Diniz	Catarina e Venceslau	2002
Francisco Ferreira Filho Diniz	O que fazemos na aula de educação física?	2003
Francisco Firmino de Paula	História do boi leitão ou o vaqueiro que não mentia	2006
Francisco José de Melo Sobrinho	A briga de Chico Trovão com Oswaldo Ventana	2004
Francisco Ribeiro	Minha sogra: dona Ivanilda da Silva, sua cambada e seus bregueços!	2003
Francisco Sales Arede	A pobresa em reboliço e os paus de arara do Norte	
Francisco Sales Arede	Peleja de Francisco Sales com Maria das Dores	
Francisco Sales Arêda	A moça que dançou com uma caveira	
Francisco sérgio Magalhães	O homem que foi pra Canidé de joelhos	2004
Francisco Siqueira de Lima	A verdadeira história do Ceará Sporting Club	2001
Franklin Maxado	O milagre de São Jumento no Pará	1980
Franklin Maxado	O pinto pia e o piado do pinto não pigarreia	2007
Franklin Maxado Nordestino	A bela história de Jaci, a prostituta virgem e santa	1978
Franklin Maxado Nordestino	As aventuras amorosas de dona Mariquinha	2002
Franklin Maxado Nordestino	Frutinha da seca	1981
Franklin Maxado Nordestino	O Brasil entrega o ouro e ainda baixa as calças (o ex-país do futebol)	1984
Franklin Maxado Nordestino	O frio de São Paulo está desmoralizado	1977
Franklin Maxado Nordestino	O nordestino no sul	1978
Franklin Maxado Nordestino	O sapo que desgraça o Corinthians	1976
Franklin Maxado Nordestino	Os filhos do carnaval	1982
Franklin Maxado	Sem seca, a gente se vê as belezas do sertão	1980

Nordestino		
Franklin Maxado Nordestino	Corinthians não é mais aquele do sapo cururu	1977
Franklin Maxado, Rodolfo Cavalcante	O encontro de Maxado Nordeste com Rodolfo Cavalcante	1979
Geraldo Amâncio	100 dúvidas de português... Cem estrofes que orientam...sem ser dono da verdade	2008
Geraldo Amâncio Pereira	O terrível massacre do caldeirão do beato Zé Lourenço	2001
Geraldo Amâncio Pereira	Pai-de-santo Marco Aurélio de Xangô	
Geraldo Amâncio Pereira	Otacílo Batista: a viola soluça de saudade com a morte do grande repentista	2003
Geraldo Valério	100 anos de contos e prosas no Brasil	2005
Geraldo Valério	100 anos de frevo	2007
Geraldo Valério	Desordem e regresso	
Geraldo Valério	Luiz Gonzaga o pernambucano do século	
Geraldo Valério	O Brasil no espaço	2007
Geraldo Valério	O cordel em folia	2006
Geraldo Valério	O torcedor majestade ou delinquente?	
Geraldo Valério	Patativa do Assaré o mito da poesia nordestina	2003
Geraldo Valério	Sertão sofrido	
Geraldo Valério	Súplica ao mestre em prol do cordel	
Geraldo Valério	Viver em paz, é viver vida sim, drogas não	
Geraldo Valério	O centenário da aviação tributo a Santos Dumont	2007
Gerardo Carvalho Frota (Pardal)	Criança amamentada adulto saudável	2005
Giovanni Bacaccio	A tocaia do chifrudo	
Giovanni Bacaccio	Dona Sarita e seus três machos	
Giovanni Boccaccio	A noite das camas trocadas	1979
Gonçalo Ferreira da Silva	Maria Bonita - a eleita do rei	2000
Gonçalo Ferreira da Silva	Maestro Cascudo	2008
Gonçalo Ferreira da Silva	Roberto Marinho a imprensa a serviço do mundo	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Huberto Rohden vida e obra	
Gonçalo Ferreira da Silva	A briga do rapa com o camelô	2007
Gonçalo Ferreira da Silva	IPU ganha de presente a sua biblioteca	
Gonçalo Ferreira da Silva	São Jorge - O santo guerreiro nascimento, vida e morte	1984
Gonçalo Ferreira da	Só quando o homem é homem - faz o que Juarez	

Silva	fez - 2.ed.	
Gonçalo Ferreira da Silva	Tales de Mileto vida e obra	1980
Gonçalo Ferreira da Silva	Tragédia aérea mata Mamonas	
Gonçalo Ferreira da Silva	Viagem pelo Nordeste nos braços da poesia	2001
Gonçalo Ferreira da Silva	Vitória do presidente Fernando Henrique Cardoso	
Gonçalo Ferreira da Silva	A Cesar o que é de Cesar	2002
Gonçalo Ferreira da Silva	A evolução do homem - uma história de dois milhões de anos	2008
Gonçalo Ferreira da Silva	A genialidade de Leonardo da Vinci	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	A guerra final	
Gonçalo Ferreira da Silva	A história de um encadernador	2004
Gonçalo Ferreira da Silva	A história emocionante de Celeste e Bitião - 2.ed.	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	A historiografia da feira nordestina	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	A incrível traição da mulher do Ricadão	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	A mulher que deu tabaco na presença do marido	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	A natureza e o homem - 2.ed.	
Gonçalo Ferreira da Silva	A posse do Presidente e o impacto do Plano Brasil Novo	
Gonçalo Ferreira da Silva	A prisão de João do Norte na feira de São Cristóvão	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	A queda de Saddam	2003
Gonçalo Ferreira da Silva	A trágica morte do Senna	
Gonçalo Ferreira da Silva	A vida do velho Barreiro - 2.ed	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Academia Brasileira de Literatura de Cordele Casa de Cultura São Saruê unidas	1994
Gonçalo Ferreira da Silva	Adeus Drummond	1987
Gonçalo Ferreira da Silva	Adeus princesa Diana	1997
Gonçalo Ferreira da	Adriano e Lenira - 2.ed.	2006

Silva		
Gonçalo Ferreira da Silva	Águas primordiais	2008
Gonçalo Ferreira da Silva	Antônio Conselheiro África de um sertanejo místico	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Arquimedes - o maior dos sábios da antiguidade	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Asa Branca a inteligência a serviço do cangaço	2007
Gonçalo Ferreira da Silva	Bala assassina mata PC Farias	1996
Gonçalo Ferreira da Silva	Brasil - país de traficantes	2000
Gonçalo Ferreira da Silva	Brasil da nova república farol do terceiro mundo	
Gonçalo Ferreira da Silva	Brizolão para Brizocão - 2.ed.	
Gonçalo Ferreira da Silva	Carta de Tancredo Neves aos constituintes	1987
Gonçalo Ferreira da Silva	Chico Xavier o maior médium do mundo morre nos braços do povo	2002
Gonçalo Ferreira da Silva	Constelação retrospectiva científica e reflexões	2008
Gonçalo Ferreira da Silva	Copérnico - vida e obra	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Darwin - naturalista maior (1809-1882)	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Demócrito vida e obra	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Discussão de Zé do Tabaco com o doutor saúde	2000
Gonçalo Ferreira da Silva	Encontro de Cancão de Fogo com João Grilo	
Gonçalo Ferreira da Silva	Etnólogo suíço é assaltado no Brasil	2000
Gonçalo Ferreira da Silva	Euclides da Cunha e os sertões	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Faleceu Mané Garrincha - 2.ed.	1983
Gonçalo Ferreira da Silva	Fernando Henrique Cardoso do exílio ao planalto	
Gonçalo Ferreira da Silva	Fim de um longo pontificado morre João Paulo II	
Gonçalo Ferreira da Silva	Foi exigência do povo Lula na presidência	2003
Gonçalo Ferreira da	Galileu Galilei vida e obra - 2.ed.	2003

Silva		
Gonçalo Ferreira da Silva	Getúlio Vargas eterno no coração do povo brasileiro - 3.ed.	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Inglaterra e Argentina em guerra pelas Malvinas	
Gonçalo Ferreira da Silva	Issac Newton	2007
Gonçalo Ferreira da Silva	Já estamos no futuro	2000
Gonçalo Ferreira da Silva	Jesus de Nazaré e a missão de Cristo	1998
Gonçalo Ferreira da Silva	Johann Gutenberg - vida e obra	2007
Gonçalo Ferreira da Silva	Lambada no inferno - 2.ed	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Laplace - momentos de um grande gênio	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Lenda da vitória régia	1997
Gonçalo Ferreira da Silva	Lenda do vaqueiro misterioso - 2.ed.	2003
Gonçalo Ferreira da Silva	Lendas do Saci Pererê - 2.ed.	
Gonçalo Ferreira da Silva	Luz de um preto velho	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Mahatma Gandhi - 2.ed.	2007
Gonçalo Ferreira da Silva	Meninos de rua e a chacina da Candelária	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Mestre Cascudo - 2.ed.	2008
Gonçalo Ferreira da Silva	Milagre na cidade santa	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Milagres de Anastácia - 2.ed.	2002
Gonçalo Ferreira da Silva	Morreu o rei do baião Luiz Gonzaga	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Morreu o valente Tenório - 2.ed.	1987
Gonçalo Ferreira da Silva	Morreu São Tancredo Neves deixando o Brasil de luto	
Gonçalo Ferreira da Silva	Morte de Daniella Perez emociona o mundo	
Gonçalo Ferreira da Silva	Movimento separatista no Brasil - 2.ed.	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Muita sarna na sarneira do Presidente Sarney	

Silva		
Gonçalo Ferreira da Silva	Não sei se choro ou se rio da violência no Rio - 2.ed.	2008
Gonçalo Ferreira da Silva	O Brasil inteiro chora a morte de Clara Nunes	
Gonçalo Ferreira da Silva	O casamento de Cláudio com Flávia	2008
Gonçalo Ferreira da Silva	O circo chegou	1999
Gonçalo Ferreira da Silva	O evangelho primeiro do Padre Cícero Romão - 4.ed.	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	O gênio de Camões	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	O massacre de Eldorado dos Carajás	1996
Gonçalo Ferreira da Silva	O monstro misterioso da Gruta de Ubajara - 2.ed.	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	O nascimento de Jesus à luz do Evangelho de Lucas	2009
Gonçalo Ferreira da Silva	O sucessor de Lampião Corisco	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	O triunfo do amor de Valério e Violeta - 2.ed.	
Gonçalo Ferreira da Silva	O último e glorioso voo. Morre Pataiva do Assaré	2002
Gonçalo Ferreira da Silva	Paraty do passado, um presente para o futuro	2004
Gonçalo Ferreira da Silva	Peleja de Oscar Alho e Francisco Malagueta	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho	2000
Gonçalo Ferreira da Silva	Presidente João Teimoso	
Gonçalo Ferreira da Silva	São Jorge o santo guerreiro	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Senhor dos anéis	
Gonçalo Ferreira da Silva	Terra: o nosso planeta pede socorro	
Gonçalo Ferreira da Silva	Um grande exemplo de Jesus - 2.ed.	
Gonçalo Ferreira da Silva	Volta seca um menino no cangaço	
Gonçalo Ferreira da Silva	O homem que não sabia que se chamava José	
Gonçalo Ferreira da Silva	Duelo de gigantes	

Silva		
Gonçalo Ferreira da Silva	As bravuras de Justino pelo amor de Teresinha	2005
Gonçalo Ferreira da Silva	Lampião o capitão do cangaço	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Antonio Silvino - A justiça acima da lei - 2.ed.	2006
Gonçalo Ferreira da Silva	Labareda o capador de covardes	2007
Gonçalo Ferreira da Silva	Oswaldo Cruz o maior sanitarista brasileiro	2008
Gonçalo Ferreira da Silva	Virginio o juiz do grupo de Lampião	2004
Gonzaga Vieira	Assim era São Francisco	
Gorki Mariano	A reforma universitária	2004
Guaipuan Vieira	Sinha d'amora uma dama das artes plásticas	
H. Rufino	O foguete na lua e os boatos do povo	
H. Rufino	Os efeitos do cogumelo	
Helvia Callou	Brasil plastificado	2002
Hermes do Nascimento	A trágica história das enchentes de 1979	1979
Hildemar de Araújo Costa	Bahia de Todos os Santos	
Hildemar de Araújo Costa	A Bahia a Rodolfo Coelho Cavalcante	1980
Homero do Rego Barros	Bebê de proveta	1978
Iron de Sousa	Destino do biriteiro	2007
Isadora de Assis	ABC F.C o mais querido	2009
Isael de Carvalho	O atravessador: a pior praga das lavouras brasileiras	2003
Isael de Carvalho	Lula é o cara... De pau!	2009
Isael de Carvalho	Mulher melancia, maça, jaca, morango etc e a salada de alienação à brasileira	
Isael de Carvalho	Raul maluco beleza Seixas o nosso eterno Raulzito	
Ivanildo Vila Nova	O futebol através dos tempos	
Ivonete Moraes	Programa Criança fora da rua dentro da Escola	1996
Izaías Gomes de Assis	Provérbios populares em cordel	2007
Izaías Gomes de Assis	Os animais	2007
Izaías Gomes de Assis	A aparição	2007
Izaías Gomes de Assis	A confusão que deu pra Damião entrar no céu	2007
Izaías Gomes de Assis	A história de Piston um jumento no folclore de Parnamirim	
Izaías Gomes de Assis	A vida de Jesus em cordel - fasciculo I	2007
Izaías Gomes de Assis	A vida de Jesus em cordel - fasciculo II	2007

Izaías Gomes de Assis	A violenta discussão de Izaías com Acaci	2007
Izaías Gomes de Assis	ABC da saudade	2007
Izaías Gomes de Assis	O planeta terra pede socorro	2007
Izaías Gomes de Assis	O valor do seu voto	2007
Izaías Gomes de Assis	Paulada que Diógenes deu em Zé Mago por causa da eleição	2007
Izaías Gomes de Assis	A galinha que pôs um ovo quadrado	2007
J.Campos	Filho de peixe é peixinho	2007
J.Campos	Náutico: hexa a Tóquio e Hexa-campeão é luxo e não tem comparação	2006
J.Campos	Saudades da boa música	1991
J.Campos	Tributo a Renato Russo	2009
J.Victtor	O cangaço, sua origem e os bravos cangaceiros	2006
J.Victtor	A discussão de Pelé com Maradona	
J.Victtor	A história do navegador Vasco da Gama no descobrimento das Índias	2008
J.Victtor	O golpe - de 1964 a 1985	
J.Victtor	Quilombolas a revolta dos escravos	
Jair Figueiredo	A corrente do prazer	2005
Janduhi Dantas	A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99	2007
Janduhi Dantas	O homem mais importante aos olhos do Senhor	
Janduhi Dantas	Peleja da carta com o e-mail	2006
Janduhi Dantas	Teologia da libertação: celebrando o pão da vida	2006
Jesus Rodrigues Sideaux	A diferença do pobre para o rico	2006
Jesus Rodrigues Sideaux	História de FHC e o apagão	
Jesus Rodrigues Sideaux	Seja independente do vício do alcoolismo	1977
Jesus Rodrigues Sidreaux	Histórias do héroi vaqueiro Zé Romão na pega de bois barbatões	
Joã Firmino Cabral	O héroi da floresta e a princesa encantada	2006
João A. de Barros	Peleja de Aderaldo filho do cego, com Alexandre e o neto de Zé Pretinho	
João Amaro	Ferrovário: F.A.C. Campeão do primeiro turno	1978
João Amaro	Homenagem ao lendário Zé Limeira torcedor símbolo do futebol	1979
João Bandeira de Caldas	A história do futebol e o anjo torto	2001
João Batista Campos de Farias	Cavaleiro da solidão	2007
João batista Campos de Farias	Jovem! Seja grande craque na vida... Dible o crack no jogo da morte	2010
João Batista Campos de Farias	Orgulho nordestino	

João Batista Serra	Continuação das anedotas de João Quintino Cunha e seu filho (3º volume)	
João Cordeiro de Lima	A estória de um corpo seco "a visão misteriosa"	1979
João Crispim Ramos	O encontro de João Ramos com Maxado Nordeste	1984
João Crispim Ramos	Peleja de João Crispim Ramos com Rodolfo Coelho Cavalcante	1978
João de Barros	Peleja de Guriatã de Coqueiro com Sebasto do Rio Grande	
João de Barros	Peleja de José Gaspar com João de Barros	
João de Lima	Memórias de um lavrador	1988
João de Lima	As Craíbas	1975
João Ferreira da Silva	A segunda enchente do Rio São Francisco e o medo da lapense	
João Ferreira de Lima	Proezas de João Grilo	1981
João Ferreira Lima	História de Mariquinha e José de Souza Leão	2002
João José da Silva	O coronel Mangagá e o serigueiro do norte	
João José dos Santos "Azulão"	As grandes enchentes do Rio de Janeiro	1971
João José Piriri	Vida de nordestino	
João Lucas Evangelista	As aventuras de João desmantelado	1980
João Martins de Athayde	A bela adormecida no bosque	1982
João Martins de Athayde	A grande surra que levou Cordeiro Manso de João Athayde por desafia-lo	1939
João Martins de Athayde	A pérola sagrada	1976
João Martins de Athayde	A sorte d'uma meretriz	
João Martins de Athayde	Dr.Caganeira	1976
João Martins de Athayde	História da moça que foi enterrada viva	1975
João Martins de Athayde	História de Roberto do diabo	2006
João Martins de Athayde	O casamento do calango	1974
João Martins de Athayde	Peleja de Bernardo Nogueira e o Preto Limão	1975
João Martins de Athayde	Peleja de João Athayde com Raimundo Pelado do Sul	1974
João Martins de Athayde	Peleja de Laurindo gato com Marcolino Cobra Verde	1975
João Martins de Athayde	História do valente Vilela	1975
João Martins de	Peleja de Riachão com o diabo	2001

Athayde		
João Melchiades Ferreira	Romance do pavão misterioso	2006
João Melchiades Ferreira	Roldão no leão de ouro	2006
João Melquiades Ferreira da Silva	José Colantino, o cabra que levou 99 surras	
João Pedro do Juazeiro	Festa dos Santos	2005
João Severo de Lima	Seca no sertão	
João Vicente Emiliano	Peleja de J.Borges com João Vicente Emiliano	
Joãozinho do Barroso	História de São José em poesia popular	2007
Joaquim Batista de Sena	A triste partida de Francisco do Vale e Maria Romana - os romeiros de Canindé	1978
Joaquim Batista de Sena	As setes espadas de Dores de Maria Santissima	
Joaquim Batista de Sena	Estória de um homem que deixou a mulher por um jumenta	
Joaquim Batista de Sena	Luta e vitória de São Cipriano contra Adrião Mágico	1974
Joaquim Batista Sena	Os amores de Chiquinha e as bravuras de Apolinário	
Joaquim Canuto Pedro	A história de Jericoacoara	2006
Jonhatan Leandro Gomes Ferreira	A seca do Nordeste	1980
José Acaci	A alma pantariosa (e uma resposta bem dada)	
José Acaci	A esperteza de Ana para se livrar do marido	
José Acaci	A feira e os mercados de Parnamirim	
José Acaci	A garra do professor nas lutas do dia-a-dia	
José Acaci	A operação que fizeram com às de copa de Zé	
José Acaci	A peleja do velho com o novo	
José Acaci	A saga do Pitimbu	
José Acaci	A vingança de Maria (e uma história de corno)	
José Acaci	Antologia do peido	
José Acaci	Aquecimento global	2007
José Acaci	Arengas de um caçateiro dentro de um ônibus lotado	
José Acaci	Assédio sexual	
José Acaci	Cordel do mensalão	
José Acaci	Dois matutos no hospital	
José Acaci	Lagoa da minha infância (e a voz da terra)	2008
José Acaci	Liberte o Caga Sebete	2007
José Acaci	Nomes indígenas pequeno dicionário em cordel	
José Acaci	Nosso rio Potengi e o desastre ambiental	
José Acaci	O ar de Natal e as estradas do país	2008

José Acaci	O bicho caiu de lado	
José Acaci	O problema do lixo	2008
José Acaci	Paraíba, suas cidades, vilas e povoados	1981
José Acaci	Protesto à pronofonia do forró estilizado	2009
José Acaci	Se droga fosse bacana não tinha o nome que tem	2009
José Acaci	Sofrimento das solteiras para arranjar marido	
José Acaci	Um chifre que me fez bem	
José Acaci	Uma lição sobre água	2008
José Alcantara dos Santos	Bezerras terra do Papangu	
José Alves Sobrinho, João Barbosa Silva	Dalvina, a moça que teve o filho do diabo	1973
José Amaro Pereira	O sepultamento do Coronel Ludugero	
José Barbosa	Agripino e Rizonete ou o poder da fada	
José Basílio	Peleja de Guriatã das Alagoas com Passarinho do Norte	
José Bernardo da Silva	Peleja de Ventania com Pedra Azul	1955
José Bernardo da Silva	Peleja de Joaquim Jaqueira com João Melquíades	1976
José Bernardo da Silva	O príncipe Oscar e A rainha das águas	
José Camelo	Coco verde e melancia	2005
José Camelo de Melo	Entre o amor e a espada	2007
José Camelo de Melo Rezende	As grandes aventuras de Armando e Rosa ou coco verde e melancia	2006
José Camelo de Melo Rezende	Morreu Raquel de Queiroz - a escritora da vida-	2005
José Carlos	Peleja de José Carlos com Manoel Tomaz de Assis	1978
José Cordeiro	Visita de Lampião a Juazeiro	2006
José Cordeiro	A morte dos quatro inocentes no Rio Grande do Norte	
José Costa Leite	O encontro de um feiticeiro com a negra d'um peito só	1982
José Costa Leite	A carta misteriosa do Padre Cícero Romão Batista	
José Costa Leite	A flora brasileira	1983
José Costa Leite	A flora medicinal	1983
José Costa Leite	A negra velha da trouxa montada no bode preto	
José Costa Leite	As ervas medicinais da catinga sertaneja	1983
José Costa Leite	As plantas fazem milagres	1983
José Costa Leite	Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia	
José Costa Leite	O cavalo voador ou Julieta e Custódio	2005
José Costa Leite	O drama do retirante	
José Costa Leite	O encontro de João Grilo com a donzela Teodora	2006
José Costa Leite	O matuto e o cigano	1983

José Costa Leite	O velhinho e o farmaceutico sobre os remédios da flora	1983
José Costa Leite	Os segredos da natureza	1983
José Costa Leite	Os três cavalos encantados do reino Monte de Ouro	2002
José Costa Leite	Peleja de José Costa Leite com Antônio Klévisson Viana	2006
José Costa Leite	Peleja de Severino Simeão com Ana Roxinha	
José da Silva	A pega do boi bargado no sertão jaguaribano	2006
José Daniel	Peleja de Zé Daniel e Gilberto Braga da Silva	
José de Arimatéia	Rio de Janeiro seu povo e sua história	1997
José de Fátima Silva	Diomédio Silveira: história de um líder	2006
José de Souza Campos	Peleja de José de Souza Campos com João Antonio de Barros	
José Domingos Sobrinho	A gameleira	
José Duda Neto	Todo Nordeste entristece quando há seca no sertão	
José Edmilson Correia	Juazeiro ontem e hoje	2000
José Evangelista	A morte de Cássia Eller em literatura de cordel	2002
José Evangelista	A morte do cacique Chicão em literatura de cordel	
José Evangelista	A última viagem do Papa João Paulo II em literatura de cordel	
José Evangelista	Dom Casmurro de Machado de Assis em literatura de cordel	
José Evangelista	Luiz Gonzaga "o cantor do século" em literatura de cordel	
José Evangelista	O mensalão em literatura de cordel	
José Evangelista	O planeta está chorando com o aquecimento global	2007
José Evangelista	Só transe com camisinha o casal pode ser feio, mas o amor é lindo! Em literatura de cordel	2009
José Ferreira da Silva Dila	Beija Flor e Teodoro	
José Firmino Cabral	Nascimento, vida e morte do cangaceiro Zé Baiano	2007
José Francisco Borges	O valor que o peido tem	
José Francisco Borges	A chegada da prostituta no céu	2004
José Francisco Borges	A filosofia do peido	2005
José Francisco Borges	As bravuras de Cipriano e os amores de Jacira	
José Francisco Borges	Como evitar a AIDS	
José Francisco Borges	Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade	
José Francisco Borges	Corno bicha e sapatão: os sacanas de hoje em	2003

	dia	
José Francisco Borges	Fenneart	
José Francisco Borges	O povo quer Arraes	
José Francisco Borges	Os nomes das flores	
José Francisco Borges	O projeto asa branca melhorando a terra seca	
José Francisco Soares	O menino que nasceu com a cabeça nas costas	1974
José Furtado de Carvalho	A fonte da vida	2003
José Galdino da Silva Duda	História de D.Genevra	2007
José Gustavo	A peleja de José Gustavo com Maria Roxinha da Bahia	1974
José Hermínio	A criança abandonada	
José Honório	O galo da Madrugada	2007
José Honório da Silva	Um cordel pra Bob Marley	2008
José Honório da Silva	Sidrião e Maristela e a goiaba da discórdia	2006
José Honório, Mauro Machado	O duelo cibernético de José Honório com Mauro Machado	2007
José João do Santos	O homem do arroz e o poder de Jesus	
José João dos Santos	Terror nas torres gêmeas	2005
José João dos Santos	A deusa e o caçador	2006
José João dos Santos	Camisinhas para todos	
José João dos Santos	O fazendeiro mendigo e a cabloca enalhada	2001
José João dos Santos	O homem na lua	
José João dos Santos	O verdadeiro natal	
José João dos Santos	Os loucos da moda: beleza	
José João dos Santos	Proteja o meio ambiente	1983
José João dos Santos	Escravos do vício	
José João dos Santos	O homem na lua	
José João Santos	O orfanato macabro dos monstros do morro agudo	
José João Santos	Peleja de Azulão com Palmeirinha	2005
José Leite Jr.	Pequena história do esperanto	
José Mapurunga	As ninfas de cachoeira ou o castigo da ambição	2001
José Maria de Fortaleza	A gramática em cordel	2006
José Maria Rodrigues	A morte do Padre João Bosco Burnier	1978
José Melquíades Ferreira	História do valente sertanejo Zé Garcia	2004
José Pacheco	A festa dos cachorros	
José Pacheco	Lampião e a velha feiticeira	2005
José Pacheco	A lição dos bichos	
José Pacheco	Grinaura e Sebastião	1974
José Pacheco	História da princesa Rosamunda ou a morte do	2006

	gigante	
José Pacheco	Já bebi, não bebo mais! Bebo até lascas o cano!	
José Pacheco	O cego no cinema	
José Pacheco	Peleja de João de Lima com um cantador da Bahia	
José Pacheco	Peleja de Vicente Sabiá com Antonio Coqueiro	
José Pacheco	O grande debate de Lampião com S.Pedro	2006
José Patrício	Descrição da flora medicinal, quais as plantas que curam	1977
José Pedro Pontual	A esmagadora peleja de João Vicente Emiliano com José Pedro Pontual	
José Pedro Pontual	Belissimo dicionário das moças	
José Pedro Pontual	O crente que virou jumento porque profanou do Padre Cicero	
José Pedro Pontual	O malandro e a piniqueira no chumbrego da orgia	
José Pedro Pontual	Peleja de José Pedro Pontual com Tertuliano Cordeiro	
José Pequeno	Discussão de José Pequeno com Amaro Quaresma	
José Ribamar Alves	Documentário da vida de Elizeu Ventania	2005
José Ribamar Alves	A crueldade de Osama e a vingança de Bush	2002
José Ribamar Alves	Armadilha do destino - 2.ed.	2003
José Ribamar Alves	Atributos do Brasil	2005
José Ribamar Alves	Casa dos filhos do medo	
José Ribamar Alves	Confusão no cemitério	2007
José Ribamar Alves	Escravidão de menores	2003
José Ribamar Alves	Falando do meu sertão - 2.ed.	2003
José Ribamar Alves	O trocador de mulheres	2003
José Ribamar Alves	Pela saúde do povo	2006
José Ribamar Alves	Pela vida do planeta - 2.ed.	2004
José Ribamar Alves	Quebra de silêncio	1978
José Ribamar Alves	Reclamações do além	2006
José Severino Cristóvão	Os coronéis do Nordeste	1980
José Severino Cristóvão	A natureza	
José Severino Cristóvão	O mundo foi feito assim	
José Severino Cristóvão	O sertão e o sertanejo	1982
José Soares	A gripe inglesa passeando no Brasil	
José Soares	A menina fenômeno foi moça com 10 meses, em Arapiraca	
José Soares	A seleção do Brasil ganhou mais um canecão	1976

	(4x1)	
José Soares	Bi super campeão é luxo 2 x 0	
José Soares	Exemplo da menina peluda de Paranatama	
José Soares	Leão de coco	
José Soares	Nunes, Zico e Rivelino 3 mosqueteiros da copa	1978
José Soares	O fenômeno dos fenômenos: o rio São Francisco secando	
José Soares	O que é meningite	1974
José Soares	Pedi um pente, me deram um penta!	
José Vidal dos Santos	A galinha falante de reriutaba	2005
José Vidal Santos	Epopéia do boi corisco ou a morte do vaqueiro desconhecido	2006
José Vidal Santos	As diabruras do homem no país da bicharada	2002
José Vieira	A grande inundação no Estado da Parahyba	2003
José Walter Pires	Na trilha do lobisomem	2007
Jotabê	A juventude e as drogas	2005
Jotabê	As mais novas do Seu Lunga	
Jotabê	O mau humor do seu lunga no tempo que foi bicheiro	
Jotabê	O roubo do banco central	2006
Jotacê Freitas	Beira-mar pra presidente	2005
Jotacê Freitas	O baba em bobo babou	2004
Jotacê Freitas	Vão matar o velho Chico para regar o sertão	2005
Julie Ane Oliveira Silva	O mistério da pedra encantada	2008
Julie Ane Oliveira Silva	Uma tragédia em família ou o pai que matou o filho	2005
Juvenal Evangelista	O filho que matou a mãe	1979
Kerlle de Magalhães lima	A terra da poluição inacreditável	2005
Kerlle de Magalhães Lima, Altair Leal	Nas curvas do corpo dela capotei meu coração	2007
Klévisson Viana, Arievaldo Viana	Casamento do morcego com a catita	2007
Klévisson Viana	O pecador obstinado aos pés da compadecida	2003
Klévisson Viana, Arievaldo Viana	O rapaz que virou barrão ou o porco endiabrado	2002
Klévisson Viana, Arievaldo Viana	Carta de um jumento a Jô Soares	2005
klévisson Viana, Ariovaldo Viana	Martírios de um alemão ou 'o conto da Cinderela' (a comédia do turismo sexual)	2002
Klévisson Viana, Rouxinol do Rinaré	História completa de Lampião e Maria Bonita	2008
Klévisson Viana, Rouxinol Rinaré	A grande peleja virtual de Klévisson Viana e Rouxinol Rinaré	2003
L.Gomes de	História de Aprígio e Diana	

Albuquerque, Severino Borges da Silva		
Leandro Gomes de Barros	Índia Nocy	2007
Leandro Gomes de Barros	História da princesa da pedra fina	2008
Leandro Gomes de Barros	A donzela Teodora	2003
Leandro Gomes de Barros	A Peleja de Leandro Gomes de Barros com uma velha de Sergipe	
Leandro Gomes de Barros	A sogra enganando o diabo	2004
Leandro Gomes de Barros	A vida de Cancão de Fogo e o seu testamento v.2	
Leandro Gomes de Barros	Bamam e Gercina ou o príncipe e a fada	2006
Leandro Gomes de Barros	História de Juvenal e o dragão	2006
Leandro Gomes de Barros	Meia noite no cabaré	1976
Leandro Gomes de Barros	O cachorro dos mortos	2006
Leandro Gomes de Barros	O cavalo que defecava dinheiro	2006
Leandro Gomes de Barros	O dinheiro (o testamento do cachorro)	2005
Leandro Gomes de Barros	O testamento da cigana Esmeralda	2006
Leandro Gomes de Barros	Os martirios de Genoveva	1976
Leandro Gomes de Barros	Peleja de Manoel Riachão com o diabo	
Leandro Gomes de Barros	Peleja de Serrador e Carneiro	2008
Leandro Gomes de Barros	Uma viagem ao céu ou o infortúnio da sogra	2004
Leandro Simões da Costa	A pobreza aperrriada procurando a emergência	
Leandro Simões da Costa	O grande crime de Caicó, no qual foi vitima a menor Rita Reges	
Léo do Acordeon	A fração amorosa ou o valente Ricardão	
Levi Torres Madeira	Parnaso oftálmico	
Lorena Braga Sales	Astronomia, a maravilhosa ciência celeste	
Lourival Bandeira	Peleja de Lourival Bandeira com João Tavares	1974
Lucas Evangelista	O verdadeiro romance da carta do marginal	2007
Luis Antonio	Eis um pouco da história de Jesuíno Brilhante	2007

Luiz Alves da Silva	Discussão dum crente com um boiola	2008
Luiz Cláudio e Décio Germano	O beato das praias da Costa Branca	2006
Luiz Nunes	A morte de João Pessoa e a revolução de 30	1978
Madalena Castro	As travessuras da comadre Fulozinha	2002
Madalena Castro	Na fila do banco	2003
Madalena Castro	O azar de Ademar no carnaval de Olinda	2007
Madalena Castro	O corno e o soldado	2007
Madalena Castro	Tragédia Sertaneja	1994
Manoel A. Campina	O encontro de cintura fina e mulher de macho	
Manoel A. Campina	Peleja de Joaquim Peitica com o Cego Cancão	
Manoel A. Campina	Peleja de Manoel Campina com Toinha Feitosa	
Manoel Almeida Filho	A velha mentirosa que anda asombrando os namorados	1975
Manoel Caboclo e Silva	A seca de 70	
Manoel Caboclo e Silva	O encontro do negrão com o monstro do rio negro	1976
Manoel Camilo	Peleja de Manoel Camilo com Manoel Tomaz	
Manoel Camilo dos Santos	As palhaçadas de Biu	
Manoel Camilo dos Santos	O lugar melhor que há	
Manoel Camilo dos Santos	Peleja de Camilo e Correia	
Manoel Camilo dos Santos	Viagem a São Saruê	
Manoel de Assis Campina	Discussão de um fiscal com uma fateira	2004
Manoel de Azevedo	Um guerrilheiro potiguar no Araguaia	
Manoel Martins	O sorriso do cavalo	
Manoel Monteiro	Padre Ibiapina	2006
Manoel Monteiro	Campina dos meus amores	
Manoel Monteiro	José Américo ministro das secas e pai da bagaceira	2005
Manoel Monteiro	Marinês – A imortal rainha do forró	2007
Manoel Monteiro	Sivuca o deus loiro da sanfona	2005
Manoel Monteiro	A cigarra e a formiga	2009
Manoel Monteiro	A folkmidia nasceu pelas mãos do Dr. Luyten	2004
Manoel Monteiro	As aventuras do filho de Antonio Cobra choca	2006
Manoel Monteiro	Uma lenda caiapó	
Manoel Monteiro	Um menino de engenho chamado Zé Lins do Rego	
Manoel Monteiro	A capela de São Pedro - memórias	2006
Manoel Monteiro	A estória de E.T. um homem de outro mundo	2004

Manoel Monteiro	A estória do rei do gato, do rato...	2005
Manoel Monteiro	A evolução do papel	2003
Manoel Monteiro	A grande peleja de Pinto com Lourival	2007
Manoel Monteiro	A história de Fred ou a obsessão das águas	2005
Manoel Monteiro	A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia	2006
Manoel Monteiro	A revolta dos pretos	2005
Manoel Monteiro	A vida do Padre Cícero	2006
Manoel Monteiro	Buda, o iluminado	2006
Manoel Monteiro	Cartilha do diabético	2006
Manoel Monteiro	Chapeuzinho vermelho	2008
Manoel Monteiro	Chateaubriand-Deus e diabo do Cariri de Umbuzeiro	2004
Manoel Monteiro	Conheça o enigma das inscrições rupestres do Lajedo Pai Mateus	2002
Manoel Monteiro	Cordel salmantino	1990
Manoel Monteiro	D.Ariano Suassuna senhor das iluminogravuras	2005
Manoel Monteiro	Danças e festas brasileiras	2007
Manoel Monteiro	Exaltação à cachaça	2006
Manoel Monteiro	Ganhar dinheiro é fácil basta ler este cordel	2006
Manoel Monteiro	João Pessoa cidade dos olhos verdes	2006
Manoel Monteiro	Lampião herói de meia tigela	2010
Manoel Monteiro	Manual de primeiros socorros	2002
Manoel Monteiro	Maria Garrafada	2007
Manoel Monteiro	No vai e vem do amor	2004
Manoel Monteiro	Nova história da Paraíba: recontada em cordel	2004
Manoel Monteiro	Novos tempos para o doente mental	2004
Manoel Monteiro	O cordel do referendo e porque dizer sim - 2.ed.	2005
Manoel Monteiro	O crime da sombra misteriosa	2005
Manoel Monteiro	O holocausto dos homens nus	2003
Manoel Monteiro	O macaco besta a droga matou	2009
Manoel Monteiro	O planeta água está pedindo socorro - 3.ed.	2007
Manoel Monteiro	O preço da soberba ou a mãe desnaturada	2002
Manoel Monteiro	O Procon sem mistério nos mistérios do cordel	2006
Manoel Monteiro	Os games na escola	2008
Manoel Monteiro	Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro	2006
Manoel Monteiro	Poesia popular - de ler e brincar	1977
Manoel Monteiro	Quatro poemas de corno	2001
Manoel Monteiro	Quem não usa camisinha não pode dizer que ama	
Manoel Monteiro	Salvem a fauna! Salvem a flora! Salvem as Águas do Brasil!	2006
Manoel Monteiro	Um paraíso azul chamado Brasil	2007

Manoel Monteiro	Um plantador de futuro chamado Euvaldo Lodi	
Manoel Monteiro	Uma lenda caiapós e outros poemas	2005
Manoel Monteiro	Uma paixão no deserto	1975
Manoel Monteiro	Viva São João sem fogueira e sem balão	1998
Manoel Monteiro	Zé Ramalho	2007
Manoel Monteiro	Celso Furtado- o inimigo da fome	2005
Manoel Monteiro	Zé Lins do Rego - um menino de engenho	1905
Manoel Monteiro	Matinhas o cartão postal do brejo paraibano	
Manoel Monteiro	Lampião ... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida	2006
Manoel Monteiro	Ah! Que saudade danada do sertão de antigamente	2004
Manoel Monteiro	Uma lenda caiapós e outros poemas	2005
Manoel Monteiro	Uma paixão no deserto	1975
Manoel Monteiro	Vida e obra de Leonardo Mota	
Manoel Monteiro	Viva São João sem fogueira e sem balão	1998
Manoel Monteiro	Zé Ramalho	2007
Manoel Monteiro, Divaildo Bartolomeu	Os 50 anos da FNHRBS - Comemorados em cordel	
Manoel Santamaria	Eu daqui você de lá guerra aqui guerra acolá	
Manoel Santamaria	Governador do DF atropela a gramática e "demite" o gerúndio	2007
Manoel Santamaria	O adeus de Beto Carrero o herói do circo	2008
Manoel Tomás de Assis	A criação de hoje em dia	
Marcelo Soares	O céu faz festa no forró do cantor Luiz Gonzaga	2002
Marcelo Soares	O cordel homenageia professor Raymond Cantel	2005
Marcelo Soares	O dia internacional da mulher em cordel	
Marcelo Soares	Olha a perna cabeluda que anda pelo Recife	2005
Marco di Aurélio	Retrato do meu sertão	
Marco di Aurélio	A história da mulher	2005
Marco di Aurélio	A moça que virava bode	2006
Marco di Aurélio	Circo de interior	2006
Marco di Aurélio	Gente safada	2005
Marco di Aurélio	Guerra contra o Iraque	2004
Marco di Aurélio	Injeção de B-12	2006
Marco di Aurélio	Mói de vagabundo	2006
Marco di Aurélio	Monteiro - PB	2007
Marco di Aurélio	Nascimento de político	2005
Marco di Aurélio	O calção de elanca	2004
Marco di Aurélio	O homem que matou uma alma	2006
Marco di Aurélio	O matuto e a safada	2004
Marco di Aurélio	O pau-de-sebo no cabaré de Timbaúba	2004
Marco di Aurélio	O sindicato dos cornos	2006

Marco di Aurélio	Político de ano novo	2005
Marco di Aurélio	Prefeitura bichada	2005
Marco di Aurélio	Rio de Janeiro cidade maravilhosa	1982
Marco di Aurélio	Sady e Ágaba uma história de amor...	1980
Marco di Aurélio	Um bêbo liso	
Marco Haurélio	Traquinagens de João Grilo	2005
Marco Haurélio	A maldição das sandálias do pão-duro Abu Kasem	
Marco Haurélio	Traquinagens de João Grilo	2005
Marcus Lucenna	A Amazônia é nossa	2006
Maria de Fátima Coutinho	Da luta do povo nasce uma escola em Santa Rosa	2002
Maria Godelivie	A galega do negrão	2008
Maria Godelivie	A vingança da falecida	2007
Maria Godelivie	Chifrudos associados	2008
Maria Godelivie	Mulher macho sem senhor!	2008
Maria Godelivie	O homem que beijou uma alma	2003
Maria Julita Nunes	A criança e o idoso estão plantando esperança	2002
Maria Julita Nunes	Avante! Um, dois, três... Fui!	2002
Maria Matilde Mariano	A montanha enfeitada	
Maria Matilde Mariano	Crato de cabo a rabo	2004
Maria Matilde Mariano	Luizianne a loiura guerreira	2005
Maria Neucimá de Moraes	O menino do engenho	
Maria Neucimá de Moraes Santos	A trajetória do leãozinho	2007
Maria Neucimá de Moraes Santos	A cura de outrora II	2008
Maria Neucimá de Moraes Santos	A história da Virgem Luzia em cordel	2007
Maria Neucimá de Moraes Santos	A saga da profa.Nelcimá	2007
Maria Neucimá de Moraes Santos	O anjo e a maldição de Sara	2007
Maria Neucimá de Moraes Santos	O feijãozinho teimoso	2007
Maria Neucimá de Moraes Santos	O tormento de Mirinha com as botijas	2007
Maria Neucimá de Moraes Santos	Um capeta no forró da Pitombeira	2007
Maria Neucimá de Moraes Santos	O homem de barro Vitalino e sua trajetória	
Maria Neucimá de Moraes Santos	O que Timbaúba tem	
Maria Neucimá de Moraes Santos	O tormento de Mirinha com as botijas	2007

Morais Santos		
Maria Neucimá de Moraes Santos	Todas as cidades de Pernambuco nome por nome	
Maria Neucimá de Moraes Santos	Um capeta no forró da Pitombeira	2007
Mariane Bigio	O seixo encantado	2007
Mário Vieira da Silva	Vi as coisas do Velho Testamento e poemas de uma letra só	
Marlus de Herval	Monólogo da cocaína	2007
Marlus de Herval	O clamor da terra	2007
Mauro Machado	O exemplo do ladrão de galinha que findou botando um ovo	2007
Mauro Machado	O exemplo do padre pedófilo capado pelo diabo	2003
Mauro Machado	O matuto no shopping	
Mauro Machado	O pife encantado	2004
Mauro Machado	Saudade	2007
Maxado Nordestino	Horóscopo das bichas	1977
Maxado Nordestino (Franklin Machado)	Corinthians não é mais aquele do sapo cururu	1977
Medeiros Braga	O cordel em cordel	2009
Medeiros Braga	Bertold Brecht o poeta dos oprimidos	2007
Medeiros Braga	Santos Dumont gênio e pai da aviação	2006
Medeiros Braga	Patativa do Assaré o poeta dos excluídos	2006
Medeiros Braga	Anita Garibaldi "a heroína dos dois mundos"	2007
Medeiros Braga	O cordel na adubação orgânica	2008
Medeiros Braga	Pau de colher mais uma vítima do poder	2009
Medeiros Braga	Che Guevara o revolucionário	2008
Medeiros Braga	Um cordel para Tiradentes	
Medeiros Braga	A guerra do contestado	2006
Medeiros Braga	Carlos Marighella - vida e morte	
Medeiros Braga	Castro Alves o condor da poesia	2006
Medeiros Braga	Dom Helder, a voz incômoda do evangelho	2008
Medeiros Braga	Dom Helder, o apóstolo da libertação	2007
Medeiros Braga	José Martí	2007
Medeiros Braga	Maiakovski o poeta da revolução	2008
Medeiros Braga	Margarida Maria Alves: mártir dos canavieiros	2008
Medeiros Braga	Monteiro Lobato - o criador: Jeca Tatu - a criatura	2008
Medeiros Braga	O boi de carro e o eleitor	2008
Medeiros Braga	O cordel da apicultura	2006
Medeiros Braga	O cordel da guerra de Canudos	2009
Medeiros Braga	O cordel da histórica cantoria	2008
Medeiros Braga	O cordel da transposição	2008
Medeiros Braga	O cordel na reforma agrária	2007

Medeiros Braga	O educador Paulo Freire	2007
Medeiros Braga	O massacre de Caldeirão de Santa Cruz do Deserto	2007
Medeiros Braga	O polidor de mentiras	2008
Medeiros Braga	O quilombo Manoel Congo - A saga de um guerreiro em cordel	2010
Medeiros Braga	O socialismo morreu?	2008
Medeiros Braga	Organização comunitária em cordel	2008
Medeiros Braga	Patativa do Assaré vida e obra do poeta do povo	2007
Medeiros Braga	Simón Bolívar, o libertador	2007
Medeiros Braga	Sócrates vida e morte em cordel	
Medeiros Braga	Zumbi e o quilombo de Palmares	2007
Medeiros Braga	Zumbi e Palmares	2009
Medeiros Braga	A guerra do contestado	2006
Medeiros Braga	Antonio Silvino - A justiça acima da lei - 2.ed.	2006
Medeiros Braga	Carlos Marighella - vida e morte	
Medeiros Braga	Castro Alves o condor da poesia	2006
Medeiros Braga	Celso Furtado- o inimigo da fome	2005
Medeiros Braga	Dom Helder, a voz incômoda do evangelho	2008
Medeiros Braga	Dom Helder, o apóstolo da libertação	2007
Medeiros Braga	Elino Julião: do Seridó à Copacabana	2007
Medeiros Braga	José Martí	2007
Medeiros Braga	Labareda o capador de covardes	2007
Medeiros Braga	Maiakovski o poeta da revolução	2008
Medeiros Braga	Margarida Maria Alves: mártir dos canavieiros	2008
Medeiros Braga	Monteiro Lobato - o criador: Jeca Tatu - a criatura	2008
Medeiros Braga	O boi de carro e o eleitor	2008
Medeiros Braga	O cordel da apicultura	2006
Medeiros Braga	O cordel da guerra de Canudos	2009
Medeiros Braga	O cordel da histórica cantoria	2008
Medeiros Braga	O cordel da transposição	2008
Medeiros Braga	O cordel na reforma agrária	2007
Medeiros Braga	O educador Paulo Freire	2007
Medeiros Braga	O massacre de Caldeirão de Santa Cruz do Deserto	2007
Medeiros Braga	O polidor de mentiras	2008
Medeiros Braga	O projeto asa branca melhorando a terra seca	
Medeiros Braga	O quilombo Manoel Congo - A saga de um guerreiro em cordel	2010
Medeiros Braga	O socialismo morreu?	2008
Medeiros Braga	Organização comunitária em cordel	2008
Medeiros Braga	Patativa do Assaré vida e obra do poeta do povo	2007

Medeiros Braga	Pernambuco e suas cidades as vilas e povoados	1979
Medeiros Braga	Setenta anos de vida do compadre J.Borges	
Medeiros Braga	Simón Bolívar, o libertador	2007
Medeiros Braga	Sócrates vida e morte em cordel	
Medeiros Braga	Um cordel pra Bob Marley	2008
Medeiros Braga	Zumbi e o quilombo de Palmares	2007
Medeiros Braga	Zumbi e Palmares	2009
Menandrus	Ypsilones e dablus	1990
Menandrus	A Bahia a Rodolfo Coelho Cavalcante	1980
Menandrus	Palestra	1984
Messody Benoiel	Vida e obra de Leonardo Mota	
Messody Benoiel	A novela do PC (cordel jornalístico)	2003
Messody Benoiel	Zé Lins do Rego - um menino de engenho	1905
Messody Ramiro Benoiel	Primórdios da literatura cristã	
Mestre Azulão	A vitória de Renato e o amor de Mariana	2006
Mestre Azulão	Rogério e Adriana no reino de Macabul	2005
Mestre Azulão	A trajetória do leãozinho	2007
Mestre Azulão	A vitória de Renato e o amor de Mariana	2006
Mestre Azulão	Rogério e Adriana no reino de Macabul	2005
Michael John	Uma rua do Pajeú	
Minelvino Francisco	As terra de São Saruê	
Minelvino Francisco Silva	Dicas para o sucesso do produtor de caju	
Moreira de Acopiara	A carta de Pero Vaz a Pedro Álvares Cabral	2005
Moreira de Acopiara	Amor pela metade	
Moreira de Acopiara	Boi velho	2005
Moreira de Acopiara	Brasil um país ameaçado	
Moreira de Acopiara	Colcha de retalhos	2008
Moreira de Acopiara	De Acopiara à Santa Tereza	2005
Moreira de Acopiara	Encontro com o destino	
Moreira de Acopiara	Lusivan Matias e Sebastião Marinho grande debate	2004
Moreira de Acopiara	O drama da seca	2008
Moreira de Acopiara	O lado bom do Nordeste	2004
Moreira de Acopiara	Rosinha e Alemão um amor que nasceu sob sacrilego	2008
Moreira de Acopiara, Jonas Bezerra	Gente e coisas do Nordeste	2005
N. Alves de Queiroz	A morte do Dr. João Pessoa	
Neto Braga	Elino Julião: do Seridó à Copacabana	2007
Neuza Romão	O vaqueiro valente apaixonado	
Neuza Romão	A menina e as borboletas e famílias nordestinas	

Neuza Romão	A discussão do peido e a bufa	
Neuza Romão	A trajetória de Jesus	
Neuza Romão	As mais novas ignorâncias de Seu Lunga	
Neuza Romão	Casamento de matuto	
Neuza Romão	Como se prevenir do câncer de mama	
Neuza Romão	Missão de mãe	
Neuza Romão	O mão de vaca	
Neuza Romão	O mau humor de Seu Lunga na TV Record	
Neuza Romão	O pedantismo da madame	
Neuza Romão	Um grande amor	2007
Neuza Romão	Um matuto na praia	
Neuza Romão	Vida de sem terra: uma história verdadeira	2006
Neuza Romão	A morte do padre Vieira e o discurso do jumento	2004
Neuza Romão	Os amores de Chiquinha e as bravuras de Apolinário	
Neuza Romão Soares	O padre e o boiola	2007
Nilson Gurgel	Pedido do vaqueiro José Dionísio a Jesus Nosso Senhor	
Nilton José da Silva	Firmina e o cabra com aids	1989
Olegário Alfredo	João Cândido o Almirante negro dos mares e a revolta da chibata	
Olegário Fernandes da Silva	A morte de 3 motoristas e prisão dos 3 marginais	
Oliveira de Pannels, Marco di Aurélio	Peleja Oliveira de Pannels x Marco di Aurélio	1981
Olivio Martins Viana	O inverno	
Otávio Leonardo dos Santos	A grande peleja de Otávio Leonardo com Severino Clarindo	
Paiva Neves	O último macho do mundo	2007
Patativa do Acaré	A triste partida nordestina	
Patativa do Assaré	Emigrantes nordestinos no sul do país e pelo sinal aos índios do Brasil	
Paulo Dunga e Mauro Machado	A peleja virtual de Paulo Dunga com Mauro Machado	
Paulo Moura	A história dos bravos bandeirantes	
Paulo Nunes Batista	O goleiro campeão	1980
Paulo Nunes Batista	A história de Carpina	2002
Paulo Teixeira de Souza	A história do Catete, Flamengo e Glória	1985
Paulo Teixeira de Souza	A vida do operário e o nordestino no Rio	
Paulo Teixeira de Souza	Cordel pela anistia ampla, geral e irrestrita	1979
Paulo Teixeira de Souza	O milagre da medicina através da caridade	

Paulo Teixeira de Souza	A história do tio que dá água na boca	2004
Pedro Bandeira	Juazeiro do Norte - capital do folclore e do artesanato	1978
Pedro Bandeira	Juazeiro ontem e hoje	2000
Pedro Bandeira, Exedito Sebastião da Silva	Encontro de Pedro Bandeira com Exedito Sebastião	
Pedro Bandeira, Manoel Chandu	Peleja dos poetas violeiros Pedro Bandeira e Manoel Chudu	
Pedro Costa	A matemática em cordel	2003
Pedro Costa	Cordel para criança	2001
Pedro Costa	Os brasileiros que invadiram o inferno	
Pedro Costa	O operário que virou presidente	2002
Pedro Gonçalves	A verdade do povo sobre o disco voador	
Pedro Jacob de Medeiros	O tremor de terra em Natal	1980
Pedro Prudêncio de Carvalho	O pacote	1986
Pedro Queiroz	Aleitamento materno: saúde e amor	
Pedro Queiroz	O beabá da cachaça - 2ª lição	2002
Pedro Queiroz	O frevo sua história passo a passo	
Pedro Queiroz	Perguntas idiotas e as respostas de seu Lunga (o rei da intolerância)	
Pedro Queiroz	Aleitamento materno: saúde e amor	
Raimundo Freire de Araújo	Um dos crimes mais repugnantes do Estado	
Raimundo Santa Helena	O Brasil na Antártida	1982
Raimundo Santa Helena	Doenças sexuais	
Raimundo Santa Helena	Enfim sim	1980
Raimundo Santa Helena	Epopéia das secas	1983
Raimundo Santa Helena	Filhinhos de super-mães	1979
Raimundo Santa Helena	Frustrações de um sertanejo	1980
Raimundo Santa Helena	Mãos à obra nas escolas	1983
Raimundo Santa Helena	Meretriz e homossexual	1981
Raimundo Santa Helena	O bebê Talita e sua mãe mortos abraçados neste mundo violento	1983

Raimundo Santa Helena	Plano decenal de educação para todos	1994
Raimundo Santa Helena	Seca, enchente e o presidente	
Raimundo Santa Helena	Sinfonia da natureza - vozes de 137 animais	
Raimundo Santa Helena	O cordel homenageia professor Raymond Cantel	2005
Raimundo Santa Helena	Plano decenal de educação para todos	1994
Raimundo Santa Helena	Seca, enchente e o presidente	
Raimundo Santa Helena	Sidrião e Maristela e a goiaba da discórdia	2006
Raimundo Viana de Souza	A inundação de setenta e quatro e o clamor dos flagelados	
Ricardo Martins Aragão	Boris uma história, uma saudade	2009
Roberto Guarabira	A ultima carta	
Rodolfo Coelho Cavalcante	A independência do Brasil	1972
Rodolfo Coelho Cavalcante	A macumba da Bahia	1976
Rodolfo Coelho Cavalcante	A macumba da negra saiu errada	1978
Rodolfo Coelho Cavalcante	A negra da trouxa misteriosa procurando tu	1978
Rodolfo Coelho Cavalcante	A peleja de Rodolfo Cavalcante com Caboquinho da Bahia	1981
Rodolfo Coelho Cavalcante	A vida do planeta Marte e os discos voadores	1981
Rodolfo Coelho Cavalcante	Fraternidade, sim, violência, não	1983
Rodolfo Coelho Cavalcante	Matota o matador de criança	
Rodolfo Coelho Cavalcante	O menino de dois meses que está falando	1971
Rodolfo Coelho Cavalcante	O viver da meretriz	1976
Rodolfo Coelho Cavalcante	PMDB - Orestes Quércia - Vamos ganhar para mudar 1982	1982
Rodolfo Coelho Cavalcante	O encontro de Rodolfo Cavalcante com Lampião Virgulino	1973
Rodolfo Coelho Cavalcante	Matinhas o cartão postal do brejo paraibano	
Rodolfo Coelho	O grande debate de Lampião com S.Pedro	2006

Cavalcante		
Rodrigo Marques	Aracne uma aranha bordadeira	2006
Rodrigo Marques	Cafute e pena de prata	2006
Romildo Santos	O covarde marinheiro que salvou a tripulação do seu navio	
Romildo Santos	O terrível castigo para os ladrões que foram roubar Frei Damião	
Romildo Santos	O crente e o cachaceiro	
Ronaldo Rogério	Xaturanga a lenda do xadrez	
Rosa Regis	Aquela casa de taipa	2007
Rouxinol do Nordeste	A briga de Itamar Franco com Fernando Henrique Cardoso	2002
Rouxinol do Rinaré	Dicas para o sucesso do produtor de caju	
Rouxinol do Rinaré	História de Ali Babá e os quarenta ladrões	
Rouxinol do Rinaré	O colar de pérolas e a lenda dos vaga-lumes	2001
Rouxinol do Rinaré	Patativa do Assaré deixa o Nordeste de luto	2002
Rouxinol do Rinaré	Seu Lunga o rei do mau-humor	2008
Rouxinol do Rinaré	Os grandes feitos de Rodolfo Teófilo	
Rouxinol do Rinaré	Oswaldo Cruz o maior sanitaria brasileiro	2008
Rouxinol do Rinaré, Antonio Klévisson Viana	História do valente sertanejo Zé Garcia	2004
Sá de João Pessoa	Lampião - herói nacional	1991
Sá de João Pessoa	Lampião ... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida	2006
Sávio Pinheiro	A peleja do Fígado Valente com Mané Cachacinha	2007
Sávio Pinheiro	O morto que foi chifrado e voltou para se vingar	2006
Sebastião Aires de Queiroz	Em memória de Brigida Guimarães dos Santos	2006
Sebastião Antônio da Silva	A miséria continua e o pobre quer seu direito	
Sepalo Campelo	Estória do matuto que "enricou" com a loteria esportiva	
Sepalo Campelo	Os recantos e encantos do Rio Grande do Norte	2009
Severino Amorim Ferreira	Um réu inocente e uma defesa feita por Frei Damião	
Severino Batista	Peleja de Severino Borges com Mocinha do Pará	
Severino Borges	Peleja de Severino Borges com Sebastião José	
Severino Borges	Recife capital dos mascates	2008
Severino Borges da Silva	Minha viagem a Manaus	
Severino Borges da Silva	O que Timbaúba tem	
Severino Borges da	As novas calamidades das cheias em Timbaúba	

Silva		
Severino Borges da Silva	O centenário da aviação tributo a Santos Dumont	2007
Severino Borges da Silva	Patos terra de calor humano	
Severino Borges Silva	Vá conhecer Amazonas	
Severino Borges Silva	Pernambuco e suas cidades as vilas e povoados	1979
Severino Borges Silva	O menino do engenho	
Severino Borges Silva	Olinda	
Severino Borges Torres	Intriga do gato com o cachorro por um palito de fósforo	2009
Severino Candido Carolino	A morte de Dalva de Oliveira	
Severino Cesário	As eleições vem aí	
Severino Cesário	Peleja de Severino Milanez e Manoel Clemente	
Severino Cristovão	Biografia de Sebastião Pereira e Silva de Serra Talhada	1987
Severino Crsitovão	Biografia de Lampião	
Severino F.Carlos	Os sinais do fim do mundo e o som das setes trombetas	
Severino Gonçalves de Oliveira - Cirilo	As perguntas do rei e as respostas de Camões	
Severino Inácio	Do passado ao presente	
Severino Inácio	O Brasil mal-governado	2005
Severino Inácio	Fortaleza do passado	
Severino Inácio	O Brasil mal-governado	2005
Severino José dos Santos	Saudades do meu quadrão	2005
Severino Melo	Amor de homem chorão	2006
Severino Melo	Com a moda de pouca roupa a mulher mostra o que quer	
Severino Melo	Escravos da cachaça	2006
Severino Melo	Geração, nascimento e vida o que faz no corpo humano	2007
Severino Melo	Impunidade democratisada	2006
Severino Melo	Itaenga	2001
Severino Melo	No Brasil do mensalão	2005
Severino Melo	O amor da praça e o progresso destruidor	
Severino Melo	Paixão de mulher	2007
Severino Melo	Piada, sacanagens, e fuleragens e os malcriados do povão	1978
Severino Melo	Amor de homem chorão	2006
Severino Milanês	O príncipe do Barro Branco	2000
Severino Milanez da Silva	História do valentão do mundo	

Severino Sertanejo	A gente pode livrar-se do mal que faz o babeiro	1977
Severino Tira-Fama	O chifrudo valentão	
Silva Filho	Independência ou morte	
Siqueira de Amorim	O reino do catimbó e o caboclo mamador	
Stênio Diniz	O desastre com o avião da TAM	2007
Susana Moraes	Sombras do cangaço ou a versão de Maria Bonita	1980
Susana Moraes	O dia internacional da mulher em cordel	
Susana Moraes	Consciência negra	
Susana Moraes	Festejos juninos em cordel	
Susana Moraes	Paisagem urbana realidade e ajuda pros meninos do Recife	
Susana Moraes	Virginio o juiz do grupo de Lampião	2004
Téo Azevedo	A vida de Chico Xavier	2003
Teresa Moura	A rainha da cocada preta	2000
Tereza Halliday	A história do tio que dá água na boca	2004
Turma Pioneira da Universidade Camponesa Sumé	A esperança renasce	2003
Turmas de 4º e 5º anos da Escola Criativa	Crianças lendo cordel feito por outras crianças	2007
Valdecy Alves	A lei Maria da Penha em cordel	2007
Valderi Teles de Souza	A seca da região de Irecê e o conselho poético do inverno	1976
Valeriano Felix dos Santos	A gruta malassombrada	
Valeriano Felix dos Santos	A mulher que fez justiça com as próprias mãos	
Valeriano Felix dos Santos	Uma carrada de gente	
Varneci Santos do Nascimento	A mãe abandonada	2006
Varneci Santos do Nascimento	Carta da amiga droga	2006
Varneci Santos do Nascimento	Iniciação sexual na zona rural	2006
Varneci Santos do Nascimento	O massacre de Canudos	2006
Varneci Santos do Nascimento	Um corno pra cada dia do mês	2008
Vicente Campos Filho	A candidatura de Lampião para Presidente da República	
Vicente Campos Filho	A beleza de Sofia	
Vicente Campos Filho	A briga das duas velhas vendedoras de tabaco	2004
Vicente Campos Filho	A contribuição dos franciscanos na Capitania da Paraíba	

Vicente Campos Filho	A palavra "mensalão"	2005
Vicente Campos Filho	A Paraíba sob o domínio holandês	
Vicente Campos Filho	As espécies de cornos existentes no mundo	
Vicente Campos Filho	As histórias de Antonio tranca-rua	
Vicente Campos Filho	Ceverino com "C" o homem mais azarado	
Vicente Campos Filho	Nicolau e Zé Galinha	
Vicente Campos Filho	O cafajeste, o sacristão e o padre	
Vicente Campos Filho	O chulé do jornalista fez o Bush passar mal	2008
Vicente Campos Filho	O corno da bananeira	2005
Vicente Campos Filho	O dia em que Biu Fugiu do dedo do...	2007
Vicente Campos Filho	O expresso da agonia	2006
Vicente Campos Filho	O garanhão que se lascou com um travesti	
Vicente Campos Filho	O homem do saco grande	
Vicente Campos Filho	O homem que presenteou a sogra com um terreno no cemitério	
Vicente Campos Filho	O lamento de um sertanejo pela não transposição do São Francisco	2006
Vicente Campos Filho	O massacre de Tracunhaém e a fundação da Capitania da Paraíba	
Vicente Campos Filho	O parente do jumento que queria se curar e ficou sem documento	
Vicente Campos Filho	Salário mínimo é do povo. O máximo é do deputado	1979
Vicente Campos Filho	Santo Antonio "arca do testamento"	1983
Vicente Campos Filho	Se Bin Laden é explosivo a culpa é de Papai Noel	2005
Vicente Campos Filho	Seu Lunga no Rio de Janeiro	
Vicente Campos Filho	A beleza de Sofia	
Vicente Campos Filho	A briga das duas velhas vendedoras de tabaco	2004
Vicente Campos Filho	A chegada de Lampião no inferno	2005
Vicente Campos Filho	A contribuição dos franciscanos na Capitania da Paraíba	
Vicente Vitorino de Melo	Discussão de um crente com um cachaceiro	
Vicente Vitorino de Melo	História de Luizinho e o velho feiticeiro	
Victor Alvim	Nascimento grande um gigante da capoeira pernambucana	2007
Victor Alvim	A fantástica história de Zeca Pagodinho, o disco voador e o extraterrestre	2009
Victor Alvim	Era uma vez um planeta	2007
Victor Alvim	O debate de Padre Cícero com mestre Caiçara no céu	2008
Victor Alvim	Nascimento, vida e morte do cangaceiro Zé Baiano	2007
Vidal Santos	A pranteada morte do Padre Cícero Romão	1964

Vidal Santos, Klévisson Viana	O terrível assassinato de seis empresários portugueses ou o monstro lusitano	2001
Waldemar Cláudio dos Santos	O fugitivo	2004
Wanderley Pereira	Lugar de lixo é no lixo ou jogue o lixo na lata	
Zé Antonio	O menestrel Teixeira com o "coração de luto"	2009
Zé Antonio	A história do Padre Cicero e os coronéis do Cariri	2005
Zé Antonio	A revolução russa	2007
Zé Antonio	Aquecimento global o apocalipse	
Zé Antonio	As tartarugas marinhas decantadas em cordel	
Zé Antonio	Chê Guevara e a revolução cubana	2008
Zé Antonio	Chiquinha Gonzaga a rainha chorona	2008
Zé Antonio	Laranjeiras sirenes ocultas no encontro cultural	2006
Zé Antonio	Marinês e sua gente no xaxado do cordel	2003
Zé Antonio	Meu Sergipe musical decantado em cordel	2009
Zé Antonio	O folclore sergipano	2003
Zé Antonio	O professor sabe tudo e o que a criança que parece nada saber	
Zé Antonio	O regime do terror da ditadura militar	2004
Zé Antonio	Patativa do Assaré o matuto letrado	
Zé Antonio	Xilocordel	2009
Zé Antonio	Agricultura familiar desenvolvimento sustentável	2003
Zé Antonio	As terra de São Saruê	
Zé Antonio	Os grandes feitos de Rodolfo Teófilo	
Zé Cariri, Rouxinol Rinaré	A triste história de Catarina e Bily Macarrão	2005
Zé da Luz	As flô de Pixinanã	2005
Zé da Madalena	Setenta anos de vida do compadre J.Borges	
Zé da Madalena	Bush a besta fera do apocalipse	2003
Zé da Madalena	Carta de Satanás ao amigo George Bush	2003
Zé da Madalena	Odisséia de um mitro chamado de Adriano	2008
Zé da Madalena	Severino Cavalcanti no Congresso Nacional	2005
Zé da Madalena	Bush a besta fera do apocalipse	2003
Zé da Madalena	Sinha d'amora uma dama das artes plásticas	
Zé de Mariano	Belezas da minha terra	
Zé do Jati	Chifre é coisa do passado pro homem informatizado	2007
Zé Francisco	CPTM e metrô o melhor transporte urbano de São Paulo	
Zé Maria de Fortaleza	A botânica	2006
Zé Maria de Fortaleza	Cafute e pena de prata	2006
Zé Maria de Fortaleza	Agricultura familiar desenvolvimento sustentável	2003
Zé Maria de Fortaleza	Carta de um jumento a Jô Soares	2005
Zé Maria de Fortaleza,	Humberto Teixeira: o doutor do baião	2005

Antônio Klévisson Viana		
Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana	A didática do cordel	2006
Zé pacheco	A chegada de Lampião no inferno	2005
Zilmar do Horizonte	O valor que o voto tem	2006

ANEXO – Classificação Bibliográfica

39 *Etnologia. Etnografia. Costumes. Usos. Tradições. Modo de vida. Folclore.*

- vista da higiene
- 395.3 Posição social. Hierarquia.
- 395.4 Anotações e registros de honra. Inclusive Listas de honra. Róis da fama. Albuns, placas comemorativos, etc.
- 395.5 Saudação. Cumprimento. Despedida. Adeus. Beija-mão. Sinais de respeito. Vênias. Medidas.
- 395.6 Etiqueta na conversação. Formas de tratamento. Inclusive Uso de pronomes da segunda pessoa, tuteio (ou equivalente): familiaridade, formalidade.
- 395.7 Etiqueta epistolar. Fórmulas corteses em correspondência, cartas.
- 395.8 Expressões de emoção compartilhada, simpatia.
- 395.82 Felicitações. Congratulações.
- 395.83 Presentes, dádivas.
→ 347.472 Doações. Dotações. Títulos de doação entre vivos
→ 347.473 Doações entre cônjuges, entre marido e mulher
- 395.84 Manifestações de simpatia. Expressões verbais de solidariedade. Condolências.
- 398 Pésames.
- 398 Folclore no sentido estrito.
- 398.1 Tradições populares. Sabedoria popular.
- 398.2 Contos populares. Narrativas. Humor popular.
→ 84-34 Contos
- 398.21 Contos populares. Contos da carochinha. Lendas. Inclusive Histórias populares. Contos de fadas. Fábulas.
- 398.22 Sagas. Inclusive Histórias mitológicas. Lendas cristãs. Narrativas históricas. Histórias de heróis.
- 398.23 Anequintas. Humor popular.
→ 82-36 Historietas. Contos breves. Anequintas
- 398.25 Bufões. Palhaçadas.
- 398.3 Crenças e tradições populares. Superstições. Crendices.
- 398.31 Crenças e tradições relativas ao fogo. Inclusive Fogueiras de celebração de estações. Fogueiras solsticiais. Piromancia.
- 398.32 Crenças e tradições relativas a determinados lugares. Inclusive Cemitérios e terrenos de igrejas. Ruínas. Fontes. Florestas.
- 398.33 Crenças e tradições relativas a determinados períodos e festas do ano.
→ 27-564 Ano eclesiástico. Calendário cristão
- 398.332 Dias santos e feriados.
- 398.332.1 Festivais da primavera.
- 398.332.12 Páscoa. Tradições da Páscoa. Inclusive Ovos de páscoa.
- 398.332.16 Pentecostes.
- 398.332.19 Festas e tradições dos períodos de plantio. Inclusive Tradições de maio. Festas da primavera (tio hemisfério norte). Noite de Valpúrgis.
- 398.332.2 Festas de verão. Inclusive Solstício de verão.
- 398.332.3 Outono.
- 398.332.33 Festas e tradições ligadas à colheita. Ação de graças pela colheita.
- 398.332.34 Vindima. Festas da uva.
- 398.332.36 Dia de Todos os Santos. Dia das Bruxas (Halloween).
- 398.332.39 Final de outono. Dia de São Martinho. Diversas festas de final de outono.
- 398.332.4 Festas de inverno.
- 398.332.41 Advento. Período que precede o Natal. Solstício do inverno.
- 398.332.412 São Nicolau. Papai Noel.
- 398.332.414 Advento.
- 398.332.416 Natal e costumes da época de Natal. Inclusive árvores de Natal.
- 398.332.42 Véspera do Ano Novo (Festa de São Silvestre). Dia do Ano Novo.
- 398.332.44 Epifania.
- 398.332.46 Dia de São Valentim. Dia dos Namorados.
- 398.332.47 Festas anteriores e posteriores a Quaresma. Inclusive Carnaval. Terça-feira gorda.
→ 394.25 Carnavais. Mascaradas
- 398.34 Crenças e tradições relativas à casa.
- 398.341 A casa. Inclusive Pedra de fundação. Festa da cumieira. Festa de inauguração.
- 398.344 O lar.
- 398.345 Jardim.
- 398.4 O sobrenatural.
→ 133 O paranormal. O oculto. O fenômeno Psi
- 398.41 Espíritos bons e maus. Inclusive Demônios. Duendes. Bicho-papão. Saci. Caipora.
→ 2-167.6 Malevolente
→ 2-167.62 Demônios. Diabos
- 398.42 Fantasmas. Assombrações. Boitatá.
- 398.43 Os elementos. Inclusive Espíritos telúricos. Espíritos da natureza. Trasgos, Gnomos. Fadas. Elfos. Dragões.
- 398.44 Gigantes. Ogres. Anões.
- 398.46 Bruxas. Bruxaria. Feitiçaria. Magia.
→ 133.4 Influência do oculto
→ 2-545 Controle de eventos. Magia
- 398.5 Literatura popular. Teatro tradicional.
- 398.51 Livros populares. Literatura de cordel.
- 398.54 Peças populares. Inclusive Pantomima. Fanteches.

82 Literatura

811.214.21/.22	Hindustani (complexo hindi-urdu)	811.45	Línguas khoisan.
811.214.21	Hindi.	811.51	Línguas uralo-álticas.
811.214.22	Urdu.	811.511.141	Húngaro.
811.29	Línguas mortas indo-europeias (não relacionadas em outros lugares).	811.521	Japonês.
811.34	Línguas mortas de filiação desconhecida, faladas no Mediterrâneo e no Oriente Próximo (excepto semíticas).	811.531	Coreano.
		811.541	Ainu.
811.35	Línguas caucásias.	811.55	Línguas paleosiberianas.
811.361	Basco (euskera, euskara).	811.56	Línguas esquimó-aleúticas.
811.41	Línguas afro-asiáticas (hamito-semíticas).	811.57	Línguas dravídicas.
811.411.16	Hebraico.	811.58	Línguas sino-tibetanas.
	<i>Indicar as fases por meio de '0...</i>	811.581	Línguas chinesas.
	<i>Exemplo(s) de combinação(ões):</i>	811.61	Línguas austro-asiáticas.
	811.411.16'02 Hebraico bíblico	811.621	Línguas malaio-polinésias.
	811.411.16'03 Mishnaico	811.622	Línguas oceânicas.
	811.411.16'04 Hebraico medieval. Hebraico rabínico	811.71	Línguas indo-pacíficas.
	811.411.16'08 Hebraico moderno	811.72	Línguas australianas.
		811.8	Línguas ameríndias.
811.411.21	Árabe.	811.81/.82	Línguas norte-ameríndias.
	<i>Indicar as fases por meio de '0...</i>	811.87	Línguas centro e sul-americanas.
	<i>Exemplo(s) de combinação(ões):</i>	811.9	Línguas artificiais.
	811.411.21'02 Árabe clássico	811.92	Línguas artificiais para fins especiais.
	811.411.21'06 Árabe moderno ('padrão')	811.93	Línguas artificiais usadas em computadores.
811.42	Línguas nilo-saarianas.		Línguas artificiais usadas em programação.
811.43	Línguas congo-kordofanianas (nígero-kordofanianas).		<i>Usar apenas para o estudo de línguas vivas.</i>
811.432.875	Grupo suáli.		<i>Especificar pela extensão.</i>

82 Literatura

Os aspectos filológicos da literatura podem ser indicados pela combinação de dois pontos com 801 e sua

Os aspectos lingüísticos da literatura podem ser indicados pela combinação de dois pontos com 81...

Maiores detalhes podem ser indicados pelos auxiliares comuns, combinação de dois pontos, etc.

Exemplo(s) de combinação(ões):

- 82:001.8 Sistemática da literatura
- 82:1 Filosofia da literatura
- 82:111.852 Estética da literatura. Gosto literário
- 82:176.8 Ética literária, inclusive plágio
- 82:7.079 Festivais de literatura
- 82(091) História literária em geral

Subdivisões auxiliares especiais		82-141	Odes religiosas. Hinos. Cantos rituais. Odes báquicas, ditos físicos, místicos.
82-1/-9	Formas literárias. Gêneros.		Odes heróicas. Panegíricos.
82-1	Poesia. Poemas. Verso.	82-142	Elegias. Lamentos. Monodramas.
82-12	Verso dramático.	82-143	Baladas.
	→ 82-2 Teatro. Peças	82-144	→ 398.8 Cantos populares.
82-13	Poemas épicos.		Cantos tradicionais. Baladas.
82-132	Epopéia jocosa. Poemas heróicos cômicos.		→ 82-146.2 Baladas sentimentais.
82-133	Poemas bucólicos. Poemas pastorais.		
	Idílios. Éclogas.		
82-14	Poemas líricos.		

82 Literatura

- 82-312.6 Romances autobiográficos. Biografia em estilo de ficção, romances semibiográficos.
- 82-312.7 Romances epistolares. Romances de diálogo.
- 82-312.8 Romances simbólicos, cabalísticos.
- 82-312.9 Romances fantásticos, de fantasia.
- 82-313.1 Romances satíricos.
- 82-313.2 Romances utópicos.
- 82-32 **Histórias curtas. Narrativas curtas. Novelas.**
82-32 dividido como 82-31
- 82-34 **Contos.**
→ 398.2 Contos populares. Narrativas. Humor popular
- 82-341 **Contos cômicos.**
→ 82-311.5 Romances frívolos, cômicos
- 82-342 **Contos com moral teórica ou prática. Fábulas.**
- 82-343 **Mitos. Lendas. Histórias de fadas.**
- 82-344 **Contos sobre o fantástico, o sobrenatural, o macabro.**
- 82-36 **Historietas. Contos breves. Anedotas.**
→ 398.23 Anedotas. Humor popular
- 82-39 **Romances antigos (p. ex. medievais).**
- 82-4 **Ensaaios.**
- 82-5 **Oratória. Discursos. Inclusive Sermões. Discursos. Palestras. Saudações.**
- 82-6 **Cartas. Arte de escrever cartas. Correspondência. Cartas genuínas. Outras obras em forma epistolar.**
- 82-7 **Sátira em prosa. Humor, epigrama, paródia, etc.**
- 82-82 **Poligrafias. Seleções, extratos. Antologias. Coletâneas de curiosidades.**
→ 08 Poligrafias. Obras de autoria coletiva
- 82-83 **Diálogos filosóficos ou discursivos. Conversações sobre vários assuntos.**
- 82-84 **Máximas. Sentenças. Aforismos. Ditos profundos. Adágios. Provérbios. Pensamentos. Conversa de mesa. Obiter dicta.**
- 82-845 **Chistes. Trocadilhos. Jogos de palavras.**
- 82-9 **Outros gêneros diversos.**
- 82-91 **Literatura popular. Inclusive Edições populares. Versões simplificadas.**
→ 087.6 Literatura popular. Literatura, folhetos de cordel
→ 398.5 Literatura popular. Teatro tradicional
- 82-92 **Literatura periódica. Textos impressos em publicações seriadas, jornais, revistas. Jornalismo. Literatura ocasional. Escritos polêmicos, políticos. Panfletos.**
→ 050 Publicações seriadas
→ 070 Periódicos
- 82-93 **Literatura para crianças. Literatura juvenil.**
→ 087.5 Publicações para jovens
- 82-94 **História como gênero literário. Escritos históricos. Historiografia. Crônicas. Anais. Memórias. Diários. Biografia. Autobiografia.**
→ 82(091) História da literatura em geral
→ 929 Estudos biográficos e afins
- 82-95 **Crítica como gênero literário. Recensões. Histórias literárias.**
→ 82.09 Crítica literária. Estudos literários
- 82-96 **Obras de ciência e filosofia como literatura.**
- 82-97 **Literatura religiosa em geral.**
→ 27-29 Literatura cristã
→ 82-251 Teatro religioso
→ 82-291.1 Teatro litúrgico
- 82-98 **Motes, slogans, lemas. Máximas pessoais. Inscrições. Rébus, cartas enigmáticas. Charadas. Anagramas.**
- 82-991 **Dissertações.**
- 82-992 **Descrições de viagens.**
- 82-993 **Literatura licenciosa, lasciva. Literatura erótica. Pornografia.**
- 82-994 **Literatura excêntrica. Literatura de loucos, visionários, iluminados.**
- 82-995 **Contrafações literárias. Pastiches. Obras imaginárias, atribuídas a alguém.**
→ 098.3 Obras perdidas. Obras imaginárias, hipotéticas, projetadas. Obras anunciadas, mas nunca publicadas
- 82'0 **Origens e períodos das línguas. Fases de desenvolvimento.**
82'0 dividido como 81'0
- 82'01 **Períodos antigos ou primitivos. Formas iniciais.**
- 82'04 **Período médio. Medieval.**
- 82'06 **Período moderno.**
- 82'282 **Literatura em línguas locais e regionais, dialetos, variantes e vernáculos.**
82'282 dividido como 81'282
- 82...A/Z **Obras de autores individuais.**
O número para a literatura na língua pertinente é selecionado de 821... e os autores são indicados pelo nome, abreviado, se convier
Exemplo(s) de combinação(ões):
821.111SHAK Obras de Shakespeare
821.133.1-2MOL Obras teatrais de Molière
- 82...A/Z1/7 **Tipos de edição.**
- 82...A/Z1/7].01 **Na língua original.**
- 82...A/Z1/7].02 **Em edição bilíngüe ou comentada.**
- 82...A/Z1/7].03 **Texto traduzido. Texto transliterado (p.ex. latinizado).**
- 82...A/Z1/7].05 **Condensações. Paráfrases.**
- 82...A/Z1/7].07 **Interpretações. Recensões.**
- 82...A/Z1/7].08 **Língua e estilo (do autor ou obra). Inclusive Vocabulário. Gramática. Características estilísticas.**
- 82...A/Z1/7].091 **Fontes da obra. Material de fonte do autor (obras**